

A D I B K H O R R A M

DARIUS, O GRANDE, MERECE COISA MELHOR





Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Rosto](#)
3. [Créditos](#)
4. [Sumário](#)
5. [A história da criação](#)
6. [Zero ponto sessenta e oito segundos](#)
7. [O Grande Nagus](#)
8. [A mesa boa](#)
9. [Máquina de Cápsula para Extração de Bebidas Quentes](#)
10. [O som mais angustiante do universo](#)
11. [Só hipérbole](#)
12. [Estética da Camisa Preta](#)
13. [A taxonomia das comidas de café da manhã](#)
14. [Lolly](#)
15. [Rachadura catastrófica na carcaça](#)
16. [Pontualidade teutônica](#)
17. [Deusa de ferro da misericórdia](#)
18. [Móveis quebrados](#)
19. [Nuggets fundidos](#)
20. [Grande manto vermelho](#)
21. [Café da manhã para o jantar](#)
22. [Universo invertido](#)
23. [Kotak mekhai](#)
24. [Bob Esponja Calça Quadrada](#)
25. [Negócios de família](#)
26. [Terrivelmente básico](#)
27. [Integridade estrutural](#)
28. [Conglomerado de Cafeterias do Mal](#)
29. [Complexo Industrial Esportivo](#)
30. [Queers velhas e cansadas](#)
31. [Um conduíte de plasma](#)
32. [Pessoas verticalmente privilegiadas](#)
33. [Através do tempo e espaço](#)

34. [Uma abundância de comida](#)
35. [Profissão essencialmente persa](#)
36. [Mico Progressões](#)
37. [O Visitante](#)
38. [Radiação eletromagnética](#)
39. [Segundas Infusões](#)
40. [Sob a luz dourada](#)
41. [Mãe Persa Total](#)
42. [Puxa-prepúcio](#)
43. [Dose certa de melancolia](#)
44. [Dia de saúde mental](#)
45. [As estratégias minuciosas de meio-campo](#)
46. [Levantando](#)
47. [Humilhações penianas](#)
48. [O meridiano primário](#)
49. [Um novo futuro](#)
50. [Densidade de gráviton](#)
51. [Você todinho](#)
52. [Nota do autor](#)
53. [Agradecimentos](#)
54. [Sobre o autor](#)

A D I B K H O R R A M

DARIUS, O GRANDE, MERECE COISA MELHOR

Tradução
Vitor Martins

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2022

Copyright © 2020 by Adib Khorram

Copyright de tradução © 2022 por Casa dos Livros Editora LTDA

Título original: *Darius The Great Deserves Better*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editora: *Lara Berruezo*

Assistência editorial: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Copidesque: *Marina Góes*

Revisão: *João Rodrigues e Rodrigo Austregésilo*

Ilustração de capa: *Adams Carvalho*

Capa original: *Samira Iravani*

Adaptação de capa: *Guilherme Peres*

Diagramação: *Abreu's System*

Conversão para eBook: *SCALT Soluções Editoriais*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Khorram, Adib

Darius, o Grande, merece coisa melhor / Adib Khorram; tradução Vitor Martins. –
Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2022.

Título original: *Darius the Great deserves better*

ISBN 9786555113549

1. Ficção juvenil I. Título.

22-108754

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro
Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Sumário

A história da criação

Zero ponto sessenta e oito segundos

O Grande Nagus

A mesa boa

Máquina de Cápsula para Extração de Bebidas Quentes

O som mais angustiante do universo

Só hipérbole

Estética da Camisa Preta

A taxonomia das comidas de café da manhã

Lolly

Rachadura catastrófica na carcaça

Pontualidade teutônica

Deusa de ferro da misericórdia

Móveis quebrados

Nuggets fundidos

Grande manto vermelho

Café da manhã para o jantar

Universo invertido

Kotak mekhai

Bob Esponja Calça Quadrada

Negócios de família

Terrivelmente básico

Integridade estrutural

Conglomerado de Cafeterias do Mal

Complexo Industrial Esportivo

Queers velhas e cansadas

Um conduíte de plasma

Pessoas verticalmente privilegiadas

Através do tempo e espaço

Uma abundância de comida

Profissão essencialmente persa

Mico Progressões

O Visitante

Radiação eletromagnética

Segundas Infusões

Sob a luz dourada

Mãe Persa Total

Puxa-prepúcio

Dose certa de melancolia

Dia de saúde mental

As estratégias minuciosas de meio-campo

Levantando

Humilhações penianas

O meridiano primário

Um novo futuro

Densidade de gráviton

Você todinho

Nota do autor

Agradecimentos

Para meus amigos, por me ajudarem a seguir em frente

A história da criação

O primeiro corte é sempre o mais difícil.

— Pronto?

Encarei os olhos de Mikaela através do espelho.

— Sim.

As lâminas ganharam vida e começaram a rosnar no meu ouvido enquanto ela passava o pente pela minha nuca. Os cachos faziam cócegas no meu pescoço ao caírem no chão.

Era tradição entre os atletas do time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill (Vai, Chargers!) cortar o cabelo antes do primeiro jogo da temporada. A intenção era promover a união do time.

Só que no domingo, quando todo mundo cortou o cabelo, eu estava no meu estágio na Cidade das Rosas, uma loja de chás, e precisei marcar um horário separado.

Era meu primeiro corte de cabelo em dois anos.

— Até onde você quer o degradê? — perguntou Mikaela, chegando na altura das minhas orelhas.

Eu não conhecia Mikaela, tinha sido uma recomendação de Landon. Ela era linda, com tranças impecáveis e o sorriso mais radiante que eu já tinha visto.

Dei de ombros, mas não sei se ela percebeu, por causa da capa de plástico.

— Não sei — respondi. — Como você acha que vai ficar melhor?

Ela desligou a maquininha e olhou para mim pelo espelho por um segundo.

— No seu caso, provavelmente um pouquinho mais alto. Para valorizar esses cachos lindos no topo.

— Tudo bem.

Relaxe e deixei que ela virasse minha cabeça para lá e para cá enquanto trabalhava, primeiro com a máquina, depois com a tesoura. Quando terminou, Mikaela me levou até o tanque para lavar o cabelo. Acho que a coisa não foi feita para pessoas altas, porque precisei deslizar a bunda até a beirada do assento para encaixar a cabeça na bacia. Mas ela lavou meu cabelo e massageou o couro cabeludo (basicamente uma das sensações mais legais que já experimentei), ajustando todas as pontas irregulares antes de me levar de volta até a cadeira para a finalização.

— Você usa algum produto?

Balancei a cabeça.

Ela puxou um dos meus cachos — não mexeu na parte de cima, só aparou um pouquinho — e o enrolou no dedo.

— Landon disse que você é... indiano?

— Iraniano. Por parte de mãe.

— Desculpa — disse ela, soltando o cacho. — Garoto de sorte.

Senti as bochechas quentes.

— Obrigado.

Mikaela encheu a mão com um creme que tinha cheiro de coco e massageou meu cabelo. Achei que ficou um pouquinho mais brilhante, porém macio. Ela pegou uma mecha da frente e puxou diante da testa. O cacho ficou ali balançando feito um ponto de interrogação.

— Prontinho.

Analisei meu reflexo no espelho. Em vez da auréola bagunçada de sempre, fiquei com um amontoado de cachos no topo, mas a parte de baixo formava um degradê que começava com o preto do cabelo bem curtinho até terminar no tom da minha pele.

Eu não via a lateral da minha cabeça havia anos.

Nunca havia reparado como as minhas orelhas se projetavam.

— Ficou ótimo — falei, embora tivesse ficado meio ansioso por causa das orelhas. — De verdade.

— Ficou mesmo — respondeu Mikaela. — Vamos acertar o pagamento.

Landon estava esperando por mim na recepção. Ele abriu um sorriso todo bobo quando me viu.

— Nossa!

Eu sorri e baixei a cabeça para abrir o velcro da carteira.

— Gostou?

— Muito.

Landon esbarrou a mão na minha, e eu enrosquei o polegar para segurá-lo. Entrelaçamos os dedos e ele me levou para fora, passando pelas portas deslizantes de vidro.

Era um dia perfeito de outono em Portland, quente o bastante para não precisar vestir o casaco, mas frio a ponto de ficar aconchegante caso quisesse usar.

(Eu estava usando.)

— Mikaela não é ótima?

— Sim.

Pressionei minha orelha contra a cabeça com a mão esquerda.

— Eu só não sabia que tinha essas orelhas de Ferengi.

— Suas orelhas são fofas — disse ele, ficando na ponta dos pés para beijar minha bochecha. — Mas o que é Ferengi?

Quando Landon me beijou pela primeira vez, tínhamos jantado no Northwest Dumplings depois de fechar a Cidade das Rosas após o expediente, e eu estava nervoso porque nunca tinha beijado ninguém antes. E, na época, nós ainda estávamos nos conhecendo. Como eu não tinha a menor intenção de beijá-lo, tinha tomado a infeliz decisão de comer cebola no jantar.

Quando Landon se aproximou, imaginei que talvez eu estivesse com comida agarrada no dente. Porque nunca acreditei que alguém como ele fosse querer beijar alguém como eu.

Mas então ele segurou a minha mão e disse:

— Ei... Posso te beijar?

Fiquei meio surpreso e maravilhado, porque eu gostava muito do Landon e queria muito que ele me beijasse.

Eu queria que meu primeiro beijo fosse com Landon Edwards.

Os lábios dele estavam quentes e macios quando tocaram os meus. Mas cometi o erro de suspirar, soprando uma nuvem tóxica de bafo de cebola dentro da boca dele.

Ele interrompeu o beijo e riu.

De primeira, entrei em pânico — achei que tinha estragado tudo — mas ele sorriu, apertou minha mão e disse:

— Gostei. Mesmo com a cebola. Podemos fazer de novo?

Então fizemos, e o beijo ficou ainda melhor assim que começamos a usar as línguas.

Porém, minha parte favorita foi quando Landon olhou para mim depois do beijo e disse:

— Você é lindo, sabia?

Ninguém nunca tinha me chamado de lindo antes.

— Você é lindo também.

A partir de então, passei a escolher melhor o que vou comer. E a carregar pastilhas de menta na minha bolsa transversal.

— Anda logo. O bonde já deve estar chegando.

Mas aí, quando virei a esquina, meu estômago gelou.

Chip Cusumano e Trent Bolger vinham descendo a rua, empurrando um ao outro e rindo de alguma coisa.

Cyprian Cusumano era o garoto mais estranho que eu conhecia. Ele costumava ser meio cruel comigo, mas desde que terminamos o segundo ano ele mudou do nada e começou a ser mais legal.

Nós nos tornamos amigos, na verdade.

Quer dizer, o fato de nós dois jogarmos no time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill (Vai, Chargers!) ajudava bastante. Era o primeiro ano no time para nós dois — Chip tinha jogado futebol americano no semestre anterior —, mas nós dois conseguimos vagas de titulares.

Trent Bolger, por outro lado, era o cara mais cruel que eu conhecia. Ele pegava no meu pé desde a escola primária.

E, ainda assim, por algum motivo desconhecido — alguma lógica bizantina que desafiava explicações — Chip e Trent eram melhores amigos.

Landon deve ter reparado nos meus ombros travando, porque os passos dele vacilaram. No exato momento em que Chip levantou os olhos do celular e me avistou.

Ele olhou para mim, para Landon, para nossas mãos entrelaçadas e, depois, de volta para mim.

Chip já sabia que eu era gay — o time inteiro sabia, porque eu contei numa das nossas reuniões quando os treinos começaram durante o verão —, mas eu tinha quase certeza de que Trent não sabia.

Na real, eu tinha certeza absoluta, porque quando ele me avistou com Landon, parecia que o Natal havia chegado mais cedo para ele.

— Você conhece esses caras? — perguntou Landon.

— Sim. Do colégio. O mais alto é do meu time.

Chip tinha crescido pelo menos uns três centímetros nas férias. Estava quase da minha altura, e eu havia chegado a um e oitenta naquele verão.

Eu meio que torcia para chegar a um e oitenta e dois mais cedo ou mais tarde.

— Oi, Darius — disse Chip, sorrindo para mim.

Cyprian Cusumano era um daqueles garotos que pareciam estar sempre sorrindo. Ele vestia uma calça preta da Adidas — do mesmo tipo que a minha, com as listras brancas na lateral e elástico nos tornozelos — e uma camiseta branca de gola V.

— Oi, Chip.

— Corte de cabelo maneiro.

— Valeu. O seu também.

Chip sempre tinha cortes de cabelo maneiros. Ele era um Influenciador Nível Oito no Colégio Chapel Hill: sempre que mudava o cabelo, metade dos garotos da turma acabavam aderindo a alguma variação do corte. No momento, ele estava com o Degradê Padrão do Time de Futebol, mas esse eu não tinha certeza se todo mundo iria copiar.

— Ah. Chip, esse é o meu...

A questão é: eu e Landon ainda não tínhamos decidido se éramos oficialmente namorados. Embora eu sentisse que éramos.

Como se pergunta para um garoto se vocês são oficialmente namorados?

— Esse é o Landon. Landon, Chip. E aquele é o Trent.

Trent estava um pouco mais atrás, mexendo no celular. Ele vestia um moletom vermelho com a frase PROPRIEDADE DO TIME DE FUTEBOL AMERICANO DO CCH — ele finalmente havia voltado a ser titular naquele ano — e short de ginástica.

Chip continuava sorrindo, mas olhando para Landon de cima a baixo. Quase como se o estivesse julgando.

— Prazer em conhecer — disse ele, estendendo o punho fechado.

Landon hesitou por um segundo antes de cumprimentar Chip com um soquinho.

O soquinho mais desconfortável na história da criação.

— Bem — comentei com a voz aguda, antes de pigarrear. — Temos que pegar o bonde. A gente se vê depois?

Chip se despediu com um soquinho também.

— Sim. A gente se vê.

Dei um passo para o lado para que ele e Trent pudessem passar e apertei a mão de Landon com mais força.

— Até mais, D-quatro — disse Trent.

Ótimo.

Zero ponto sessenta e oito segundos

A loja de chás Cidade das Rosas ficava na região noroeste da cidade, algumas paradas de bonde depois do salão da Mikaela. Era uma construção de tijolinhos com trepadeiras crescendo na lateral e uma plaquinha de madeira em cima da porta. Uma das paredes era coberta por janelas grandes, que desenhavam sombras com o sol da tarde. Prateleiras com latas de chá ocupavam o canto de uma parede e, do lado oposto, o balcão de degustação já estava tomado pelos clientes da tarde.

A Cidade das Rosas era a realização de um sonho.

O pai de Landon acenou da porta da sala de degustação, enxugou as mãos numa toalha que sempre carregava no ombro e veio nos cumprimentar.

Ele apertou o ombro do Landon — os dois nunca se abraçavam na minha frente, o que eu achava meio esquisito — e depois apertou o meu também.

— Oi, filho. Oi, Darius, gostei do visual. Tudo bem com você?

— Obrigado, sr. E. Tudo bem, e com você?

— Mais pra mais do que pra menos — disse ele com uma piscadinha.

Elliott Edwards tinha os mesmos olhos acinzentados do filho e o mesmo cabelo castanho-avermelhado, embora as sobrancelhas grossas e a barba bem-feita fossem mais puxadas para o marrom. Não tinha como confirmar, mas eu suspeitava que, por baixo daquela barba, ele tinha as mesmas maçãs do rosto excelentes que Landon.

As maçãs do rosto de Landon Edwards pareciam coisa de cinema. Angulosas, lindas e sempre coradas. Bem de levinho.

— Achei que você iria para a casa do Darius hoje à noite.

— Eu vou — disse Landon.

Ainda estávamos de mãos dadas.

Eu gostava muito de segurar a mão dele.

— Estávamos aqui perto, então decidimos dar uma passadinha.

— Bom, chegaram na hora certa. Venham provar uma coisa. Polli, você dá conta da loja?

Polli era uma das gerentes da Cidade das Rosas. Ela era uma mulher branca e mais velha — provavelmente da idade das minhas avós — que sempre se vestia de preto, com exceção das echarpes, sempre muito coloridas, e dos óculos, enormes, quadrados e amarelo-neon.

Parecia ser uma jurada de reality show. Ou dona de uma livraria antiga, onde catalogaria e compartilharia seu conhecimento esotérico enquanto bebericaria café em xícaras bem pequenininhas.

Polli acenou em nossa direção e continuou conversando com uma cliente sobre os benefícios do mel de produção local.

O sr. Edwards nos levou até a área de degustação, uma salinha separada da área principal por uma parede de vidro fumê com o logotipo da loja entalhado. A mesa estava posta com uma fileira de gaiwans, cheios de folhas verde-claras úmidas; e, na frente dos bules chineses, xícaras de degustação cheias de um líquido esmeralda fumegante.

— Aqui.

Ele nos entregou colheres de cerâmica. Deixei Landon provar primeiro, mergulhando a colher em cada xícara e experimentando os chás. Os líquidos eram de um verde-grama bem robusto.

— Nossa — exclamei ao provar o terceiro, que tinha um sabor forte (frutado, talvez?) bem no final.

As sobrancelhas do sr. E. se moveram para cima e para baixo.

— E aí? Adivinharam?

Provei a quarta xícara, mas a terceira era, com certeza, a melhor.

— Hum... Gyokuro?

Gyokuro era um chá verde japonês, famoso por ficar na sombra por três semanas antes de ser colhido, o que deixava o sabor mais doce e mais suave.

— Quase. É Kabusecha.

— O que é isso?

— É parecido com o Gyokuro, só que com apenas uma semana de sombra.

— Ah.

Dei mais um gole na terceira xícara.

— É muito bom.

— Eu sabia que você iria gostar — disse o sr. Edwards, sorrindo.

— O senhor vai comprar?

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Caro demais, não vale a pena.

— Ah.

Uma das coisas que aprendi no meu estágio na Cidade das Rosas é que, às vezes, os melhores chás não são viáveis de se ter em loja.

Acho que eu entendi, então.

— Quer o que sobrou? — perguntou ele, pegando um saco de papel todo escrito em japonês.

— Tem certeza? — perguntei.

— Absoluta.

— Obrigado!

— Beleza — disse Landon. — Melhor irmos andando. Me busca às nove?

— Claro. Se divirtam. Façam escolhas inteligentes. Segurança sempre.

— Não seja esquisito, pai.

O sr. Edwards apenas riu e Landon me levou para fora.

O carro do meu pai não estava em casa quando digitei o código no portão da garagem. Desamarrei minhas chuteiras e as coloquei na sapateira enquanto o portão zumbia até fechar. Landon tirou os tênis e os colocou ao lado dos meus, me seguindo pela sala de estar.

— Não repara na bagunça — eu disse, embora tenha passado o aspirador de pó no final de semana.

— Imagina.

Fui até a geladeira, procurando por um bilhete ou algo do tipo.

— Tudo bem?

— Meu pai deveria estar em casa.

Enviei uma mensagem perguntando onde ele estava.

Landon já havia frequentado a minha casa antes, mas minha mãe ou meu pai sempre estavam presentes.

Senti um arrepio na nuca.

Conferi todos os balcões, a mesa também, mas não havia sinal algum de onde meu pai poderia estar, só uma pilha de louça suja na pia. Assim que Landon avistou aquilo, arregaçou as mangas e começou a lavar.

— Deixa que eu lavo — eu disse.

— Eu gosto.

— Tá bom, eu seco então.

Fiquei ao lado dele, pegando pratos e tigelas e copos e secando tudo com um dos panos de prato azul e branco dos quais minha mãe parecia ter em estoque infinito.

Nossa lava-louças havia quebrado no verão, e com o rombo nas economias dos meus pais causado pela nossa viagem para o Irã, ainda não tínhamos comprado outra.

Quem diria que a coleção de panos de prato de Shirin Kellner seria tão útil?

Depois que terminei de enxugar o último prato, Landon pegou o pano da minha mão e limpou a pia e o balcão. Quando terminou, olhou para mim.

— Tudo bem?

— Tudo.

O que fazer quando você está sozinho em casa com o garoto com quem está ficando e não tem mais nenhuma tarefa pendente?

Peguei minha bolsa transversal na cadeira.

— Acho melhor guardar isso aqui.

Landon me seguiu escada acima. A pulsação acelerava nas minhas têmporas.

— Tem certeza?

— Tenho, por quê?

— Seu rosto está todo vermelho.

Engoli em seco.

— Ah, é só que... Meu pai não deixou bilhete nem nada. E eu e você nunca ficamos sozinhos assim antes.

Landon se sentou na minha cama. Pendurei minha bolsa no armário e me virei para encará-lo.

— E eu sinto que talvez a gente devesse estar se beijando, sei lá.

Landon riu.

— Não precisamos se você não quiser. Podemos ficar só conversando — disse ele.

— Mas eu gosto de te beijar.

Landon sorriu e mordeu o lábio.

— Eu também gosto de te beijar.

Ele levou a mão até o meu rosto, passando os dedos pela lateral do meu cabelo. Fazia tempo que eu não tinha tanta pele exposta assim na cabeça, e o toque me deixou todo arrepiado.

Eu gostei bastante.

Também gostei de como Landon moveu os lábios com calma e cautela. Ele tinha os lábios mais carnudos que eu já havia visto em um garoto branco.

Não gostei tanto assim quando Landon colocou a outra mão sobre o meu abdômen, porque precisei murchar a barriga e ficava meio difícil de respirar e continuar beijando.

Gostei de quando a minha língua encontrou a dele. Do quanto ele era cuidadoso.

Mas, depois, não gostei de como Landon desceu a mão, passando os dedos pela pele embaixo do elástico da minha calça.

Não dava para saber se ele estava fazendo de propósito ou não, mas eu também não sabia como pará-lo. Principalmente levando em conta que, como disse, eu gostava muito de beijar e, para conseguir dizer qualquer coisa a ele, eu teria que parar o beijo.

Mas aí, é claro, não gostei nem um pouco quando meu pai enfiou a cabeça na porta do meu quarto.

— Darius, pode vir aqui me ajudar com a Lal... eita.

Landon deu um salto quando eu mordi a língua dele sem querer. Nos afastamos rapidamente.

Cobri minha virilha com as mãos.

— Ah.

O rosto do meu pai parecia um Alerta Vermelho. Ele olhou para o corredor. Voltou a me encarar e depois desviou o olhar mais uma vez.

— Desculpa.

Meu rosto estava em Alerta Vermelho também.

— Sua irmã passou mal durante a aula de ginástica. Precisei ir buscá-la mais cedo.

Geralmente Laleh fazia aula de ginástica nas noites de terça-feira, e voltava de carona com os pais de uma das amigas dela.

— Ah.

— Pode ir lá para baixo? Quando estiver, hum, decente.

Meu rosto ardeu ainda mais.

Ser pego no flagra acabou com a minha indecência em zero ponto sessenta e oito segundos.

— Sim — murmurei.

Meu pai fechou a porta ao sair.

— Desculpa — eu disse para Landon. — Tudo bem?

— Tudo. Mas eu não sabia que você gostava de morder.

Tentei sorrir. Mas aí, sei lá por quê, deu vontade chorar um pouquinho.

Durante o verão eu troquei os remédios que tomo para tratar a depressão, e apesar de ter gostado da nova prescrição e me sentir em média de dez a vinte por cento melhor, às vezes eu me sentia muito sobrecarregado e com vontade de chorar.

— Ei. Está tudo bem — disse ele, enxugando uma lágrima na minha bochecha.

— Eu sei.

Quer dizer, é claro que meus pais já sabiam sobre Landon e eu. Já tinham visto a gente se beijando.

Mas nunca *beijando* beijando.

— Eu sei — repeti, respirando fundo mais uma vez. — Vou ajudar meu pai. Quer ficar aqui no quarto?

— Não, vou ajudar também.

— Obrigado.

Uma das melhores coisas sobre Landon Edwards era sua habilidade na cozinha.

Não apenas lavando louça: ele também era um cozinheiro incrível.

Enquanto meu pai levou Laleh para se trocar no andar de cima, eu lavei e descasquei os legumes para Landon, que picou tudo para fazer canja de galinha.

Landon pegou um pote de vidro cheio de tempero marrom e abriu a tampa.

— O que é isso? — perguntou.

— Cuidado — eu disse.

Mas disse tarde demais. Landon deu uma fungada, o que resultou numa sequência desastrosa de espirros.

— Saúde.

— Obrigado. Nossa.

— É o advieh da minha mãe.

— Advieh?

— É tipo um mix de temperos da família. Para receitas persas.

— É diferente.

Ele pegou uma pitada e jogou na panela junto com as cebolas e cenouras, e começou a picar o salsão.

Enquanto Landon cozinhava, fui colocando pratos e talheres na mesa e observei ele trabalhar. Ele já se sentia confortável na nossa cozinha, como se morasse ali. Landon mantinha um sorriso tranquilo, cantarolando ao desfiar sobras de um peito de frango do dia anterior para acrescentar na panela.

Enquanto ele trabalhava, meu pai desceu as escadas com as orelhas vermelhas.

— E aí, meninos — disse ele, se abaixando para beijar minha testa. — Nossa. Seu cabelo ficou muito bonito.

— Obrigado.

— Oi, Stephen — disse Landon.

— Desculpa por ter pegado vocês de surpresa.

— Tudo bem — disse Landon.

Ele remexeu no armário de temperos e tirou o pacote de folhas de louro que estava no fundo.

Era difícil entender como ele conseguia levar tudo tão de boa.

Eu mal conseguia olhar meu pai nos olhos.

— Laleh está bem?

— Espero que não seja garganta inflamada de novo. Não esqueçam de lavar bem as mãos.

— Ok.

— E obrigado pela sopa, Landon. O cheiro está muito bom.

— Por nada.

Depois de um tempo, Laleh desceu as escadas vestindo um pijama verde e se jogou numa cadeira ao lado da mesa da cozinha.

Dei um beijo na cabeça dela.

— Oi, Laleh.

Ela soltou um gemido dramático que eu geralmente associava a adultos que ainda não tinham bebido café pela manhã.

Às vezes era difícil saber se minha irmã tinha nove ou trinta e nove anos.

— Sinto muito por você estar passando mal.

— Obrigada — disse ela, com a voz amuada e rouca.

— Landon está fazendo sopa para você.

— Oba — disse ela, mas sem o tom superempolgado que sempre usava quando Landon estava cozinhando.

Às oito da noite, a sopa estava pronta e minha mãe finalmente chegou do trabalho. Ela e meu pai vinham fazendo muita hora extra desde a nossa viagem para o Irã.

Minha mãe parecia tão cansada que era difícil saber quem precisava mais da canja, ela ou Laleh. Mas, assim que provou, abriu um sorriso.

— Que delícia, Landon — disse ela. — Você preparou isso em uma hora?

— Sim, mas vocês já tinham o frango pronto.

Como eu disse, Landon cozinhava muito bem. Acho que foi por isso que ele conquistou minha mãe.

Não foi como se Shirin Kellner tivesse ficado chateada ou triste quando contei a ela que eu era gay.

E não foi como se ela tivesse achado ruim quando comecei a sair com Landon.

Mas às vezes havia certa tensão entre nós dois, uma perturbação na gravidade da nossa órbita que eu não conseguia entender.

Pelo menos Landon sabia cozinhar.

Toda mãe persa quer que o filho se case com alguém que sabe cozinhar.

Só para deixar claro, eu não estava considerando me casar nem com Landon nem com ninguém. Mas habilidade na cozinha é um requisito importante para possíveis parceiros quando se tem pais iranianos.

— Landon encontrou seu advieh — comentei.

— É uma receita da Mamou, da minha mãe — disse ela para Landon.
— Ela costumava misturar tudo num pilão.

— Tô com saudade da Mamou — disse Laleh entre uma colherada de sopa e outra. — Queria ir para a casa dela de novo.

A mesa ficou meio silenciosa.

Acho que todos nós também queríamos.

A questão é: nós só tínhamos ido para o Irã na primavera porque Babou — meu avô — estava com um tumor no cérebro. Ele estava morrendo e minha mãe queria que nós o conhecêssemos antes que fosse tarde demais.

— Eu também queria — disse minha mãe, por fim.

Ela se virou para mim e passou os dedos pela lateral do meu cabelo, até os cachos compridos no topo.

— Não acredito que você finalmente cortou o cabelo.

O Grande Nagus

Eu estava terminando a lição de casa quando meu pai bateu à porta aberta do meu quarto.

— Tem um minuto?

— É claro.

Ele fechou a porta ao entrar e se sentou na cama.

— Então...

Ele esfregou a mão nos joelhos.

— Eu sei que já conversamos um pouco sobre namoro. E sexo. E consentimento. Mas achei que seria uma boa ideia falar mais um pouco.

Meu rosto começou a arder.

— Pai.

— Sei que é meio constrangedor, mas é importante, Darius.

Girei na cadeira de rodinhas e me inclinei para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Mas, tipo... — eu disse, engolindo em seco. — Nada mudou desde a nossa última conversa.

A última vez tinha sido durante o verão, logo depois que eu e Landon trocamos o beijo com gosto de cebola.

Antes disso, já tínhamos conversado outras vezes também. Tipo quando eu tinha oito anos e, prestes a ganhar uma irmãzinha, perguntei de onde vinham os bebês. E também depois da aula de educação sexual no ensino fundamental.

A pior foi quando eu tinha treze anos e acordei com o lençol meio grudento.

Foi a conversa mais dolorosamente desconfortável no catálogo de conversas dolorosamente desconfortáveis que já tive com meu pai, e antes

da viagem para o Irã eu já estava certo de que não havia mais nada para conversar.

Para ser sincero, mesmo depois do Irã — onde derrubamos as barreiras que existiam entre nós — conversar sobre sexo continuava sendo desconfortável.

Meu pai pigarreou.

— Landon não estava com a mão dentro da sua calça quando eu cheguei?

— Não... Quer dizer, a gente ainda não foi muito longe — eu disse, e acrescentei: — E eu nem sei se já quero fazer esse tipo de coisa.

Meu pai assentiu.

— Tudo bem. Você sabe que é saudável e normal se você quiser fazer e que é saudável e normal se não quiser, certo?

Assenti e encarei o chão.

Meu pai soltou um longo suspiro.

— Você disse isso para ele?

Fiz que não.

— A gente só estava se beijando.

— Tudo bem.

Meu pai encarou minha janela por um segundo. As cortinas estavam abertas, e a noite começava a descer sobre o bairro como um cobertor.

— Em primeiro lugar, não tem problema interromper um beijo para se comunicar. Relacionamento, ou até mesmo, sabe como é, situações casuais, precisam de diálogo. E, segundo, se você não souber o que dizer, pode usar as suas mãos para guiar as dele. Então, se não quiser as mãos dele... hum... dentro da sua calça, você pode gentilmente guiá-las para um lugar melhor, tipo as costas ou o joelho, que seja.

— Tá bom.

Meu pai abriu um sorriso trêmulo.

Por mais que fosse difícil ter aquele tipo de conversa, ele nunca agia como se não estivesse disposto a falar.

— Você já conversou com Landon sobre os relacionamentos anteriores dele?

— Um pouquinho — eu disse.

— Chegaram a falar sobre o quão íntimos esses relacionamentos foram?

Ouvir aquilo me deixou um pouco enjoado.

— Um pouco — respondi.

Landon me disse que já tinha feito mais coisas com garotas do que com garotos. Que o primeiro beijo dele tinha sido na sexta série.

Às vezes eu desejava ter começado a namorar mais cedo. Quem sabe assim eu já tivesse um pouco mais de prática naquilo tudo.

Talvez assim eu já soubesse o que fazer, o que dizer.

Meu pai passou a mão pelo cabelo.

— Saber que ele é mais experiente te deixa nervoso?

— Não. Talvez. Sei lá.

— Sei que não é divertido conversar sobre isso com seu pai — disse ele. — Mas eu só quero te ver saudável, seguro e feliz. Tá bom?

— Eu sei — respondi.

— Muito bem. Certo. Beleza.

Meu pai respirou fundo.

— Da próxima vez, diga a ele que quer ir com mais calma. Deixe claro que você gosta de... hum... de beijar e tal, e que quer esperar um pouco antes de fazer o resto.

— Certo.

Meu pai deu um tapinha na perna e se levantou. Ele beijou o topo da minha cabeça e fez carinho na minha nuca.

— Eu tinha até esquecido que você tinha pele aqui atrás — disse ele.

— Orelhas também. Eu pareço o Grande Nagus.

Meu pai riu. O Grande Nagus era o líder dos Ferengi, uma raça alienígena com orelhas enormes e obsessão por lucro.

— Você é perfeito do jeito que é — disse meu pai.

— Valeu, pai.

— Agora termine a lição de casa pra gente poder assistir a *Deep Space Nine*.

Quase todas as manhãs, eu saía para correr antes do banho.

E eu nem gostava de correr.

Quando corria durante os treinos, nem era tão ruim, e como os outros garotos estavam lá, nós gritávamos, ríamos e empurrávamos uns aos outros. Mas havia alguma coisa em estar sozinho com meus pensamentos sob a luz rosada da manhã que me deixava meio triste.

Mas, ainda assim, eu queria melhorar minha velocidade.

E, para ser sincero, esperava que aquilo me ajudasse a perder peso, para que eu pudesse ficar mais parecido com o resto dos garotos do time, que eram quase todos esguios e tinham barrigas retas.

Talvez assim eu não tivesse que murchar a barriga quando Landon me tocasse.

A casa estava silenciosa quando voltei. O carro da minha mãe já não estava na entrada, Laleh continuava na cama e a porta do meu pai estava fechada.

Era esquisito tomar banho com pouco cabelo. Muito mais rápido. Depois de me secar, passei um pouco do creme para cachos que Mikaela havia recomendado.

Meu cabelo estava bonito. Muito mesmo.

Me vesti, sentei na frente do computador e liguei para Sohrab.

A chamada tocou e tocou — bem, aquela musiquinha *du-du-duuu* esquisita — e então:

— Oi, Darioush!

Ouvi a voz robótica de Sohrab antes de ver o rosto dele, emergindo de um Buraco Negro Pixelado.

— Oi.

Sohrab Rezaei era meu melhor amigo no mundo inteiro.

Eu odiava o fato de que ele morava do outro lado do mundo.

O Irã ficava onze horas e meia na frente de Portland (eu ainda não entendia o motivo e o propósito daquela meia hora a mais), então já era noite em Yazd.

— Está jantando? Pode falar?

— Posso falar, sim. O jantar ainda não está pronto. Vamos comer ash-e reshteh.

Ash-e reshteh é uma sopa de macarrão persa.

— Ah, que bom. Nós tomamos sopa ontem à noite. Laleh estava doente.

— Ela já está melhor?

— Acho que sim. Vai ao médico hoje.

— Que bom.

Sohrab me analisou por um segundo.

— Ei! Você cortou o cabelo!

Sorri.

— Gostou?

— Ficou muito bom, Darioush. Muito estiloso.

Minhas bochechas arderam.

— O que Landon achou?

Sohrab foi a primeira pessoa para quem contei sobre Landon.

Na verdade, Sohrab foi a primeira pessoa para quem eu disse que era gay.

Eu estava morrendo de medo, mesmo sabendo que ele ficaria de boa.

(Eu estava torcendo para que ele ficasse de boa.)

Mas ele disse:

— Obrigado por me contar, Darioush. Já contou para a sua mãe? E para o seu pai?

— Ainda não.

— Por quê? Está com medo?

— Não. Talvez. Sei lá.

Nós conversamos um pouco sobre como eu queria contar para as pessoas, e para quem eu queria contar, mas acho que Sohrab logo percebeu o quanto aquilo estava me deixando nervoso, porque ele mudou de assunto e começou a falar sobre a última consulta do Babou.

— Os médicos acham que está na hora dele ir para uma... como vocês chamam? Casa de cuidados paliativos?

— Ah.

Não sei por que, mas aquilo me deu vontade de chorar. Eu já sabia que Babou não iria melhorar, mas acho que uma parte pequena de mim continuava esperando por um milagre.

— Sinto muito, Darioush.

— Tudo bem.

Não estava tudo bem, e Sohrab sabia disso. Mas nós não precisávamos dizer aquilo em voz alta.

Conversamos sobre outras coisas depois: sobre o clima em Yazd; sobre as previsões para a seleção iraniana; sobre a última briga que ele tivera com Ali-Reza e Hossein, os garotos com quem ele jogava futebol-não-americano em Yazd; sobre o colégio e a loja do tio dele e os pratos que a mãe dele preparava.

Antes de desligarmos, Sohrab olhou para mim. E disse:

— Obrigado por ter me contado, Darioush. Eu sempre serei seu amigo.

Contei para Sohrab sobre Landon me levando para cortar o cabelo, sobre nossa ida à Cidade das Rosas, e sobre meu pai nos pegando no flagra.

Quando contei que mordi a língua de Landon sem querer, ele riu tanto que chegou a chorar, e aquilo me fez rir também.

Depois, contei sobre a mais recente Conversa Desconfortável com Stephen Kellner.

Eu e Sohrab contávamos tudo um para o outro.

— Agora chega de falar de mim. Como você está?

— Estou bem. Fui ver Babou ontem.

— E como ele está?

— Nada bem — respondeu ele, suspirando. — Mamou acha que pode acontecer a qualquer momento.

— Ah. Ela está bem?

— Sua avó é forte. Como você, Darioush. Mas...

Ele olhou para o lado por um momento.

— É difícil para ela. Ela nunca pede ajuda quando precisa. Eu e Maman temos que obrigá-la a desacelerar.

— Sinto muito.

— Não precisa. Eu amo a sua avó. E o seu avô.

— Eu também — eu disse, enxugando os olhos. — Queria poder estar aí.

— Eu também queria.

— Obrigado. Por cuidar deles.

Os olhos castanhos de Sohrab se estreitaram quando ele sorriu para mim.

Sohrab Rezaei sempre sorria com o rosto inteiro.

— Sempre, Darioush. Ghorbanat beram. Sempre.

Ghorbanat Beram é uma daquelas frases perfeitas em persa que não dá para traduzir muito bem.

O mais perto é: eu daria minha vida pela sua.
Às vezes é só uma hipérbole.
Mas, para Sohrab, era literal.
E para mim também.
Era isso que significava ter um melhor amigo.

A mesa boa

Eu estava um pouco nervoso de ir para o colégio na manhã de quarta-feira.

Primeiro, porque naquela noite aconteceria nosso primeiro jogo da temporada. E, segundo, porque Trent Bolger ficou mexendo no celular de um jeito suspeito quando me viu com Landon, e Trent adorava espalhar mentiras.

Mas, quando cheguei lá, ninguém disse nada.

Ou Trent ainda não tinha colocado o plano em ação, ou tinha e ninguém deu a mínima.

Quando cheguei na aula de Condicionamento Físico, que eu fazia com Trent e mais alguns garotos do time de futebol, parecia ser a segunda opção: Trent estava desapontado com os resultados da tentativa de espalhar fofoca. Ele ficou me encarando, principalmente quando cumprimentei Jaden e Gabe, dois formandos que estavam no time.

— Beleza, Darius? — perguntou Gabe.

Nosso atacante era o mais baixinho do time, mas também era o corredor mais rápido que eu conhecia.

— Beleza, só um pouco nervoso.

— Não precisa, você vai mandar bem — disse Jaden.

Ele era meio-coreano (e riu quando o chamei assim pela primeira vez, mas acabou adotando o termo) e alto, mas não tanto quanto eu e Chip. Ele jogava como meio-campo.

— Obrigado.

Gabe olhou para Trent, depois baixou a voz.

— Sabia que o Trent está espalhando por aí que te viu com outro garoto ontem à noite?

— Eu meio que já imaginava.

Gabe sorriu.

— Você tá namorando?

— Talvez. Não sei. Estamos só saindo por enquanto.

— É alguém que a gente conhece?

— Acho que não. Ele estuda num colégio particular em Vancouver.

— Legal. E você não liga de os outros saberem?

— Não muito.

— Beleza. Mas estamos do seu lado, tá bom? Se precisar é só chamar.

Eu não sabia o que responder.

Ainda era meio esquisito ter pessoas no colégio que estivessem, de fato, do meu lado.

— Obrigado.

— Formem duplas para o agachamento — disse o treinador Winfield. — Peso leve. Dez repetições. Segurando por três segundos.

Eu me segurei para não resmungar. Agachamentos já eram péssimos, mas agachamentos em dupla com três segundos embaixo eram um atentado criminoso contra a humanidade.

Pelo menos faziam bem para a bunda.

Era visível que o treinador Winfield gostava de futebol americano, porque sempre que havia um jogo ele passava alongamento ou corrida ou algum tipo de “recuperação ativa” nas aulas de Condicionamento. Mas aquele tipo de exercício nunca acontecia nas vésperas dos jogos de futebol.

Fiz dupla com Jaden, já que tínhamos mais ou menos a mesma altura, e Gabe ficou ao nosso lado, fazendo dupla com Trent.

Era difícil dizer qual de nós dois estava mais infeliz com aquela formação.

Para ser justo, Trent Bolger nunca parecia feliz ultimamente. Eu sempre tinha sido o Alvo Número Um do Trent, mas agora que eu era amigo de Chip e parte do time de futebol, eu tinha pessoas do meu lado.

Porém, Trent ainda não tinha conseguido encontrar um Alvo novo e passava o tempo todo tentando me importunar sem nunca conseguir.

Havia acontecido uma grande mudança gravitacional no alinhamento estelar do Colégio Chapel Hill, mas Trent continuava operando com o mapa estelar antigo.

Eu quase sentia pena dele.

Quase.

— Para de olhar para a minha bunda, D-quatro — murmurou Trent quando o treinador Winfield estava longe o bastante para não ouvir.

— Então vê se mexe essa bunda — disse Gabe. — Tem gente aqui tentando terminar um set.

Eu me segurei para não rir alto, mas não consegui evitar o sorriso. Trent não sabia como navegar naquele novo paradigma.

Deu vontade de chorar um pouquinho também.

Era bom ver Gabe me defendendo.

Era bom ter um time.

Dias de jogo para o time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill eram bem menos intensos do que para o time de futebol americano, mas eu não me importava. Os jogadores de futebol americano passavam o dia inteiro com a camisa do time, a equipe de líderes de torcida ficava uniformizada também, havia reuniões táticas e alterações no cronograma das aulas para encaixá-las.

O time de futebol não tinha reunião tática. Então, no dia do nosso primeiro jogo, terminei a quarta aula como sempre e fui até o bicicletário encontrar Chip.

Nuvens carregadas cobriram o céu durante as aulas. Coloquei o capuz para me proteger do sereno gelado que caía num ritmo suave e constante sobre a minha nuca.

Enquanto desacorrentava a minha bicicleta, Chip veio descendo as escadas, um chaveiro balançando na bolsa transversal. Havia pelo menos umas dez chaves nele, embora Chip só usasse duas. O resto eram chaves aleatórias que ele encontrava e prendia ao chaveiro — tipo uma chave preta em forma de esqueleto que parecia ter vindo do século XVIII — “só pela estética”.

— Desculpa. Tive que tirar dúvidas sobre um trabalho com o sr. Gerke e, de alguma forma, começamos a falar sobre a economia da Alemanha e da União Europeia e até agora não entendi como.

— O sr. Gerke é assim mesmo. Anda. Temos que correr se quisermos pegar a Mesa Boa.

Pressionei minha bolsa transversal contra as costas, enquanto Chip desacorrentava a bicicleta dele e colocava o capacete.

Fui na frente a caminho do Mindspace, uma cafeteria pequena a mais ou menos um quilômetro e meio do Colégio Chapel Hill, na direção oposta de casa. O lugar só comportava cerca de dez pessoas, então quem não chegasse na hora certa poderia ficar sem mesa.

Eu era categoricamente contra beber café, mas gostava de verdade do aroma da tostadeira que ficava ligada o tempo todo na Mindspace. E gostava do jeito como ela mantinha o lugar aquecido, especialmente em dias de chuva. O som era um zumbido leve constante que ajudava na concentração durante os estudos.

Porém, a melhor parte é que a Mindspace comprava chás da Cidade das Rosas. Era o único lugar perto do colégio onde eu conseguia comprar uma xícara de chá confiável, a não ser que eu carregasse um sachê comigo.

(Quer dizer, eu sempre carregava um sachê, mas era legal poder não precisar dele.)

Entrei na fila enquanto Chip correu direto até a Mesa Boa: uma mesa de jantar feita de mogno polido que ficava no cantinho, junto da parede, com um banco de um lado e cadeiras com estofamento vermelho do outro.

Chip pegou uma das cadeiras acolchoadas e colocou a bolsa dele na outra, reservando para mim.

Pedi uma xícara de Ali Shan (um oolong chinês excelente) para mim, e um mocha para Chip, e peguei alguns guardanapos para limpar a Mesa Boa antes de começarmos os trabalhos.

— O que você tem hoje? — perguntou Chip enquanto eu pegava meu tablet.

— Álgebra II.

— Álgebra II era a pior matéria.

— Continua sendo.

Chip assentiu e bebeu um gole de mocha. Depois, pegou o tablet, colocou os fones de ouvido e começou a fazer a lição.

É o seguinte: eu ainda não sei ao certo por que comecei a fazer a lição de casa com Cyprian Cusumano na Mindspace durante vários dias na semana. Na verdade, nem sei ao certo como nós viramos amigos.

Durante a infância, Chip me provocava quase tanto quanto Trent. Daí, por algum motivo, depois que voltei do Irã, as coisas mudaram. Chip começou a ser mais legal comigo. Passou a me cumprimentar nos corredores, e nós interagíamos nos treinos, e voltávamos para casa juntos de bicicleta — a casa de Chip ficava na mesma direção da minha — e conversávamos sobre futebol, lição de casa e coisa e tal.

Um dia, depois do treino, nós dois tínhamos um trabalho de Literatura para terminar e Chip perguntou se eu não queria fazer junto com ele, daí sugeri o Mindspace e acabou virando uma tradição.

Eu meio que gostava de passar um tempo com ele, fazendo a lição.

Não sei por quê, mas gostava.

Isso é normal.

Certo?

Eu e Chip voltamos para o vestiário às seis da tarde.

Parecia que eu tinha uma estrela de nêutrons dentro da barriga.

Ele apertou meu ombro.

— Tudo bem?

Assenti e esfreguei a nuca.

Ainda não estava acostumado com o formigamento que eu sentia ali.

Era bom.

Relaxante, até.

— Você parece meio enjoado.

— Só nervoso, acho.

— Você vai mandar bem — disse ele, sorrindo para mim.

— Obrigado.

Vesti o uniforme — vermelho e preto para quando jogávamos em casa — e me sentei no banco para amarrar os cadarços da chuteira.

Ao meu lado, Gabe tirou o suéter. Mantive os olhos nas chuteiras, porque Gabe era muito bonito, com a barriga lisa e a pele marrom, com alguns pelos bem acima da cintura, e aquilo meio que me distraía.

Além do mais, eu estava saindo com Landon. Então era errado olhar para outro garoto. Né?

— Seu namorado vem assistir ao jogo?

Minhas bochechas queimaram.

— Landon? Não, ele tem ensaio da banda. Mas meus pais vêm. E minha irmã.

— Mais velha ou mais nova.

— Mais nova. Ela tem nove anos.

— Maneiro.

Gabe se sentou ao meu lado para calçar as chuteiras. Eu me levantei e me alonguei, e depois me virei de costas por um segundo para verificar se estava tudo certo com meu short de compressão.

Ninguém merece ficar com assaduras na perna.

— Pronto?

— Pronto.

Máquina de Cápsula para Extração de Bebidas Quentes

Foi o meu antigo professor de Educação Física, treinador Fortes, quem me convenceu a entrar para o time de futebol, mas, durante o verão, a esposa dele recebeu uma proposta de emprego em Washington e ele se mudou para lá com ela.

A treinadora Bentley foi contratada para substituí-lo (e também para dar aula de História e Cidadania). Ela era uma mulher negra de pele escura, cabeça raspada e o tipo de rosto que conseguia ir de elogios carinhosos à explosão nuclear em menos de um segundo, principalmente quando achava que nós não estávamos cem por cento empenhados em campo.

No colégio onde trabalhou anteriormente, ela levou os times a vários Campeonatos Estaduais de Oregon, e estava determinada a transformar o Colégio Chapel Hill em um nome a ser temido. Ela tinha a determinação de uma guerreira Klingon e a destreza analítica de uma sábia Vulcana.

Enquanto eu me aquecia, chutando a bola para Chip, ela continuava gritando com a gente.

— Mais rápido! Mais rápido!

Assenti e aumentei a velocidade dos chutes.

Eu tinha quase certeza de que gostava da treinadora Bentley.

Sério.

Mas ela era meio intensa demais às vezes.

Do outro lado do campo, o time do Colégio Crestwood, o rival local de Chapel Hill, se aquecia em seu uniforme branco com detalhes verdes e amarelos.

Eu nunca entendi muito bem a coisa da rivalidade que, segundo minhas suspeitas, só existia por causa dos times de futebol americano. Mas o mascote do time deles era o Espartano, então eu era geneticamente pré-disposto a não gostar.

Persas (até mesmo os meio-persas) e espartanos (até mesmo os de mentira) são inimigos naturais. Muitos épicos foram escritos a respeito disso. E alguns filmes racistas também.

A treinadora Bentley soou o apito.

— Muito bem, Chargers, hora do círculo!

O círculo era esse negócio que a treinadora Bentley nos mandava fazer antes dos treinos e jogos. Nós nos reuníamos atrás do gol e ficávamos em círculo, de braços cruzados e mãos dadas com quem estivesse do nosso lado. Um de cada vez, nós dizíamos algo legal que outro colega do time fez por nós.

A treinadora Bentley trouxe essa ideia do colégio anterior. Ela disse que serve para promover a união do time e combater a cultura da masculinidade tóxica nos esportes.

Acabei ficando entre Chip e Gabe, de frente para a treinadora Bentley, que começou:

— Quando começamos essa temporada, vocês não me conheciam e eu não conhecia vocês. Porém, todos aqui me receberam e agora estamos prestes a encarar nosso primeiro jogo. Estou orgulhosa de vocês.

Dali, seguimos em sentido horário: os garotos agradeceram por favores recebidos, críticas, conselhos sobre chutes e até por alguém ter ajudado a arrumar um encontro.

Quando chegou a vez de Chip, ele disse:

— Ricky me emprestou o carregador quando a bateria do meu tablet estava quase acabando. Valeu, Ricky.

Ricky, nosso lateral esquerdo, assentiu do outro lado do círculo.

Aí chegou a minha vez.

— Hoje na aula de Condicionamento, um cara do time de futebol americano estava sendo meio grosseiro comigo.

Eu não podia citar o nome de Trent, porque o Círculo tinha uma regra: era proibido dizer algo ruim sobre outras pessoas. Citando o nome, pelo menos.

Mesmo assim, a treinadora Bentley estava prestes a abrir a boca para me corrigir, quando eu continuei:

— Mas Gabe e Jaden me defenderam. O que foi muito legal. E importante demais para mim. Então, obrigado aos dois.

Ao meu lado, Chip se balançou para a frente e para trás, e a mão dele tremeu na minha.

Ele sabia que eu estava falando sobre Trent.

Certo?

Do meu outro lado, Gabe bateu o ombro no meu antes de dizer:

— Falando nisso, Darius ficou para me ajudar a guardar os pesos depois da aula de Condicionamento, mesmo estando atrasado. Foi bem legal da parte dele. Valeu, cara.

Assenti e olhei para os meus pés.

Eu não estava acostumado a receber elogios dos garotos do colégio.

Meu peito parecia um reator de plasma.

Deu vontade de chorar — só um pouquinho —, mas consegui me segurar. Eu não queria começar o jogo de nariz entupido.

Quando terminamos, a treinadora Bentley contou até três e todos nós gritamos juntos:

— Vai, Chargers!

Estávamos com um gol de vantagem, graças à defesa excelente de Christian e um golaço de Gabe no primeiro tempo, mas nos últimos minutos do segundo tempo, os Espartanos de Crestwood estavam fazendo jus ao nome, porque não entregaram os pontos.

Eu era zagueiro — uma posição que a treinadora Bentley disse ser perfeita para mim, seja lá o que isso signifique —, e os Espartanos estavam vindo com tudo contra a nossa defesa, tentando marcar.

Eu estava encharcado de suor. Meu short preto estava manchado de verde, resultado de um carrinho perigoso (porém bem-sucedido) que dei em um dos atacantes de Crestwood. Foi Sohrab quem me ensinou, lá em Yazd.

Alguns minutos depois, o mesmo atacante driblou Jaden e deu um olé em Chip, mas meus olhos estavam travados nele. Quando veio para a minha esquerda para tentar marcar um gol, eu o bloqueei.

Levei um chute na canela, mas minha defesa deu certo e eu consegui mandar a bola para escanteio.

Ainda assim, gemi de dor. A caneleira absorveu boa parte do impacto, mas eu acabaria com um bom hematoma.

— Ei! — chamou Chip, correndo na minha direção. — Tá tudo bem? Me joguei de costas no gramado.

— Acho que sim.

Chip estendeu a mão para me ajudar a levantar.

— Certeza?

Dei uns passos para a frente e para trás. A dor já estava passando.

— Certeza.

Chip deu um soquinho no meu punho.

— Bela defesa.

— Obrigado.

Ganhamos de 1 a 0.

Em todos os meses de treino, eu nunca tinha visto a treinadora Bentley sorrir tanto.

Depois de nos despedirmos dos Espartanos de Crestwood, corri até a arquibancada, onde meus pais esperavam por mim com Laleh pendurada atrás deles.

Apesar de estarnojento de tanto suor, minha mãe me abraçou, mas não me beijou.

Já meu pai, deu uma risada e beijou meu cabelo bagunçado.

— Ótimo jogo, filho — disse ele. — Você fica bem de verde.

— Obrigado.

Olhei para os meus shorts e braços todos sujos de grama e, depois, de volta para ele.

— Talvez eu tenha futuro como dançarina escravizada de Órion.

— Vai ter que melhorar um pouquinho suas habilidades de dança antes.

— Ei!

— Sério, Darius. Você mandou muito bem. Parecia estar se divertindo muito.

Ele bagunçou meu cabelo antes de repousar a mão sobre o meu ombro.

— Estou muito orgulhoso de você.

Senti o reator de plasma no peito de novo, mas consegui sorrir de volta.

— Obrigado, pai — agradeci, e me ajoelhei para ficar de frente para Laleh. — O que você achou? Joguei bem?

— Muito bem — disse ela, antes de colocar o braço sobre a boca e tossir.

— Ela não quis ficar em casa — explicou minha mãe. — Mas pelo menos a febre já passou.

— Que bom.

Me virei para Laleh de novo.

— Estou feliz por você ter vindo.

Ela assentiu, abriu um sorriso fraco e depois tossiu de novo.

— Melhor irmos para casa. Vou tomar uma ducha.

— Vamos colocar sua bicicleta no carro — disse meu pai. — Encontra a gente no estacionamento?

— Claro.

— Está com fome? — perguntou minha mãe. — Precisa de alguma coisa?

— Estou de boa. Obrigado, mãe.

Corri para alcançar os outros garotos e fizemos alguns exercícios para esfriar o sangue e uns alongamentos finais. Depois caminhamos até o vestiário.

O Colégio Chapel Hill tinha bons chuveiros, cada um ficava na sua própria cabine, mas as duchas aparentemente tinham sido feitas para Atletas Estudantis mais baixos que eu. Eu precisava me abaixar para entrar debaixo d'água, e a água quente não durava tempo o suficiente e, assim, quando eu terminava de me limpar, já estava gelado e um pouquinho infeliz.

Me sequei, enrolei a toalha na cintura, encolhi a barriga e fui me vestir.

A maioria dos garotos já tinha ido embora, mas passei pelo Chip vestindo a camiseta no caminho até o meu armário.

— Ei — disse ele.

— Ei — respondi, me virando para a minha porta.

Gabe já tinha ido embora, o que era bom porque eu odiava me vestir ao lado dele.

Juntando os treinos diários de futebol e meu medicamento novo, eu havia perdido um pouco de peso, mas não fiquei magro do nada. Ainda tinha mais barriga do que eu gostaria, e as estrias estavam muito mais visíveis, mesmo com o creme que eu passava toda noite.

Eu meio que odiava minha aparência.

Isso é normal.

Certo?

Vesti a camisa primeiro, antes mesmo da cueca, porque o risco de alguém ver meu pênis gelado me parecia menos alarmante do que deixar minha barriga à mostra.

Do outro lado dos armários, Chip disse:

— Está indo para casa? Quer comer alguma coisa antes?

— Minha família está me esperando.

— Ah. Beleza. Outro dia, então?

— Pode ser.

Chip ficou quieto enquanto eu guardava meu uniforme sujo na mochila.

Então, ele disse:

— Sabe aquilo que você disse no Círculo?

— Sim?

— Era sobre o Trent?

— Ah. Era.

Apoiei minha bolsa transversal em um ombro e a mochila do futebol no outro, saindo detrás da divisória.

— Bem. Sinto muito por isso.

— Não precisa — eu disse.

E estava falando sério.

Sério de verdade.

Eu não esperava que Chip se desculpasse pelas coisas que Trent fazia.

Só queria saber por que eles dois eram amigos no fim das contas.

Eu não entendia muito bem Cyprian Cusumano.

Joguei minhas bolsas no porta-malas e abri a porta do passageiro.

— Foi mal pela demora.

Meu pai balançou a cabeça.

— Sem problemas.

Mas, assim que fechei a porta, me senti preso

Ninguém disse mais nada, mas dava para sentir: um campo de partículas invisíveis de frustração ou raiva. Não sabia qual. Só sentia a pressão contra os meus ouvidos, ressoando no meu peito.

Abaixei um pouquinho o vidro.

— Tudo bem?

— Laleh está com dor de ouvido — disse minha mãe.

Ela estava no banco de trás com Laleh para dar mais espaço para as minhas pernas na frente.

— Ah.

Subi o vidro de novo e liguei o ar-condicionado no mínimo.

— Melhor assim?

— Obrigada, meu bem.

Enquanto meu pai saía do estacionamento, avistei Chip saindo do vestiário em direção à bicicleta dele. Acenei, mas acho que ele não me viu, porque não acenou de volta nem nada.

Sem nenhuma música tocando e com todo mundo em silêncio, a vibração no meu peito começou a piorar.

Eu não sabia o que estava acontecendo com a minha família, mas não estava gostando nem um pouco.

Então, eu disse:

— Obrigado por terem vindo. Significou muito para mim.

— Mas é claro que nós viríamos — disse minha mãe.

— Não perderíamos por nada nesse mundo.

Meu pai abriu um sorriso para mim e depois voltou a olhar para a estrada. No banco de trás, minha mãe passava os dedos pelo cabelo de Laleh enquanto ela dormia apoiada na janela. O silêncio voltou. Peguei o celular para contar para Landon sobre o jogo e tentei ignorar o comichão no meu estômago.

O que estava acontecendo?

Quando chegamos em casa, minha mãe arrumou Laleh para ir dormir mais cedo, enquanto eu esquentava as sobras da sopa que Landon tinha feito. Depois que a adrenalina do jogo passou, eu fiquei morrendo de fome.

Enquanto misturava uma panela pequena de sopa, meu pai ficou na pia lavando a louça.

— Deixa que eu lavo — eu disse. — Vou sujar mais coisas, de qualquer forma.

— Não, tudo bem. Eu deveria ter lavado durante o dia. Só não consegui parar e fazer.

Meu pai mergulhou a mão na água de espuma para pegar uma caneca.

Stephen Kellner sempre gostava de encher um lado da pia com água e detergente para mergulhar a louça. Eu não era um grande fã do método, porque odiava enfiar a mão naquela água suja e ensaboada sem saber o que iria encontrar lá embaixo.

Mas Vovó e Oma lavavam a louça do mesmo jeito, então devia ser algo genético.

Vovó e Oma também usavam aquelas varinhas esquisitas, que você enche de detergente e tem uma esponja na ponta, mas minha mãe sempre dizia que aquilo não lavava os cantos das coisas direito, então ela comprava esponjas comuns para a nossa casa.

Shirin Kellner tinha opiniões fortes sobre lavar louça, opiniões que eu aparentemente herdei dela, já que sempre fazia muito mais do jeito dela do que do jeito do meu pai.

O Silêncio Desconfortável Nível Nove tinha nos acompanhado do carro até a casa, como um guerreiro Jem'Hadar espreitando às sombras, observando nossas fraquezas e esperando o momento perfeito para atacar.

Toda a alegria que senti ao vencer nosso primeiro jogo foi embora também, e eu fiquei me sentindo meio irritado e inquieto como o resto da família.

Pigarreei.

— Como foi o trabalho?

— Não fiz muita coisa hoje — disse meu pai. — Precisei cuidar da sua irmã.

— Ah.

— Richard acha que vamos pegar um projeto na Califórnia em breve. Um centro comunitário nos arredores de Los Angeles.

— Ah, que legal.

Richard Newton era o sócio do meu pai na Kellner & Newton, o escritório de arquitetura onde ele trabalhava.

Acho que ele era meio que o dono.

Para ser sincero, eu não sabia muito bem como a empresa era estruturada. Só sabia que ele não estava mais trabalhando de casa com tanta frequência. E que estava sempre cansado, assim como a minha mãe.

— Vou visitar um canteiro de obras na semana que vem. Quer alguma coisa de Tehrangeles?

Meu pai estava viajando a trabalho com muito mais frequência também.

— Não, mas minha mãe provavelmente vai fazer uma lista.

Meu pai sorriu.

— Ela até já me entregou.

— Ah. Que bom.

Transferi a sopa para uma tigela.

— Quer assistir *DS9*?

— Claro, me dá só um minuto para eu terminar?

— Beleza, vou preparar um pouco de chá.

Enchi a chaleira elétrica e ajustei a temperatura para 165 graus.

— Quer experimentar um chá novo?

— Qual?

— Kabusecha. O sr. Edwards que me deu.

— Me conta mais sobre ele.

Fiz o possível para explicar o que o sr. Edwards havia me dito, sobre o cultivo na sombra e theanine e os componentes de sabores, mas já tinha esquecido boa parte porque não anotei na hora.

Era quase vergonhoso o quão pouco eu sabia depois de ter começado a trabalhar na Cidade das Rosas. No meu primeiro dia, eu achei que já chegaria sabendo tudo, mas precisei de muito treinamento. Havia muita coisa a se aprender quando se trabalha num lugar que faz chás de verdade. Precisei estudar sobre as estações, e as mudanças constantes nas políticas do cultivo de chás e a magia do *terroir*.

Por algum motivo, quando as pessoas falavam *terroir* dava para ouvir a palavra em itálico.

E eu nem sabia que isso era possível.

— O beijo da terra em si — o sr. Edwards explicou. — Nenhuma palavra chega perto de definir.

Eu não entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Não exatamente.

Mas queria muito.

Depois que meu pai terminou de lavar a louça e eu infusionei o Kabusecha num bule pequeno para dois, nos aninhamos no sofá para assistir a *Star Trek: Deep Space Nine*.

Deu trabalho, mas consegui convencer o meu pai a assistir à série inteira de uma vez só, ao invés de intercalar com *A Nova Geração* e *Voyager* na ordem de exibição, como geralmente fazíamos.

— É uma história grande — eu disse. — E se a Laleh quiser assistir com a gente?

Meu pai ainda estava indeciso até os treinos de futebol começarem, e nem sempre tínhamos tempo sobrando para assistirmos a um episódio toda noite. Então, ele finalmente se rendeu. Era mais fácil acompanhar uma série de cada vez.

Enquanto eu servia o chá para o meu pai, ele colocou o episódio “Vozes distantes”.

— Meu gêmeo — eu disse, apontando para Quark, um barista Ferengi que apareceu na tela.

Meu pai riu.

— Suas orelhas são perfeitas — disse minha mãe atrás da gente.

Ela se aproximou e puxou uma das minhas orelhas.

— Quer assistir? — perguntei, chegando mais perto do meu pai, abrindo espaço para ela.

— Hoje não. Sua irmã ainda está meio doente.

— Posso ajudar?

— Deixa que eu tomo conta dela — disse meu pai, mas a mãe colocou a mão no ombro dele.

— Tudo bem. Podem assistir à série. Tenho que trabalhar, de qualquer forma.

Minha mãe caminhou até a cozinha e escutei o som inconfundível da Máquina de Cápsula para Extração de Bebidas Quentes, que eu me recusava a chamar pelo nome e a usar, baseado puramente nos meus princípios. Quando a abertura da série terminou, ela passou pela sala de novo, deu um beijo na minha cabeça e outro na têmpora do meu pai, e subiu as escadas com uma caneca de café fumegante nas mãos.

Os olhos do meu pai a acompanharam escada acima. Ele mordeu o lábio e coçou o queixo por um segundo. Depois, passou o braço sobre o meu ombro e voltou a atenção para a TV.

E nós dois tentamos relaxar.

O som mais angustiante do universo

Não consegui pegar no sono naquela noite.

Um, meus nervos continuavam zumbindo a mil por causa do jogo.

Dois, tentei ligar para Sohrab pelo Skype, mas ele não atendeu, então passei meia hora escrevendo um e-mail.

Três, meus pais estavam brigando.

Bem, talvez “brigando” fosse a descrição errada, porque eu não acho que eles estavam chateados um com o outro. Estavam frustrados, preocupados e fazendo aquela Voz Parental esquisita que usam quando estão agitados, mas não querem fazer barulho, como se sussurrando eles pudessem proteger a mim e a Laleh de sabermos que as coisas não estavam bem.

Eu tinha ido ao banheiro para escovar os dentes e fazer xixi antes de dormir e escutei os dois conversando (meu banheiro tem o mesmo duto de ventilação que o deles), e acabei me sentando na privada para ouvir o que eles estavam dizendo.

— Eu não sei como podemos fazer isso dar certo — disse meu pai. — O projeto na Califórnia já está fechado e, se for confirmado, tenho mais um no Arkansas logo depois. Você está fazendo hora extra. E ainda assim a gente não consegue...

Minha mãe suspirou.

— Eu sei. Eu sei. É que eu odeio não poder estar lá.

— Eu sei, meu amor.

Meu pai murmurou algo baixinho demais, e eu não entendi.

— Nada bem. Mamou disse que não vai demorar muito. Na maioria dos dias ele nem fica acordado tempo o bastante para se alimentar.

Estavam falando sobre o Babou de novo.

Os sons ficaram abafados depois disso, mas consegui escutar o som da minha mãe chorando.

Era o som mais angustiante do universo.

Quando peguei papel higiênico para secar minhas lágrimas, sem querer dei uma cotovelada no tanque da privada.

Dei descarga no vaso vazio só para disfarçar, mas aquilo só me fez escutar ainda menos.

Quando o barulho da água se aquietou, escutei um pouco mais por cima do som do meu próprio choro.

—... crianças sobre isso, mais cedo ou mais tarde — disse minha mãe.

— Amanhã — disse meu pai. — Deixa eu conversar com as minhas mães antes.

Tudo ficou em silêncio depois daquilo. Ou eles tinham começado a sussurrar, ou voltado para o quarto.

Lavei as mãos e respirei fundo algumas vezes antes de ir para a cama.

Mas, ainda assim, não consegui dormir.

Na tarde seguinte, quando cheguei do treino, Laleh estava sentada à mesa, bebendo chá e lendo um livro enorme. As bochechas dela estavam coradas de novo e ela se animou um pouquinho ao me ver.

— Oi.

— Oi, Laleh.

Me abaixei para beijar a cabeça dela.

— Está melhor?

— Sim.

— O que você tá lendo?

— *Duna*.

— Ah. Tá gostando?

Laleh deu de ombros.

— É meio chato.

— Ah.

Fui até a chaleira e servi uma xícara para mim.

Desde a nossa viagem para o Irã, Laleh pegou para ela a responsabilidade de fazer chá quando eu não estava em casa.

Ela sempre fazia chá persa — preto com cardamomo. Era como estar de volta ao Irã, com Mamou e Babou (quando ele já estava doente, mas ainda conseguia fazer coisas). Na casa deles, a chaleira estava sempre ligada.

Engoli minha tristeza.

— Ficou muito bom, Laleh — eu disse. — Obrigado.

Ela não tirou os olhos do livro.

— Não tem hel demais?

— Está na medida.

Laleh assentiu e continuou a leitura.

Até pensei em me sentar com ela, mas Laleh parecia não querer companhia.

Ela não estava mais doente, mas havia algo de errado. Algo que ela não estava dizendo.

Analisei minha irmã, mas ela só bebia o chá e virava as páginas.

Então, subi as escadas para fazer minha lição de Álgebra II. O sr. Albertson havia passado um monte de exercícios, mas eu não conseguia entender direito o motivo e o propósito dos cones.

Quem sai por aí cortando cones ao meio só para ver como são por dentro?

Passei a mão pelo cabelo, traçando a linha do degradê. Eu gostava do jeito como minha pele formigava.

Meu pai bateu à porta.

— Está estudando o quê?

— Parábolas — grunhi.

— É tão ruim assim?

Dei de ombros.

— Posso dar uma olhada?

— Claro.

Meu pai se aproximou da escrivaninha com a mão apoiada na minha nuca. Ele me apertava enquanto lia as equações.

Minha luminária mostrava o rosto dele com clareza. As rugas ao redor dos olhos pareciam mais profundas e me lembrei daquela tensão esquisita no carro, quando estávamos voltando do jogo, e dos sussurros entre ele e minha mãe na noite anterior.

— Está tudo bem? — perguntei, do nada.

— Quê?

— É só que... — Engoli em seco. — Tudo parece meio esquisito. Com você. E a mamãe.

Meu pai suspirou e deslizou a mão até as minhas costas.

— Está tudo bem — disse ele. — Estamos um pouco apertados de dinheiro agora, por causa da viagem para o Irã e da ajuda que estamos mandando para Mamou.

Assenti.

Meu pai tamborilou os dedos nas minhas costas. Acho que ele nem se deu conta do que estava fazendo.

— Com sua mãe fazendo tanta hora extra, e eu fora da cidade, pensamos que seria uma boa se suas avós viessem passar um tempo aqui.

— Ah — eu disse.

A questão sobre as mães do meu pai é que, embora eu soubesse que elas amavam a mim e Laleh, nunca tive a sensação de que elas gostavam de

verdade da gente.

Elas moram em Bend, a umas três horas de distância, mas nós só nos víamos algumas vezes por ano: aniversários e, por algum motivo esquisito, Páscoa. (Assim como o meu pai, Vovó e Oma eram humanistas seculares, mas a ceia de Páscoa era a refeição favorita delas.)

Eu não conseguia me lembrar de um momento em que eu não soubesse que minhas avós eram *queer*. Mesmo antes de perceber isso sobre mim mesmo, elas sempre foram parte do tecido da minha vida.

Bem, talvez elas fossem a barra do tecido da minha vida: sempre nas bordas, um enfeite que talvez você nem perceba se não estiver prestando atenção.

Eu achei que, quando contasse para elas que sou gay, isso iria nos aproximar.

Que nós compartilharíamos essa coisa que nos diferenciava dos demais.

Que elas conversariam comigo sobre quando a Oma se assumiu.

Que me contariam histórias que eu era novo demais para entender quando estavam acontecendo: a Proposição 8, a política restritiva *Don't ask, don't tell* e a luta pelo casamento igualitário.

Mas tudo que a Vovó disse foi:

— Eu já imaginava.

E tudo que Oma disse foi:

— Nós te amamos do mesmo jeito.

E depois nós bebemos chá em silêncio, como sempre.

Eu não sabia o que tinha feito para que minhas avós fossem tão desinteressadas assim a meu respeito.

E não era como se tivessem interesse por Laleh também, o que era bem esquisito, já que todo mundo gostava de Laleh. Até o Babou amou Laleh de primeira, e ele não gostava de ninguém sem conhecer antes.

Na real, as únicas coisas que eu e minhas avós tínhamos em comum eram: chá e futebol. Elas quase ficaram empolgadas quando eu contei que havia entrado no time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill.

Quase.

— Temos que ir assistir a um jogo — disse Vovó.

— Se você entrar em algum campeonato, com certeza — acrescentou Oma.

Eu não sabia como me sentir com aquilo: com o fato de que a empolgação delas estava condicionada à vitória.

Eu estava no time porque era divertido, porque eu gostava dos meus colegas e também da treinadora Bentley.

Eu não sabia se era bom o bastante para ser um vencedor.

— Vai ser legal passar um tempo com elas, né? — disse meu pai.

Os dedos dele continuavam tamborilando em mim, como se eu fosse um painel numa nave espacial e ele estivesse tentando definir um roteiro para atravessar algum tipo de fenômeno estelar que causaria instabilidade no voo.

Para ser sincero, eu nunca senti que Vovó e Oma gostavam do meu pai também.

Nem sei por que eu pensava assim, porque era uma coisa horrível de se pensar.

— Vai — respondi.

Elas viriam para ajudar a gente. Ajudar minha mãe a se cansar menos.

Dar ao meu pai um tempo para respirar.

— Vai, sim — repeti.

E tentei ser convincente na segunda vez.

Só hipóbole

O céu ainda estava escuro quando voltei da corrida matinal, a tempo de me despedir da minha mãe enquanto ela saía da garagem.

— Oi — disse ela da janela do carro. — Pode chamar seu pai quando sair do banho? Ele está dormindo um pouquinho a mais hoje.

Meu pai nunca dormia um pouquinho a mais.

— Tá bom.

Minha mãe abriu um sorriso triste.

— Te vejo de noite.

Engoli o nó na garganta.

Eu odiava ver meus pais tão cansados.

— Sim.

Tomei banho, arrumei a mochila do futebol e coloquei meu creme para cachos. Eu ia me encontrar com Landon depois do treino e queria estar arrumado. Bati à porta do meu pai, mas ele gritou que já estava de pé e se arrumando.

E depois, como eu não recebia notícias de Sohrab havia três dias, me sentei e tentei ligar de novo.

Desta vez, ele atendeu de primeira.

— Eh! Oi, Darioush.

— Oi! Chetori toh?

Eu não falava persa muito bem, mas as poucas palavras que sabia — carregadas com sotaque americano — eu gostava de praticar com Sohrab, que nunca criticava minha pronúncia.

Sohrab soltou um suspiro dramático.

— Darioush. Eu já te contei sobre a minha Ameh Mona?

— Acho que não.

— Ela mora em Manshad. Você conhece Manshad?

Balancei a cabeça.

— Fica do outro lado das montanhas de Yazd. É muito bonito. Mas meio longe.

Sohrab olhou para o lado e gritou alguma coisa para a mãe dele.

— Maman mandou um oi.

— Ah, manda outro para ela.

Sohrab gritou de volta para a mãe.

— Enfim. Ameh Mona quebrou a perna.

— O que aconteceu?

— Ela tropeçou no gato.

— Quê?

Sohrab balançou a cabeça e depois deu uma risadinha.

— Ela tropeçou no gato dela.

Mais uma risadinha. Que se transformou numa risada mais alta.

E então, ele estreitou os olhos e começou a gargalhar. Ele riu tanto que eu comecei a rir também, embora quebrar a perna tropeçando num gato parecesse uma coisa horrível. Ri tanto que meus olhos começaram a lacrimejar.

Mas, por fim, a risada morreu e Sohrab disse:

— Faz um bom tempo que a gente não faz uma visita a ela.

A imagem dele congelou por um segundo e ele olhou para o lado. Pensei que fosse dizer alguma coisa, mas só ficou ali parado, com o maxilar travado. Ele estava mantendo uma penugem no queixo, como se estivesse tentando deixar a barba crescer, só que sem muito sucesso.

O rosto dele parecia mais longo também. Ou ele tinha ficado mais alto, ou havia perdido peso.

Talvez os dois.

Depois de um tempo, ele disse:

— Como está o futebol?

— Muito bem. Vencemos o primeiro jogo!

Contei tudo para Sohrab: sobre o carrinho e sobre como usei a tática que ele me ensinou e sobre como eu estava começando a fazer amizade com o pessoal do time.

— Fico feliz de te ver fazendo amigos, Darioush.

— Eu também — eu disse, e engoli em seco. — Eu estava meio assustado.

— Por quê?

— Sei lá — respondi. — Você foi meu primeiro amigo de verdade. Achei que, talvez, eu não soubesse como fazer mais amigos. Talvez você fosse especial.

Pigarreei.

— Quer dizer, você é especial. Mas eu achei que... sei lá.

Sohrab estreitou os olhos de novo.

— Melhores amigos são especiais, Darioush. Mas você é um cara legal. É claro que ia fazer mais amigos. Estou feliz por você.

Sohrab sempre sabia o que dizer.

— Obrigado.

Sohrab olhou para o lado de novo, travando o maxilar.

Sohrab travava o maxilar quando estava rangendo os dentes.

Sohrab rangia os dentes quando estava pensando no pai, que tinha morrido pouco tempo antes de voltarmos de Yazd. Ele estava na prisão quando morreu: a família de Sohrab era Bahá'i e o governo iraniano costumava perseguir e prender os fiéis dessa religião.

As lembranças projetavam uma sombra sobre ele, que ia e vinha de vez em quando.

Eu o conhecia bem o bastante para ficar com ele até que passasse.

Eu e Sohrab éramos amigos nesse nível.

Por fim, ele disse:

— Darioush. Como você descobriu que estava deprimido?

— Ah.

A princípio eu não soube o que dizer.

Nunca imaginei que Sohrab me faria aquela pergunta.

Mas nem sei o porquê. Muita gente lida com a depressão.

— Bom — eu disse. — Há uma diferença entre estar deprimido e ter depressão. No caso da depressão, um médico pode te diagnosticar, mas acho que isso só acontece quando se fica deprimido muitas vezes por um longo período.

Engoli em seco.

— Sabe nas manhãs de Yazd, quando ainda tem um pouco de neblina no céu, e você consegue ver a paisagem, mas tudo fica meio cinza e desfocado nas bordas?

Sohrab assentiu.

— Era assim que eu me sentia. Quando estava nos piores momentos. Era como se eu conseguisse avistar a vida, mas sem nunca enxergá-la de fato. Só que é diferente de pessoa para pessoa. Meu pai me disse que, quando ele estava deprimido, ficava cansado o tempo todo. E nunca queria fazer nada.

Engoli em seco de novo.

— Você acha que pode estar deprimido? Ou ter depressão?

— Não sei — disse ele. — Talvez. Às vezes eu me sinto assim. A neblina.

— Tem algum médico a que você possa ir para ver isso?

— Acho que não.

— E sua mãe? Acha que pode conversar com ela?

— Talvez — disse ele, e suspirou.

Sohrab era uma das pessoas mais felizes que eu conhecia, mas até ele tinha seus momentos de tristeza.

Para ser sincero, eu sentia que estava vendo aqueles momentos com cada vez mais frequência. Assim como os momentos de raiva.

Sohrab carregava muita raiva dentro dele, uma raiva que ele nem sempre sabia como conversar a respeito, só quando eu insistia um pouco.

Eu odiava o quão longe de mim meu melhor amigo morava.

— Você sabe que sempre pode conversar comigo, né? Ghorbanat eram.

— Eu sei, Darioush. Sempre.

Estética da Camisa Preta

Landon já estava esperando por mim no bicicletário da Cidade das Rosas quando eu cheguei.

Ele estava com um sorriso.

— Oie.

— Oie.

Ele me puxou para um abraço. Apoiei o queixo sobre o cabelo dele, que tinha cheiro de amêndoas, flor de laranjeira e garoto. Ele olhou para cima e me beijou, primeiro na bochecha e depois na boca.

— Que saudade. Desculpa por não ter conseguido assistir ao jogo.

— Tudo bem. Também estava com saudade.

Landon passou a mão pela minha nuca e me beijou de novo. Apoiei a mão na cintura dele e o beijei de volta.

Parecia cena de filme, nós dois nos beijando sob a marquise enquanto a chuva molhava a calçada. Até eu escutar alguém pigarreando.

O sr. Edwards estava parado na porta.

Minha nuca ficou arrepiada.

— Hum.

Engasguei e dei um passo para longe de Landon, puxando a barra do casaco.

— Melhor eu ir me trocar.

— Te espero na sala de degustação quando você estiver pronto.

No meu emprego anterior, na Paraíso do Chá, meu uniforme era uma camisa de botão preta e avental azul. A Cidade das Rosas mantinha a Estética da Camisa Preta, mas era uma de gola V com o logo da loja (uma xícara de chá com uma rosa desabrochando no topo) estampado nas costas,

e pequenos bules estampados nas mangas. Nós também precisávamos usar jeans escuros.

Eu gostava de como aqueles jeans escuros ficavam em mim. Principalmente na minha bunda que, como eu disse, estava colhendo os benefícios de todos os agachamentos que eu andava fazendo.

Landon gostava de me ver de jeans também. (Assim como eu, por causa da minha bunda.)

Amarrei os cadarços do tênis, conferi o cabelo no espelho, ajustei o crachá no peito e bati o ponto.

— Vamos, Darius. Temos algo especial hoje — disse o sr. Edwards enquanto despejava água num conjunto de gaiwans.

Landon já estava sentado à mesa de degustação com o caderno aberto. Me sentei ao lado dele e peguei meu caderno também.

Landon pressionou o joelho contra o meu. Segurei a mão esquerda dele e desenhei círculos com o polegar.

Eu devia estar com um sorriso bobo, porque o sr. Edwards percebeu e deu uma piscadinha para mim.

O sr. Edwards estava superfeliz por eu estar namorando o filho dele, tão feliz que chegava a ser meio esquisito.

Quer dizer, meus pais gostavam de Landon, mas nunca deram uma piscadinha para ele.

E também não eram os chefes de Landon.

Era esquisito.

O sr. Edwards pigarreou.

— Esse chá se chama Long Jing.

Ele pegou a primeira gaiwan, uma tigela de porcelana branca com tampa e pires, empurrou a tampa com o polegar e serviu o chá numa xícara de degustação, mantendo as folhas dentro da tigela.

— Também conhecido como...?

Me deu branco.

Eu amava as degustações, mas também ficava um pouco nervoso. Eu me sentia numa sala de aula, e o sr. Edwards era um professor que eu realmente não queria decepcionar.

— Poço do Dragão — disse Landon.

— Muito bem. Essa leva foi colhida antes do festival de Qingming.

Anotei o nome para pesquisar depois, porque o sr. Edwards seguiu em frente com a explicação. Ele falou sobre o formato da folha, sobre a torra na panela, os preços e o cultivo biodinâmico.

Anotei tudo o mais rápido possível.

E então, finalmente, chegamos na melhor parte: provar o chá de fato.

Era amanteigado, doce e só um pouquinho amendoado.

— Hummm, nossa — eu disse, pegando mais uma colherada.

Landon provou ao meu lado.

— Hummm. Berinjela?

O sr. Edwards assentiu.

— Bok Choi?

Ele assentiu de novo.

Provei mais um pouco. Eu não estava sentindo nenhum daqueles sabores. E, sendo persa, eu conhecia muito bem o gosto da berinjela, que em persa nós chamamos de bademjoon, e cujo consumo eu era categoricamente contra.

O sr. Edwards olhou para mim.

— É... castanha?

— Hum.

Ele deu uma colherada, deixou o chá na língua por um tempo e engoliu.

— Interessante.

Ele serviu o gaiwan seguinte.

Eu provei e continuei fazendo anotações.

Depois de limparmos a sala de degustação, o sr. Edwards disse:

— Você pode ficar no caixa? Landon vai organizar o estoque.

— Sem problemas.

Estagiários, tecnicamente, sempre ficavam no caixa, mas, às vezes, fazíamos outras coisas quando a loja estava superlotada. Ajudávamos com o estoque, o atendimento, a limpeza e coisas do tipo.

O caixa era basicamente um tablet que ficava sob um daqueles eixos que mudam de ângulo e giram. Parecia algo da Frota Estelar e isso quase compensava o fato de ser uma tarefa tão entediante.

Quase.

Passei as compras de um Casal de Empresários Casuais que estava levando uma amostra de chá verde chinês e uma gaiwan para prepará-lo; um cara descolado de barba e boina que decidiu passar a tomar chá em vez de café por “motivos de saúde”. O sr. Edwards pegou uma lata de Darjeeling da prateleira e me pediu para dar baixa no estoque.

Vez ou outra, Landon surgia dos fundos da loja empurrando um carrinho de produtos para repor as prateleiras. Ele sorria quando passava por mim, fazia carinho no meu braço ou beijava minha bochecha.

Teve uma hora em que ele até deu um tapinha na minha bunda.

— Ei! — eu disse, mas ele apenas sorriu e continuou andando, como se não tivesse feito nada.

— Com licença — disse uma cliente.

Ela vestia um suéter cor-de-rosa e calça *legging* com estampa de galáxia, um visual bem legal na minha opinião.

— Vocês têm mais Bai Hao?

Bai Hao era um dos nossos oolongs mais vendidos. O chá era cultivado em Taiwan, e todo ano uns insetos apareciam para mastigar as folhas até a planta ativar um mecanismo químico de defesa natural que os espantava. Aquela química mudava o sabor do chá, o deixando frutado, floral e incrível.

Olhei para a prateleira, mas Landon ainda não tinha trazido mais.

— Temos mais lá no estoque. Vou buscar e já volto.

Acenei para Alexis, que estava no bar de degustação, e pedi para que ela ficasse de olho no caixa para mim.

— Claro, meu bem — disse ela.

Encontrei algumas caixas fechadas com latas de Bai Hao no estoque, junto com Landon, que estava sentado contra a parede mexendo no celular.

— Oi — disse ele. — Precisa de alguma coisa?

— Bai Hao.

Me estiquei para pegar as caixas, que estavam na prateleira do alto, onde Landon não conseguiria alcançar sem ajuda de um banquinho, e empilhei algumas caixas extras no carrinho para estocar depois.

— Tá bom.

Landon guardou o celular no bolso e se levantou. Ele passou os dedos pelo meu cinto e me puxou para mais perto. Levantei as caixas de chá sobre a cabeça para que ele não esbarrasse nelas.

— Você trabalha demais.

— Só estou ajudando uma cliente.

— Você está sempre ajudando alguém — disse ele, sorrindo. — Essa foi a primeira coisa que eu reparei em você.

Conheci Landon no meu primeiro dia de trabalho na Cidade das Rosas — o sr. Edwards nos apresentou e me mostrou a loja —, mas só fomos nos conhecer de verdade quando trabalhamos juntos no estande da Cidade das Rosas durante a Parada do Orgulho de Portland, servindo um chá gelado rosa-choque de hibisco.

Landon já tinha frequentado a Parada antes — ele se assumiu bissexual no ensino fundamental —, mas aquela tinha sido minha primeira vez. Eu só tinha me assumido para os meus pais, tipo, duas semanas antes.

— Não precisa ter medo — dissera ele. — A gente não morde.

— Não estou com medo. Eu sou gay. É que essa é a minha primeira vez, só isso.

— Eita, sério? — perguntara ele, sorrindo.

Landon Edwards tinha o tipo de sorriso capaz de mudar a rota de um cometa e enviá-lo diretamente para o sol.

— Hum. Sim.

— Legal. Eu sou bi.

— Ah, legal.

Nós passamos aquele dia inteiro conversando — interrompidos pelas vezes em que precisei correr para buscar mais sacos de gelo e galões de água.

— Não precisa fazer isso toda vez — tinha dito ele. — Eu e Alexis podemos ajudar também.

— Eu não ligo.

Landon sorriu de novo.

— Bom, obrigado. Pelo menos bebe um pouco de chá para se refrescar.

Isso foi antes do meu corte de cabelo, quando eu tinha aquela juba de cachos pretos que esquentava muito durante o verão.

— Tá bom. Obrigado.

Landon se inclinou para me beijar, e as mãos dele deslizaram do meu cinto até a minha lombar. Eu o beijei de lábios fechados, mas aí ele começou a usar a língua e a apertar minha bunda, e eu me afastei.

— Ei — eu disse. — Tenho que voltar lá. Não posso...

— Não pode o quê?

Engoli em seco e dei uma olhada para a porta aberta do estoque.

— Não posso ter uma ereção no meio do trabalho.

Landon sorriu de novo — ele tinha o sorriso mais charmoso do mundo — e me soltou.

— Desculpa. Mas é que já faz um tempo que a gente não faz isso.

— Eu sei.

Lembrei da conversa que tive com meu pai. Sobre diálogo. Respirei fundo e disse:

— Mas eu preciso que a gente vá um pouquinho mais devagar. Tá bom? Você é meu primeiro namorado.

Landon continuava com o sorriso no rosto.

— Quê?

— Que o quê?

— Você me chamou de namorado.

Alerta Vermelho.

— Hum. Tudo bem por você?

Landon me encarou e outro cometa despencou no sistema solar.

— Sim. Sim, tudo bem. Namorados — disse ele, mordendo o lábio.

— Às vezes eu me esqueço de como isso tudo ainda é novidade para você.

— Desculpa.

— Não precisa pedir desculpas. Cada um tem um ritmo. Tá bom?

— Tá bom.

Landon me deu um último selinho.

— Nos vemos depois?

— Sim, nos vemos depois.

— Darius, posso conversar com você um instante?

— Claro.

O escritório do sr. Edwards ficava num cantinho escondido atrás da sala de degustação, com portas e paredes de vidro e tijolos aparentes nas outras duas paredes. Os tijolos eram cobertos de mapas das regiões de cultivo de chá ao redor do mundo, e fotos (incluindo algumas superfofas de

Landon criança), e post-its com listas de tarefas. O sr. Edwards sempre desenha quadradinhos antes de cada item das listas de tarefas, para poder marcá-los depois com um check todo elaborado.

— Você já está completando três meses aqui, então eu gostaria de ver como estão as coisas. Continua gostando?

— Muito! Sim. Com certeza. Estou aprendendo bastante.

— Que bom. A equipe gosta de você.

— E eu gosto de trabalhar com a equipe.

— E, obviamente, Landon também gosta muito de você.

Fiquei corado.

— Quer dizer...

O sr. Edwards deu uma piscadinha.

— Bem, você se tornou uma parte importante da nossa dinâmica aqui. Então estive pensando. O que acha de tornarmos seu estágio em algo mais oficial?

— Tipo o quê?

O sr. Edwards riu.

— Tipo um emprego.

— Achei que eu precisava ter dezoito anos para ter um emprego.

— Para algumas coisas precisa mesmo, como operar maquinários.

Mas você já está basicamente trabalhando. Muito mais do que um estagiário deveria. Você merece ser pago.

Enrolei a barra da camisa nos dedos e analisei as listras brancas do meu tênis.

— Sêrio?

— Sêrio.

Não consegui me segurar.

Abri um sorriso.

— Tudo bem, então.

Eu estava enchendo a lava-louças depois de fecharmos a loja quando Landon chegou e me abraçou por trás.

— Ei — disse ele. — Meu pai conversou com você?

— Conversou.

— E você aceitou, né? Eu disse a ele que você aceitaria.

— Disse?

— A gente conversou sobre isso ontem à noite.

Fechei a lava-louças e me virei.

— Minha ficha ainda não caiu.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Sei lá.

Landon entrelaçou as mãos por trás da minha nuca.

— Você vai arrasar.

— Obrigado.

Ele me beijou e eu o beijei. Ele soltou uma risadinha quando me aninhei no pescoço dele, e suspirou quando acariciei o queixo dele com as costas da minha mão.

— Meu namorado — disse ele, suspirando.

Sorri com a boca colada na dele.

Landon deu um passo para a frente, me empurrando contra a lava-louças. A máquina desligou, mas nós a ignoramos e continuamos o beijo. Curvei minha cintura para trás para não pressionar muito o corpo dele. Eu não queria que Landon sentisse o quão excitado eu estava. Não momentos depois de eu ter dito que queria ir mais devagar.

As luzes da loja apagaram, e o sr. Edwards gritou para nós, avisando que estava na hora de ir embora.

Beijei Landon mais uma vez, e ele apertou minha bunda antes de alisarmos nossas roupas e seguirmos o sr. Edwards pela porta dos fundos.

A volta para casa foi bem desconfortável, com minha bolsa transversal apoiada no colo dentro do ônibus.

Meu pai já tinha esquentado o jantar para mim e o chá já estava pronto. Tínhamos um episódio de duas partes para assistir — “Causa improvável” e “A sorte está lançada” — e já estava tarde.

Mas eu não consegui relaxar. Fiquei repassando os acontecimentos da noite na minha cabeça.

— Darius?

— Sim?

— Você está chateado comigo?

— Quê? Não. Por quê?

— Você está tão calado. E sua perna não para de tremer.

Aquietei o joelho e pausei o episódio.

— Desculpa, é que aconteceu muita coisa hoje no trabalho. O sr. Edwards me ofereceu um emprego.

— Que incrível! — disse meu pai, me puxando para beijar minha testa. — Nossa, estou tão orgulhoso, Darius! Por que não me contou antes?

— Sei lá. Ainda parece meio estranho. E, bom. Aconteceu outra coisa também.

— Que coisa?

Quase voltei a tremer a perna, mas me segurei.

— Eu e Landon somos oficialmente namorados agora.

Meu pai se afastou para me olhar nos olhos.

— E como você está se sentindo?

— Feliz — respondi. — Muito feliz.

— Que maravilha. Você merece ser feliz.

— Obrigado, pai.

Apertei o play e nós terminamos os episódios. Mantive as mãos cruzadas em cima do colo, porque não conseguia parar de pensar em Landon.

Eu precisava muito dar uma aliviada.

Eu geralmente fazia antes de dormir e, às vezes, de manhã também, depois de correr. Bem, quase toda manhã, para ser sincero.

Desde que o dr. Howell mudou minha medicação, minha libido estava na velocidade da luz.

Eu me perguntava se outros garotos também se sentiam daquele jeito.

Me perguntava se Landon se sentia.

Me perguntava por que eu imaginava Landon me tocando quando me masturbava, mas me encolhia todo quando ele me tocava abaixo da cintura na vida real.

Era algo normal.

Certo?

A taxonomia das comidas de café da manhã

Na manhã de sábado, em vez de dormir até mais tarde, acordei com o cheiro de algo muito bom: rolinhos de canela.

Na taxonomia das comidas de café da manhã, rolinho de canela é o único alimento mais amado que bacon.

Peguei meu moletom do chão, vesti as mesmas calças de corrida do dia anterior, e fui até a cozinha com a boca cheia d'água. Rolinhos de canela só poderiam significar uma coisa: Vovó e Oma tinham chegado.

Como era de se esperar, Oma estava na pia, esfregando a panela que meu pai deixou de molho durante a noite, e Vovó estava enchendo a chaleira.

Pigarreei.

— Bom dia.

Vovó se virou.

— Bom dia, Darius.

Melanie Kellner era alta, quase um e oitenta, com cabelo grisalho num corte bem curtinho e olhos azuis como o céu. Os óculos com armação transparente estavam apoiados na testa, e ela os colocou no rosto para me analisar.

— Você cresceu.

— Só um pouco.

Oma me espiou por cima do ombro.

— E finalmente cortou o cabelo.

Cocei a nuca.

— É.

Ela voltou a lavar a louça enquanto eu dava um beijo na bochecha dela. Oma era mais alta que a Vovó, mas por pouco. O cabelo dela era maior, abaixo dos ombros, e meio castanho-claro, com algumas mechas grisalhas. Ela também tinha olhos azuis, só que mais escuros, mais parecidos com os do meu pai. E também tinha o mesmo maxilar teutônico que ele.

Beijei Vovó também e dei um daqueles abraços desengonçados de ladinho.

Minhas avós só davam abraços de ladinho.

— Você está com uma coleção e tanto — disse Vovó, inspecionando meu armário de chás.

Estava lotado de latas e sachês e potes de vidro. Sem falar na jarra de chá persa que ficava no balcão porque era grande demais e não cabia no armário.

— O que tem de novo?

— Esse aqui.

Peguei um pote de vidro cheio de Assam de colheita exclusiva.

— É bem gostoso e leve.

Ela abriu a tampa e sentiu o cheiro.

— Hummm. Os rolinhos de canela estão quase prontos.

— Cadê o Stephen? — perguntou Oma, enxaguando a panela e tirando a vedação do ralo para a água descer. — E sua mãe e Laleh?

— Meu pai gosta de deixar minha mãe dormindo até mais tarde nos fins de semana.

— Hum.

Mas, assim que eu respondi, minha mãe entrou na cozinha, já arrumada para trabalhar.

Eu odiava quando ela precisava trabalhar nos fins de semana.

— O cheiro está bom, hein? — disse ela, cumprimentando Vovó e Oma com beijos. — Guarda um pra mim?

— É claro — disse Oma.

Minha mãe beijou minha testa antes de seguir em direção à porta.

— Se divirta com suas avós.

— Pode deixar. Obrigado.

Enquanto eu preparava um bule de Assam, Laleh desceu as escadas, sem dúvidas atraída pelo mesmo aroma tentador que me tirou da cama.

— Quer me ajudar a colocar a cobertura, Laleh? — perguntou Vovó.

Ela entregou um sachê plástico com cobertura para Laleh.

— Sim.

Laleh usou um garfo para desenhar ziguezagues por cima dos rolinhos na assadeira redonda, enquanto eu arrumava a mesa para cinco.

— Seu pai não está dormindo até agora, está? — perguntou Vovó.

— Estava no banho — disse meu pai, da porta.

Ele vestia calça de moletom azul e uma camiseta cinza da Kellner & Newton, com o cabelo curto molhado e bagunçado. Meu pai geralmente mantinha o cabelo louro arrumado e penteado para o lado, mas isso tinha sido antes dele e da minha mãe estarem cansados o tempo todo.

— Deixou o ventilador ligado? — perguntou Oma. — Nós vamos lavar os banheiros depois do café da manhã.

— Não precisa fazer isso, Linda.

Meu pai sempre chamava Oma pelo primeiro nome.

— Alguém tem que limpar, né?

Meu pai pigarreou e apoiou a mão sobre a minha cabeça.

— Quem está com fome?

Depois do café da manhã, subi as escadas correndo para ver se meu quarto estava arrumado antes que Vovó e Oma chegassem nele.

Quer dizer, eu mantinha o quarto limpo desde os meus quatorze anos, quando percebi como os pelos da minha perna viviam caindo e me senti esquisito vendo meus pais varrendo o chão toda hora.

E, como eu e Laleh dividíamos o mesmo banheiro, eu era muito cuidadoso para não deixar nada constrangedor à mostra.

Não é como se eu tivesse alguma coisa constrangedora, nem nada. Só uma caixa de camisinhas aberta, com uma camisinha faltando, porque meu pai me fez treinar usando um pepino durante uma das nossas conversas.

Em casas persas é mais comum haver pepinos dando sopa do que bananas.

Eu sabia que não usaria nenhuma delas antes do prazo de validade. E disse isso ao meu pai. Mas ele me mandou guardá-las porque “nunca se sabe”. E era por isso que eu tinha uma caixa de camisinhas escondida na minha mesa de cabeceira com apenas uma faltando.

Tá bom. Duas.

Eu treinei em mim mesmo uma vez.

“Nunca se sabe”, né?

— Darius?

Bati o cotovelo no balcão.

— Ai. Oi, Laleh.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Só estou vendo se temos... hum, materiais de limpeza e tal. Para a Oma e a Vovó.

— Acho que faxina é a coisa favorita delas.

— Também acho.

Coloquei todos os produtos de limpeza sobre o balcão.

— Já terminou? Preciso fazer xixi.

— Sim. Foi mal.

— Obrigada.

Depois do jantar — lasanha congelada, um dos ícones da culinária de Vovó e Oma — preparei uma chaleira grande de Poço do Dragão.

— O que é isso? — perguntou Oma enquanto experimentava.

— Poço do Dragão. Long Jing. Nós provamos ontem.

— É uma delícia.

— Sim.

Vovó colocou a cabeça por trás da porta da geladeira, que ela decidiu esfregar de cima a baixo.

— Seu pai disse que você arrumou um emprego.

— É.

— Que beleza.

Oma assentiu, e nós bebemos chá em silêncio.

Não era um Silêncio Constrangedor, mas era desconfortável mesmo assim.

Elas tinham tanta aversão à conversa-fiada quanto os Vulcanos.

Meu pai apareceu, vindo da sala.

— Darius. Pronto para *Star Trek*?

— Sim. Quer chá?

Ele assentiu.

— Mãe? Linda? Querem assistir com a gente?

— Não, obrigada — disse Oma.

E Vovó já havia voltado para a limpeza da geladeira.

Então, servi o chá para o meu pai, peguei minha xícara e me sentei no sofá para assistirmos a “Exploradores”, um episódio excelente sobre o Capitão Sisko e o filho dele, Jake, viajando juntos numa réplica de uma antiga nave de vela solar.

Na manhã seguinte, meu pai faria uma viagem sem mim.

Me senti melancólico e inquieto ali, com os braços do meu pai ao meu redor, e me aninhei para apoiar a cabeça no ombro dele, embora tivesse que colocar o corpo para fora do sofá para caber direito.

Desde que eu fiquei mais alto do que o meu pai, tive que mudar todos os meus hábitos.

Aquilo me deixava melancólico.

E inquieto.

Na manhã de domingo, as luzes da casa estavam acesas quando voltei da corrida. A porta da garagem estava aberta, e o carro da minha mãe já estava na saída com o porta-malas aberto. Parei na calçada para alongar as panturrilhas, mas minha mãe me avistou da porta e acenou, me chamando para dentro.

— Pode me ajudar com a mala do seu pai?

— Ah, claro.

Tirei os tênis de corrida, sequei o rosto e corri para o segundo andar. Meu pai estava guardando os itens de higiene pessoal numa bolsinha de plástico transparente quando eu bati na porta.

— Oi. Quer ajuda?

— Claro. Só um segundo.

Ele jogou a nécessaire de couro marrom com o kit de barbear dentro da mala — ele ainda não havia se barbeado, e o bigode dourado refletia a luz do banheiro — e fechou o zíper.

Me abaixei para pegar a mala, mas ele me interrompeu.

— Você vai ficar bem?

— Sim — respondi. — Um mês passa rápido. E você vai voltar nos fins de semana, não vai?

— Sempre que puder.

— Tudo bem.

Meu pai já havia feito viagens a trabalho antes, mas aquilo tinha sido na época em que nós dois não nos dávamos muito bem, e quando ele saía da cidade era como se tirássemos férias um do outro.

Agora, só de pensar em ficar longe dele por tanto tempo, eu sentia um aperto no coração.

Ele me puxou para mais perto, apoiando a mão na minha nuca onde o degradê estava começando a crescer.

Ele pareceu ficar me segurando por muito mais tempo do que o normal.

E eu senti uma coisa, uma agitação no diafragma. Meio difícil de explicar.

Quando ele me soltou, eu perguntei:

— E você? Vai ficar bem?

— É claro. Mas vou sentir saudade de vocês.

— Vamos ter muitos episódios *Star Trek* para colocar em dia quando você voltar.

— Com certeza.

Meu pai passou a bolsa transversal sobre o ombro.

— Anda. Vamos colocar isso aqui no carro.

Enquanto minha mãe levava meu pai até o aeroporto, Vovó e Oma decidiram aspirar a sala de estar.

Ajudei da melhor maneira que pude, arrastando o sofá e as cadeiras, até elas me expulsarem de lá porque eu estava atrapalhando.

Então, decidi fazer chá persa.

Laleh tomou uma xícara, junto com os rolinhos de canela que sobraram, enquanto eu preparei ovos mexidos para mim.

— Está tudo bem, Laleh?

— Sim.

— Está triste porque o papai foi viajar?

— Acho que sim — disse ela, dando de ombros.

Laleh não olhava para mim. E, mais uma vez, pensei que havia alguma coisa a chateando.

Algo que ela ainda não queria dizer em voz alta.

Minha mãe voltou pouco depois das nove da manhã. Àquela altura, Vovó e Oma já haviam começado uma faxina intensa na cozinha, então eu

peguei uma xícara de chá para a minha mãe antes que elas isolassem completamente o lugar.

— Obrigada — disse minha mãe. — Vou ligar para Mamou. Quer dar um oi para ela?

O aperto no peito.

— Sim.

Eu queria muito falar com a Mamou.

Mas toda vez que nós conversávamos eu ficava morrendo de medo de ouvir más notícias.

Nos acomodamos no escritório com a porta fechada para abafar o som da limpeza no andar de baixo. Minha mãe inflava as narinas toda vez que escutava um barulho alto que fazia o chão da casa vibrar.

Depois de alguns toques, o rosto de Mamou apareceu na tela do computador.

— Eh! Salaam Shirin-jan, chetori toh?

Mamou e minha mãe conversaram em persa por um minuto enquanto eu escutava e sorria. A voz de Mamou estava carinhosa e feliz, embora os olhos parecessem cansados.

— Oi, Darioush-jan, como estão as coisas, maman?

— Estou bem. E você?

— Sabe como é, vou indo. Me mantendo ocupada o tempo todo. Como está o colégio? E as namoradinhas?

Mamou me perguntava aquilo toda vez.

Eu ainda não havia contado para ela sobre Landon.

Não havia contado que eu era gay.

Fariba Bahrami era iraniana, e eu conhecia o suficiente a respeito do Irã para saber que ser gay era um assunto meio delicado. Ninguém nunca falava a respeito.

Eu só tinha contado para Sohrab porque contava tudo para ele.

Não é como se eu achasse que Mamou deixaria de me amar.

Não exatamente.

Mas eu não conseguia me livrar do medo de que talvez, só talvez, ela poderia ter algum problema com a minha sexualidade.

Eu não sabia se seria capaz de aguentar Mamou me olhando de outro jeito.

Acho que meu coração não sobreviveria.

Minha mãe se remexeu na cadeira. Dava para sentir os olhos dela me encarando como uma mira travada.

— Não. Estou focado nos estudos agora — respondi, e, depois, para mudar de assunto, perguntei: — Como está Babou?

Mamou suspirou.

Às vezes, durante nossas conversas com Mamou, ela começava a chorar.

Era uma coisa horrível ver minha avó chorando. Estar a quilômetros e fronteiras e continentes de distância e não poder abraçá-la.

Mas, nas últimas ligações, ela apenas suspirava.

— Não mudou muita coisa. Ele não tem passado muito tempo acordado.

— Ah.

— Mas ele pergunta de você.

— Sério?

— De você e da Laleh.

Senti minha barreira começando a quebrar. Funguei.

— Nós estamos bem, Mamou. Pode dizer isso para ele? E diz também que nós o amamos muito.

Mamou sorriu para mim, mas os olhos carinhosos dela começaram a lacrimejar, os cantinhos estavam caídos.

Sequei meus olhos com a ponta dos dedos.

— Eu aviso, sim, maman.

Lolly

— Laleh! — chamou minha mãe. — Vamos chegar atrasadas!

Eu não consegui ouvir a resposta de Laleh do meu quarto, onde estava me arrumando para o colégio, mas deu para perceber que minha mãe não ficou muito feliz, porque ela gritou:

— Anda logo!

Minha mãe ainda não havia saído para o trabalho, estava esperando para poder levar Laleh até a escola — geralmente era meu pai quem a levava —, e aquilo significava que ela pegaria o horário de pico para chegar no escritório.

Peguei minhas coisas e desci as escadas. Laleh estava sentada num banquinho ao lado do portão da garagem, amarrando os cadarços entre uma fungada e outra.

— Posso ficar em casa hoje?

O rosto da minha irmã estava vermelho e molhado de lágrimas.

Eu devo ter perdido o Apoca-Laleh-lipse enquanto estava no banho.

— Não — respondeu minha mãe, empilhando pratos dentro da pia. — Acho bom você já estar pronta quando eu descer.

A voz da minha mãe estava aguda e a cara, amarrada.

— Bom dia, Darius — disse ela, correndo de volta para o andar de cima.

— Oi, Laleh — eu disse, delicadamente.

Me ajoelhei ao lado dela, peguei o sapato esquerdo e deslizei pelo pé dela.

— O que houve?

Laleh fungou mas não respondeu. Ela observou minha mão enquanto eu amarrava o cadarço.

— Muito apertado?

Ela balançou a cabeça.

Amarrei o calçado direito, e depois segurei as mãos dela e dei uma balançadinha.

— Laleh?

— Eu só não quero ir para a escola hoje.

— Por quê?

— Eu não gosto.

Fiquei surpreso ao ouvir minha irmã dizendo aquilo, porque ela sempre gostou de ir para a escola.

Laleh tinha o dom de se dar bem nas provas — um traço genético que nossos pais falharam em passar para mim — e sempre tirava nota máxima. Os professores e colegas de classe também gostavam dela.

Puxei a manga do meu moletom até a palma da mão e sequei as lágrimas de Laleh.

Talvez aquele fosse o motivo pelo qual ela andava tão calada.

— Como assim?

— Não sei.

— Sua professora fez alguma coisa?

Ela deu de ombros.

— Ou foi alguém da sua turma?

Ela deu de ombros de novo, mas depois assentiu.

— Quer me contar?

Laleh olhou para mim, e depois de volta para os sapatos.

— Micah e Emily não estão mais falando comigo.

— Por quê? O que aconteceu?

— Não sei — disse ela, com a voz embargada. — Eles ficam me chamando de Lolly.

Aquilo era absurdo. Micah e Emily eram amigos de Laleh desde a primeira série. Eles sabiam como pronunciar o nome dela corretamente.

— Que falta de respeito — eu disse, e franzi a testa. — Por que eles estão fazendo isso?

— Começou quando voltamos do Irã.

— Ah.

Depois da nossa viagem para o Irã, também tive que enfrentar rejeição e fofocas no colégio. (Trent Bolger até tentou espalhar um boato de que eu havia me juntado ao ISIS.) Mas eu odiava saber que aquilo estava acontecendo com a minha irmã.

Não importa a idade, nunca é bom lembrar aos seus colegas de classe que você é diferente.

Caso contrário, você corre o risco de se tornar um Alvo.

* * *

Sequei o rosto de Laleh da melhor forma que pude, dei um beijo na cabeça dela e ajudei a colocá-la no carro da mamãe.

Minha mãe saiu com o cabelo amarrado num coque bagunçado — estava usando aquele penteado com certa frequência em vez do cabelo solto e penteado de sempre — e me deu um abraço rápido.

— Obrigada por acalmar sua irmã — disse ela. — Acho que ela está cansada. Sempre fica acordada até tarde lendo.

— Não é isso — eu disse. — Os colegas de classe dela estão sendo racistas.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Eles estão na terceira série.

— Mesmo assim.

Minha mãe deu um beijo na minha bochecha.

— Sei que você só está tentando proteger sua irmã. Não se preocupe, vamos conversar hoje à noite. Te amo.

Observei minha mãe e Laleh indo embora. Assim que o carro desapareceu na esquina, peguei minha bicicleta e comecei a pedalar em direção ao colégio.

Estava chovendo, o tipo de chuva que tem cheiro de congelador, e coloquei o capuz por cima do capacete. A quase um quilômetro e meio do Colégio Chapel Hill, avistei Chip pedalandando na minha frente, e aumentei a velocidade para alcançá-lo. Por baixo do capacete, o cabelo dele estava grudado na testa, mas Chip sorriu mesmo assim.

Eu nunca conheci alguém que sorria tanto quando Cyprian Cusumano.

— Oi, Darius.

— Oi.

— Como foi o seu fim de semana?

— Legal. E o seu?

Chip deu de ombros.

— Nada mal.

— Legal.

Chip sorriu para mim de novo, e depois olhou para a frente enquanto nos aproximávamos da Grande Colina.

Diminuí a velocidade e fiquei atrás dele para nos mantermos perto da calçada, porque poucas coisas na vida eram tão assustadoras quanto estar passando de bicicleta pela rua em frente ao Colégio Chapel Hill quando um aluno do último ano chegava atrasado para a primeira aula.

A camiseta de Chip subiu pelas costas dele enquanto ele pedalava. Ele tinha aquelas covinhas na lombar.

Engoli em seco e mantive os olhos na rua.

— Te vejo no treino? — perguntou ele enquanto guardávamos as bicicletas.

— Sim. Até mais.

O treinador Winfield parecia gostar de torturar os Atletas do Colégio Chapel Hill. Era a única explicação possível para ele nos mandar praticar tiros de corrida por uma hora.

Só Trent Bolger conseguiu se safar, porque aparentemente ele estava com “dores sérias na canela”.

O Complexo Industrial Esportivo em sua melhor forma.

Quando o treinador Winfield apitou, achei que fosse vomitar. Até Gabe caiu de joelhos no chão, ofegante e meio pálido e, como eu disse, ele era o cara mais rápido que eu conhecia.

— Muito bem, rapazes — gritou o treinador Winfield. — Vão tomar banho e sumam daqui.

Rastejei até o vestiário, seguindo Jaden e Gabe. Eles estavam com as mãos atrás da cabeça em posição de rendição, o que era meio injusto, já que os dois tinham ombros muito musculosos.

Eu queria que os meus fossem musculosos também.

— Tarado na área — disse Trent atrás de mim.

— Cala a boca, Trent.

— Vem calar, D-quatro.

Ele me ultrapassou correndo, me dando o dedo do meio.

Jaden se virou para mim.

— Ele acabou de...

— Sim — disse Gabe, fuzilando Trent com o olhar. — Como você deixa ele se safar com essas coisas?

Dei de ombros.

— Poderia ser pior. Ano passado ele vivia me chamando de terrorista.

Jaden franziu a testa.

— Sêrio?

— Sim.

A questão é que Gabe e Jaden eram gente boa, mas nunca tiveram que lidar com serem Alvos. Eles sequer sabiam o que era aquilo antes de me

conhecerem e verem como Trent me tratava.

Acho que, naquele momento, os dois descobriram algo sobre mim.

Jaden diminuiu o passo até ficar do meu lado e apoiou a mão no meu ombro.

— Você é um cara legal, Darius — disse ele. — Não merece passar por isso.

E Gabe, se posicionando do meu outro lado, completou:

— Pode contar com a gente.

Deu vontade de chorar.

Só um pouquinho.

Mas eu não podia chorar na frente deles, então, em vez disso, eu disse:

— Obrigado. Mas não precisam se preocupar com uma besteira dessas.

Rachadura catastrófica na carcaça

— Como foi? — perguntou Chip.

Ele já estava pronto para o treino, recostado num armário com os braços cruzados enquanto eu amarrava minhas chuteiras.

— Ahn?

— Na prova de Álgebra.

— Tirei C. Foi por pouco.

— Quer repassar as questões mais tarde?

— Não precisa fazer isso por mim.

— Mas eu gosto.

Analisei Chip.

Ele não estava sorrindo — não exatamente —, mas havia alguma coisa por trás dos olhos castanhos dele. O fantasma de um sorriso, talvez. Ou um eco temporal de um sorriso que ainda estava por vir.

— Tudo bem — respondi. — Beleza. Obrigado.

Ajustei as caneleiras e segui Chip até o campo.

— O treinador Winfield nos fez correr hoje — comentei. — Se eu morrer durante o treino diga aos meus chás que eu amo cada um deles.

— Se você morrer durante o treino, posso ficar com o seu armário?

O armário de Chip ficava na outra ponta do vestiário, junto com os dos jogadores de futebol americano — uma última lembrança de quando ele fazia parte do outro time. Pelo menos uma vez por semana ele reclamava do fedor daqueles armários.

— Muito bem, Chargers! — gritou a treinadora Bentley quando todos chegamos. — Vamos começar com umas voltas pelo campo e, ao som do

apito, formem um círculo.

Chip deu um tapinha nas minhas costas e começou a correr. Eu acompanhei o ritmo dele apesar da dor nas pernas. Passamos por Jaden, que parecia estar com tanta dor quanto eu. Gabe corria como de costume, firme, rápido e incansável, como se não tivesse passado uma hora praticando tiros de corrida depois do almoço.

Quando chegamos na metade da quinta volta, a treinadora apitou duas vezes e nós formamos um círculo perto da trave.

A manhã chuvosa deu lugar a uma tarde nublada, e a brisa gelada atravessava meu uniforme e me dava calafrios. Demos as mãos e eu fiquei feliz por estar no meio dos corpos quentes de Chip e James.

A treinadora começou o discurso.

— Vocês ganharam o primeiro jogo e estou muito orgulhosa. Não pela vitória, mas pelo esforço de todos vocês. Então, vamos continuar assim.

Jonny Sem H nos disse como Jaden emprestou dinheiro para ele almoçar; e Gabe nos contou sobre como Ricky revisou o trabalho dele para a aula de Escrita Criativa.

Ao meu lado, Chip disse:

— Eu estava meio mal hoje de manhã, mas encontrei Darius no caminho e nós pedalamos juntos até o colégio. Me senti muito melhor depois. Obrigado, Darius.

Ele apertou minha mão.

Minhas orelhas começaram a queimar.

Eu não tinha feito aquilo de propósito.

Não merecia os elogios de Chip.

Chegou a minha vez e eu disse:

— Chip disse que vai me ajudar com a matéria de Álgebra II. E eu estou precisando muito de ajuda. Então, obrigado, Chip.

Tentei apertar a mão dele também, mas como nossos braços estavam cruzados, me confundi e apertei a mão do James.

Acho que ele nem reparou, ou apenas pensou que eu estava avisando que era a vez dele, porque ele nos contou sobre como a treinadora Bentley tirou um tempo para treinar o chute de calcanhar com ele.

Depois que todos do círculo terminaram de falar, meu maxilar estava travado por causa do frio. Felizmente, a treinadora Bentley disse:

— Dois times. Vamos lá.

Nos dividimos entre Um e Dois — eu e os outros do time Dois com coletes azuis para nos diferenciar — e assumimos as posições no campo. Christian, capitão e goleiro do time, nos orientou no aquecimento até a treinadora apitar.

— Beleza! — disse Christian. — Manda ver!

Christian era um garoto negro do último ano, as maçãs do rosto mais incríveis que eu já havia visto. Ele sempre estava com um sorriso simpático, mas um do tipo que era mais uma barreira de proteção que um convite.

Eu não o culpo: as pessoas sempre imaginam Portland como um lugar superliberal, e até é, mas também é superbranco.

Por pior que tenha sido ser o Alvo dos Alvos, eu sabia — sabia mesmo — que Christian havia passado por coisas muito piores.

Às vezes eu tinha vontade de conversar com ele. Para que soubesse que poderia contar comigo, do mesmo jeito que Gabe e Jaden disseram que eu poderia contar com eles.

Mas eu não sabia como dizer aquilo em voz alta.

— A jogada do Gabe é bem agressiva — disse Christian, encarando os jogadores do time Um do outro lado do campo. — Temos que usar a cabeça. Nosso time tem a melhor defesa. Vamos começar de boa e buscar uma abertura.

Todos assentimos.

— Darius?

— Sim?

— Me dá cobertura.

— Beleza.

Pelo menos no campo, Christian sabia que podia contar comigo.

Talvez fosse o bastante, por enquanto.

— Um, dois, três — exclamou ele.

— Chargers!

Para a treinadora Bentley, aquelas partidas entre o time eram uma ferramenta para treinar habilidades. Deveriam ser divertidas e educativas.

Mas para Gabe e Christian, que jogavam juntos desde o ensino fundamental, era uma briga de interesses, uma batalha entre forças celestiais que só poderia terminar com a aniquilação de um dos dois.

Assim que o apito soou, os dois times partiram para cima, galáxias colidindo, os egos de Gabe e Christian funcionando como o campo gravitacional de cada uma. Fiquei no fundo, na última linha de defesa de Christian, enquanto Gabe atravessou o meio-campo, passando a bola para Chip, desviando de Zack e seguindo em frente.

Gabe tentou passar entre mim e Bruno — um dos nossos centroavantes —, mas Bruno roubou a bola e tocou para Jaden.

A partida estava intensa. Christian gritava as jogadas, encorajamentos e uns grunhidos vez ou outra sempre que perdíamos a chance de marcar um gol por muito pouco. Ele tomou um gol de Gabe, mas defendeu muito mais.

Porém, nós estávamos com mais sorte, com dois gols marcados contra o goleiro deles, Diego. Diego era um aluno do segundo ano, recém-chegado do time júnior, e todo mundo acreditava que ele seria o substituto de Christian como goleiro no ano seguinte.

Mas como capitão, nem pensar: Diego tinha a oratória menos motivacional de todas. Mesmo quando ele dizia algo legal, tipo durante o Círculo, sempre dava um jeito de soar como se estivesse reclamando.

Na real, eu achava que Chip poderia ser o próximo capitão. Todos gostavam dele, e ele era bom em motivar as pessoas.

Especialmente quando tentava virar o jogo: quando Gabe tocou a bola para ele, e eu era o único entre ele e Christian, eu estava extremamente motivado a impedi-lo.

Ele tentou desviar, mas eu não desgrudei dele. Bruno estava marcando Gabe, então Chip não conseguia tocar a bola de volta.

Chip sorriu para mim, fingiu que ia para a esquerda e foi para a direita, mas eu já sabia o que ele queria fazer. Deslizei para o lado e roubei a bola dele.

O que foi um erro e tanto, porque roubei para a direita, na direção para onde ele iria chutar.

Os olhos dele se arregalaram por um milissegundo, como se soubesse o que estava prestes a fazer comigo.

E o joelho dele me acertou. Bem no meio das pernas.

Caí no gramado, como se todos os músculos do meu corpo tivessem tomado uma forma semigelatinosa.

Apertei os olhos e tentei respirar.

Eu estava certo de que meus testículos haviam acabado de experimentar uma rachadura catastrófica na carcaça.

— Ai meu deus, me desculpa. Você tá bem?

Chip se ajoelhou ao meu lado, deslizando a mão pelos meus ombros e nuca, como se achasse que deveria fazer alguma coisa, mas não soubesse o quê.

Não havia nada a ser feito.

Nada que alguém pudesse fazer.

— Respira, Darius — disse a treinadora.

Eu não me lembrava de ouvi-la me chamar pelo primeiro nome antes.

— Consegue falar?

Engoli o gosto ardente de bile.

— Sim — grunhi.

— Consegue se mexer?

Assenti.

— Quer que a gente te tire do campo ou prefere ficar deitado mais um pouco? Precisamos chamar um médico?

— Estou bem — respondi. — Consigo levantar.

— Eu ajudo — disse Chip. — Foi um acidente, treinadora. Juro.

— Eu sei — confirmou ela. — Por que você não vai tomar um banho, Darius? Quer que eu ligue para os seus pais?

— Não. Quer dizer, sim. Vou tomar banho. E não precisa ligar para os meus pais.

— Certo. Cusumano, leve Darius até o vestiário e veja se consegue achar o treinador Steiner.

Chip me ajudou a levantar.

— Eu consigo andar — disse.

— Tá bom.

Chip apoiou meu braço sobre o ombro dele mesmo assim. As costas dele estavam encharcadas de suor, e o cheiro não era dos melhores, mas eu provavelmente também estava fedendo.

— Vamos lá.

Chip me levou até o vestiário em silêncio.

A dor estava começando a passar, mas sendo substituída por uma onda de náusea, radiando de algum lugar nas profundezas do meu umbigo. Apoiei a cabeça contra o metal gelado do meu armário e fechei os olhos.

— Ei, não dorme — alertou Chip. — É assim que a pessoa morre.

— Acho que isso é só em caso de concussões.

Mantive os olhos fechados, mas conseguia imaginar o sorriso eterno de Chip.

— Bem, eu causei uma concussão e tanto nas suas bolas.

— Pois é.

— Mas, falando sério. Já volto. Consegue ficar de boa só por um segundo?

— Sim.

Eu me afastei do armário e peguei a toalha e o sabonete.

— Vou tomar uma ducha.

— Beleza, mas se você vir sangue escorrendo pelo ralo, dá um grito bem alto.

— Que nojo.

Tomei banho com o máximo de calma possível. Felizmente, nada de sangue. Meus testículos pareciam delicados e, de repente, muito preciosos, porém intactos.

Eu me enxuguei e fui voltando em direção ao armário. Estava passando a perna pela cueca quando escutei a voz de Chip virando o corredor.

— Trouxe uma compressa de gelo, caso você... opa.

Eu e Chip nos encaramos por um segundo.

Quer dizer, já tínhamos dividido o vestiário antes, mas acho que ele nunca havia me visto pelado.

Naquele momento, eu me sentia pelado demais.

Chip desviou os olhos para baixo.

— Hum — disse ele, num murmúrio abafado.

A náusea voltou com tudo enquanto eu terminava de puxar a cueca para cima e me virava de costas para ele.

O ar parecia pesado e esquisito.

Por que eu me sentia tão esquisito ao lado de Chip? Nós éramos colegas de time e amigos.

Quer dizer, outros garotos já tinham me visto pelado antes. É normal quando se está num time de futebol.

Até meu melhor amigo, Sohrab, já tinha me visto pelado quando nós jogamos futebol juntos no Irã.

Mas nada nunca tinha me feito sentir tão esquisito quanto Chip olhando para mim e dizendo “*hum*”.

Vesti a calça, depois a camiseta e passei a mão pelo cabelo.

Atrás de mim, Chip finalmente se pronunciou.

— Pelo menos elas não ficaram roxas.

E, num piscar de olhos, a tensão desapareceu.

Eu ri. E a risada doía.

— Pega leve.

Chip colocou a compressa de gelo sobre o banco.

— Quer água, ou alguma outra coisa? Eu posso buscar pra você.

— Hum.

Ele me olhou de novo, bem rápido.

Eu tive certeza de que deu uma olhada para a minha virilha.

Só por um segundo.

— Estou bem. Mas obrigado mesmo assim.

O que estava acontecendo?

Pontualidade teutônica

Enquanto Chip saiu para procurar o treinador Steiner, me sentei na frente da sala da treinadora Bentley e coloquei o gelo sobre os meus testículos.

Steiner era o treinador atlético do Colégio Chapel Hill.

Em tese, ele era responsável por monitorar a saúde e a segurança dos Atletas do Colégio Chapel Hill.

Vai, Chargers.

A dor já havia passado, mais ou menos, contanto que eu não me mexesse. Ou tossisse. Ou pensasse.

À medida que o time ia voltando depois do treino, iam formando uma fila para me cumprimentar um por um, expressando suas condolências.

Eles, de fato, disseram “Sinto muito pela sua perda”, um atrás do outro, Christian e Robby e Jaden e Jonny sem H, todos disseram, e quando chegou a vez de Gabe, o último da fila, já não doía tanto assim quando eu ria.

— Você está bem, Kellner? — perguntou a treinadora.

Agora que eu não estava mais estirado na grama, ela voltou a me chamar pelo sobrenome, como os treinadores sempre fazem.

— Sim.

— O que o treinador Steiner disse?

— Não sei. Chip ainda não voltou com ele.

A treinadora Bentley inflou as narinas.

O treinador Steiner deveria estar disponível para todos os times por igual, mas ele sempre parecia estar com o time de futebol americano, monitorando possíveis concussões.

— Ah, mas eu juro que se... — começou a treinadora Bentley, mas a porta se abriu e Chip estava de volta.

— Desculpa. O treinador Winfield estava lá, e veio pra cima de mim de novo com aquele papo de eu ter “abandonado o esporte”. Você sabe como ele é.

A treinadora Bentley franziu a testa.

— Hum. Mas e o treinador Steiner?

Chip olhou para mim, as bochechas corando.

— Ele disse que se não houve, hum, sangramento, é para colocar gelo na, hum, área afetada.

A treinadora balançou a cabeça.

— Darius, do que você precisa? Quer que eu chame um médico?

Me mexi no banco.

— Acho que estou bem. Sério.

Eu não queria discutir sobre os meus testículos com a treinadora Bentley por mais tempo do que o estritamente necessário.

— Quer uma carona para casa?

Eu ainda não tinha pensado em como voltaria para casa.

Só de pensar em subir na bicicleta, já vinha uma pontada de dor.

— Não...

— Por que você não volta a pé para a minha casa? — sugeriu Chip. — Seus pais podem te buscar lá mais tarde.

— Certeza?

Chip assentiu.

— Obrigado.

Eu e Chip fomos empurrando nossas bicicletas pela Grande Colina. Ele insistiu em carregar a minha bolsa transversal, então estava com a minha e a dele, uma em cada ombro formando um X sobre o peito como o uniforme de algum herói de anime.

A luz da tarde iluminava os cabelos finos na nuca dele, onde o degradê estava começando a crescer, pintando a pele de dourado.

Cyprian Cusumano era um garoto muito bonito. Era impossível ignorar aquele fato, mesmo sendo namorado de Landon.

O que é normal.

Certo?

Não conversamos muito durante a caminhada, apenas marchamos colina abaixo. Às vezes Chip olhava para mim e abria um daqueles sorrisos.

Eu não sabia como lidar com Cyprian Cusumano.

E sentia um aperto no peito, caminhando com ele num silêncio pesado, sabendo que havia me visto pelado mais cedo, coisa que meu próprio namorado ainda não tinha.

Por que aquilo me parecia tão estranho?

E errado?

E excitante?

— Por aqui — disse Chip, virando numa esquina que levava a outra colina menor.

Era mais curta que a Grande Colina, mas bem mais íngreme.

— A gente mora lá no alto, desculpa.

— Tudo bem. Deve ser um saco pedalar ladeira acima depois dos treinos.

— Depois dos treinos nem é tão ruim. Era pior quando eu estava no time de futebol americano e o treinador Winfield nos mandava fazer flexões.

— Nossa, ele é péssimo.

— Eu sei! Trent sempre diz que dá para notar quando o treinador Winfield está de mau humor, porque é quando ele manda todo mundo fazer agachamentos. Trent acha que isso traz um senso de ordem para o universo dele.

Não respondi nada.

Eu realmente não entendia como Chip conseguia ser amigo de um Minion Desalmado da Ortodoxia como Trent Bolger, ou como era capaz de citar Trent numa conversa comigo quando ele sabia — e ele sabia — como Trent me tratava.

Chip pigarreou.

— Ei. Posso fazer uma pergunta meio pessoal?

— Hm. Sim?

— Eu meio que te vi lá no vestiário, né?

Senti um arrepio na nuca.

Eu não sabia aonde ele queria chegar, mas senti uma vontade absurda de me jogar ladeira abaixo.

Olhei para Chip — o rosto dele estava brilhando de tão vermelho — e, depois, de volta para os meus pés.

— Você não é... circuncidado?

— Hum. Não? — respondi, engolindo em seco. — Mas acho que intacto é um termo melhor.

— Ah — disse ele, e depois: — Queria que meus pais tivessem me deixado intacto também.

Meu corpo inteiro entrou em chamas.

Engoli mais uma vez.

Chip desviou de um bueiro e esbarrou o ombro no meu.

— Foi mal pelo climão.

Era um superclimão.

Eu preferia levar outra joelhada no saco do que discutir sobre meu prepúcio com Cyprian Cusumano.

— De boa — guinchei. — Não tem climão nenhum. Quer dizer...

Eu não sabia o que eu queria dizer.

Pigarreei.

Chip deu de ombros e me levou pela entrada da casa. Ele vasculhou a bolsa transversal por um momento, e deve ter apertado o botão da garagem

porque a porta da esquerda começou a se abrir.

— Pode deixar sua bicicleta aqui dentro — disse ele. — Que horas...

Mas antes que ele pudesse terminar, a porta que ligava a garagem à sala se escancarou e um pequeno borrão correu na direção de Chip.

Ele riu e pegou a menininha no colo — que não parecia ter mais do que dois anos —, com cabelo escuro e cacheado.

Chip era branco. Ao menos, eu achava que era, com a pele pálida e o cabelo castanho-claro. Então me perguntei quem seria aquela.

Não que eu fosse fazer aquele tipo de pergunta em voz alta.

— Oi — eu disse para a menininha que olhava para mim por cima do ombro de Chip e dei um oizinho com a mão. — Me chamo Darius.

A criança esbugalhou os olhos.

Chip riu de novo e se virou para que também pudesse me ver.

— Dá oi, Evie — disse Chip.

Ele deu um sorriso tão grande que nem era mais um sorriso. Totalmente radiante.

— Oi — sussurrou Evie.

Chip deu um beijão estalado na bochecha de Evie, que soltou uma risadinha.

— Ela é minha sobrinha.

— Ah. Que legal.

Chip me levou para dentro da casa enquanto Evie sussurrava no ouvido dele. Eu não entendia uma palavra sequer: ela falava rápido demais, daquele jeito engraçado das crianças pequenas quando elas sabem o que querem dizer, mas não conseguem formular palavra por palavra. Chip sorria tanto que os olhos dele estreitaram.

Eu gostei muito de vê-lo sorrindo daquele jeito.

De um jeito que eu nunca tinha visto no colégio.

— Você está melhor? Precisa de mais uma compressa de gelo?

— Acho que estou de boa.

Chip moveu Evie no colo para ficar com uma mão livre e tirou um palitinho de queijo de dentro da geladeira. Ele abriu a embalagem e entregou para Evie.

— Cadê sua mamãe? — perguntou ele.

— Lá em cima.

Evie se contorceu um pouquinho. Chip a beijou mais uma vez e colocou a sobrinha no chão. Ela saiu da cozinha depressa, numa daquelas corridinhas engraçadas que as crianças dão, levantando os joelhos lá no alto e batendo os pés.

Chip pegou um Gatorade vermelho na geladeira e me entregou um roxo.

— Eu não sabia que você tinha irmã.

— Sério? Ela se formou no ano passado. Ana.

— Ah — respondi. — Ela estudava no Chapel Hill?

Chip assentiu, como se eu devesse me lembrar dela.

— Tenho um irmão mais velho também, mas ele se formou antes da gente entrar no colégio.

Minhas orelhas ardiam.

Eu tinha um monte de dúvidas, mas não sabia como perguntar.

Na verdade, tinha certeza de que seria grosseria perguntar.

Então, eu disse:

— Quantos anos ela tem?

— Ana?

— Evie.

— Ah. Ela vai fazer dois em dezembro.

— Idade boa — eu disse, porque é isso que todos sempre dizem, independentemente da idade em questão.

— Sim.

Nos encaramos por um bom tempo, como se as paredes da cozinha estivessem nos encurralando. O ar ficou pesado e carregado.

O que era uma coisa esquisita de se imaginar, já que eu estava pensando na irmã de Chip carregando um bebê durante o ensino médio. E mais um monte de outras coisas que não eram da minha conta.

Meu coração batia forte contra o meu esterno.

Baixei a cabeça e encarei as mãos.

— Acho melhor avisar onde estou para as minhas avós virem me buscar.

Um Camry azul-escuro estacionou na entrada da casa de Chip. O carro da Oma. Ela buzinou duas vezes.

Linda Kellner era o exemplo perfeito de pontualidade teutônica.

— Ah. Minha carona chegou — eu disse.

Joguei a compressa cheia de gelo meio derretido dentro da pia — tinha começado a doer de novo quando estávamos repassando as questões da prova de Álgebra II —, enquanto Chip recolhia nossas garrafas de Gatorade.

— Obrigado por me receber aqui — eu disse. — Acho que não sobreviveria se tivesse que pedalar hoje.

— Sem problemas.

— E obrigado pela ajuda. De verdade.

Chip sorriu.

— Foi divertido.

Eu grunhi.

— Matemática é zero divertida.

— Bem, pelo menos eu gostei da companhia.

Chip continuava sorrindo para mim, mas não era o sorriso de sempre. Havia uma pontada de gentileza. Quase como uma pergunta.

— Bom. Obrigado.

— Não tem de quê. Quer deixar sua bicicleta aqui? Você pode vir buscar amanhã depois do treino.

Meu rosto começou a arder só de pensar. Nem sei por quê.

Mas eu concordei, porque Oma não tinha um suporte de bicicleta no carro.

Enquanto amarrava os cadarços, Evie desceu as escadas correndo. Chip a pegou no colo no meio da corrida, girando ela no ar e enchendo o rosto dela de beijinhos. Ela esperneou, riu e gritou:

— Nãããão!

Chip parou.

— Não?

— Agora não.

— Tá bom.

Chip a colocou no chão e ela marchou para a cozinha.

Eu gostei de como ele respeitava os limites dela, embora Evie fosse um bebê.

Achei aquilo muito legal.

— Dá tchau pro Darius!

— Tchau, Evie — eu disse, mas ela ignorou a gente.

Chip só balançou a cabeça.

Da calçada, Oma buzinou de novo.

— Bom — eu disse, e passei a bolsa pelo ombro. — Vejo você amanhã.

Deusa de ferro da misericórdia

Linda Kellner não gostava de escutar música dentro do carro. Ela sempre ouvia os noticiários.

Ela também não gostava muito de conversar.

— Oi, Oma — eu disse, enquanto colocava o cinto de segurança. — Obrigado por vir me buscar.

Oma assentiu e depois ligou o rádio.

O que significava o fim da conversa.

Como eu disse, nunca fui muito próximo da Oma. Nem da Vovó.

Linda e Melanie Kellner não costumavam demonstrar afeto.

Eu achava que todos os avós eram assim, até viajar para o Irã. Mamou praticamente me sufocava de tantos beijos e abraços, e mesmo com seu jeito reservado, até Babou se abriu um pouco no tempo que passamos juntos.

Quando chegamos em casa, Oma estacionou no lado do meu pai da garagem. Eu saí do carro e digitei o código para abrir a porta.

Vovó estava à mesa da cozinha montando um quebra-cabeça enquanto Laleh estava lendo. Ao que parecia, ela havia terminado *Duna*, mas não dava para ver qual era o livro novo.

— Oi, Vovó — eu disse, dando um beijo na bochecha dela. — Oi, Laleh.

Laleh assentiu, mas continuou lendo.

— Pode se preparar para o jantar — disse Oma. — Fica pronto daqui a pouco.

— Tá bom.

Eu não tinha muitos preparativos, na verdade — só deixar as coisas no meu quarto — mas aproveitei a oportunidade para verificar as condições

dos meus testículos.

Ainda estavam vermelhos, mas bem menos irritados, e não doíam tanto quando eu pressionava.

Suspirei de alívio.

Já tinha sido horrível o bastante ter que explicar para Oma o que havia acontecido e por que eu precisava de uma carona.

Eu não queria ter que voltar ao assunto e pedir para que ela me levasse ao médico de testículos quebrados.

— O jantar está pronto!

Vesti um short de compressão limpo para manter tudo no lugar e desci as escadas.

Minhas avós tinham feito tacos de carne.

Minha mãe costumava dizer que os únicos temperos que Vovó e Oma conheciam eram sal e pimenta, mas, tecnicamente, aquilo não era verdade, se contarmos com o pacotinho de tempero pronto para tacos que Vovó usou.

Distribuí os pratos, preparei dois tacos para mim e me sentei. Balancei um pouco e tentei não fazer cara de dor, mas Oma percebeu.

— Como você está?

— Bem — respondi. — Só um pouco sensível.

— O que aconteceu? — perguntou Laleh.

Minhas orelhas queimaram.

— Me machuquei no treino hoje. Mas estou bem.

— Stephen disse que você venceu seu primeiro jogo — disse Vovó. — Ele mandou as fotos. Me pareceu uma partida e tanto.

— E foi.

Enquanto Laleh mastigava o taco — feito basicamente só de queijo, com um pouquinho de alface e tomate e quase nada de carne —, Oma perguntou:

— Quando é o próximo?

— Sexta.

— Bem, continue vencendo. Se jogar bem a temporada você pode acabar sendo considerado para as bolsas de estudo.

— Principalmente se melhorar suas notas — completou Oma.

Mordi o taco para não ter que responder.

A questão era que eu não sabia ao certo se queria ir para a faculdade. Na verdade, eu tinha bastante certeza de que ser universitário não combinava comigo.

Eu sabia que minhas avós só estavam querendo ajudar, mas por algum motivo aquilo me fez sentir pior ainda.

Engoli.

— Talvez.

* * *

Enquanto Vovó guardava as sobras e Oma lavava a louça, preparei chá para todo mundo.

— Qual é esse que você está fazendo? — perguntou Oma sobre os ombros.

— *Ti Kwan Yin*.

Ti Kwan Yin significa “Deusa de ferro da misericórdia”. É um oolong chinês com o nome mais legal de todos.

Eu geralmente preparava numa gaiwan, mas como estávamos em três, não seria muito prático.

Vovó e Oma se sentaram no sofá, cada uma numa ponta, e fiquei na poltrona. Depois de um tempo, Oma pegou o controle remoto da TV e colocou numa competição de culinária.

Para pessoas que sequer usavam temperos, Vovó e Oma gostavam muito de programas de culinária.

Ficamos ali bebericando o chá enquanto o silêncio entre nós aumentava, uma onda cada vez maior de oportunidades perdidas.

Eu queria que as minhas avós me chamassem para sentar com elas.

Queria que elas pausassem o programa para podermos conversar.

Queria que elas fossem mais parecidas com Mamou e Babou.

Mas eu não sabia como dizer aquilo em voz alta.

Então, em vez disso tudo, eu disse:

— Vou ver se a Laleh quer chá.

A porta do quarto da minha irmã estava entreaberta, mas bati no batente mesmo assim: um-três-três, nossa batida especial.

— Quer chá?

— Sim.

Laleh cruzou as pernas e me deixou sentar na cama. Ela estava numa daquelas almofadas enormes com descanso de braço embutidos, rosa-bebê com uma franja roxa no topo. Já estava marcado no meio por conta de todas as horas que ela havia passado recostada ali, lendo.

Entreguei uma xícara para ela — de cerâmica com o logo da Cidade das Rosas — e joguei a cabeça para o lado pra ler a lombada do livro.

— *O Iluminado*? — perguntei. — É bom?

— Legalzinho.

— Dá medo?

— Dá nada.

Laleh soprou o chá e bebeu um gole. Eu bebi um gole maior na minha xícara.

— Hummm — disse Laleh, estalando os lábios. — É doce.

— Tem notas de mel — expliquei. — E leite também. Mas não coloquei açúcar.

— Jura?

Assenti.

Laleh tomou mais um gole.

— É bom. Mas não tanto quanto chá persa.

— Anotado.

Ficamos sentados juntos, aproveitando o chá.

Então, eu disse:

— As coisas na escola melhoraram?

Laleh deu de ombros.

— Micah e Emily estão tratando você melhor?

Laleh balançou a cabeça.

— Sinto muito.

— Tá tudo bem.

Mas não estava nada bem.

— Já conversou com a sua professora?

— Não.

Laleh suspirou.

— Emily é a favorita dela. Nunca se dá mal.

— Ah.

Eu queria construir um campo de força ao redor da minha irmã, protegê-la de Micah e Emily e da professora e de todos os Minions Desalmados da Ortodoxia que pudessem aparecer.

Eu odiava me sentir tão impotente.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Laleh balançou a cabeça de novo e voltou a atenção para o livro, como se não quisesse mais falar sobre o assunto.

Me inclinei e dei um beijo no topo da cabeça da minha irmã.

— Te amo, Laleh — sussurrei por cima do cabelo dela.

Já eram quase nove da noite quando o portão da garagem finalmente rangeu. Todo mundo já tinha ido dormir, mas eu estava sentado na cozinha, fazendo mais uma compressa de gelo.

Joguei o saco de gelo na pia e peguei as sobras de carne do taco para a minha mãe.

— Oi, querido.

Abracei minha mãe, mas o corpo dela parecia o casco polarizado da Enterprise, rígido e inquebrável. Depois de um momento, ela finalmente relaxou nos meus braços. Mas aí o micro-ondas apitou.

— Não precisava fazer isso por mim.

— Mas eu quis.

— Tá bom. Como foi seu dia?

— Tudo tranquilo — respondi.

Minha mãe não parecia estar no clima para me ouvir reclamar sobre trauma testicular. E, de qualquer forma, eu também não estava no clima para falar sobre isso.

— E o seu?

— Longo.

Peguei um prato para ela e tirei os demais ingredientes da geladeira enquanto ela checava o celular. Ela levantou a cabeça e franziu a testa para mim.

— Eu posso preparar meu próprio jantar, tá?

— Eu não ligo. Quer chá?

Minha mãe suspirou e se sentou.

— Melhor não, mas obrigada.

Peguei uma xícara para mim — uma segunda leva de Ti Kwan Yin, com mais notas florais do que a primeira — e me sentei ao lado dela.

— Como foi a prova?

— Tirei C.

— Precisa de ajuda? Podemos rever as questões juntos.

— Não precisa. Fui para a casa do Chip depois do treino e estudamos.

— Ah. Que legal.

Minha mãe deu uma mordida no taco e me analisou enquanto mastigava.

— Você tem passado muito tempo com ele ultimamente.

Eu não sei por quê, mas aquilo soou com uma acusação.

Não sei por quê, mas senti que precisava me justificar.

— Ele tem me ajudado bastante. Ah. Eu deixei a minha bicicleta na casa dele. Será que você pode me levar até lá amanhã de manhã?

Minha mãe ficou séria.

— Amanhã não posso. Tenho reunião logo cedo. Pede para a Oma ou para a Vovó.

— Ah.

— Queria poder.

— Tá tudo bem. Mesmo.

Deixei minha mãe jantar em silêncio depois disso.

Havia alguma coisa que ela não estava me contando, algo que eu deveria saber, mas não sabia.

— Vou colocar Laleh para dormir.

— Oma já colocou. Até preparou um banho de banheira pra ela.

— Sério?

— Sim.

— Bom, sendo assim...

Minha mãe olhou em direção à escada.

Beberiquei meu chá.

— Quer assistir a alguma coisa? *Star Trek*?

— Hum.

Minha mãe nunca tinha me chamado para assistir a *Star Trek* antes.

Sempre tinha sido uma coisa minha com meu pai.

Eu não sabia o que dizer.

Eu ainda estava tentando decidir se seria melhor continuar de onde eu e meu pai paramos ou começar outra série do começo, mas aí minha mãe disse.

— Deixa pra lá. Desculpa.

Ela se levantou antes que eu pudesse responder.

Antes que pudesse dizer que queria assistir a *Star Trek* com ela.

Minha mãe passou os dedos pelo meu cabelo e me deu um beijo na testa.

— Vou para a cama.

Móveis quebrados

Na manhã seguinte, Oma me levou até a casa de Chip para eu buscar minha bicicleta.

— Oi!

Chip atendeu vestindo um par de calças de moletom cinza que o vestia muito bem.

Do tipo não-estou-usando-cueca.

Ele também estava sem camisa e, como eu disse, Cyprian Cusumano tinha barriga e peitorais muito bonitos. Do jeito que eu gostaria de ter.

Do jeito que garotos como eu deveriam ter.

— Desculpa, sei que estou atrasado. Evie tá dando um trabalhão hoje.

Minhas orelhas ardiam como duas chamas de plasma.

— Só preciso vestir uma roupa. Quer alguma coisa?

Balancei a cabeça. Não conseguia falar nada.

Como Chip conseguia agir com tanta naturalidade estando seminu daquele jeito?

E por que eu não conseguia parar de olhar?

Me perguntei se Landon também era daquele jeito sem camisa.

Mordi os cordões do meu casaco.

— Foi mal — disse Chip quando voltou.

Ele desceu as escadas vestindo uma calça de corrida preta e uma camiseta gola V branca que estava um pouquinho apertada.

Me deixava menos distraído, mas só um pouco.

Ele arrumou o cabelo também, penteando um topete castanho-claro um pouquinho bagunçado.

Cyprian Cusumano era um garoto muito bonito.

E eu me odiava por pensar aquilo.

— Desculpa. Tô pronto.

— Sem problemas.

* * *

Durante o treino, todo mundo me tratou como se eu fosse feito de vidro. Talvez, presenciar a joelhada que eu levei no saco tenha feito os outros garotos encararem a fragilidade da vida.

Esse tipo de coisa pode ser bem perturbador.

Quando a treinadora pediu tempo, peguei minha garrafa d'água e caminhei até a arquibancada para alongar minhas panturrilhas. A treinadora me seguiu.

— Como você está, Darius?

Ela voltou a usar meu primeiro nome, como se eu precisasse ser protegido.

— Bem.

— Vai conseguir jogar na sexta?

— Sim. Com certeza.

— Ótimo.

Ela assentiu e foi embora, com a prancheta embaixo do braço, mandando Jaden e Gabe pararem de brincadeira.

Me firmei na arquibancada para um alongamento.

Embora estivesse meio irritado com todo mundo pegando leve comigo, eu amava de verdade como a treinadora e o time se importavam comigo daquele jeito.

Era bem legal ter um time.

Nunca tive nada parecido antes.

Quando o treino acabou, Christian nos chamou.

— Bom trabalho hoje, gente.

Christian tinha uma voz amigável e calma quando falava normalmente — como estava fazendo no momento —, nem um pouco parecida com a Voz de Capitão dele.

A Voz de Capitão parecia a de um comandante de uma nave espacial.

— Na sexta vamos jogar contra Meadowbrook. E vamos mandar ver! Todos nós vibramos.

— E depois, festa! Na minha casa. Comprei o FIFA novo.

— Uhul! — gritou Jaden, cumprimentando Christian com um toca-aqui.

Olhei para Chip, que deu de ombros e sorriu.

Eu nunca tinha ido a uma festa antes.

Será que era o tipo de festa que eu via nos filmes? Com drogas, álcool, sexo e móveis quebrados?

— E se eu for péssimo no FIFA? — sussurrou Chip para mim.

— Eu nunca joguei.

— Bom, pior do que as festas do time de luta greco-romana não vai ser.

Durante o inverno, Chip estava no time de luta greco-romana masculina do Colégio Chapel Hill.

— Por quê?

— A maioria dos caras não tomava banho antes da festa.

— Que nojo.

Chip riu e passou a mão pelo cabelo suado.

— Né? Os caras do futebol são bem mais limpos — disse ele.

Chip apertou meu ombro e sorriu para mim, e depois seguiu o resto do time em direção ao vestiário.

Eu fiquei parado no mesmo lugar, balançando a cabeça.

Às vezes eu não sabia como lidar com Cyprian Cusumano.

Na tarde de quarta tive meu primeiro turno como funcionário contratado na Cidade das Rosas. Trabalhei no bar de chás, conversando com clientes e tentando descobrir que tipo de chá eles queriam: preto, verde ou oolong, com sabor ou sem, um favorito ou uma nova aventura.

Enquanto eu estava ocupado no bar, o sr. Edwards estava separando uma nova leva de Phoenix Mountain, um oolong chinês que diziam ser frutado e delicioso. Landon ficava o tempo todo colocando a cabeça para fora da sala de degustação, acenando para que eu me juntasse a eles, mas sempre que eu achava que teria tempo, outro cliente aparecia precisando de ajuda e Polli estava ocupada demais preparando lattes para ficar no meu lugar.

Finalmente, Landon desistiu e fechou a porta.

Não sei por que aquilo me deixou tão triste. Era só uma degustação.

Mas eu queria muito provar o Phoenix Mountain Oolong.

Em vez disso, preparei um gaiwan para um homem mais ou menos da idade da Oma, que me encheu de perguntas sobre o processamento do oolong e sobre as diferenças entre os produtores chineses e taiwaneses. Eu estava tentando explicar sobre o Bai Hao e os insetos que comiam as folhas quando Polli pigarreou e apontou para a fila se formando.

Pedi licença e comecei a anotar mais pedidos.

Enquanto preparava um bule individual de Earl Grey e organizava mais um gaiwan para outro cliente, Landon saiu da sala de degustação segurando uma xícara de porcelana branca com o logo da Cidade das Rosas.

— Aqui — disse ele. — Esse foi o vencedor.

— Obrigado.

Landon terminou o gaiwan para mim enquanto eu provava com uma mão e servia o Earl Grey com a outra. O chá tinha um sabor explosivo de lichia, o que me surpreendeu um pouco.

Eu nunca havia provado lichia em chás antes.

Me perguntei quais eram os sabores das outras levadas.

Me perguntei se Landon aprendeu coisas sobre o Phoenix Mountain e de onde ele veio.

Me perguntei o que eu tinha perdido.

A fila de clientes finalmente acabou, então o sr. Edwards mandou eu e Landon organizarmos o estoque. Enquanto eu contava latas de Genmaicha, o sr. Edwards apareceu na porta.

— Pode pegar um pouco de Poço do Dragão para mim?

— Claro, pai.

Landon caminhou até as prateleiras e se esticou até a mais alta, onde as caixas de Poço do Dragão ficavam. A camisa dele subiu, mostrando um pedaço da pele macia das costas e o elástico prateado da cueca.

Pensei na calça de moletom cinza de Chip e em como ele estava sem cueca por baixo.

E pensei em como Chip já havia me visto pelado, sendo que eu nunca tinha tirado a camiseta na frente de Landon.

Minhas orelhas queimaram.

— Darius?

— Oi?

— Será que você pode...? — pediu ele, se virando para mim e mostrando um pedacinho da barriga pálida.

Ele tinha uma linha fina de pelos que desaparecia por trás da fivela do cinto.

Landon Edwards era um garoto lindo. Muito mais atraente do que eu.

Às vezes eu me perguntava o que ele via em mim.

— Sim! — guinchei e pigarreei. — Ei. O que você vai fazer na sexta?

— Te ver jogar?

— Mas e depois?

— Não sei.

Landon passou os braços em volta da minha cintura e eu murchei a barriga.

— O que eu vou fazer depois?

Engoli em seco.

— Quer ir numa festa? É só para o pessoal do time, eu acho. Vamos jogar FIFA e tal.

Ele soltou uma risada engraçada.

— Sério?

— Se você quiser.

Landon apertou minha cintura. Eu odiava como ela não era firme e lisa como a dele.

— Eu adoraria.

— Mesmo?

— Sim.

Minhas bochechas ficaram quentes e eu não conseguia parar de sorrir.

— Tá bom.

Nuggets fundidos

Como eu disse, nunca tinha ido a uma festa de ensino médio antes.

Imaginava que seria algum tipo de Devassidão Nível Sete, com copos de bebida vazios e baseados pela metade e pessoas desmaiadas em todas as superfícies planas.

Em vez disso, éramos vinte pessoas num porão parcialmente acabado, sentados em cadeiras dobráveis ou espalhados pelo chão, usando almofadas da sala de estar para aliviar o chão de concreto gelado.

Alguns dos garotos levaram as namoradas, e todo mundo estava rindo e comemorando por termos vencido mais um jogo.

Os pais do Christian estavam no andar de cima, preparando fornadas de rolinhos de pizza e nuggets, e conversando com outros pais de jogadores do time.

E não tinha álcool. Nós bebemos Gatorade e nos revezamos para jogar partidas de FIFA no PlayStation do Christian, que estava conectado a um miniprojetor que o James — que fazia parte da equipe de teatro do colégio fora das temporadas esportivas — conseguiu pegar emprestado para o fim de semana. O aparelho apontava para uma parede branca, e nós mal conseguíamos escutar os alto-falantes minúsculos por trás do barulho de todo mundo conversando.

Eu e Landon nos sentamos no chão, contra a parede, e ficamos ali abraçados, vendo a festa rolar. Estávamos com as cabeças apoiadas um no outro e, vez ou outra, nos beijávamos, mas não muito, porque toda vez que acontecia, algum dos garotos começava a gritar a bater palmas pra gente.

Parecia um casamento iraniano, no qual o casal precisava se beijar toda vez que as pessoas começavam a bater nas taças com um garfo, gritando *Shoo-loo-loo-loo-loo!*

— Você está bem? — perguntei.

O cabelo de Landon fazia cócegas nos meus lábios quando eu falava no ouvido dele.

— De boa — respondeu ele.

— Vou pegar mais uma bebida.

Desenrosquei meus braços dos dele e fui até o andar de cima para pegar mais um Gatorade roxo — o melhor sabor — da geladeira. Alguns garotos estavam lá em cima, perambulando pela cozinha ou esparramos na sala de estar jogando no celular.

A porta para a varanda estava aberta para deixar o ar circular e aliviar o cheiro forte de rolinhos de pizza e garotos.

Chip estava do lado de fora conversando com Trent Bolger que, de alguma forma, conseguiu ser convidado para a festa. Até onde pude ver, eles estavam brigando.

—... furou comigo de novo, cara! — disse Trent.

— Eu não reclamo quando você tem treino de futebol americano.

— Por que você está jogando esse *outro* futebol, afinal? É um lixo.

— Eu gosto. E já te disse que futebol americano não é para mim.

Trent grunhiu.

— Tá, beleza, mas e na segunda? Fiquei esperando sua mensagem quando você saiu.

— Eu já pedi desculpas. Dei uma joelhada no saco do Darius. O que você queria que eu fizesse? Que deixasse ele sozinho na beira da estrada?

Trent riu.

— Essa eu queria ter visto.

— Foi horrível. Você nem imagina.

— Eu não sabia que você estava desesperado assim pra pegar num par de bolas.

Minhas orelhas queimaram.

Chip balbuciou alguma coisa que eu não consegui ouvir, mas fez Trent rir de novo.

— Deixa quieto — disse Trent.

Ele se virou e me avistou segurando o Gatorade roxo perto da boca sem beber.

— E aí, D-queijão?

Apelido novo, oba!

De maneira objetiva, Trent já tinha dito coisas piores. D-quatro era, no mínimo, um Insulto Homofóbico Nível Três.

Mas D-queijão me ofendeu muito mais.

Minha higiene pessoal era excelente, e aquilo não era um problema para mim desde os doze anos.

Mas não é como se eu pudesse me justificar para Trent Bolger.

Eu jamais discutiria sobre o meu pênis com Trent Bolger.

— Pega leve, cara — disse Chip. — Oi, Darius.

Bebi um gole de Gatorade.

— Oi!

A queimação nas minhas orelhas se espalhou pelo pescoço.

Olhei para Trent, depois para Chip, e de novo para Trent. Ele estava com um sorriso maldoso no rosto, como se soubesse o que eu estava pensando.

Eu não gostei daquilo.

Atrás de mim, o forno apitou e eu escutei a mãe do Christian gritando do andar de cima.

— Os rolinhos de pizza estão prontos!

— Deixa que eu pego! — gritei de volta.

Coloquei uma luva térmica e puxei a travessa de nuggets fundidos enquanto Trent puxava Chip pelo ombro.

— Vamos nessa.

Chip me deu um sorriso de lábios fechados e seguiu o amigo para o andar de baixo.

Desliguei o forno e joguei a garrafa de Gatorade no cesto de lixo reciclável. O som da risada de hiena de Trent ecoou do porão.

Subi as escadas para usar o banheiro.

Na verdade, eu não precisava fazer xixi.

Quer dizer, eu até que fiz, mas não estava com vontade.

Só precisava fugir.

Lavei as mãos me sentei na borda da banheira segurando o celular. Li um artigo sobre recuperação pós-jogo que a treinadora Bentley mandou para o time, enviei uma mensagem para a minha mãe avisando que a festa estava tranquila e que os pais do Christian estavam presentes, fiz um teste para descobrir *Qual personagem secundário de Star Trek: Deep Space Nine você é?* e cogitei passar o resto da festa me escondendo no banheiro, mas alguém bateu à porta.

— Só um segundo — eu disse.

Dei descarga mais uma vez para não descobrirem que eu estava me escondendo. Lavei as mãos de novo também.

— Valeu — disse Gabe, fechando a porta ao entrar no banheiro.

Encontrei Landon na cozinha, bebendo uma garrafa de Gatorade laranja.

— Oi. Desculpa.

— Sem problemas — disse ele, e me puxou para um beijo com gosto de laranja. — Tá tudo bem?

— Sim. Só precisava de um momento longe do grupo.

Os braços de Landon deslizaram até minha cintura. Ele me beijou mais uma vez e depois me puxou em direção à sala de estar. Me sentei no canto do sofá bege enorme, e Landon se sentou no meu colo, com os

joelhos um em cada lado do meu quadril e a bunda apoiada nas minhas coxas.

— Ei — disse ele, beijando meu nariz. — Você foi incrível hoje.

— Fui?

Ele me beijou de novo, no canto da boca.

— Sim. Eu amei te ver jogando.

— Sério?

— Sério. Você já se viu no espelho com aquele short?

Eu mal conseguia respirar.

— Gostou? — guinchei.

Os olhos de Landon cintilaram.

— Muito.

E então, ele me beijou de novo, deslizando a língua para dentro da minha boca, e eu decidi que respirar nem era tão importante assim.

Não vou mentir: com um beijo daqueles, tive uma ereção rapidinho.

E não dava para ter certeza, mas acho que Landon também. Ou era só a fivela do cinto esfregando em mim enquanto ele subia e descia no meu colo.

— Tudo bem? — sussurrou ele.

— Aham.

O que Landon estava fazendo era bom.

Bom demais.

Se ele não parasse, eu teria que lidar com um outro tipo de falha na barreira de contenção.

As mãos de Landon seguravam firme a minha cintura e eu não conseguia respirar porque estava murchando a barriga.

E o time inteiro estava no porão.

Chip e Trent estavam no porão.

— Peraí.

Apoiei as mãos no quadril dele para que Landon parasse de balançar.

— Exagerei?

Assenti.

— Desculpa.

Ele sorriu e me beijou de novo. Os beijos dele desceram da minha boca até o pescoço, chegando na minha clavícula, o que era meio esquisito. Dei uma risadinha.

— Que foi?

— Desculpa. Fez cócegas.

Ele endireitou a posição do corpo, mordeu os lábios, e baixou os olhos para o meu colo.

Queria estar vestindo jeans em vez de calça de corrida.

— Quer ir para um lugar menos... exposto?

— Hum.

Meu coração acelerou.

Aquela ideia era excitante.

E assustadora.

Minha testa começou a suar.

Porém, antes que eu pudesse respirar, escutamos sons de passos subindo o porão.

Chip surgiu na porta da sala de estar, seguido por Trent.

— Ah. Oi, cara — disse Chip.

Ele não estava sorrindo. Em vez disso, estava com as sobrancelhas unidas.

— Landon, né?

Landon pigarreou.

— Isso.

Eu amava como as bochechas dele estavam vermelhas.

— Podem fingir que nem estamos aqui — disse Trent, que estava atrás de Chip. — D-quatro bem que está precisando aliviar a tensão.

— Pena que ninguém ainda aliviou a tensão na sua cara, né? — murmurou Landon.

Eu ri, Chip sorriu, mas Trent disse:

— Que foi?

— Vambora — disse Chip, arrastando Trent para longe.

Ele sussurrou um pedido de desculpas para a gente enquanto desaparecia cozinha adentro.

— Cuzões — disse Landon.

— Trent é péssimo — concordei. — Mas Chip não é tão ruim assim.

Eu não sei por que senti que precisava defendê-lo.

Eu estava meio chateado com ele também.

Mas não queria que Landon ficasse.

— Não foi ele quem te deu uma joelhada no saco?

Estremeci.

— Mas ele é legal. Na maioria das vezes.

Landon me encarou por um bom tempo, mordendo o lábio.

E depois soltou um suspiro baixinho.

— Ei. Melhor eu ir embora.

— Já?

— Sim. Tenho ensaio amanhã de manhã.

— Ah.

Landon saiu do meu colo.

Nosso encontro com Trent e Chip removeu qualquer constrangimento que poderia ser causado por aquela manobra.

Esperei com Landon na cozinha até a carona dele chegar.

— Tem certeza de que está tudo bem? — perguntei.

— Sim. Por quê?

— Só confirmando mesmo.

Landon beijou minha bochecha, fechou o zíper do casaco e foi embora.

E eu fiquei com uma sensação esquisita. Como se eu tivesse feito algo errado.

Atrás de mim, Chip pigarreou.

— Ei. Desculpa por tudo aquilo.

— Tá. Beleza.

Eu não sabia mais o que dizer.

Eu gostava muito de Cyprian Cusumano, mas ele nunca seria capaz de enxergar Trent Bolger como ele realmente era.

— Convenci os caras a trocarmos para Mario Kart. Quer jogar?

— Pode ser.

Grande manto vermelho

Quando cheguei em casa, bebi uma xícara de chá e depois deitei na cama encarando o teto, repassando tudo mentalmente e tentando entender o que eu tinha de errado. O porquê de Landon ter ido embora tão de repente.

Tinha sido uma noite agitada e uma manhã pior ainda, aparando o gramado ainda molhado antes de ir para o meu turno de trabalho em outra região.

Eu nunca tinha me sentido nervoso ao ir para a Cidade das Rosas antes.

— Oi, Darius.

Kerry estava trabalhando no caixa. Ela era uma mulher branca de vinte e poucos anos com piercings de cima a baixo nas orelhas. Ela vestia um cardigã espalhafatoso e felpudo por cima da camisa preta da Cidade das Rosas, do tipo que você consegue ver as linhas esticadas como galhos de árvore tentando receber a luz do sol.

— Oi.

Olhei em volta.

— Onde você precisa que eu fique.

— Estoque. Mas só mais tarde — disse, e inclinou a cabeça em direção à sala de degustação. — O sr. Edwards tem uns chás novos para você.

— Legal.

Depois de ter perdido a última degustação, fiquei meio preocupado. Então, foi um alívio quando bati à porta da sala e o sr. Edwards me chamou para entrar.

— Você está com sorte hoje. Acabamos de receber uma nova leva de Wuyis.

Wuyi é um chá do tipo oolong vindo das Montanhas Wuyi, na China, conhecido por ter muitos minerais e um sabor defumado com notas frutadas. As Montanhas Wuyi, supostamente, eram o lar originário das plantações de chá chinesas, usadas para fazer um chá chamado Da Hong Pao, ou Grande Manto Vermelho.

As melhores folhas eram vendidas por, tipo, mil dólares por grama.

O sr. Edwards só havia provado a versão mais cara uma vez, por pura sorte, numa visita à China alguns anos antes.

Ele disse que foi o melhor chá da vida dele.

— Pode pegar algumas gaiwans?

— Claro.

Peguei as tigelas de porcelana na prateleira de cima do armário.

— É bom ter um cara alto por perto para ajudar. Nem preciso mais do banquinho.

Lavei todos os gaiwans com água morna e depois sequei cuidadosamente com uma toalha macia. Enquanto eu colocava a mesa, Landon apareceu na porta.

— Oi, pai — disse ele. — Está fazendo o quê?

— Da Hong Pao. Pode entrar.

Landon assentiu para mim e ocupou uma cadeira na mesa longa enquanto eu pegava as xícaras e colheres de degustação. O sr. Edwards pegou a chaleira e começou a servir enquanto eu pegava o caderno e me sentava ao lado de Landon.

— Oi — eu disse.

— Oi.

Minha pele formigou.

Eu não sabia ao certo se as coisas estavam esquisitas entre a gente ou não.

Mas aí ele chegou mais perto e apoiou a mão sobre a minha. Acariciei a dele com o polegar.

O sr. Edwards nos passou as folhas para que sentíssemos o aroma antes de começar a infundir. Provamos e anotamos enquanto o sr. Edwards preparava a segunda infusão.

— Meio tímido — disse Landon.

O pai dele bebericou de uma colher e assentiu. Eu também provei.

Eu nem sabia o que era um sabor “meio tímido”.

— Hum. Defumado?

— Sim, é um oolong torrado, mas o que mais você está sentindo além disso?

— Hum.

Engoli e olhei para as minhas anotações rabiscadas.

Me senti na aula de Álgebra II, tentando resolver a equação de uma parábola.

— Sabor encorpado?

O sr. Edwards assentiu, mas dava para sentir a decepção nos ombros dele enquanto começava a segunda infusão.

Fizemos mais três, uma mais demorada que a outra. As folhas se desdobravam num esplendor verde até que mal houvesse espaço para despejar água sobre elas.

Quando terminamos a última degustação, o dr. Edwards colocou a colher sobre a mesa.

— Muito bem. Qual vocês comprariam?

— Gostei mais do número quatro — respondi.

— Landon?

Ele folheou as próprias anotações.

— Número dois.

— Por quê?

— A operação comercial é melhor.

— Certo. Eles têm mais volume, melhor preço, estão investindo em maquinário novo.

Olhei de novo para as minhas anotações bagunçadas.

Me perguntei se algum dia eu acertaria.

Qual é o propósito de amar chá se você não compartilhar o melhor sabor com os outros?

Chá era uma questão de amor, não de dinheiro.

Pisquei para disfarçar a frustração antes que acabasse sofrendo uma falha na barreira de contenção ali mesmo.

— Excelente degustação, os dois.

O sr. Edwards ficou de pé e empurrou a cadeira para debaixo da mesa.

— Podem limpar tudo aqui e partir para o estoque logo depois?

— Claro — respondeu Landon.

O sr. Edwards apertou o ombro de Landon antes de sair pela porta.

Levei as gaiwans até a lava-louças.

— Ei — disse Landon, trazendo as colheres. — Desculpa por ontem.

— Eu fiz algo errado?

— Não. É só que... me senti meio deslocado, e aquele cara foi um cuzão interrompendo a gente.

— Trent?

— Sim. Não gostei do jeito como ele te tratou.

— Eu já me acostumei.

Landon deu um passo em minha direção, quadril com quadril. Ele apoiou a mão na minha cintura.

— Pois não deveria.

— Obrigado.

— Eu estava me divertindo, aliás.

— Eu também.

— Dava pra ver.

Minhas orelhas queimaram e as bochechas de Landon coraram. Ele mordeu o lábio.

— Fiquei querendo que a festa fosse só entre nós dois.

Senti um formigamento.

Como se, talvez, eu também quisesse aquilo.

Não tinha certeza.

Eu não sabia como explicar para ele que não estava pronto para fazer coisas.

Não sabia como explicar para mim mesmo.

Landon deu uma apertadinha na minha bunda.

— Talvez na próxima...

Kerry colocou a cabeça na porta. Landon me soltou.

— Oi, Darius — disse ela. — O bar está lotado. Pode me dar uma ajuda?

— Claro.

Beijei Landon.

— Desculpa, preciso ir.

Landon me beijou também.

— Podemos conversar sobre isso? Hoje à noite?

Engoli em seco.

— Sim. Claro. Hoje à noite.

Café da manhã para o jantar

Depois do nosso turno, Landon voltou comigo para casa, junto de uma sacola de mercado cheia de ingredientes para fazer café da manhã para o jantar, a refeição favorita dele. A casa estava silenciosa, Laleh, Vovó e Oma estavam cada uma fazendo suas coisas e eu não conseguia me livrar da sensação de que havia uma nuvem pesada pairando sobre a nossa família.

Mas aí Landon começou a cozinhar. Ele fez ovos mexidos, fritadas, bacon, couve-de-bruxelas e rabanada de brioche.

Com isso, Laleh desceu as escadas, atraída pelo cheiro de bacon.

— Posso ajudar? — perguntou ela.

Landon sorriu para a minha irmã.

— Claro.

Ele a deixou molhar as rabanadas, temperar as fritadas e experimentar as couves-de-bruxelas para ver se estava bom de sal.

Laleh amava cozinhar com Landon.

Eu não conseguia me lembrar da última vez em que a minha irmã tinha sorrido tanto.

Quando minha mãe chegou em casa e viu os dois cozinhando juntos, ela também sorriu.

Eu também não conseguia me lembrar da última vez em que a minha mãe tinha sorrido tanto.

Até mesmo Oma e Vovó pareciam felizes quando se sentaram à mesa posta com bacon, ovos e rabanada.

Landon Edwards era mágico.

Depois do jantar, minha mãe insistiu em lavar a louça.

— Você e Landon já fizeram muita coisa — disse ela. — Relaxem.

— Certeza?

— Sim. Esse é pra casar, hein?

Minhas orelhas queimaram.

— Obrigado.

Tirei Landon da sala, onde ele estava contando para Oma sobre o Wuyi que nós provamos (Oma era muito fã de chás oolong), e o levei até o meu quarto.

— Oie — disse Landon quando eu fechei a porta e me virei para ele.

— Oie. Obrigado pelo jantar.

— Imagina.

O envolvi num abraço e apoiei o queixo sobre o cabelo dele.

— Foi muito legal da sua parte.

— Foi?

— Sim. Todo mundo ficou muito feliz.

Os olhos de Landon brilharam.

— Eu gosto de deixar sua família feliz.

— Obrigado.

Me aproximei e o beijei.

A boca dele ainda estava com gosto de bacon, mas eu meio que gostei.

Deitamos na minha cama e me acomodei no canto, deixando que ele descansasse sobre o meu peito. Envolvi os braços ao redor dele, o beijei na bochecha, no maxilar, no pescoço e depois apoiei minha cabeça contra a dele, fechando os olhos.

Eu amava ficar agarradinho com Landon.

Mas, cedo ou tarde, sempre acabávamos voltando para os beijos.

Dessa vez, não foi diferente: depois de alguns minutos, Landon se virou e levou os lábios em direção aos meus. Tão devagar e decidido e carinhoso, passando a mão pelo meu cabelo, juntando nossos lábios, apoiando a testa na minha.

Fiquei todo derretido.

Quando ele se afastou, estava com os lábios inchados, as bochechas coradas e os olhos tranquilos como os de um gato. Ele sorriu e chegou mais perto, pegando minha mão e a puxando em direção à barriga dele. Ele deslizou minha mão para baixo da camisa. Os pelos acima do elástico da calça fizeram cócegas nas minhas mãos.

Fiquei sem ar.

— Tudo bem por você? — perguntou ele.

— Não sei — sussurrei.

— Posso fazer com você?

Balancei a cabeça.

Ele suspirou e me soltou. Recolhi a mão e me sentei em cima dele.

— É alguma coisa que eu estou fazendo? Ou que estou deixando de fazer? — perguntou ele.

— Não. É só... muito duro pra mim.

Landon soltou uma risadinha.

— Não desse jeito. Sei lá...

— Eu gosto muito de você, Darius.

— Eu também gosto muito de você.

Landon tirou meu cabelo da testa, puxando-o para trás.

Eu derreti mais um pouquinho.

— Eu jamais quero pressionar você, mas preciso ser sincero e dizer que, bem, sexo é algo importante para mim. Faz parte de um relacionamento.

— Desculpa, mas eu não estou pronto.

— Do que você precisa para ficar pronto?

— Não sei.

Eu queria chorar.

— Não sei.

Landon puxou meu braço até tirar a mão debaixo de mim. Ele beijou a palma da mão e depois chegou mais perto para enxugar uma lágrima na

minha bochecha.

— Tudo bem.

Ele envolveu os braços em mim e apoiou a cabeça no meu peito, e eu soltei um suspiro bem baixinho.

Depois que Landon foi embora e todo mundo foi dormir, preparei uma xícara de Bai Mu Dan — um chá branco calmante e bem delicado — para conseguir relaxar durante a noite.

Meu quarto ainda estava com um leve cheiro do perfume de Landon e eu me senti um pouco agitado e inquieto quando respirei o aroma dele.

Eu meio que queria dar uma aliviada.

Mas noite de sábado em Portland significava manhã de domingo no Irã, e Sohrab estaria acordado.

Depois de alguns toques, ele atendeu.

— Alô, Darioush! Chetori?

— Estou bem, e você? Fez o que hoje?

— Maman fez kuku sabzi e nós levamos para Mamou. Ficamos um tempo lá.

— Como foi?

— Foi tranquilo. Quietos. Babou passou o tempo todo dormindo. Mamou disse que ele não tem se alimentado direito.

Senti um aperto no peito.

E depois tive um pensamento horrível: aquela espera era muito pior do que se Babou morresse de fato.

Seria mais fácil para todo mundo se ele simplesmente partisse em silêncio.

Eu odiei ter pensado aquilo.

Fiquei com vergonha de mim mesmo.

— O que houve, Darioush?

Balancei a cabeça e mordi o lábio para não chorar.

Que tipo de pessoa pensa uma coisa dessas?

— Darioush?

— Desculpa — eu disse, e pigarreei. — Tive um pensamento horrível, só isso.

Sohrab me analisou por um segundo.

— Eu também tenho, às vezes.

Funguei.

— Pois é... Como vai o colégio?

Sohrab suspirou.

— Maman não quer mais me deixar ir.

— Sêrio? Por quê?

— A polícia tem perturbado bastante Amou Ashkan ultimamente. Ela tem medo de que comecem a me perturbar também.

Amou Ashkan, o tio de Sohrab, tinha uma mercearia em Yazd.

— Mas por que agora?

— Não sei, Darioush. Às vezes eles fazem por fazer. Para lembrar às pessoas que podem. Ou porque está todo mundo infeliz e eles dizem que a culpa é dos Bahá'ís.

— Sinto muito — eu disse. — Queria que você morasse aqui.

Sohrab abriu um sorriso triste.

— Às vezes eu também queria.

— Sêrio?

— Sêrio. Sabe, é muito difícil para os Bahá'ís entrarem na faculdade aqui. Construírem um futuro. E temos que prestar serviço militar.

Ele mordeu o lábio.

Já tínhamos conversado sobre o serviço militar obrigatório no Irã antes. E eu odiava que aquilo assombrasse o futuro dele.

Odiava que ele tivesse que se preocupar com o futuro.

Aquilo tornava minhas preocupações pequenas e inadequadas.

— Minha mãe tem uma irmã que saiu do Irã. Khaleh Safa. Ela e a família se refugiaram no Paquistão. Hoje eles moram em Toronto.

— Nossa.

— Meu pai sempre dizia que não faz sentido querer sair do Irã. Eu costumava concordar com ele, mas agora penso em Khaleh Safa o tempo todo.

— Você quer ir embora, então?

— Não sei. Queria poder fazer faculdade nos Estados Unidos.

— Eu também queria que você viesse.

Sohrab mordeu o lábio.

— Chega de assuntos tristes. Como está Landon?

Senti um arrepio na nuca.

— Ele está bem.

Sohrab olhou para mim como se soubesse que havia mais a ser dito.

Sohrab sempre sabia.

— Nós conversamos um pouco. Sobre coisas.

Ele continuou me encarando.

— Sexo e tal.

Sohrab arregalou os olhos por um segundo e depois tossiu de leve.

— Ah.

A câmera de Sohrab não era boa o bastante para eu saber se ele estava ficando corado, mas a voz dele com certeza soou aguda quando ele disse:

— Vocês já...

Porém, ele não conseguiu terminar a frase.

— Não. A gente só conversou. Mas Landon... ele quer.

— E o que você quer?

— Não sei.

Sohrab desviou o olhar por um minuto. Inquieto na cadeira.

Dava para ver como ele estava desconfortável.

Sohrab não tinha muitas barreiras dentro dele, mas uma delas era quando se tratava de sexo. Ele sempre ficava nervoso quando a conversa caminhava para qualquer lugar próximo ao assunto.

Me senti meio mal por ter comentado.

Então, eu disse:

— Só quero que ele seja feliz.

E Sohrab disse:

— Eu quero que você seja feliz, Darioush.

— Obrigado.

O silêncio se arrastou entre nós dois, carregado de coisas que não conseguíamos dizer em voz alta.

Engoli em seco.

— Mamou e Babou não sabem.

— Eu sei.

— Não sei como contar para eles.

— Eu sei.

Universo invertido

Nossa partida seguinte de futebol seria longe de casa, contra o Colégio Poplar Grove, em Salem.

Depois da aula, pegamos os uniformes e subimos no ônibus que nos aguardava no estacionamento de alunos. Acabei ficando no meio do ônibus, com Chip do outro lado do corredor. Na frente, a treinadora Bentley pigarreou.

— Hoje é o nosso primeiro jogo fora de casa, rapazes — disse ela. — Não vou encher a paciência de vocês com o Código de Conduta nem nada do tipo. Vocês sabem o que eu espero do time. Então, que tal metermos um três a zero?

O time todo gritou. O freio de mão guinchou, as portas se fecharam e o ônibus começou a se mover, mas a treinadora Bentley continuou de pé, balançando enquanto o ônibus passava pelo quebra-molas na saída do estacionamento.

— Alguns de vocês já me perguntaram sobre olheiros.

Ela observou o time, repousando o olhar em Gabe. Em termos técnicos, ele era nosso melhor jogador e tinha chances reais de ser recrutado.

— Suspeito que teremos alguns no jogo de hoje. Sei que não adianta dizer para vocês não se sentirem pressionados, mas espero que se lembrem de que essa não é a única oportunidade para qualquer um do time. Teremos outros jogos, outros olheiros e outros caminhos para o futuro que vocês desejam. Então só cheguem lá, joguem com determinação e se divirtam. Vai, Chargers!

— Vai, Chargers! — bradamos.

O ônibus balançou conforme chegamos na rodovia, e os garotos relaxaram durante a viagem, jogando no celular, conversando ou, de vez enquanto, gritando de uma ponta à outra.

Na minha frente, Gabe e Jaden especulavam sobre quais faculdades poderiam mandar olheiros para o jogo.

— Provavelmente Washington e Oregon — comentou Jaden. — E Idaho, talvez?

Gabe riu.

— Tem universidade em Idaho?

— Não faço ideia. Ei, Darius!

— Oi?

— Quem você acha que vai estar de olho no jogo?

— Ah — respondi. — Sei lá.

Eu só me formaria no ensino médio no ano seguinte. E, além do mais, eu jogava na defesa. Ninguém nunca prestava atenção nos zagueiros.

E, como eu disse, já estava quase certo de que não queria fazer faculdade. Eu sabia que meus pais queriam que eu fizesse, mas não conseguia me imaginar sendo feliz naquele lugar.

Do outro lado do corredor, Chip franzia a testa para o celular, massacrando a tela com os polegares. Ele bufou, cruzou os braços e encarou a janela.

O observei por um segundo e depois olhei para a janela do meu lado. Era um daqueles dias perfeitos de outono, onde quase não dava para ver o topo do Monte Hood ao leste. Observei como dava, com outdoors interrompendo a vista de vez em quando, mas minha nuca ficou arrepiada.

Chip bufou de novo, e depois suspirou.

Me estiquei sobre o corredor.

— Tá tudo bem?

— Sim — respondeu ele, mantendo os braços cruzados e os ombros quase tocando as orelhas. — Você tem irmã, não tem?

— Sim. Laleh.

— Ela já fez alguma coisa que te deu vontade de, sei lá, matá-la?

— Na real, não. Ela tem nove anos.

— Ah, sim, beleza então.

Chip inflou as bochechas e soltou o ar com força.

— Era para o meu irmão ficar com a Evie hoje à noite, já que Ana e Jason têm aula, mas agora ele disse que está doente e quer que eu cuide da minha sobrinha. Como se eu pudesse fazer o ônibus dar meia-volta. Como se o calendário de jogos não estivesse grudado na geladeira.

— Putz, que saco — comentei. E depois: — Quem é Jason?

— Jason Bolger? Pai da Evie?

Meu cérebro executou uma mudança rápida e dolorosa na inércia.

— Ele é parente do Trent?

— Sim, irmão. Se formou quando a gente estava no primeiro ano.

Eu tinha um milhão de perguntas.

E não podia fazer nenhuma delas.

Então, eu só disse:

— Ah.

Chip soltou mais um suspiro.

— A essa altura eu já deveria ter me acostumado.

— Sinto muito.

Eu não sabia mais o que dizer.

Pensei que, talvez, Chip não quisesse ouvir nada além disso. Só precisava que eu o escutasse.

Às vezes as pessoas só precisam desabafar.

Chip deu de ombros e se virou para a janela de novo. Eu o observei por um segundo. A luz do sol o pintava de dourado e capturava os pelos finos no pescoço dele.

Senti um apertozinho no peito.

Dei de ombros, pisquei e me virei.

Nosso jogo contra o Colégio Poplar Grove foi uma vitória esmagadora para o nosso time.

Quase me senti mal por eles.

Quase.

Gabe fez um chapéu no primeiro tempo, e James e Jaden marcaram dois gols no segundo.

Cumprimentamos nossos oponentes aniquilados, e depois a treinadora chamou alguns dos garotos (incluindo Gabe) para conversarem com um par de adultos com roupa de ginástica na primeira fileira da arquibancada. Eu não consegui ver direito os logos no peito de cada um, mas com certeza eram olheiros.

Enquanto eu caminhava até o vestiário de visitantes, Chip apoiou o braço sobre o meu ombro.

Ele nunca havia feito aquilo antes.

Me lembrava do jeito como Sohrab sempre fazia aquilo comigo.

— Jogoço, hein?

— Acho que sim.

— Como assim?

Dei de ombros.

— Só encostei na bola duas vezes. Mas Gabe mandou bem.

— Pois é.

Chip tirou o braço dos meus ombros, mas apoiou a mão nas minhas costas.

— Hum.

— Quê? — disse Chip.

— Eu não disse nada.

Engoli em seco.

O silêncio entre nós dois pulsava contra a parte da minha pele que Chip estava tocando.

O vestiário do Colégio Poplar Grove tinha um cheiro tão forte que meus olhos se encheram d'água, como se alguém tivesse jogado amônia em cima de todas as superfícies, depois um pouco de álcool por cima e, por fim, enchido os aspersores de incêndio com cloro e deixado ligado por umas duas horas.

Minha garganta queimava e eu engasguei e tossi enquanto me trocava. Chip ficou ao meu lado, radiando calor humano e um leve cheiro de suor e desodorante enquanto passava a camisa pela cabeça.

Vesti uma calça de corrida e saí de lá o mais rápido possível porque não queria que ninguém notasse minha ereção.

O que havia de errado comigo?

Já estava escuro quando o ônibus chegou ao estacionamento de alunos do Colégio Chapel Hill.

— Bom trabalho, time. Hora de descansar agora.

Uma fileira de carros esperava na calçada, pais buscando os filhos. Alguns dos formandos caminharam até os fundos do estacionamento para pegarem seus carros e darem carona para os amigos. Peguei minha mochila e uma das bolsas da treinadora e a ajudei, levando para dentro.

— Mandou bem hoje, Darius — disse ela.

— Obrigado, treinadora, mas nem fiz muita coisa.

Ela sorriu.

— Você nunca se dá o devido crédito.

— Bem...

— Seus pais estão te esperando?

— Eu vim de bicicleta.

— Entendi. Até amanhã, então.

— Sim. Até.

Peguei a bolsa transversal e o capacete no meu armário e caminhei até o bicicletário.

Chip Cusumano estava lá também. Ele já havia destrancado a bicicleta, mas ela estava jogada no gramado ao lado da calçada, onde ele estava sentado com o queixo apoiado nas mãos.

— Oi — eu disse.

— Oi.

Me sentei ao lado dele, mas com uma boa distância entre nós, porque eu ainda estava me sentindo esquisito por ter tido uma ereção enquanto me trocava ao lado dele e pelo jeito como a minha pele vibrava quando estávamos perto um do outro.

Eu não gostava daquilo.

Não gostava de como o meu corpo respondia a ele do mesmo jeito que respondia ao Landon. Como se não importasse de quem gostava.

Como se não importasse quem eu desejava.

— Tudo bem?

— Sim. Acho.

Ele encarou o estacionamento. Cones laranja iluminavam o asfalto vazio sob a chuva que começou a cair.

Passei a mão pelo cabelo e Chip fez a mesma coisa ao mesmo tempo, tentando tirar as mechas molhadas da frente dos olhos.

Chip fez um som de estouro com os lábios.

— É um saco isso.

— O quê?

— Minha irmã está chateada porque eu não pude ficar com a Evie. Como se hoje não fosse a noite do meu irmão, pra começo de conversa. E minha mãe está concordando com ela.

— Isso não me parece justo.

— Né? Tipo, não sou obrigado a consertar a bagunça de todo mundo, mas, por algum motivo, todo mundo espera que eu seja o “maduro da casa”. O que sabe resolver tudo.

Ele suspirou e se jogou para trás, esticando os braços por trás da cabeça para se apoiar sobre a grama molhada.

— Nunca posso ser aquele que precisa de ajuda.

Me deitei também, usando o capuz para proteger a cabeça, e apoiei as mãos sobre a barriga. A chuva pesava contra os meus cílios.

— Que saco.

— Pois é — disse ele, e se virou para me olhar. — Nossa.

— Que foi?

— Seus cílios são muito longos, cara.

Minhas bochechas queimaram.

— Ah. Coisa de persa.

— Hum.

Chip encarou o céu de novo.

— Sorin sempre foi encenqueiro. E Ana nunca foi responsável antes da Evie nascer. A minha mãe vive ocupada cuidando deles, e agora da Evie também.

Chip passou a mão pelo cabelo de novo, o deixando ainda mais bagunçado.

De alguma forma, aquilo deixava a expressão dele mais aberta.

Vulnerável, até.

— É como se eles sugassem todo o ar da casa. E agora ainda tem a Evie. Eu amo minha sobrinha. Meu deus, como eu a amo, mas o que sobra para mim? Nada.

— Sinto muito. Isso é um saco mesmo.

— Sim. Bom, pelo menos eu sei que sou o tio favorito dela. Ela nem consegue dizer o nome do Sorin.

— Sorin é seu irmão?

— Sim.

— Até que é um nome bem maneiro.

Chip riu.

— Sorin?

— Sim.

— Melhor que Cyprian, pelo menos.

— Como assim? Eu gosto de Cyprian.

— Ninguém consegue escrever direito.

— O que significa?

— Natural do Chipre.

— Combina com você. Quer dizer, você tem cara de Cyprian.

— Obrigado — disse Chip, e depois: — Só não é melhor que ter um nome de rei, né?

— Tecnicamente, Darius, o Grande, era um imperador.

— Sim, bem. Darius combina com você também.

Minhas orelhas queimaram. Parecia que as gotas de chuva virariam vapor quando batessem nelas.

— Obrigado.

— E eu acho legal que você tenha, tipo, essa conexão. Com a sua família no Irã.

— Pois é. Mas às vezes é difícil também. Eu sou apenas meio-persa. E às vezes a metade persa é a única que importa e a parte americana acaba sendo uma barreira.

Chip olhou para mim por um segundo.

Pisquei contra a chuva.

— Quer saber de uma coisa? — perguntou ele.

Mas antes que pudesse terminar, o celular dele vibrou. Ele pegou o aparelho e o segurou por cima da cabeça, digitando enquanto um sorriso se formava no rosto.

Ele se sentou.

— Foi mal. Era o Trent.

— Ah.

Eu ainda não conseguia superar a ideia de Trent Bolger, Minion Desalmado da Ortodoxia.

A existência dele parecia violar alguma lei fundamental do universo.

Me sentei e limpei as mãos nos joelhos.

— Vou me encontrar com ele. Quer vir junto?

Encarei Cyprian Cusumano como se meu cérebro tivesse sofrido uma falha em cascata.

Talvez, quando se é um garoto como Chip Cusumano, e Trent Bolger sempre foi seu amigo, você não consegue conceber a ideia de que qualquer pessoa o evitaria como se evita um acidente espacial.

— Acho que vou direto para casa. Preciso de um banho.

Me levantei e coloquei o capacete.

— Aaah, vamos!

Mais uma falha em cascata.

Por que Chip queria que eu fosse junto, afinal?

Chip estendeu a mão e eu o ajudei a se levantar.

— Talvez outro dia, então? — perguntou ele, arqueando as sobrancelhas com esperança.

— Talvez.

Como se um dia fôssemos viver num universo invertido onde pessoas usam cavanhaques e possuem ideologias morais opostas.

— Legal — disse ele, subindo na bicicleta. — Até mais, Darius.

— Até mais, Cyprian.

Ele sorriu para mim e saiu pedalando.

Balancei a cabeça, sequei o rosto e fui para casa.

Kotak mekhai

Vovó e Oma estavam à mesa de jantar quando cheguei em casa, bebendo chá de menta e lendo.

Oma vivia lendo livros de mistério — quanto mais bizarros, melhor —, enquanto Vovó era mais chegada a biografias.

Eu nunca consegui convencer as duas a lerem ficção científica ou fantasia. Elas diziam preferir “livros de verdade”.

Eu nem sabia por que aquilo me deixava tão irritado.

Nenhuma das duas levantou a cabeça quando eu cheguei. Fechei a porta e elas não reagiram.

Aquela aura de tristeza silenciosa havia retornado à nossa casa, um miasma opressivo que pairava no ar como um cano vazando.

Pigarreei antes de dizer:

— Oi.

— Como foi hoje? — perguntou Oma.

— Nós ganhamos.

— Que bom. Três vitórias seguidas, certo?

— Sim. Gabe, nosso atacante, até conseguiu fazer um chapéu.

Vovó assoviou, mas continuou lendo.

— E você? — perguntou Oma — Jogou bem?

Dei de ombros.

— A bola mal chegou perto de mim.

— Você precisa ser mais agressivo.

Aquilo era algo que meu antigo treinador, da época em que eu era criança, falava. Seja agressivo.

A treinadora Bentley nunca disse uma coisa daquelas.

O que me agradava muito.

— Cadê a Laleh? — perguntei.

Vovó suspirou.

— Está no quarto. Ficou a noite toda lá.

— Como assim?

Oma dobrou a página que estava lendo e fechou o livro.

— Ela se meteu numa briga na escola hoje.

Em primeiro lugar, eu nunca dobrava as folhas dos livros — sempre usava marca-páginas — e por um momento cheguei a questionar se Oma e eu sequer éramos da mesma família.

Em segundo, Laleh nunca havia se metido numa briga em toda a vida dela. Nunca mesmo. O que Oma estava dizendo soava impossível.

Então, eu disse:

— Quê? Laleh nunca se meteu em uma briga antes.

Oma assentiu.

— Ela não quer contar o que aconteceu.

— A professora também não sabia a história toda — disse Vovó.

Então, eu disse:

— Talvez ela consiga conversar comigo.

Minha irmã nunca deixava a porta fechada, nem à noite. Ela sempre deixava uma frestinha.

Mas, quando fui atrás dela, a porta estava fechada de verdade.

Acho que eu sempre soube que, em algum momento, ela fecharia a porta entre nós dois. Quando estivesse alta demais para que eu a carregasse nas costas, ou para que os nossos pais a colocassem para dormir.

Bati à porta, mas ela não respondeu.

— Laleh? Sou eu. Posso entrar?

— Tanto faz — murmurou ela.

Abri a porta e coloquei a cabeça para dentro. A única luz vinha do abajur na mesa de cabeceira — um carrossel esquisito que tocava uma

música bizarra quando se girava uma manivela.

Laleh nunca girava, só no Dia das Bruxas, quando ela tocava a música e eu fingia estar morrendo de medo, e depois caía na gargalhada ao me ver correndo para baixo da coberta para me esconder.

Laleh já estava deitada, com o corpo de costas para mim, virado para o abajur.

Me sentei na beirada da cama e ri baixinho de mim mesmo, porque meus pais sempre faziam aquilo.

Manobra Padrão de Paternidade Alfa.

— Não ri de mim — murmurou Laleh.

— Não estou rindo de você. É que a mãe e o pai sempre se sentam desse jeito quando vão conversar comigo.

Laleh não disse nada.

— Quer me contar o que aconteceu?

Nada.

— Já te contei da vez em que eu me meti em encrenca por ter batido numa pessoa?

Ao ouvir isso, Laleh se virou, deixando o livro aberto atrás dela.

— Você bateu em alguém?

— Num garoto chamado Vence Henderson — eu disse, franzindo o nariz. — Ele sempre tirava sarro de mim, o que já era ruim o bastante. Mas um dia ele começou a debochar da mamãe. Do sotaque dela.

Laleh franziu o rosto também.

— Pois é. Então, eu dei um kotak nele.

Laleh riu.

— Kotak mekhai? Ba posta das?

Quando estávamos no Irã, um dos nossos primos ensinou essa frase para Laleh. Significa: “Quer levar um tapa? Com as costas da minha mão?”.

Depois que voltamos para casa, ela passou meses dizendo aquilo para qualquer um que a incomodasse. E depois de um tempo, começou a dizer só

de brincadeira. E, aos poucos, foi parando de usar.

Mas eu gostava de como aquela lembrança ainda conseguia fazer minha irmã sorrir.

— Tecnicamente, eu bati com a palma da mão. Mas mesmo assim.

Laleh riu.

— Quer me contar o que aconteceu? Prometo que não vou julgar nem ficar bravo.

Laleh olhou para as mãos por um momento, e depois relaxou um pouquinho os ombros.

— Eu não bati em ninguém — disse ela. — Nem mesmo um kotak.

Fiquei feliz ao ouvir aquilo, mas não disse nada porque prometi que não iria julgá-la.

— Só mandei Micah calar a boca. Mas parece que não podemos mandar as pessoas calarem a boca. A srta. Hawn diz que é uma palavra feia, mas nem faz sentido porque são três palavras.

Assenti.

— Mas por quê?

— Por que é uma palavra feia?

— Por que você mandou ele calar a boca?

— Ele estava me chamando de Lolly de novo. Ficou repetindo um monte de vezes — disse ela, a voz ficando mais baixa. — E disse que nossa família é terrorista.

Respirei fundo.

Eu já estava quase acostumado a ser chamado de terrorista.

Quase.

Mas odiava saber que alguém tinha chamado a minha irmã assim.

Odiava saber que as pessoas eram capazes de olhar para ela, olhar para a nossa família, e dizer aquilo.

— Sinto muito, Laleh. Isso magoa demais. Às vezes as pessoas dizem isso para mim também. Além de outras coisas. Você contou para a srta.

Hawn?

Laleh balançou a cabeça.

— Ela não deixou. Me deu um demérito!

Deméritos eram uns pedacinhos de papel que basicamente diziam que a professora estava decepcionada com você.

Na real, não significavam nada, a não ser que você recebesse três na mesma semana, daí era mandado para a diretoria.

Mas eu me lembrei de quando tinha a idade de Laleh e achava que aquilo era a pior coisa que poderia acontecer.

— Isso não é justo — eu disse.

Os lábios de Laleh tremeram.

Passei a mão pelo cabelo dela. Quando ela ainda era bebê, o cabelo de Laleh era fino e claro, mas agora já estava muito parecido com o meu: cacheado, espesso e forte.

— E a srta. Hawn não disse nada para Micah?

Laleh balançou a cabeça e secou os olhos.

— Ninguém me deu ouvidos. Vovó e Oma ficaram decepcionadas e a mamãe está trabalhando.

— E eu estava no jogo — terminei por ela. — Me desculpa. Mas agora estou aqui. Estou te ouvindo.

Ela fungou.

— Ei. Tá tudo bem — eu disse, e abri os braços. — Quer um abraço?

Laleh empurrou as cobertas para o lado e envolveu os braços em mim. A puxei para perto e a segurei contra o peito, balançando para a frente e para trás.

— Vai ficar tudo bem — eu disse. — Vou falar com a mamãe. Vamos dar um jeito.

Beijei o topo da cabeça dela.

Eu faria qualquer coisa no mundo para proteger minha irmã de Minions Desalmados da Ortodoxia como Micah Qualquer-coisa.

Eu queria que ela nunca se sentisse como eu me sentia.

Como um Alvo.

— Te amo, Laleh.

Botei Laleh na cama, beijei a testa dela e deixei a porta entreaberta, do jeito como ela gostava.

Tentei ligar para Sohrab. Nenhuma resposta, mas ele provavelmente estava no colégio.

Oma e Vovó já estavam deitadas, mas eu fiquei na cozinha com uma xícara de New Vithanakande, um chá do Sri Lanka bem encorpado, com sabor suave e notas de chocolate no fundo da boca.

Fiquei bebendo chá e fazendo as lições de Álgebra II. Estávamos aprendendo logaritmos, o que não entrava na minha cabeça de jeito nenhum. Eu meio que queria Chip por perto para me ajudar.

Mas aquilo me fez sentir esquisito.

Com vergonha de mim mesmo.

Já estava terminando quando o portão da garagem zumbiu.

— Oi, meu bem. Como foi o seu dia?

— Tranquilo — respondi. — Melhor que o da Laleh. Ficou sabendo do que aconteceu?

Minha mãe suspirou e caminhou até a geladeira. Ela abriu um pote com sobras de bacon, pegou um pedaço e comeu frio mesmo.

Meus lábios tremeram.

— Que foi?

— Você costumava gritar comigo quando eu fazia isso.

— Não gritava nada.

Sorri.

— Gritava?

— Sim. Daí o meu pai perguntava por que eu não estava comendo uma fruta ou um talo de salsão em vez de qualquer outra coisa.

Minha mãe suspirou. Os ombros pesados.

Eu nunca tinha visto minha mãe tão exausta antes.

— Nós fomos uns pais bem mequetrefes, né?

Pisquei.

Minha mãe nunca tinha dito nada como aquilo antes.

— É claro que não.

Ela pegou outro pedaço de bacon e guardou o pote na geladeira.

— De verdade — eu disse.

Ela se jogou na cadeira ao meu lado.

— Obrigada, meu bem. Só estou cansada. E a professora da sua irmã quer conversar comigo.

— Ela contou o que aconteceu?

— Disse que Laleh está arrumando problemas com a turma recentemente. E que hoje se envolveu numa briga.

— Um dos colegas de classe chamou a Laleh de terrorista — anunciei. — E também estão chamando ela de Lolly.

Minha mãe balançou a cabeça e olhou em direção às escadas.

Engoli em seco.

— Ela disse que isso está acontecendo desde que voltamos do Irã.

Minha mãe se virou para mim, exaltada.

— O que você está dizendo? Que era melhor não termos ido?

Eu não sabia por que ela estava tão nervosa.

Não sabia o que eu tinha feito de errado.

— Não estou dizendo isso.

Ela bufou.

— Sêrio — eu disse.

Enrosquei a barra da minha camiseta em volta do dedo.

— Já pensou se eu nunca tivesse ido ver Babou? Acho que me arrependeria para sempre.

Observei a raiva sumir da expressão da minha mãe.

— É só que... bem, a Laleh nunca tinha sido excluída desse jeito antes. Ela era tratada como todas as crianças brancas. Mas agora...

— Iranianos também são brancos.

Mordi os lábios.

Só porque era aquilo que nós dizíamos nos formulários em consultas médicas, não significava que era verdade. Ninguém do colégio me tratava como branco desde que descobriram que minha mãe era iraniana.

Os colegas de classe de Laleh não a tratavam como uma garota branca.

Então, eu disse:

— Laleh está sendo excluída. E a professora está punindo ela em vez das crianças que a estão excluindo.

— Tem razão — disse minha mãe, apertando os lábios. — Mas não sei o que fazer. Tenho uma reunião com um cliente amanhã à tarde. Vovó vai ter que levar a Laleh.

Pensei em Melanie Kellner tentando explicar racismo para a professora de Laleh.

Pensei em como os meus professores nunca entenderam como é. Como eles nunca me protegeram de ser um Alvo.

— Quer que eu vá com elas?

— Não precisa fazer isso, querido. Você não tem treino?

— A treinadora Bentley vai entender — respondi. — E eu quero ir. Mesmo. Sou o único que entende o que ela está sentindo.

Minha mãe começou a fazer cafuné em mim.

— Você também passa por isso no colégio?

— Às vezes.

Quase sempre, mais ou menos.

— Às vezes as pessoas simplesmente não gostam de Iranianos. Ou de qualquer pessoa do Oriente Médio, na verdade.

— Sinto muito.

— Não precisa.

Minha mãe encarou a paisagem pela janela da cozinha.

— Sabe, quando eu cheguei aqui, as pessoas diziam essas coisas pra mim também. Principalmente depois do Onze de setembro.

Ela continuava fazendo cafuné.

— Acho que eu acabei me acostumando. E me esforcei para parecer o mais branca possível. Esse foi um dos motivos pelos quais eu não te ensinei a falar persa como deveria.

Minha mãe já tinha me dito aquilo antes: ela não queria que eu me sentisse diferente das outras crianças.

— Eu até passei um tempo me apresentando como Sharon, porque meus professores não sabiam falar Shirin direito.

— Sharon Bahrami?

Minha mãe riu.

— Isso durou só umas duas semanas, seu pai me convenceu a parar.

Ela sorriu, enroscou uma mecha de cabelo na ponta do dedo e depois soltou, admirando o cacho. Ela repousou a palma da mão na minha bochecha.

— Talvez eu devesse ter aprendido melhor a lição, para preparar você e sua irmã de um jeito melhor. Mas ninguém gosta de imaginar seus filhos sendo chamados de terroristas na escola. E não ter como protegê-los disso.

— Você não precisa me proteger, mãe.

Ela puxou minha cabeça para baixo e beijou minha testa.

— Tenho, sim — disse ela. — Sempre.

— Bem — eu disse, e engoli em seco. — Eu tenho que proteger a Laleh.

Minha mãe abriu um sorriso triste.

Eu nunca tinha reparado nas rugas ao redor dos olhos dela antes.

— Você é um irmão muito bom.

— Obrigado, mãe.

Bob Esponja Calça Quadrada

A Escola Primária Rising Hill não fazia jus ao nome. Ela ficava em um vale entre duas colinas menores, e nenhuma delas se chamava “Rising Hill” — até onde eu sabia, elas nem nome tinham.

A escola era nova: As obras terminaram logo depois que Laleh entrou no primeiro ano. A parte externa era toda coberta por janelas de vidro reluzente e madeira de demolição, com painéis solares no telhado e aquecimento/resfriamentos geotérmicos do lado de dentro.

O estacionamento ainda estava cheio quando Vovó estacionou o Camry da Oma numa vaga de visitantes.

Laleh se contorceu no banco de trás.

— Estamos atrasadas — disse Vovó, estalando a língua. — Melhor correremos.

Nossa reunião com a professora de Laleh estava marcada para as cinco horas.

Eram 4h55.

Melanie Kellner chegava compulsoriamente adiantada para todas as coisas.

Abri a porta de Laleh para ela e ofereci a mão enquanto caminhávamos para dentro, mas ela balançou a cabeça, curvou os ombros e foi andando na frente, entre Vovó e eu, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Tudo dentro da Escola Primária Rising Hill parecia muito pequeno: os cartazes eram pendurados mais baixos na parede, os corredores eram mais estreitos; os bebedouros, na altura do joelho.

A minha escola primária também era pequena assim?

Um homem branco amigável, de gravata-borboleta e óculos de aros grossos nos recebeu.

— Vocês vieram para alguma reunião? — perguntou ele.

Sua voz era melódica, e havia algo nela que me fez pensar se ele também era *queer*.

Às vezes eu fazia esse negócio de imaginar que outras pessoas que eu conhecia eram *queer*. Porque eu gostava de achar que existiam vários de nós ao meu redor.

Eu me perguntava se outras pessoas também faziam aquilo.

Me perguntava se Vovó e Oma faziam aquilo.

— Temos horário marcado com a srta. Hawn — disse Vovó, como se estivéssemos num consultório médico.

— É pra já.

O rapaz pegou a carta de habilitação da Vovó e minha carteirinha de estudante, colocando os dois documentos num scanner/impressora para fazer adesivos de visitante pra gente.

— Prontinho.

Ele olhou para Laleh.

— Consegue levar os dois até a sua sala de aula, Lalah?

Senti um arrepio. Ele disse o nome da minha irmã como se rimasse com “bala”.

Laleh apenas assentiu. Mas eu disse:

— A pronúncia correta é Laleh.

O rapaz piscou.

— Ah. Me desculpe. Laleh.

— Isso.

— Obrigado, não vou errar de novo.

— Certo.

Lancei um daqueles sorrisos de boca fechada para ele, e segui Laleh até a sala de aula.

A sala de aula da professora Hawn era um pesadelo.

O negócio é o seguinte: eu nunca entendi o motivo e o propósito do *Bob Esponja Calça Quadrada*.

Eu não assistia quando era criança. De acordo com o meu pai, eu começava a chorar sempre que o desenho começava e só parava quando ele trocava de canal.

Para ser sincero, eu continuava achando muito perturbador.

Então, quando entrei na sala de aula da srta. Hawn e vi um boneco do Bob Esponja na mesa dela e um pôster do personagem com a frase LER É MÁGICO suspensa num arco-íris entre as mãos dele, eu meio que estremeci.

A professora Hawn estava sentada atrás da mesa, nos olhando com um sorriso ensaiado. Ela tinha olhos azuis e cabelo louro, partido ao meio e ondulado nas pontas.

Ela parecia uma *banana split*.

Pensei em como aquilo era uma coisa cruel de se pensar, comparar a professora de Laleh com uma sobremesa que continha derivados de leite e (na maioria das vezes) amendoim, mas era difícil pensar qualquer coisa boa a respeito dela depois de passar a noite abraçando uma Laleh que chorou até pegar no sono.

— Sentem-se — disse a professora Hawn. — A senhora deve ser...

— Melanie Kellner — respondeu Vovó. — Avó da Laleh.

— Prazer em conhecer — disse ela, estendendo a mão por cima da mesa.

Vovó a cumprimentou antes de ocupar uma cadeira dobrável de metal que parecia bem desconfortável.

— E você deve ser o Darius.

— Isso.

Ela estreitou os olhos.

— Se eu soubesse que você também vinha, teria pedido uma cadeira melhor.

— Sem problemas.

Me sentei ao lado de Laleh numa daquelas cadeirinhas para alunos da terceira série. Meus joelhos quase batiam no peito e Laleh deu uma risadinha para mim. Queria ter respondido com uma careta, mas estávamos ali para falar de algo sério, então coloquei a mão sobre os joelhos e tentei parecer o mais profissional possível, com a calça jeans do trabalho e uma camisa de botão verde-clara que eu usava nos eventos de futebol quando tínhamos que nos vestir no estilo Casual de negócios.

Como alguém com anos de experiência tentando decifrar as diferentes interpretações do Casual persa — um conjunto complexo de Comportamentos Sociais que ditavam as vestimentas em vários eventos iranianos —, eu considerava a simplicidade do Casual de negócios um alívio muito bem-vindo.

— Então.

A professora Hawn digitou no computador, clicou no mouse algumas vezes e se virou em nossa direção. Ela apoiou as mãos sobre a mesa, uma em cima da outra.

— Me perdoem por ter chamado vocês até aqui. Questões disciplinares geralmente são resolvidas dentro da sala de aula, mas tenho algumas outras preocupações.

— Outras preocupações? — perguntou Vovó.

— Tirando o comportamento incomum no dia de ontem, Laleh é a melhor aluna da turma. É sempre a primeira a entregar as tarefas. Está lendo obras bem acima do nível geral para essa idade. E me preocupo com a hipótese de ela não estar sendo desafiada o bastante nas aulas.

A professora Hawn pigarreou e passou uma mecha de *banana split* por trás da orelha.

— Acho que isso pode ser parte do motivo para a mudança de comportamento dela.

Ao meu lado, Laleh cruzou os braços e olhou para os pés. Ela estava vestindo seu par de tênis brancos favoritos, e mantinha os calcanhares juntos, como a Dorothy tentando voltar para casa.

Levantei a mão.

Têm hábitos que a gente nunca perde.

A srta. Hawn franziu o nariz enquanto abria um meio-sorriso.

— Pois não?

Engoli em seco.

— E quanto às outras crianças?

Ela piscou.

— O que tem elas?

— Bem, o que aconteceu com as crianças que ficaram chamando a Laleh de “Lolly” de propósito?

Ela piscou de novo.

— Eu não... hum. Não reparei nisso. Prometo que vou ficar mais atenta.

— E quanto a Micah chamando a Laleh de terrorista?

A professora arregalou os olhos.

— Micah disse isso?

Laleh continuava encarando os pés. Senti que ela tremia um pouquinho do meu lado, então apoiei a mão no joelho dela e dei um aperto de leve. Depois de um segundo, ela assentiu.

— Isso, certamente, é inaceitável — disse a professora. — Mas acho que ele não sabia o contexto do que estava dizendo.

Minha voz estremeceu.

— Acho que ele sabe, sim — eu disse.

Vovó colocou a mão sobre o meu ombro, mas eu continuei.

— Ele vê esse tipo de coisa na TV o tempo todo. É assim que pessoas brancas enxergam pessoas como Laleh e eu.

A srta. Hawn cerrou os punhos.

— Nem todos nós — disse ela.

— Não foi isso...

Mas Vovó me interrompeu.

— Acredito que o que Darius esteja tentando dizer é que a senhorita parece estar ignorando as atitudes dos outros ao castigar apenas Laleh.

Pisquei para a minha avó.

Aquilo não era o que eu estava tentando dizer.

Eu estava tentando explicar como Laleh se sentia.

Como *eu* me sentia.

Porém, Vovó nunca pareceu querer saber mais a respeito.

A professora Hawn pigarreou de novo.

— Vou conversar com Micah amanhã. Mas, agora, gostaria de focar no futuro da Laleh.

— Como assim? — perguntou Vovó.

— Eu gostaria que a Laleh fizesse a prova para o programa estadual de alunos avançados. As notas dela são exemplares, e os outros professores também acham que seria uma boa opção.

Vovó olhou para mim e depois para Laleh, que bateu os calcanhares mais uma vez.

E depois assentiu e se virou para a professora.

— E o que isso implicaria?

A volta para casa foi silenciosa.

Vovó não falou nada porque, assim como Oma, ela nunca conversava ao volante.

Diferente de Oma, ela não escutava o noticiário no rádio: ela deixava o rádio desligado porque não queria se distrair.

Laleh também não falou nada. Eu tinha a impressão de que ela ainda estava meio brava com a srta. Hawn, brava demais para processar as coisas boas que ela dissera. E brava com a Vovó, por fingir que estava tudo bem. E, talvez, brava comigo, por tê-la decepcionado.

A srta. Hawn não me deu ouvidos. E Vovó distorceu completamente o que eu queria falar. Nada iria mudar.

Eu estava me sentindo muito mal.

Também não falei nada.

* * *

Quando chegamos em casa, Laleh correu direto para o quarto. Eu acompanhei a Vovó.

— Vou ligar para a sua mãe — disse ela.

Preparei um bule de chá — um de menta marroquina de que Laleh gostava — e enchi uma bandeja com xícaras e colheres e uma jarra de mel silvestre local.

A porta da minha irmã estava fechada de novo. Me perguntei se aquele era o novo normal dela.

— Laleh? Minhas mãos estão ocupadas. Posso entrar?

Por um segundo, achei que ela fosse dizer não. Ou apenas me ignorar. Mas aí a porta se destrancou, deixando uma fresta aberta.

Empurrei com o ombro, entrei e fechei com o pé.

— Quer chá?

— Claro.

Laleh se jogou na cama com o rosto para baixo, voltando ao espaço úmido onde ela estava chorando.

— Mel?

Laleh assentiu. Servi uma xícara para ela e despejei uma colherada de mel.

— Quer mexer?

Laleh se sentou, pegou a xícara e bateu a colher pela borda enquanto mexia.

Ela sempre batia a colher contra a xícara. Pelo menos aquilo não havia mudado.

— Ei, Laleh.

Me sentei no chão, recostando na cama dela.

— Sinto muito mesmo.

— Por quê?

— Eu te deixei na mão. Na frente da professora.

Laleh balançou a cabeça.

— Por que ela não te escutou?

— Não sei. Queria saber.

Bebi o chá.

Laleh também.

— Às vezes as pessoas acham que estão fazendo uma coisa boa e decidem ignorar que estão fazendo algo ruim também. A srta. Hawn e a Vovó estavam tão empolgadas com o programa para alunos avançados que ignoraram todas as microagressões e tal.

Laleh franziu a testa.

— Eu passo por essas coisas também. Sabia que as pessoas também me chamam de apelidos horríveis às vezes?

Não dava para ser muito específico com a minha irmã. Não queria ter que explicar por que D-Queijão era um insulto.

Eu jamais gostaria de discutir qualquer coisa relacionada a pênis com Laleh Kellner.

— Nem sempre consigo fazer eles pararem, mas posso encontrar amigos melhores. Professores melhores. E lugares melhores.

— Tipo o Sohrab?

— Sim. E tipo o futebol também. Minha treinadora e meus colegas do time. Talvez esse programa avançado não seja tão ruim. Talvez seja uma chance de você encontrar um lugar novo. E fazer novas amizades.

— Mas eu não quero ficar numa turma diferente.

Eu entendia. De verdade.

Laleh não queria ser diferente.

Ser diferente faz da gente um Alvo.

Mas se a minha irmã tivesse que se tornar um Alvo, que ao menos fosse por um motivo bom. Um motivo especial.

— Por que você não pensa só um pouquinho sobre isso? Por mim?

Laleh me encarou de baixo, através dos cílios. Ela tinha cílios longos e escuros como eu. Como a mamãe.

— Tá bom.

— Quer mais chá?

— Sim, por favor.

Negócios de família

Naquela noite, Landon chegou para preparar o jantar de novo: a receita de khoresh-e-karafs da minha mãe, um cozido de salsão.

— Que cheiro bom — eu disse, dando um beijo na têmpora dele.

Ele estava vestindo o avental de *Star Trek* do meu pai, e colocando mais uma porção de salsa fresca na panela.

— Obrigado. Estou fazendo o arroz do jeito certo?

Ao lado do khoresh, uma panela de arroz fumegava embaixo de um dos panos de prato da minha mãe.

— Acho que sim. Eu nunca fiz.

Fui levantar a tampa, mas Landon colocou a mão sobre o meu braço.

— A receita diz para deixar a tampa fechada até ficar pronto.

— E como você vai saber que está pronto se não pode tirar a tampa?

Landon deu de ombros.

— A receita deixa essa parte meio vaga.

Como eu disse, Landon Edwards era mágico.

O arroz ficou perfeito — um disco dourado resplandecente —, e ele virou a panela numa travessa assim que a minha mãe chegou em casa.

— Nossa — disse ela. — Ficou incrível.

As bochechas de Landon ficaram coradas.

— Obrigado.

Arrumei a mesa enquanto minha mãe vestia calças de moletom e todos nós nos sentamos para jantar. Landon empratou porções perfeitas de tah dig e colheradas grandes de cozido.

— Obrigada mais uma vez por ter acompanhado a Laleh — disse minha mãe.

— Sem problemas, Shirin — respondeu Vovó. — Coloquei os panfletos sobre o programa avançado na sua mesa.

Minhas orelhas queimaram.

Vovó estava agindo como se só aquilo importasse.

Mas minha mãe apenas assentiu.

— Nossa, você vai entrar para o programa, Laleh? — perguntou Landon.

— Não sei.

Laleh olhou para mim, e depois de volta para o prato de comida.

— Talvez. Acho.

Coloquei um pouco de cozido na colher.

— Eu estudei no programa avançado. Até a oitava série.

Landon apertou meu joelho sob a mesa.

— Você também? — perguntou ele para mim.

Balancei a cabeça.

— Ah — disse ele, e encarou o prato. — Olha. É bem legal, Laleh. Acho que você vai gostar.

— Tá bom — disse Laleh.

Eu fiquei encarando o cozido. O caldo verdejante com pedaços de carne flutuando, como ilhas amarronzadas num pântano cheio de vida.

Muitos dos cozidos persas parecem pântanos, até mesmo — não, principalmente — os mais gostosos.

Engoli o nó na garganta.

Deu vontade de chorar.

Nem sei o porquê.

Mas não podia chorar durante o jantar.

Landon tinha ensaio da banda na manhã seguinte, então só ficamos alguns minutos no meu quarto antes que o pai dele aparecesse para buscá-lo.

Acenei para o sr. Edwards enquanto eles se afastavam pela rua, depois fui ajudar minha mãe com a louça.

Enquanto lavávamos tudo, Vovó e Oma ficaram plantadas na sala assistindo a reprises de *Law & Order*. A versão original.

Dava para ver de quem meu pai puxou os hábitos televisivos, porque elas assistiam a um único episódio toda noite. E existiam muitos episódios de *Law & Order*.

— O que você achou da reunião?

— Acho que a srta. Hawn não entende que os colegas de classe da Laleh estão sendo racistas. Ou talvez ela só não se importe.

Minha mãe suspirou.

— Acho que ela não sabe. Ou, pelo menos, não sabe como lidar. Mas acredito que ela se importe com a Laleh.

Mordi o lábio enquanto afundava a esponja na panela de arroz, que eu já tinha limpado e enchido de água com detergente.

Minha mãe ligou a torneira e começou a enxaguar de novo.

— Landon mandou muito bem no khoresh.

— Sim.

— Ele é bem especial, né?

— Sim.

— Como foi a prova de hoje, aliás?

— Bem. Chip me ajudou a estudar.

— Por que você nunca pede ajuda para Landon? Parece que ele é bem inteligente também.

Engoli de novo o nó na garganta.

— Não sei. As aulas dele são diferentes.

— Hum.

Senti um arrepio na nuca.

— Quando é o seu próximo jogo mesmo?

— Sexta.

— Talvez seu pai consiga chegar a tempo.

— Talvez.

Nosso jogo contra as Águias de Beaverton East foi difícil. Ninguém fez gol, então a partida foi para os pênaltis.

O primeiro jogador a cobrar para as Águias marcou um gol com um lance bem-feito, batendo na trave e entrando na rede, mas Gabe empatou com um chute incrível também. Depois disso, ninguém mais fez gols. James, Nick e Jaden erraram, e os jogadores de Beaverton também.

Mas aí chegou a vez de Chip.

Prendi o fôlego enquanto ele analisava a trave e batia o pênalti.

E fazia o gol.

A arquibancada foi à loucura — bem, o pequeno grupo de pais e amigos. As pessoas não se importavam com o time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill do jeito como se importavam com o time de futebol americano.

Foi impossível não notar a ausência do meu pai. O voo dele atrasou.

Os garotos formaram uma roda em volta de Chip, rindo, empurrando uns aos outros, aplaudindo e trocando abraços suados.

Fiquei um pouquinho afastado daquilo tudo. Nem sei por quê.

Mas aí Jaden me viu. Ele riu, me puxou para perto do grupo, bateu nas minhas costas e apoiou o braço em volta do meu pescoço, Gabe me cumprimentou com um soquinho, Chip sorriu para mim e eu sorri de volta contra a minha própria vontade, e nós gritamos e pulamos até a treinadora aparecer para nos acalmar e nos mandar cumprimentar o outro time.

Mas ela também estava sorrindo.

E, por um segundo, ao menos, quase não senti falta do meu pai.

Só por um segundo.

Chip me encontrou no bicicletário.

— Ei — disse ele.

— Ei! Você mandou bem demais!

— Foi pura sorte.

Balancei a cabeça.

— Vai fazer alguma coisa hoje?

— Tô indo para casa. Meu pai já deve estar chegando.

— De onde?

— Ele está passando um tempo na Califórnia, a trabalho.

— Ah.

O sorriso do Chip murchou só um pouquinho.

— Por quê?

— Trent vai lá pra casa. Vamos cuidar da Evie e jogar videogame, sei lá. Ia te chamar para ir também.

Pisquei.

Às vezes Chip não fazia o menor sentido.

— Você sabe que ele me odeia, né?

Chip balançou a cabeça.

— Ele não te odeia. E a Evie te ama.

— Eu não acho que...

Mas o celular de Chip apitou. Ele fez uma careta e leu a mensagem.

— Foi mal, tenho que ir. Parece que ninguém se lembrou de levar o jantar.

— Ah. Sinto muito. Até mais.

Chip suspirou.

— Pois é. Até.

Como eu disse.

Eu não sabia como lidar com Cyprian Cusumano.

* * *

Quando cheguei em casa, meu pai estava na mesa jantando as sobras do khorosh-e-karaf. Ele saltou da cadeira e me envolveu num Abraço Nível Sete.

O apertei com força.

— Oi, pai.

Ele segurou meu rosto por um segundo e beijou minha testa.

— Como foi o jogo?

— Ganhamos nos pênaltis.

Ele abriu um sorriso radiante. Mas, depois, os ombros dele meio que caíram.

— Sinto muito por ter perdido.

— Tudo bem.

Meu pai apertou meu ombro.

— Já estou quase terminando. Eu lavo a louça se você fizer chá.

— Combinado.

Preparei um bule de Genmaicha e nós nos acomodamos no sofá para assistimos a “Negócios de família”, um episódio sobre a mãe de Quark fazendo dinheiro, embora aquilo fosse proibido para mulheres segundo a lei dos Ferengis.

— O que você acha que aconteceria se eu começasse a chamar a mamãe de “Moogie”? — perguntei.

Moogie era como Quark chamava a mãe dele.

Meu pai riu.

— Eu não arriscaria.

Quando o episódio terminou, ficamos sentados juntos no sofá, bebendo chá. Meu pai estava com o braço em volta de mim.

— Como você está? De verdade.

— Bem. — Mordi o lábio por um segundo. — Com saudades de você.

Meu pai assentiu e suspirou. Parecia que ele estava há alguns dias sem se barbear, e sentado ao lado dele, dava para ver as olheiras fundas.

Ele parecia amarrotado.

Eu não sabia que pessoas poderiam parecer amarrotadas.

— Pai? Você está bem?

— Eu? Tudo bem. Só cansado.

Mas havia algo na voz dele, um timbre intangível que causou um calafrio em mim.

Cocei a nuca.

Meu pai suspirou de novo.

Stephen Kellner nunca suspirava.

— Ficar longe de casa é barra.

Ele apertou meu ombro.

— Ficar longe de vocês... é bem mais difícil do que eu pensei que seria. Eu teria recusado esse trabalho, mas precisamos do dinheiro.

Meu pai tamborilou os dedos ao redor da xícara de chá.

E então suspirou de novo.

— Desculpa. É só que... estou no meio de um episódio agora. Mas vai ficar tudo bem.

— Um episódio depressivo?

Ele assentiu.

— Posso ajudar?

Ele apertou meu ombro mais uma vez.

— Não. Está tudo sob controle, e tenho falado com o dr. Howell sobre aumentar a minha dose.

— Posso pedir mais horas de trabalho para o sr. Edwards. Ou conseguir um segundo emprego.

— Nem pensar. Você já faz muita coisa, com o trabalho, o futebol e o colégio. Além do mais, é nossa função cuidar de você, e não o contrário.

— Mas eu quero ajudar.

— Você já está ajudando. Sendo feliz. Ajudando com a sua irmã.

— Sim, mas...

— Sem mas nem meio mas — disse ele, e sorriu. — Vamos ficar bem.

— Tá bom — respondi.

Meu pai soltou um suspiro longo.

— Pronto, chega de assuntos pesados. Me conta alguma coisa interessante que aconteceu enquanto eu estava fora.

— Bem — comecei. — Levei uma joelhada no saco semana passada.

Meu pai se encolheu, estremecendo as mãos como se quisesse se cobrir.

— Mas já estou bem. Não precisa se preocupar.

Ele balançou a cabeça.

Depois soltou uma risadinha.

E depois começou a rir.

Era muito bom fazer meu pai rir.

Terrivelmente básico

— Pode pegar mais duas caixas de Tencha? — gritou Alexis. — E uma de Masala Chai?

Deixei as caixas de Tencha na porta e voltei até a prateleira de chás pretos. Estava tudo bagunçado: Ceylons e Darjeelings e Earl Greys, tudo empilhado de forma caótica nas estantes, sem os rótulos virados para fora.

Empurrei algumas caixas de Ceylon para o lado e encontrei o Masala Chai escondido no fundo.

— Achei! — gritei de volta.

Arrumei as prateleiras da melhor forma que consegui e levei as caixas para a frente da loja.

— Completa ali pra mim? — pediu Kerry.

Ela apontou para um espaço vazio na prateleira antes de se voltar para o cliente, um cara de vinte e poucos anos com cabelo comprido e louro, barba clara e cheia, bermuda cargo, e um daqueles suéteres coloridos que pareciam serem feitos de lã de alpaca ou alguma coisa do tipo.

Verdade seja dita: o cara parecia ter vindo do topo de uma montanha, onde cuidava de um rebanho de alpacas também.

Passei ao lado do sr. Alpaca, infelizmente dando uma fungada no suor dele (e torcendo para que o cheiro fosse dele e não meu), dei a volta por trás de Alexis, que levava um jogo de gaiwan até uma mesa no canto, e alcancei as prateleiras.

A Cidade das Rosas nunca estivera não cheia. Mas o calor daquele sábado era incomum e nós estávamos lançando um novo Nitro Earl Grey, servido com uma bola de sorvete de baunilha de uma sorveteria artesanal do quarteirão.

Sequei o suor da minha testa com o antebraço e comecei a abrir as caixas, usando um canivete para cortar a fita e desmontar o papelão.

Cada caixa de dezesseis latas tinha quatro caixas menores dentro, com quatro latas em cada.

Eu não entendia o motivo e o propósito de uma caixa com mais caixas dentro.

— Vocês têm English Breakfast? — perguntou uma voz atrás de mim.

— Ah.

Guardei o canivete no bolso e me virei para encontrar uma mulher mais ou menos da idade da minha mãe, com a bolsa pendurada sobre o ombro e os braços cruzados.

— Não temos o English Breakfast tradicional. Mas temos um Assam que é bem parecido, e...

— Pode conferir lá nos fundos?

Pisquei.

Nós não tínhamos English Breakfast lá nos fundos, porque nem sequer vendíamos aquele tipo de chá.

Certa vez, o sr. Edwards me disse que English Breakfast era um sabor “terrivelmente básico”.

Eu nunca havia entendido exatamente o que ele quis dizer, até aquele momento.

— Desculpa. Quis dizer que nós não produzimos esse chá. Mas posso ajudar a encontrar algo similar. Temos muitas opções excelentes.

Peguei da estante alguns Assams diferentes e um Keemun.

— Todos esses são chás pretos importados. Esses dois da Índia, e esse aqui da China.

Deixei a mulher cheirar cada chá (só as folhas secas) enquanto descrevia o perfil do sabor de cada um.

Me senti o sr. Edwards, usando palavras como *maltado* e *defumado* e *umami* durante a conversa. Os olhos da mulher se iluminaram quando ela

cheirou a segunda leva de Assam.

— O cheiro desse é delicioso! — exclamou ela.

— Quer provar? Posso preparar para você.

— Tudo bem.

A levei até o bar e peguei uma xícara de degustação. Enquanto as folhas infusionavam, a cliente me contou que ela e a esposa tinham acabado de se mudar para Portland e estavam buscando uma nova loja de chás.

Eu estava contando mais um pouco sobre os chás que vendíamos quando o sr. Edwards me chamou.

— Darius, você não deveria estar arrumando o estoque? — perguntou ele.

As mangas da camisa dele estavam arregaçadas, revelando a tatuagem de vinhas que ele tinha no antebraço esquerdo, e as bochechas dele estavam vermelhas.

— Desculpa, eu estava...

— Preciso de mais nitro. Para ontem.

— Desculpa.

Me volvei para a moça, minhas orelhas queimando.

— Com licença. Aproveite o chá.

— Pode deixar. Obrigada.

Tentei não ficar corado.

Eu amava poder ajudar alguém a encontrar o chá perfeito.

Me espremi por trás da Kerry em direção ao estoque, onde ficavam os paletes de madeira com cilindros de nitrogênio. Eles tinham cerca de um metro de altura e nenhuma alça: difíceis de pegar, mas não tão pesados. Levei o nitro até o bar, onde o sr. Edwards me ajudou a posicionar.

— Obrigado.

Ele ajoelhou embaixo do balcão e desconectou o tanque vazio.

— Aqui. Você sabe onde deixamos os vazios?

— Sim.

Mas, antes que eu pudesse pegar, ouvi o som de porcelana quebrando em uma das mesas do canto.

O sr. Edwards soltou um som que era meio suspiro, meio risada.

— Você pode...

— Sim.

Eu já havia passado tanto tempo zanzando da loja até o estoque que não sei como não deixei o chão marcado. Peguei a vassoura e a pá penduradas na parede e algumas toalhas da prateleira.

— Deixa que eu limpo para vocês — eu disse para os dois homens mais velhos que tinham conseguido derrubar os dois gaiwans para fora da mesa.

Cacos de porcelana branca e folhas verdes de oolong boiavam em uma poça de chá desperdiçado no chão.

Um dos homens assentiu, mas não fez contato visual. Varri da melhor maneira que consegui e me ajoelhei para colocar tudo na pá, mas, ao fazer isso, escutei uma coisa.

Uma coisa terrível.

O som de algo rasgando.

Recolhi os últimos cacos de gaiwan e sequei o máximo que dava com uma das toalhas, mas o chão estava molhado demais.

— Vou buscar o esfregão. Perdão.

— Pode trazer mais um pouco de Da Hong Pao?

— Hum. Claro.

Puxei a camisa para baixo com uma mão e corri até os fundos da loja.

Algo terrível tinha acontecido com a minha calça.

Me escondi atrás da porta e tateei meus bolsos até encontrar o problema.

A ponta do canivete que eu estava usando estava saltada para fora, o bastante para fazer um buraco no meu jeans. Um buraco que aumentou e

expandiu, pouco a pouco, toda vez que eu me abaixei ou agachei, até minhas calças finalmente sofrerem um fracasso involuntário.

Olhei em direção à porta antes de colocar a mão dentro da calça para me certificar de que nada estava sangrando.

O que eu iria fazer?

Ouvi uma comoção do lado de fora, na loja, então peguei um rolo de fita adesiva na prateleira, cortei alguns pedaços e remendei minha calça do melhor jeito que dava.

Torci para que ninguém reparasse.

Peguei o esfregão e mais panos de chão e voltei para a loja.

— Aí está você! — exclamou Landon quando eu apareci, andando devagar para não piorar a situação do rasgo. — Por que demorou tanto?

— Hum.

As bochechas de Landon estavam vermelhas e as sobrancelhas, arqueadas.

— Uma pessoa quase tropeçou no chá que você não limpou!

A voz de Landon saiu afiada como um canivete. Todos se viraram em nossa direção: Kerry no caixa, Alexis no bar e os clientes na fila.

Eu nunca tinha escutado Landon usando aquele tom antes.

Foi como levar outra joelhada no saco.

Meus olhos marejaram enquanto eu limpava o resto do chá. Sequei o rosto no ombro e funguei.

Precisei me abaixar de novo para concluir a limpeza, um movimento destinado a piorar a integridade estrutural do meu jeans. A fita adesiva grudou nos pelos da minha perna e, quando me levantei, senti o ar gelado na parte de dentro da minha coxa.

Que ótimo.

— Desculpa o transtorno — eu disse para os clientes na mesa.

Pigarreei e juntei uma perna na outra para esconder o estrago do rasgo. Os dois já estavam bebendo novas xícaras de Grande Manto

Vermelho.

— Sem problemas — disse um deles sem nem olhar para mim.

Assenti, olhando para o chão.

— Aproveitem o chá.

Integridade estrutural

Deu vontade de chorar.

Quer dizer, eu até que chorei. Um pouquinho. Mas queria chorar mais.

Me tranquei no banheiro para ninguém ver.

Não era meu primeiro dia ruim no trabalho. No meu emprego anterior, na Paraíso do Chá, tínhamos Relatórios de Venda Obrigatórios de quatro em quatro meses, o que tinha sido bem pior.

Mas eu achava que na Cidade das Rosas seria diferente.

Achava que aquele lugar era sobre servir os chás mais sofisticados para as pessoas, ajudando clientes a descobrirem novos favoritos. E não sobre margens de lucro e taxas de importação.

Por um segundo, tive uma sensação.

De que não gostava de trabalhar na Cidade das Rosas.

Mas aquilo era ridículo.

Funguei, arranquei os sapatos e tirei a calça rasgada.

Completamente destruída. O rasgo se arrastava pela lateral, até a costura perto do zíper e descendo pelo outro lado por uns trinta centímetros. Os fiapos de tecido balançavam pelo ar como pequenas anêmonas azuis.

Fechei a tampa da privada e me sentei só de cueca (verde com elástico preto e brilhante) e peguei o celular no bolso da calça para ver as horas.

Ainda faltava uma hora até o fim do meu turno.

O que eu iria fazer?

Alguém bateu à porta.

— Darius?

Era Landon.

— Tudo bem?

— Sim — respondi.

Rolou um momento de silêncio. E depois, com uma voz mais suave, Landon disse:

— Tá bravo comigo?

— Não.

Eu não estava bravo.

Só magoado.

E envergonhado.

— Desculpa por ter gritado com você. Eu não queria que meu pai ficasse irritado — disse ele, tamborilando os dedos na porta. — Você já está saindo?

— Não posso.

— Por quê?

Pigarreei.

— Darius?

— Minha calça rasgou.

— Aposto que dá pra consertar.

— Acho difícil.

— Posso entrar?

— Estou de cueca.

— Não tem problema.

Suspirei.

E, então, levantei da privada e me encolhi atrás da porta enquanto girava o trinco e a abria.

Landon se espremeu pela fresta e depois fechou a porta. Ele olhou para o jeans rasgado nas minhas mãos.

E continuou descendo, olhando na direção da minha cueca.

Os pelos da minha perna se arrepiaram.

Os olhos de Landon voltaram para os meus.

— Acho que não dá para consertar mesmo — disse ele.

— O que eu faço?

Ele quase deu uma espiada na minha cueca de novo. Talvez nem estivesse se dando conta de que estava fazendo isso.

— Alexis deve ter uns alfinetes ou alguma coisa do tipo. E deve ter um avental em algum lugar. Você pode se cobrir com ele.

Meus lábios tremeram.

— Não precisa ficar com vergonha.

— Eu não estou com vergonha — respondi.

— Está, sim.

Ele deu um passo em minha direção, tão perto que pressionou minhas mãos (ainda segurando o jeans) contra o meu corpo.

— Mas não precisa. Só estamos nós dois aqui.

Ele se inclinou para me beijar, mas eu me afastei.

Landon fechou a cara.

— Você está bravo comigo.

Ele balançou para trás, ficando na ponta dos calcanhares.

— Já pedi desculpas.

— Eu...

— Parece que eu nunca faço nada certo pra você.

— Isso não é verdade.

— Ah, não?

— Quer dizer. Sim. Você me magoou.

Eu odiei o jeito como a minha voz vacilou, mas segui em frente.

— Eu já estava limpando o chão e você gritou comigo na frente de todo mundo. Em vez de me ajudar ou... tipo, pegar e limpar você mesmo. Eu já estava tentando resolver umas dez coisas ao mesmo tempo e mal consegui dormir de preocupação com o meu pai, e o dia está muito difícil para mim, tá bom?

Respirei fundo e olhei para o teto.

Landon olhou para o chão.

O silêncio pairava entre nós dois, frágil e delicado.

— Tem razão — suspirou ele, por fim. — Sinto muito.

Ele usou os polegares para secar as lágrimas nos cantos dos meus olhos.

— Por que você está preocupado com seu pai?

— Ele está tendo um episódio depressivo.

— Sério?

Assenti.

— Ele vai ficar bem.

— E você? Vai ficar bem também?

Dei de ombros.

— Acho que sim.

Landon me analisou por um segundo. Se aproximou e tirou uma mecha de cabelo da minha testa.

— Fica aqui um pouquinho. Tá bom? Tenta... descansar. Vou trazer alguma coisa para você vestir. Tá bom?

— Tá bom.

— Sinto muito mesmo, Darius.

Ele ficou na ponta dos pés para beijar minha bochecha e depois apoiou a mão sobre ela.

— Tá tudo bem.

Ele destrancou a porta, mas se virou para mim com as bochechas coradas.

— Só pra você saber — disse ele, olhando para baixo de novo. — Gostei muito da sua cueca.

Meu rosto entrou em Alerta Vermelho.

E, por um segundo, imaginei como Landon seria de cueca.

Ele abriu um sorrisinho rápido e tímido antes de sair, fechando a porta.

Landon voltou com um avental e alguns alfinetes, e nós remendamos o jeans da melhor forma possível.

Ele não disse mais nada sobre a minha cueca, mas ficava olhando toda hora enquanto consertávamos a calça.

De alguma forma, ali, de cueca ao lado de Landon, eu me sentia muito mais pelado do que com Chip no vestiário.

— Obrigado — eu disse, quando meu jeans estava remendado da melhor forma possível.

— Sem problemas.

Landon se inclinou e beijou meu ombro, algo que ele nunca tinha feito antes. Foi só um beijinho rápido, mas parecia ser muito mais.

— Que pena que você vai ter que se vestir de novo.

— Para — respondi, mas senti calafrios por toda a pele.

De repente, imaginei a gente se pegando no banheiro.

Mas a imagem se tornou alguém batendo na porta, nos interrompendo e nos colocando em encrenca (ou, no mínimo, sofrendo uma Humilhação Nível Doze).

Vesti os jeans de novo, amarrei o avental preto em volta da cintura e calcei os pés no sapato já amarrado.

Não queria correr o risco de me abaixar. Não dava para confiar nos alfinetes para reforçarem a integridade estrutural da minha calça.

— Conversei com a Alexis. Ela disse que vai te cobrir lá no bar pelo resto do seu turno.

Enrosquei os dedos no cinto de Landon e me abaixei para beijar o ombro dele.

Decidi que aquele era um bom lugar para beijar.

— Você é o melhor.

Landon sorriu para mim.

— Eu tento.

* * *

Quando o relógio finalmente bateu cinco da tarde, o sr. Edwards apareceu para me tranquilizar.

— Bom trabalho hoje, Darius — disse ele enquanto se ajoelhava por trás do balcão para conectar outro cilindro de nitro. — Deixei uma coisa para você do lado da sua bolsa.

— Ah. Obrigado.

Como esperado, no nicho onde estava minha bolsa transversal, havia um envelope comprido daqueles com uma janelinha de plástico.

O recorte mostrava apenas uma página branca, mas o envelope não estava selado, então o abri.

— Ah — exclamei.

Era meu primeiro pagamento da Cidade das Rosas. Pouco mais de duzentos dólares, depois dos descontos de impostos. Não era tanto quanto eu costumava receber na Paraíso do Chá, mas ainda assim. Já dava para me ajudar a comprar roupas para o futebol. Ou mais cuecas, já que Landon pareceu gostar da que eu estava vestindo. Ou uma calça jeans nova.

Mas também pensei na lava-louças quebrada em casa.

E o dinheiro que foi gasto da poupança de faculdade de Laleh. E o material escolar que ela iria precisar para o programa de alunos avançados.

Pensei nas olheiras da minha mãe, e em como meu pai não estava nem se dando ao trabalho de se barbear.

E, por algum motivo, me senti muito egoísta.

— O que é isso? — perguntou Landon.

— Meu primeiro pagamento.

Ele sorriu.

— Você pode pedir depósito em conta, se quiser. Mas meu pai gosta de dar o primeiro cheque em papel mesmo. Ele diz que, desse jeito, o momento parece mais majestoso.

— Legal — respondi.

E era legal mesmo.

Mas eu sentia um buraco no estômago.

Sabia que deveria estar feliz, mas só conseguia me sentir cansado.

E tive um pensamento.

Sobre como eu não deveria me sentir daquele jeito.

— Ei.

Os dedos de Landon deslizaram pela minha mão. Usei meu polegar para segurar a mão dele, e ele entrelaçou nossos dedos.

— Algo errado?

— Nada.

Estava tudo errado.

Eu só não sabia como dizer.

— Só acho meio esquisito. A vida toda eu quis estagiar aqui. Mas nunca pensei que o estágio viraria um emprego.

— Você é mais esforçado do que qualquer um aqui. Fez por merecer.

— Talvez.

Eu estava fazendo o que queria fazer.

Então, por que não estava feliz?

Conglomerado de Cafeterias do Mal

Meu pai esticou sua estadia até segunda-feira para poder assistir ao nosso jogo contra o Colégio Willow Bluffs. O jogo era de manhã, então fiquei na biblioteca até a hora de embarcarmos no ônibus que nos levaria até o campo do Willow Bluffs. A cafeteria da biblioteca servia chás horríveis — na real, eles vinham da Paraíso do Chá, que fora comprada por algum tipo de Conglomerado de Cafeterias do Mal alguns meses depois que eu saí de lá —, mas eles tinham água quente de graça e, como eu disse, sempre carregava alguns sachês da Cidade das Rosas comigo para casos de emergência.

Chip se sentou ao meu lado, e eu dei um sachê de Ceylon para ele também. Bebemos chá e comparamos nossas anotações sobre a leitura da vez da aula de Literatura: *O apanhador no campo de centeio*, que era levemente mais interessante que *Uma ilha de paz*, mas infelizmente sem nenhum subtexto *queer*. Bem, Chip falou bem mais e eu só escutei, porque não tinha entendido muito bem *O apanhador no campo de centeio*. Queria poder ler fantasia ou ficção científica para o colégio. Ou pelo menos algum livro mais recente.

— Não é tão ruim assim — disse Chip. — Pelo menos ele não empurra o amigo de uma árvore.

— É, tem isso.

O braço de Chip estava apoiado sobre a mesa, pressionado contra o meu. Me afastei para dar mais espaço a ele.

— E como você está com a matéria de Álgebra II?

— Qual é a raiz quadrada de péssimo?

— Eita. Vamos lá, então. Me mostra os exercícios.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu quero ajudar.

Encarei minhas mãos fechadas.

Chip colocou a mão esquerda em cima delas. Como se aquilo fosse algo de boa para dois garotos fazerem.

— É sério — disse ele. — Me deixa ajudar. Por favor?

— Tá bom.

Soltei minhas mãos e peguei o notebook na mochila para mostrar a ele a folha de exercícios mais recente.

Faltando cinco minutos para o fim do segundo tempo contra os Troianos do Colégio Willow Bluffs — sério, o grito de guerra deles era “Mete pressão, mete pressão, Troianos!”, o tipo de insinuação que constituía abuso psicológico contra garotos adolescentes — estávamos empatados em 1 a 1.

Os Troianos do Colégio Willow Bluffs vieram com tudo.

A treinadora Bentley colocou Christian no banco depois que ele tomou uma porrada entre o peito e o abdômen numa defesa excelente, saltando pela largura inteira da trave. Ele segurou a bola, mas não conseguiu segurar o fôlego. Diego entrou em campo no lugar dele.

Diego era bom, mas não era um Christian. Ainda não. E aquilo significava que eu, Cooper e Bruno tínhamos que lutar em dobro para bloquear o camisa 7 dos Troianos, que tinha os pés mais rápidos que eu já havia visto.

Os Troianos continuaram avançando mais e mais no nosso lado. Roubei a bola e passei para Chip, que só conseguiu dar dois passos antes de ter que tocar de volta para Jonny Sem H e impedir que ela fosse roubada.

Da arquibancada, meu pai ficava gritando “Defesa! Defesa!” como se nós já não estivéssemos defendendo. Mas ele comemorava toda vez que roubávamos a bola de novo. Ele tinha conseguido levar Vovó e Oma

também, embora elas fossem bem mais contidas: algumas palmas educadas foram a reação mais entusiasmada que os Chargers conseguiram arrancar delas. Acho que Oma assoviou uma vez, quando marcamos o gol no primeiro tempo, mas nada além disso.

Jonny Sem H conseguiu levar a bola adiante até Jaden, que segurou a pressão por tempo o bastante para que eu pudesse enxugar o rosto na gola do uniforme. Passei as mãos pelo cabelo e balancei, jogando o suor na grama. Eu havia retocado o corte de cabelo no fim de semana, e meu degradê estava curtinho e suave de novo.

Do outro lado do campo, Nick e Jaden tocaram a bola, ziguezagueando ao redor da defesa dos Troianos. No último segundo, Jaden tocou para Chip, que foi em direção ao gol.

Ele teria conseguido, se o goleiro do outro time não tivesse quase um e noventa de altura e uns braços ridículos de tão grandes, capazes de pegar qualquer coisa nos ângulos mais impossíveis.

Ele arremessou a bola de volta pra gente. Chip balançou a cabeça e mudou de direção, correndo para o meio-campo.

Os Troianos tocavam a bola sem parar. Estavam marcando Bruno e Cooper enquanto o camisa 7 corria em minha direção, mirando o nosso gol.

— Você consegue, Darius! — gritou meu pai.

Stephen Kellner, Pai de Jogador, tinha um entusiasmo a ser reconhecido.

O camisa 7 tentou me driblar para a esquerda, depois para a direita. Eu não saí da cola dele, esperando uma abertura.

Mas, de repente, ele chutou a bola bem no meio dos meus pés e correu para trás de mim enquanto eu dava a volta para tentar recuperar.

Ou pelo menos eu *tentei* dar a volta.

Em vez disso, escorreguei e caí de cara no gramado.

Por um segundo era como se eu tivesse caído no óleo e não na grama. Minhas chuteiras não conseguiram segurar a tração. Quando finalmente

consegui me levantar, já era tarde demais. Diego estava marcando o camisa 12, contando que eu lidaria com o camisa 7, e não conseguiu mudar de curso a tempo.

O camisa 7 chutou.

O apito tocou.

Gol dos Troianos.

Foi nossa primeira derrota.

Tudo porque o camisa 7 tinha conseguido passar por mim.

A sensação era a de que devia estar chovendo enquanto nos enfileirávamos para cumprimentarmos os Troianos.

Rolando uns trovões ao fundo ou qualquer coisa do tipo.

Mas nada disso. O dia estava ensolarado e apertei os olhos para não chorar.

Enquanto a fila andava, o camisa 7 me cumprimentou com um soquinho.

— Defesa boa — disse ele.

— Valeu.

Mas não boa o bastante.

Eu tinha deixado ele passar.

Queria que Sohrab estivesse ali.

Com Sohrab, eu era invencível.

Enquanto marchávamos até o vestiário — alguns dos garotos como Jaden e Gabe com as mãos por trás da cabeça, em posição de rendição —, Chip apoiou a mão sobre o meu ombro.

— Tudo bem?

— Sim.

Ele apertou meu ombro de leve.

— Não...

Mas ele não terminou a frase, porque Trent Bolger estava assoviando e acenando na arquibancada, ainda usando o uniforme de futebol americano do time do Colégio Chapel Hill. Devia ter ido direto do treino.

Não dava para acreditar que Trent Bolger, entre todas as pessoas, tinha atravessado a cidade depois do treino dele para ver Chip jogando.

Chip deu um tapinha nas minhas costas e correu até Trent.

Eu fui logo atrás, um pouco mais devagar, para encontrar meu pai no lugar onde ele esperava com Vovó e Oma.

— Belo jogo, filho — disse meu pai.

— Obrigado — respondi. — Queria que você tivesse visto a gente vencer.

— Mas você mandou muito bem. Deu seu melhor.

Ao lado dele, Oma disse:

— Aposto que você nunca mais cai naquele truque de novo.

— Acho que não.

— Aquele camisa 7 era muito bom — comentou Vovó. — Ele já foi chamado por alguma universidade?

— Ah. Hum. Eu não sei o nome dele.

— Vou perguntar para a treinadora — disse Vovó, dando um tapinha no meu braço enquanto passava por mim. — No próximo jogo você será melhor.

Oma se virou para o meu pai.

— Meus joelhos estão doendo. Vou esperar no carro.

— Certo.

Assim que minhas avós estavam fora do campo de audição, meu pai soltou um suspiro baixinho.

— Não foi a intenção delas falar daquele jeito — disse meu pai.

— Que jeito?

— Tipo...

Meu pai engoliu em seco.

— Não quero que você pense que elas estão decepcionadas com você.

— Ah.

Quer dizer, eu já tinha pensado.

Como não?

Decepção era o estado padrão de Oma e Vovó. Assim como o amor era o estado padrão de Mamou e Babou.

Meus olhos começaram a arder de novo. Olhei em direção ao sol para o meu pai não perceber.

Ao nosso lado, Trent disse alguma coisa que fez Chip relinchar de tanto rir.

Cyprian Cusumano tinha uma risada hilária.

Olhei para eles no momento errado, porque Trent me pegou encarando. Ele fez aquela coisa de esticar o queixo para mostrar que viu a pessoa.

Trent Bolger era parecido com aqueles garotos nos filmes, o tipo que é meio cruel com todo mundo, mas que todo mundo atura porque ele é bonito, sei lá. Mas Trent nem era bonito. As narinas dele eram grandes demais em comparação ao nariz, e ele usava um corte de cabelo horrível: curto na parte de baixo, com uma cuia no topo, penteada na frente e bagunçada atrás.

Não valorizava em nada aquela testa agressiva dele.

— Darius?

— Hum?

Meu pai riu.

— Pode ir com seus amigos.

— Tá bom.

Cheguei perto dele para um daqueles abraços diagonais de ombro, e tentei mantê-lo livre do meu suor e das manchas de grama.

Meu pai beijou minha testa.

— Estou muito orgulhoso de você — disse ele, segurando meu pescoço e me olhando nos olhos. — Te amo, filho.

— Também te amo, pai.

Ele soltou um suspiro breve.

— Te vejo em casa?

— Sim.

Caminhei até o vestiário. Chip ainda estava conversando com Trent, mas, quando passei por eles, Trent disse:

— Bem no meio das pernas, hein? Mas você já deve estar acostumado com isso.

Chip deu um empurrãozinho em Trent.

— Pô, cara.

Trent deu de ombros.

— Até mais, D-Queijão.

Encarei os dois por um segundo.

Chip olhou para o chão.

— Que seja — eu disse.

Complexo Industrial Esportivo

Foi a viagem de ônibus mais silenciosa do universo. Até o barulho do motor parecia abafado pela neblina que tomou conta do time depois da nossa primeira derrota.

Eu tinha deixado aquele gol acontecer.

A culpa era minha.

Me joguei no assento e peguei o celular para atualizar Landon sobre o jogo.

Mas ele não respondeu. Devia estar ensaiando.

Abracei meu próprio corpo e fiquei encarando a janela. O sol da tarde se transformou em um crepúsculo dourado, mais lindo do que tinha o direito de ser.

Enxuguei os olhos com a manga do casaco.

— Ei. Darius?

Chip estava sentado do outro lado do corredor.

— Que foi?

Ainda doía lembrar de como Chip ficou parado lá, deixando Trent tirar sarro de mim.

Mas era isso que Chip Cusumano sempre fazia.

— Chega um pouquinho pra lá.

Eu queria dizer não.

Queria mandar ele ir procurar outra pessoa para perturbar. Alguém que não fosse um D-rrotado, um D-mônio, um D-queijão.

Eu queria ficar sozinho.

Mas Chip saltou pelo corredor e deslizei em direção à janela para dar espaço a ele. Nossas coxas se tocaram, mas ele não pareceu se importar.

— Tá tudo bem?

— Sim.

— Você tá chorando?

— Não.

— A culpa não foi sua.

Funguei e sequei os olhos de novo.

Eu não disse mais nada.

Nem Chip. Ele só ficou sentado do meu lado, como se não se importasse com o silêncio.

Por fim, eu disse:

— Deixei aquele cara passar por mim.

— Eu também deixei. O resto do time também. Diego também.

— Diego estava marcando o camisa 12.

Chip suspirou.

— Somos um time. Nós vencemos e perdemos juntos.

— Mas eu decepcionei todo mundo.

— Não mesmo, eu juro.

Chip apoiou a mão no meu joelho e balançou para a frente e para trás.

— Ei. Você não decepcionou ninguém.

— Então por que estou me sentindo como se tivesse?

— Porque você se importa. Porque você se cobra demais.

Ele apertou meu joelho.

— Porque você é o Darius.

Encarei a mão de Chip. Era meio quadrada e os dedos eram mais curtos que a palma.

Era uma bela mão. Dava para sentir o calor dele através do tecido da calça.

O que me fez suar um pouquinho.

— Parece que tenho feito tudo errado ultimamente.

— Essa sensação é um saco.

Ele me apertou de novo e olhou nos meus olhos.

Senti um aperto no peito. As orelhas ardendo.

— Hum.

Olhei para o meu joelho. A mão de Chip continuava ali.

Respirei fundo.

— Pois é.

Jaden, Gabe e eu estávamos quietos enquanto nos vestíamos para a aula de Condicionamento Físico no dia seguinte. Acho que Gabe estava mais chateado com o resultado do jogo do que eu. A treinadora Bentley deixou escapar que havia um olheiro de Berkley lá.

Aposto que ele saiu de lá com uma boa impressão do Robbie Amundsen, o indomável camisa 7 dos Troianos.

Vovó tinha feito questão de descobrir o nome dele.

E depois fez questão de me contar quando cheguei em casa.

E depois me pediu ajuda para pesquisar no Google se ele já havia sido chamado para algum time.

(Universidade do Arizona, dentre todos os lugares.)

Quando chegamos na sala de pesos, o treinador Winfield estava no canto conversando com Trent, que segurava a perna dobrada para trás, alongando a panturrilha. Os dois nos olharam quando entramos.

— Podem ir se alongando — disse o treinador Winfield. — Hoje vocês vão fazer oito quilômetros de corrida.

Fiz alguns alongamentos básicos — lunge lateral, flexões, essas coisas — e depois me deitei com o rosto virado para o chão. Passei a perna direita sobre a esquerda, contorci o quadril e levei os pés ao chão devagar.

Era uma dor muito boa.

— Kellner, o que você está fazendo no chão? — perguntou o treinador Winfield.

— Se preparando para o próximo encontro com o namoradinho — murmurou Trent.

Foi alto o bastante para todo mundo ouvir, mas baixo o bastante para o treinador ignorar.

— O que você disse, Bolger?

— Tô zoando. Ele deu bem dado no jogo de ontem.

— Quê?

— Ele *deu de cara no gramado*. Quando tropeçou.

— Hum.

O treinador Winfield estreitou os olhos, mas deixou passar.

Ele sempre deixava os jogadores de futebol americano se safarem.

O Complexo Industrial Esportivo sempre falando mais alto.

— Ei. Darius bloqueou doze lances ontem — disse Gabe. — Quando foi a última vez que você saiu do banco mesmo, Trent?

— Ei, ei. Pega leve — disse o treinador.

Ele deixava os jogadores de futebol americano se safarem de tudo, mas nunca deixava os jogadores de futebol rebaterem.

O treinador se aproximou de mim enquanto eu mudava de lado, cruzando a perna esquerda sobre a direita.

— Kellner?

Soltei um suspiro lento.

— Extensão de quadril. A treinadora Bentley nos disse para fazermos isso antes de qualquer corrida.

— Hum.

Ele não disse mais nada, apenas se afastou para conferir um trio de alunos do segundo ano do time de *cross-country*, que provavelmente já tinham corrido uns quinze ou vinte quilômetros antes mesmo da aula começar.

Eu tinha quase certeza de que o treinador Winfield tinha medo da treinadora Bentley, porque quando dizíamos que ela nos mandou fazer algo em específico, ele sempre respondia do mesmo jeito: “Hum”.

E depois deixava pra lá.

— Trinta segundos, rapazes. Vamos nessa.

Jaden estendeu a mão para mim. Entrelacei nossos polegares e deixei ele me puxar para cima.

— Não dê ouvidos a ele — disse Jaden, apontando com a cabeça para Trent.

— Pode deixar.

Trent Bolger era como um núcleo de dobra sem antimatéria: não tinha força. Ele sempre tentava as mesmas táticas para me humilhar, mas eu já tinha superado. Conseguir me provocar não era mais tão fácil assim.

Eu até tinha amigos.

A questão é que as bases da visão de mundo de Trent pareciam depender da minha posição constante como Alvo.

O treinador Winfield apitou.

— Vamos, rapazes!

Fiquei ao lado de Jaden e Gabe enquanto atravessávamos o corredor até as portas de correr, em direção à pista. Oito quilômetros significavam vinte voltas. Os garotos do *cross-country* olhavam para a pista cheios de vontade, mas nós não tínhamos permissão para sair do colégio em horário de aula.

— Qual é a do Trent, afinal? — perguntou Jaden enquanto desviávamos de um rastro de cocô de ganso que se estendia em diagonal pela pista de corrida.

— Sei lá — respondi. — Ele me trata assim desde a primeira série.

— E você nunca teve vontade de, tipo, dar um chute no saco dele?

— Não. Talvez. Sei lá.

Suspirei. E depois, disse:

— Depois que passei por isso, chute no saco é uma coisa que eu não desejo para ninguém. Nem para o Trent.

Gabe deu meia-volta e começou a correr de costas, olhando pra gente.

— Tá, mas é impressão minha ou ele está muito pior ultimamente?

— Sei lá.

Olhei para trás, onde Trent estava correndo sozinho na frente de alguns alunos do último ano que só se matricularam naquela aula porque precisavam dos créditos em Educação Física para se formarem.

— Acho que ele está meio chateado porque Chip entrou no futebol. Porque ele está no nosso time agora. Ele e Trent sempre foram do mesmo time até então.

— É, mas eles continuam andando juntos o tempo todo — argumentou Jaden.

— Pois é.

Eu me perguntava o quanto do tempo que passavam juntos tinha a ver apenas com serem babás da sobrinha.

Será que Trent estava irritado com aquilo também? Ou ele gostava de tomar conta da Evie? Pegá-la no colo e correr atrás dela pela casa e ouvir as risadinhas dela?

— Não sei se o Trent tem amigos. Tirando o Chip, quer dizer. Talvez ele esteja chateado por ter que dividir.

Não falei que Trent estava dividindo Chip comigo, em particular. Que nós estudávamos juntos. E que eu já tinha ido na casa dele. E que, às vezes, nós nos sentávamos juntos no ônibus e conversávamos sobre qualquer coisa, e que Chip apoiava a mão sobre o meu joelho.

Não dava para contar nada daquilo.

Porque eu ainda não entendia o que estava rolando.

— Bem — disse Gabe. — Sei que eu deveria ter o espírito esportivo do colégio e tal, mas espero que ele seja destruído no jogo de boas-vindas.

Sorri.

— Pra isso ele vai ter que sair do banco primeiro.

Queers velhas e cansadas

Naquela noite, Landon preparou mais um dos seus famosos jantares para a minha família: risoto de aspargo com linguiça italiana. Depois, nos deitamos na minha cama, frente a frente, com meu braço embaixo da cabeça dele e o outro enroscado em seu quadril.

Landon manteve as mãos entrelaçadas na frente do peito. Eu amava o jeito como os olhos cinzentos dele ganhavam uns feixes azuis toda vez que a luz batia do jeito certo.

Landon Edwards tinha olhos lindos.

— Que foi? — perguntou ele.

— Só pensando.

— No quê?

— Em como você é lindo.

Ele abriu um sorriso radiante e chegou mais perto para beijar a ponta do meu nariz.

— Você é lindo também.

Balancei a cabeça, mas ele segurou meu queixo com delicadeza.

— É, sim.

— Obrigado.

— Queria que você não se menosprezasse tanto o tempo todo.

Olhei para as mãos de Landon só para desviar do olhar dele.

— Às vezes é difícil evitar.

Ter depressão faz isso com a gente. É como ter um buraco negro enorme entre como você se enxerga e quem você realmente é. Só dá para ver o jeito como você é por trás das lentes gravitacionais das suas próprias inadequações.

— Ei. Para.

— Desculpa.

— Também queria que você parasse de pedir desculpa o tempo todo — disse Landon, e apoiou a mão na minha bochecha. — Queria poder entrar aí dentro e arrancar toda a depressão do seu cérebro. Para que você pudesse ser feliz.

Entrelacei meus dedos nos dele.

— Eu sou feliz — respondo. — Mas também tenho depressão.

Minha depressão era parte de mim. Assim como ser gay.

Uma parte, mas não tudo.

Landon mordeu o lábio.

— Isso não faz sentido.

— Eu só...

Pensei no meu pai e no episódio depressivo dele.

E pensei em Sohrab, preocupado com a possibilidade de ter depressão também.

Pensei em como, às vezes, contar aos outros que eu tinha depressão parecia como uma forma diferente de me assumir.

— Ter depressão não significa que eu não sou feliz. Tipo, é como se a felicidade fosse uma cor. E a depressão fosse outra. É possível pintar algo usando a felicidade e depois usar um pouquinho de depressão nas bordas.

Landon deslizou o dedo indicador pelo meu nariz. Senti um calafriozinho.

— Se é o que você diz...

— É isso.

Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior, descendo até o queixo.

— Desculpa por ter perdido seu jogo.

— A gente perdeu, tanto faz — respondi.

— Ei.

— Tá tudo bem.

O polegar de Landon desceu pelo meu pescoço, um toque suave como uma pluma que me causava arrepios.

— O baile de boas-vindas está chegando, né?

Engoli em seco. Meu coração acelerou.

— Sim — respondi com uma voz aguda e depois pigarreei.

— E...

— E?

— Você já pensou em... talvez... me levar?

— Hum.

Eu ainda não tinha pensado no assunto.

Como se convida um garoto para o baile?

Como qualquer pessoa convida qualquer pessoa para o baile?

— Nossa — disse Landon, começando a se afastar de mim.

— Peraí — eu disse. — É só que eu nunca fui num baile antes.

— Nunca?

— Do colégio, não. Já fui em muitos bailes persas antes, mas é diferente.

Landon riu.

— Acho que... eu nunca cheguei a pensar sobre o assunto.

— E agora?

Meu rosto parecia um reator de fusão.

— Quer ir ao baile comigo?

Me despedi de Landon e depois me aninhei no sofá com o novo livro da aula de Literatura: *A guerra do chocolate*, que era ainda mais decepcionante que *O apanhador no campo de centeio*.

Tínhamos que entregar um trabalho sobre os “temas” do livro que, até onde eu havia entendido, eram “as pessoas são horríveis e o *bullying* sempre vence”.

Bocejei, marquei o ponto em que parei a leitura e fui preparar um bule de matcha. Ainda faltavam cinquenta páginas e eu sabia que nunca seria capaz de terminar sem alguma coisa para me manter acordado e focado.

— Vai conseguir dormir com tanto matcha? — perguntou Oma enquanto eu despejava o pó verde-esmeralda.

— Se não beber vou acabar pegando no sono.

— Ainda tem água quente na chaleira?

— Sim.

Oma preparou um bule de Genmaicha enquanto eu mexia o matcha. Eu usava o Método M, do jeito como o sr. Edwards havia me ensinado — mexendo a colher de bambu no formato de um M para garantir a espuma ideal, embora desse umas voltas pela tigela de vez em quando para recolher qualquer partícula que tivesse passado despercebida.

Oma e Vovó ocuparam o sofá, cada uma com seu iPad, jogando aqueles joguinhos de combinar pontos coloridos numa grade para fazê-los desaparecer. Peguei meu livro e me sentei na poltrona com as pernas esticadas.

Se eu estivesse em Yazd, com Mamou e Babou, talvez pudéssemos falar sobre o meu dia. Beber chá, comer sobremesa e compartilhar histórias antigas da família.

Em vez disso, ficamos em silêncio, ouvindo apenas a música no jogo da Oma.

Abri a página marcada e retomei a leitura, mas depois de terminar um parágrafo, Oma perguntou sem tirar os olhos do iPad:

— Sobre o que você e o Landon estavam conversando?

— Ahn?

— No seu quarto.

Fiquei corado.

Eu sabia que nós dois não tínhamos feito nada demais, mas aquilo não me deixava menos culpado.

Por que eu me sentia culpado?

— Estávamos só conversando. Sobre o baile de boas-vindas.

— Já está chegando? — perguntou Oma.

— Sim.

Olhei para o livro.

— Nós vamos juntos.

— Sério? Seu colégio está de boa com isso?

— Ah. Sim.

O olhar da Vovó ficou melancólico.

— Simples assim?

— Como?

Ela bloqueou o iPad e olhou para Oma por um longo momento. E depois, disse:

— Sabe, quando nós éramos adolescentes, dois garotos jamais poderiam ir ao baile juntos. E nós tivemos sorte de termos nos casado antes da Oma se assumir.

Oma acariciou a mão da Vovó.

— Muitas vezes cheguei a pensar que nós não deveríamos continuar casadas, depois que comecei a transição. Mas agora...

Ela estreitou os lábios por um segundo.

— Você e Landon hoje podem andar de mãos dadas na rua e não é nada demais.

— Hum.

— O que sua avó quer dizer — completou Vovó. — É que as coisas são muito mais fáceis para vocês agora. Vocês não precisam lutar por aceitação tanto quanto nós lutamos.

Pisquei.

Às vezes eu sentia que tudo o que fiz na vida foi lutar para ser aceito. Por ter depressão. Por ser iraniano. Por ser gay.

Mas eu não podia dizer aquilo para elas.

Não quando finalmente estavam se abrindo um pouquinho comigo.

— Mas, sabe, tudo sempre será mais fácil para você — disse Vovó. — Um homem cis. Sua vida sempre será mais fácil.

— Ah.

Afundi na poltrona, minhas orelhas em chamas.

Eu não sabia o que estava acontecendo.

Parecia que minhas avós estavam bravas comigo.

— Desculpa — eu disse.

Oma me analisou por um segundo.

— Não precisa pedir desculpas. Você tem seus próprios problemas. Não é como se as coisas estivessem totalmente fáceis, também. Só somos um casal de *queers* velhas e cansadas.

Balancei a cabeça.

Vovó riu.

— Somos mesmo. Passe boa parte da sua vida lutando e você vai ficar cansado também.

— Queria que vocês não tivessem que ter lutado tanto.

Oma deu de ombros.

— A vida é assim.

Eu nunca tinha conversado com Oma e Vovó daquele jeito. Nunca.

Não queria que elas parassem de falar.

— Hum.

Peguei meu matcha e bebi mais um gole. E mais outro.

Depois, disse:

— A gente podia ir juntos na Parada do Orgulho ano que vem.

Vovó suspirou.

— Não sei, não...

— Ah.

— Já marchamos muito. Você era tão pequeno que talvez não se lembre, mas costumávamos protestar todo mês por uma coisa ou outra.

Durante anos. *Don't ask, don't tell*. O ato do casamento igualitário. Proposição 8 — disse Oma, dando de ombros. — Depois de um tempo a gente acaba perdendo o gás.

Eu nem sabia que Vovó e Oma já tinham participado de protestos.

Queria saber de todos. Os cartazes que elas levaram. O que elas gritaram.

Mas antes que pudesse perguntar, Vovó pegou o iPad e voltou a jogar. E, um segundo depois, Oma fez o mesmo. Fim de papo.

Eu não entendia minhas avós.

Antes eu costumava pensar que existia uma barreira entre o lado da família da minha mãe e eu, um campo de força que o tempo e a distância tinham criado entre nós.

Mas não havia nenhuma barreira entre mim, Vovó e Oma. Só uma porta. E não importava quantas vezes eu tentasse abri-la, elas sempre fechavam de novo.

Eu queria conhecê-las.

Queria saber como ser *queer* moldou a vida delas.

Queria que elas me dessem conselhos e me ensinassem sobre a nossa história e, sim, que fossem aos protestos comigo.

Mas, em vez disso, terminei o matcha e voltei a ler.

A porta entre nós se fechou mais uma vez.

Um conduíte de plasma

Na manhã de quinta-feira, liguei para Sohrab.

— Oi, Darioush — disse ele. — Não posso falar muito.

— Quer que eu ligue depois?

— Não precisa, só estou ocupado.

— Ah.

Sohrab passou o braço pela testa. Não dava para saber se ele estava suando ou não, mas a respiração estava ofegante.

— O que você estava fazendo?

— Ajudando Maman com umas coisas.

— Ah. E como você vai? Como vai o colégio? Tem jogado futebol?

— Estou bem. O colégio vai...

A imagem de Sohrab congelou enquanto ele coçava o nariz.

— Sohrab?

Esperei por uns trinta segundos, e como ele continuou congelado, desliguei e tentei de novo.

Desta vez, ele só atendeu depois de alguns toques.

— Darioush?

— Oi. Acho que a chamada caiu.

— Sim, desculpa. Olha, preciso ir. Mas a gente se fala depois, tá bom?

— Ah.

Engoli em seco.

Eu tinha uma sensação bem atrás do meu esterno. Uma bolha de tristeza que flutuava lentamente para cima em direção à garganta.

Sohrab nunca tinha encerrado uma ligação daquele jeito.

Eu tinha feito algo de errado?

Não sabia o que estava acontecendo.

Então, só disse:

— Tudo bem.

— Se cuida. Tchau.

* * *

Vencemos o jogo contra a Hillsboro West naquela tarde, 3 a 0. Pareceu até cruel acabar com eles daquela forma, mas depois da nossa derrota contra os Troianos, do Colégio Willow Bluffs, foi um impulso moral e tanto.

Quando cheguei em casa, todo mundo já tinha jantado. Minha mãe havia comprado comida tailandesa em um restaurante perto do escritório.

— Trouxe seu favorito — disse ela, me entregando uma marmita de isopor.

— Agridoce?

— Com carne extra.

— Obrigado.

Coloquei o arroz mexido — com carne, pimenta, cebola e abacaxi — dentro de uma vasilha e esquentei no micro-ondas.

— Como foi o jogo?

— A gente venceu.

— Que ótimo!

— Pois é.

O micro-ondas apitou, peguei um par de palitinhos e levei o prato até a mesa.

Minha mãe ficou perto do fogão, onde a chaleira já fervia e um conjunto de chá pequeno estava organizado ao lado, ao estilo persa.

— Chá?

— Sim, por favor.

Minha mãe serviu duas porções, escolhendo as xícaras especiais que ela só usava para beber chá persa, e beijou o topo da minha cabeça antes de se sentar.

— Hummm.

O chá tinha o aroma perfeito de cardamomo. E algo mais.

— Canela?

— Eu gosto do seu jeito de preparar.

Eu sempre colocava uma pitada de canela no chá persa.

Não sabia que minha mãe gostava.

— Obrigado.

Minha mãe bebeu o chá e me observou devorando a comida. Eu geralmente fazia um lanchinho antes dos jogos, mas estava tão nervoso que não consegui botar nada para dentro além de Gatorade roxo.

— Recebemos notícias da escola da Laleh.

— Sêrio?

— Ela começa o programa avançado na próxima quarta.

— Nossa. Você já contou pra ela?

— Achei que arroz frito iria ajudar a acalmá-la.

Minha irmã amava arroz frito.

— Oma disse que você chamou Landon para o baile.

Tossi.

— Ah. Sim. Eu ia te contar.

— Tudo bem — disse minha mãe, mas havia algo na voz dela.

Como se, talvez, não estivesse tudo bem.

— Precisa comprar alguma coisa? Posso ir com você.

— Preciso de um terno. O meu não cabe mais.

Minha mãe mordeu o lábio.

— Não se preocupe. Eu pago. E o Landon conhece uma loja legal de aluguel de ternos.

Minha mãe suspirou. Ela se aproximou e enroscou uma mecha do meu cabelo na ponta do dedo.

— Nós podemos pagar também. É seu primeiro baile. Um momento importante.

— Não é nada demais, mãe.
— Para mim é, sim. Para o seu pai também.
Ela sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos.
— Nós vamos te ajudar. Tá bom?
— Tá bom.

Quando cheguei ao quarto dela, Laleh estava encolhida na cama, num casulo de travesseiros e bichinhos de pelúcia.

— Oi, Laleh. Tá lendo o quê?
Ela levantou uma cópia usada de *A caixa mágica*.
— Esse é um dos meus favoritos.
— Peguei emprestado — disse ela. — Tem problema?
— Claro que não. Posso me sentar?
Ela recolheu os joelhos e eu me sentei na cama.
— Mamãe me contou a novidade.
— Aham.
— É isso que você quer?
Laleh olhou para as próprias mãos.
— Sei lá.
— Tudo bem.

Envolvi Laleh com o braço e beijei o topo da cabeça dela.

— Seus colegas de classe pararam de encher você? E a srta. Hawn, melhorou?

— Não — resmungou Laleh.
— Sinto muito. Queria saber como resolver.
— Tudo bem.

— Na verdade, não está tudo bem, não. Eu quero que você saiba disso. O que seus colegas de classe estão fazendo não é nada bom. Assim como também não é bom quando os Minions Desalmados da Ortodoxia fazem comigo. Só porque eles fazem, não significa que esteja tudo bem.

— O que é um Minion Desalmado da Ortodoxia?

— Ah. É assim que eu chamo quem faz *bullying*.

Laleh franziu o nariz.

— Desculpa. Mas sabe o que deixa as coisas mais fáceis quando começam a implicar comigo?

— O quê?

— Eu sei que, quando chegar no treino de futebol, não vai ter ninguém assim lá. Que vou estar cercado de pessoas que se importam comigo. Isso torna mais fácil enfrentar o dia, saber que no final eu chegarei a um lugar bom. Onde não preciso me preocupar.

Laleh olhou para as mãos de novo.

Envolvi as mãos dela com as minhas. Elas se encaixavam tão perfeitamente que me deu vontade de chorar.

— Pode tentar fazer isso? Só durante um tempo?

— Tudo bem.

— Não, peraí.

Chip apontou para o meu erro.

— O i ao cubo é menos i.

— Merda.

Rabisquei meu erro e comecei de novo.

A prova de Álgebra II seria na segunda-feira e Chip concordou em me ajudar a estudar, contanto que fosse na casa dele para que pudesse cuidar da Evie.

Evie estava sentada no colo dele, completamente hipnotizada pela tigela plástica de cereal que estava na frente dela. Os dedos pequeninhos iam pegando cereal de pouquinho em pouquinho, deixando muitos caírem no processo, e depois ela colocava na boca o que tivesse sobrado.

Vez ou outra, Chip se inclinava para beijar a cabeça dela.

Tentei terminar a equação de novo, mas toda hora parava para olhar Chip e a sobrinha.

Em algum momento, Cyprian Cusumano havia mudado de capanga de Trent Bolger, para um garoto no meu time de futebol, para um amigo de verdade. Um amigo que ficava fofo demais sentado na mesa com a sobrinha no colo.

Voltei a olhar para o papel e continuei estudando.

— Peraí — eu disse, depois de rabiscar por mais alguns minutos. — Então a soma disso tudo aqui é zero?

Chip se inclinou para olhar. Os lábios dele se moviam lentamente enquanto lia minha equação.

— Sim. É isso...

Mas antes que ele pudesse terminar, Evie socou a borda da tigela e o cereal voou por toda parte.

— Evie! Desculpa por isso, Darius.

Ele a colocou no chão, e ela gritou e correu para a sala de estar, as perninhas subindo e descendo como se estivessem cansadas depois de um treino superintenso de agachamentos.

— Não tem problema.

Limpei o cereal do meu notebook com um pedaço de papel e me abaixei para ajudar Chip a recolher o que tinha caído no chão.

— Valeu — disse Chip, que depois olhou para mim e soltou uma risadinha.

— Que foi?

Chip se aproximou, tocou meu cabelo e puxou um cereal. Estremeci quando os dedos dele tocaram meu couro cabeludo.

— Ah. Obrigado.

Chip abriu aquele sorriso engraçado dele.

Não disse nada, só ficou me olhando.

Engoli em seco.

Meu corpo inteiro estava quente, como se eu tivesse sido jogado num conduíte de plasma.

— Hum — eu disse.

E depois tentei me levantar, mas bati a cabeça no tampo da mesa.

— Ai.

Chip caiu na gargalhada com isso.

— Foi mal. Foi mal. Não tem graça.

— Pois é. Bem. Se eu tiver um traumatismo craniano, talvez não precise fazer a prova na segunda.

— Ei! — disse Chip, que franziu a testa. — Você consegue. É sério.

Da sala de estar, Evie soltou um gritinho de alegria. Ou talvez de travessura.

Então, ouvimos o som de alguma coisa de plástico caindo no chão.

Chip expirou pelo canto da boca.

— Só um segundo — disse ele.

Assim que conseguiu deixar Evie sob controle — chantageando-a com suco de maçã num copo de canudinho —, Chip voltou para a mesa e se inclinou para dar uma olhada no resto dos exercícios.

— Ah, espera. Você tem que fazer a fatoraçoão antes.

Ele puxou a cadeira para mais perto de mim, e nossos joelhos se tocaram. Evie aproveitou a oportunidade para se arrastar do colo dele para o meu.

— Evie... — começou Chip.

— Tá tudo bem. Eu não ligo.

Evie descansou a cabeça na dobra do meu braço enquanto bebia suco e eu lutava contra números imaginários.

Eu não entendia o motivo e o propósito de números imaginários.

— Beleza. Melhor assim.

Chip revisou tudo e assentiu.

— Acho que você conseguiu.

Suspirei.

— Agora só preciso fazer isso na prova.

— Não se preocupe. Você vai mandar bem.

— Talvez.

O negócio de Chip é que ele simplesmente resolvia as coisas. Ele não sabia como era ser alguém que não resolvia as coisas. Tentar e tentar sem nunca ter sucesso.

Evie se contorceu no meu colo.

— Quer descer? — perguntei.

Ela assentiu. Eu a segurei enquanto me afastava da mesa, e depois a coloquei no chão. Ela jogou o suco no chão e saiu correndo de novo.

Chip balançou a cabeça e recolheu o copo. Ele olhou para mim e abriu um meio-sorriso.

Eu pisquei e depois olhei para as minhas mãos.

— Melhor eu voltar para casa.

— Não precisa ir correndo — disse ele, e tocou meu joelho. — Ei. O que você vai fazer no baile de boas-vindas?

— Eu. Hum.

Minhas bochechas começaram a esquentar.

— Eu chamei o Landon para ir comigo.

— Legal.

— E você?

Chip deu de ombros.

— Acho que perdi minha chance. Devia ter tomado uma atitude antes.

— Ah. Sinto muito.

— Pois é. É um saco gostar de alguém que não gosta de você.

— Sendo gay, eu não faço a menor ideia de como é isso.

Definitivamente, nunca me apaixonei por garotos héteros antes.

Chip riu.

— Trent também não tem companhia, então acho que vamos acabar indo num grupo grande. Por que você e Landon não vão com a gente?

— Ah — respondi. — Acho que estamos de boa.

Chip uniu as sobrancelhas.

— Quê?

— Que o quê?

— Você fez uma careta — disse ele.

— Fiz nada.

— Fez, sim!

Para ser sincero, a probabilidade estatística de eu fazer uma careta quando Trent Bolger era mencionado com certeza era bem alta.

— Fez de novo!

— Fiz o quê?

— A careta!

Chip cutucou a curvatura entre as minhas sobrancelhas.

Me afastei.

— Não fiz, não.

— Desculpa. Mas o que está rolando?

Suspirei, e então disse:

— Por que você vive tentando me convencer a sair com Trent? Você sabe que ele me odeia.

— Ele não te odeia.

— Bem, ele nunca foi legal comigo. Por que você é amigo de um garoto como ele, afinal?

Assim que eu terminei a frase, desejei não ter dito.

Não se diz esse tipo de coisa para uma pessoa. Não se tenta controlar as amizades dos outros.

Mas, então, eu disse:

— Eu entendo que você é próximo dele por causa da Evie e tal, mas...

Chip balançou a cabeça.

— Nada a ver. Quer dizer, a gente é amigo desde a pré-escola. Não lembra?

— Eu lembro de você e Trent me chamando de Dáfius.

Chip baixou os olhos.

— Desculpa.

— Deixa pra lá. Nós éramos crianças. Mas agora, você é...

— Sou o quê?

Engoli em seco.

— Agora você é legal. Quer dizer, nos últimos meses você tem sido legal comigo. Desde que eu voltei do Irã. E Trent continua sendo... meio cruel.

— Você só não conhece ele direito. Só isso. É o senso de humor dele. Só está te provocando.

— Não me parece só uma provocação — rebati. — Nunca pareceu.

Chip piscou para mim.

Olhei para as minhas mãos de novo. Minhas cutículas estavam destruídas, provavelmente porque eu começava a arrancá-las com os dentes toda vez que pensava na raiz quadrada de menos um.

— Nunca foi minha intenção — disse Chip, a voz soando quieta e contida. — Me desculpa se eu te magoei.

— Obrigado.

— Eu te magoei, né?

Dei de ombros.

— Algumas vezes.

Chip soltou o ar devagar.

— Bem...

— Pois é.

Ficamos sentados ali, num Silêncio Doloroso Nível Doze.

Eu tinha criado um climão entre a gente.

Mas então a Evie voltou correndo com um par de tesouras sem ponta que ela encontrou em algum lugar.

Chip saltou da cadeira.

— Evie! Isso não é brincado!

Ele saiu correndo atrás dela.

E o momento passou.

Pessoas verticalmente privilegiadas

Na manhã de quarta-feira coloquei um strudel de cereja no forninho elétrico para surpreender Laleh em seu primeiro dia no Centro de Inovação do distrito.

(Nós não tínhamos uma torradeira normal em casa, só o forninho elétrico. Persas geralmente precisam tostar pedaços grandes de pão ázimo, então torradeiras normais não servem.)

Vovó estava na mesa da cozinha, bebendo café e jogando sudoku.

— É isso que você vai comer no café da manhã?

— É para a Laleh — respondi. — Para o primeiro dia de aula dela.

— Que surpresa mixuruca. Vem cá.

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, Vovó pegou a farinha de dentro do armário, uma tigela debaixo do balcão e uns dois ovos.

— Panquecas, sim, são uma surpresa e tanto — disse ela.

O forninho elétrico apitou.

Eu poderia ter deixado os strudels lá dentro — a visão de Melanie Kellner fazendo panquecas me deixou hipnotizado, como uma chuva de meteoros —, mas, quando comecei a sentir cheiro de queimado, precisei agir.

Escutamos Laleh batendo os pés ao descer a escada antes de chegar na cozinha, ainda de pijamas.

— Oi, Laleh — eu disse.

— Bom dia! — disse a Vovó. — Tem panqueca.

Ao ouvir aquilo, Laleh se animou. Vovó serviu o prato dela à mesa, ao lado de uma garrafa de xarope de bordo.

Observei Laleh comer as panquecas e a Vovó resolver o sudoku com um sorrisinho no rosto.

O que tinha acabado de acontecer?

Foi como se, por um breve momento, a lua tivesse saído de órbita e uma Melanie Kellner feliz tivesse eclipsado a Melanie Kellner que eu achava conhecer.

Mas então, tal qual num eclipse, o momento acabou.

Eu não entendi.

Juntei minhas coisas e me despedi de Laleh e Vovó com um beijo.

— Boa aula, Laleh.

Ela levantou os olhos do prato e abriu um sorriso cheio de dentes.

— Obrigada.

Encontrei Chip no bicicletário.

— Oi — disse ele, mas sem abrir o sorriso de sempre.

As coisas tinham ficado meio esquisitas entre a gente depois do domingo.

Queria poder retirar o que eu havia dito.

Bem. Não exatamente. Eu havia falado a verdade.

Mas nunca tinha percebido o quanto ela podia ser perigosa.

— Oi — respondi.

— O professor Albertson já liberou a sua nota?

— Ontem à noite.

Quase sorri.

Quase.

— Tirei B!

Aquilo arrancou um sorriso de Chip.

— Que ótimo!

— Obrigado mais uma vez. Pela ajuda.

— Sem problemas.

Chip continuou sorrindo para mim, mas depois de um minuto o sorriso se desfez.

E as coisas voltaram a ficar esquisitas.

— Nos vemos no treino?

Engoli em seco.

— Sim.

Quando cheguei em casa depois do treino, a sensação foi de estar entrando em uma simulação holográfica.

A cena era surreal demais para ser verdade.

Laleh, Vovó e Oma sentadas ao redor da mesa da cozinha, com tigelas de água morna na frente de cada uma delas. Uma pilha de toalhas com alicates e cortadores de unha e, ao lado, um cesto pequeno e cheio de esmaltes.

— Estamos fazendo a unha! — anunciou Laleh quando eu entrei.

Ela levantou as mãos enrugadas para me mostrar.

— Que ótimo!

Me inclinei para beijar a cabeça dela e, depois, as bochechas de Vovó e Oma.

— Como foi na escola?

— Tudo bem. A srta. Shah é muito legal. Sabia que a família dela é da Índia?

— Não sabia!

— Ela até disse meu nome direitinho.

Minha irmã praticamente borbilhava.

— Está com fome? — perguntou Oma. — Podemos liberar a mesa.

— Não, sem problemas.

Laleh olhou para mim.

— Quer fazer as unhas também?

— Hum — eu disse.

Vovó e Oma olharam para mim.

Eu olhei para as minhas mãos, as cutículas mastigadas. Eu nunca tinha feito as unhas antes.

— Isso me parece uma boa ideia.

Oma puxou uma cadeira para mim.

— Sente-se. Vou pegar uma tigela para você.

Ela acrescentou umas gotas de óleo essencial, que tinha cheiro de chá, mas eu não sabia do que era feito.

Mergulhei as mãos na água enquanto Laleh nos contava sobre o dia na escola: a leitura que fizeram, a Taxonomia de Bloom e os deveres de Álgebra.

Sorri ao ouvir aquilo.

Esperava que Álgebra fosse mais fácil para Laleh do que era para mim.

Oma pegou minha mão direita e começou a tirar minhas cutículas.

— Você precisa parar de roer as unhas — disse ela.

— Desculpa.

— Você fica nervoso. Igual ao Stephen.

Fiz que sim.

— Está gostando de fazer as unhas?

— Sim. É legal.

— Quando eu tinha a sua idade, garotos nunca poderiam fazer isso.

— Alguns garotos ainda não podem.

Vovó riu e disse:

— O patriarcado não se cansa.

Depois, voltou a pintar o dedo do meio de Laleh com um tom forte e bonito de cor-de-rosa.

Depois de cortar minhas unhas, Oma perguntou:

— Quer pintar as suas como as da Laleh?

— Acho que não — respondi, mas, então, perguntei: — Tem esmalte azul?

Os olhos da Oma se iluminaram.

— Aqui — disse Vovó, passando um frasco turquesa muito lindo.

— Já pintou as unhas antes?

Depois de secas, minhas unhas estavam com uma cor perfeita. Que me lembrava de Yazd. As torres turquesa da Masjid-e Jameh brilhando ao sol.

Ficar sentado com Sohrab no telhado do banheiro no parque onde costumávamos jogar futebol-não-americano.

Beber chá num silêncio confortável com Mamou e Babou.

Vovó insistiu em lavar a louça, então eu e Laleh ficamos na sala e ajudamos Oma a solucionar um quebra-cabeça.

— Oi? — disse minha mãe da cozinha.

Eu nem havia escutado o portão da garagem abrindo.

— Ah. Oi!

Minha mãe estava cheia de bolsas da Target. Coloquei tudo em cima do balcão e peguei o restante no porta-malas.

Depois de esvaziar o carro, abracei minha mãe e deixei que ela beijasse minha testa.

— Peraí.

Ela pegou minha mão e analisou as unhas.

Minhas orelhas queimaram.

— Gostou? — sussurrei. — Foi a Oma que fez. Nós pintamos as unhas hoje à tarde.

— Ficou bonito — disse ela.

Mas a voz da minha mãe saiu aguda, e havia algo estranho no olhar dela.

Tive um sentimento muito feio. Que não conseguia afastar.

Fiquei me perguntando se minha mãe estava envergonhada de mim.

— Me lembra de Yazd — comentei.

Minha mãe apoiou a mão na minha bochecha.

— Mãe! Mãe! — chamou Laleh, que chegava correndo. — Olha!

Ela mostrou as unhas cor-de-rosa, num degradê que começava rosa-choque nos polegares até ficar rosa-chiclete nos mindinhos.

— Ficaram lindas, Laleh — disse ela. — Como foi na escola?

Laleh contou tudo a respeito do dia dela e eu preparei um bule de chá de jasmim.

Quando o chá ficou pronto, o quebra-cabeça já tinha sido recolhido, e minhas avós voltaram a jogar em seus iPads.

Laleh se aninhou na poltrona para ler e minha mãe subiu as escadas.

Era como se nós estivéssemos vivendo numa bolha estática de alegria, que estourou num campo espacial vazio e agora tudo estava coberto com resíduos de melancolia.

Nosso momento perfeito havia evaporado.

E eu não sabia como trazê-lo de volta.

Não consegui pegar no sono naquela noite.

Quando eu estava na oitava série, no meio de Mais Uma Mudança De Medicação, passava algumas noites em claro, encarando o teto, me sentindo sufocado.

A sensação estava de volta. Era como se o peso de uma nuvem de matéria escura tomasse conta do meu peito, e todos os pensamentos tristes ficassem ecoando dentro da cabeça, envenenando o horizonte de eventos da singularidade da minha vida.

Deu vontade de chorar. Ou de gritar.

Mas era tarde e todo mundo já estava dormindo.

Então, fui virando o travesseiro até encontrar um pedaço geladinho e tentei dormir.

* * *

Por volta das suas da manhã, alguém bateu à porta.

Tateei até achar meu short e o vesti por baixo da coberta.

— Pode entrar.

A porta se abriu. A silhueta da minha mãe surgiu contra a luz do corredor.

— Mãe?

Ela só ficou parada ali.

— Tá tudo bem?

— Não — respondeu ela. — Dayi Soheil acabou de ligar.

Meu coração acelerou.

— Babou se foi.

Através do tempo e espaço

Não tinha como voltar a dormir.

Coloquei uma roupa e fui até a cozinha para ligar a chaleira.

Quando visitamos o Irã, Babou me ensinou como os iranianos fazem chá. E depois, ele bebeu ao mesmo tempo que segurava um cubo de açúcar entre os dentes.

Eu estava amassando o cardamomo quando não consegui mais segurar as lágrimas.

A questão é que eu sabia que Babou estava morrendo. Nós sabíamos havia meses.

Mas aquilo não diminuía a dor, tê-lo perdido pouco a pouco, porque a sensação continuava sendo a de que nós o perdemos todo de uma só vez.

Não existia mais Ardeshir Bahrami.

Havia um buraco no centro da nossa família.

Oma e Vovó desceram as escadas, Oma de roupão e Vovó de pijama.

— Sinto muito, Darius — disse Vovó, que segurou minhas duas mãos e me puxou num abraço breve. — Não chore.

— Cadê a minha mãe?

Oma pegou um pedaço de papel-toalha e entregou para mim.

— Falando com a sua irmã.

Assenti e assoei o nariz,

— Não é melhor tentar voltar a dormir? — disse Vovó.

— Não consigo.

Solucei.

— Vou ver como elas estão.

Servi três xícaras de chá e coloquei numa bandeja de madeira que mamãe trouxe do Irã. Era igual a uma que Mamou tinha em Yazd, aquela

que ela usava para levar chá e petiscos para Babou quando ele estava descansando.

Segurei o choro.

No andar de cima, a porta de Laleh estava entreaberta.

— Mãe?

— Pode entrar.

Abri a porta com o cotovelo. Mamãe estava sentada na cama de Laleh, abraçando minha irmã aos prantos e a balançando para a frente e para trás.

Ela olhou para a bandeja de chá.

— Eu não sabia o que mais eu poderia fazer — sussurrei.

Minha mãe assentiu e chegou para o lado, abrindo espaço para mim. Coloquei a bandeja na mesa de cabeceira e me sentei na cama. Passei os braços ao redor de mamãe e Laleh ao mesmo tempo. Minha mãe apoiou a cabeça no meu ombro.

Eu já era mais alto que minha mãe havia alguns anos, mas, pela primeira vez, caiu a ficha de que ela nunca mais poderia me abraçar do jeito que estava abraçando Laleh. E um dia, Laleh seria grande demais para ela também. Minha mãe estava envelhecendo.

O tempo seguia seu curso inexorável.

E um dia, ela partiria também.

Abracei minha mãe o mais forte que consegui.

E chorei mais do que jamais havia chorado na vida.

Oma e Vovó apareceram para ver como nós estávamos e para recolher a bandeja de chá frio e intocado. Elas levaram uma caixa fechada de lenços e um saco de lixo extra, beijaram Laleh na testa, sussurram no ouvido da minha mãe e acariciaram meu ombro. Mas, no geral, nos deixaram processando nosso luto.

Quando terminamos de chorar — Laleh, na verdade, chorou até dormir —, minha mãe nos deu um milhão de beijos.

— Preciso ligar para Mamou — sussurrou ela, fungando.

Fiquei o mais quieto possível e ajudei minha mãe a pôr Laleh de volta na cama. Ela tirou uma mecha de cabelo da testa de Laleh, a beijou uma última vez e, então, fechamos a porta ao sairmos.

Minha mãe iniciou a chamada no computador enquanto eu empurrava uma cadeira de rodinhas para me sentar ao lado dela.

Nós esperamos.

E esperamos.

E quando achei que a minha mãe iria desligar e tentar mais tarde...

— Alô?

O rosto pixelado de Mamou apareceu na tela. A voz dela soava robótica e comprimida, como se a conexão de internet dela estivesse fraca, o que provavelmente estava.

Minha mãe começou a chorar de novo, mas fungou e enxugou os olhos.

— Oi, Maman. Chetori?

Minha mãe e Mamou começaram a conversar em persa.

Geralmente eu conseguia entender mais ou menos o que era dito, mas com Mamou soando como se estivesse do outro lado de uma transmissão subespacial com defeito, somado ao meu próprio choro, perdi algumas coisas.

Por fim, depois de uma pausa, Mamou disse:

— Oi, Darioush-jan. Como você está?

— Oi, Mamou — respondi.

Tentei sorrir para ela, mas meu rosto provavelmente parecia constipado.

— Bem. E você?

— Estou levando — disse ela.

Mamou piscou para mim e enxugou as lágrimas. Fiz o mesmo.

Queria dizer a ela o quanto eu sentia.

Queria dizer o quanto ela fazia falta.

Queria dizer sobre o buraco no meu coração.

Mas não havia o que fazer com o luto dela, e o luto da minha mãe e o meu próprio luto.

Eu odiava me sentir tão impotente.

— Te amo, Mamou — eu disse. — Queria poder estar aí.

Falei com toda sinceridade.

Mas não me pareceu o bastante.

Talvez nada jamais pudesse ser o bastante.

Talvez não.

Minha mãe voltou para o quarto dela depois que nos despedimos de Mamou.

Eu me deitei na cama e encarei o teto. E então, quando não conseguia mais suportar o silêncio, liguei para Sohrab.

Às vezes a gente só precisa conversar com nosso melhor amigo.

Mas a chamada tocou e tocou. A foto dele ficou ali, pulsando na tela.

Por fim, uma mensagem de erro apareceu.

Eu não sabia o porquê, mas foi aquele barulhinho de *biiip* que me pegou de jeito.

Meu avô havia partido.

Eu me curvei na cama, me enrolei no cobertor feito um burrito e chorei no travesseiro até finalmente pegar no sono.

Em algum momento, minha mãe deve ter ligado para o colégio para avisar sobre a minha falta, porque, quando ela bateu à minha porta por volta do meio-dia, só perguntou se eu precisava de alguma coisa.

— Não, obrigado — respondi, e depois: — Tenho um jogo hoje à noite.

— Já conversei com a treinadora. Ela já sabe que você não poderá ir.

— Tudo bem.

Depois de um tempo, senti uma coisa nas pernas, como se fossem feitas de mola, e soube que era hora de sair da cama.

Fui até o mercado com Oma durante a tarde. Quando voltamos, me sentei na sala de estar com Laleh enquanto ela lia.

Tentei ligar para Sohrab mais uma vez — sem sucesso — e decidi escrever um e-mail para ele.

Telefonamos para o meu pai e conversamos com ele por um tempo.

— Eu sinto muito — repetia ele toda hora, como se a partida de Babou fosse culpa dele. — Logo mais estarei em casa. Vai ficar tudo bem. Eu amo vocês.

Naquela noite, Oma fez queijo quente e sopa de tomate.

A solução de Linda Kellner para todos os problemas da vida era queijo quente e sopa de tomate.

Não é como se os sanduíches ou a sopa fossem particularmente saborosos. Oma usava queijo processado normal e pão de forma. E a sopa era enlatada, feita com água em vez de leite já que, de acordo com Oma, leite deixava a Vovó com gases.

Mas achei que, talvez, cozinhar para nós fosse a forma de Oma de demonstrar que nos amava, já que ela quase nunca dizia isso em voz alta.

— Posso ajudar com alguma coisa? — perguntou Landon.

Ele chegou depois da aula, com um pequeno buquê de flores para a minha mãe e um cartão para mim.

— Não precisa — disse Oma. — Pode ficar tranquilo.

Em vez disso, Landon ficou inquieto na cadeira.

Acho que a visão de Oma usando queijo processado o deixava terrivelmente perturbado.

— Por que você não prepara um chá? — sugeriu Oma.

— Tá bom.

Então, Landon ligou a chaleira e eu peguei um pouco do Darjeeling de segunda safra que o sr. Edwards havia nos mostrado algumas semanas antes. Era mais maltado do que a primeira safra do mesmo produtor, mais forte, mas ainda assim bem gostoso.

Enquanto o chá infusionava, Oma cortou os sanduíches em quatro pedaços na diagonal — o único jeito aceitável de partir queijo quente — e começou a encher as tigelas de sopa. Landon pôs a mesa e eu fui buscar Laleh no quarto.

— Laleh?

Ela estava aninhada na almofada, com um novo livro aberto no colo.

— Tá lendo o quê?

Laleh levantou o livro para que eu pudesse ler a capa: *A quinta estação*.

— É bom?

— Melhor que *Duna* — disse ela.

— Legal. Quer jantar?

Jantamos em silêncio, todo mundo mergulhando os triângulos de sanduíche na sopa aveludada e industrializada.

No fundo, até me senti um pouquinho melhor.

Depois, quando Landon estava se preparando para ir embora, ele disse:

— Você vai ficar bem?

— Sim — respondi. — Não é como se a gente tivesse sido pego de surpresa e... É horrível eu estar meio aliviado por ter acabado?

Eu me senti péssimo assim que terminei a frase.

Que tipo de neto diz uma coisa dessas?

Landon segurou minha mão.

— Não é, não.

Eu funguei.

— Tudo bem.

Ele me puxou para tentar me beijar, mas eu balancei a cabeça.

— Desculpa, eu...

Landon mordeu o lábio.

— Não. Tudo bem.

A campainha tocou.

— Deve ser meu pai — disse ele.

Mas, quando abri a porta, não era o sr. Edwards quem estava ali.

Era Chip.

— Ah. Oi — eu disse.

— Oi.

Ele passou a mão pelo cabelo. Estava bagunçado e amassado por causa do capacete. Ele olhou por cima do meu ombro e assentiu para Landon.

— Como você está? — perguntou ele.

Dei de ombros.

— Pois é — disse Chip, contorcendo os lábios. — Aqui. Todo mundo do time assinou.

Ele tirou um cartão da bolsa transversal e me entregou.

— Sentimos sua falta.

— Obrigado.

Não sei por quê, mas o cartão me deu vontade de chorar de novo, e eu ainda nem tinha lido.

Nunca achei que teria amigos do tipo que mandariam cartões quando meu avô morresse.

— Como foi o jogo?

— Ganhamos.

— Que bom.

— Pois é.

Chip se balançou para a frente e para trás na ponta dos pés.

— Gostei das unhas.

Olhei para as minhas mãos.

— Essa cor cai bem em você.

— Obrigado — respondi. — Hum.

— Melhor eu ir embora. Mas... Enfim, se precisar de alguma coisa...

— Sim — eu disse. — Obrigado, Chip.

— Até mais — disse Landon detrás de mim.

Ele se aproximou da porta e entrelaçou nossos dedos.

Chip olhou para Landon e depois para mim.

— Sim. Até mais.

Nós o observamos pedalando pela rua.

Landon levantou minha mão e analisou minhas unhas.

— Essa cor fica mesmo muito bem em você, sabia?

Sorri.

A sensação era a de estar quebrando regras.

— Obrigado.

Uma abundância de comida

Realizamos o velório do Babou no Centro Cultural Persa de Portland.

O CCPP (uma sigla que sempre me pareceu hilária quando eu era criança) havia sido uma loja de colchões no passado, com um salão amplo de azulejos na frente e escritórios nos fundos para reuniões e pequenos encontros. Havia uma minilivraria que vendia, basicamente, livros de receita e de gramática persa, junto de panfletos sobre as atividades locais.

Também havia uma cozinha, um espaço que havia precisado de uma reforma mais extensa.

Iranianos são notoriamente exigentes quando se trata de cozinhas. Minha mãe sempre comentava sobre querer reformar a da nossa casa, mas já fazia um tempo que não tocava no assunto. Difícil quando nossas economias estavam no fim e a lava-louças, ainda quebrada.

Minha mãe mostrou a identidade para o segurança na porta, que nos deixou entrar.

Eu me senti meio estranho com aquilo, com o fato de o Centro Cultural Persa de Portland precisar de um segurança.

Aparentemente, o lugar teve muitas janelas quebradas e sofreu alguns ataques antes de eu nascer. Depois também, mas minha mãe sempre dizia que foi bem pior logo depois do Onze de Setembro.

Desde que comecei a me entender por gente, o CCPP tinha seguranças nas portas e câmeras escondidas nos cantinhos do teto. Mas aquilo não existia quando minha mãe encontrou o lugar e convidou meu pai para uma leitura de Hafez no terceiro encontro deles.

Meu pai deveria estar ali também, mas o voo dele atrasou em Los Angeles e ele não sabia quando chegaria em casa.

— Pode levar isso aqui?

Minha mãe me passou uma caixa de papelão enorme, cheia de vasilhos com mudas de jasmim dentro.

Eu sentia muita saudade do cheiro de jasmim no jardim de Babou.

— Sim.

Peguei a caixa com uma das mãos e ofereci a outra para Laleh. Ela apoiou os dedos na minha palma, e eu a guiei até a cozinha, que também era a área própria para a decoração.

A coisa mais legal do Centro Cultural Persa de Portland era a explosão de tudo quanto era coisa iraniana: fotografias do Irã alinhadas nas paredes, muitas imagens pré-revolução já desbotadas, mostrando Teerã, Tabriz e Shiraz. Havia até algumas fotos de Yazd. Pinturas de Naseeruddin Shah — a figura menos controversa dos retratos iranianos — estavam penduradas em alguns cantos. (Não é como se não houvesse nenhuma controvérsia a respeito dele, mas ainda assim. Ele antecedeu a revolução islâmica e até mesmo a dinastia Pahlavi que veio logo depois.)

Caixas de som penduradas no teto tocavam o equivalente iraniano de música de elevador.

— Tá com sede, Laleh?

— Sim.

Servi um copo de água para ela e voltei para ajudar Vovó e Oma a carregarem as bandejas de alumínio com arroz e kabob, da Casa do Kabob, um restaurante iraniano em Beaverton.

Nenhuma reunião iraniana estaria completa sem uma abundância de comida.

Todo mundo estava bem-vestido — minha mãe com um vestido preto, mas não melancólico —, enquanto eu vestia uma calça social cinza e uma camisa de botão azul-marinho. Por baixo, estava com a camisa da seleção iraniana de futebol, a Seleção Melli.

Tinha sido um presente de Sohrab, de quando estive no Irã. Fazia com que eu me sentisse mais perto do país, e de Babou, e das partidas de Rook, e

de me sentar em silêncio bebendo chá.

Peguei um guardanapo e sequei os olhos.

Eu começava a chorar nos momentos mais nada a ver.

Nunca tinha perdido alguém que eu amava antes.

Não sabia como lidar com aquilo.

— Darius? Oi.

Havia outra aluna iraniana no Colégio Chapel Hill: Javaneh Esfahani.

Ela já estava no último ano, e como não almoçávamos mais juntos, nós mal nos víamos. Ela fazia as aulas avançadas durante o dia e estava ocupada com o Grêmio Estudantil durante a tarde.

Javaneh usava um vestido preto elegante, com uma blusa vermelha por cima e um lenço vinho sobre a cabeça. Estava de óculos também, daquele modelo de gatinho com detalhes em verde na armação.

— Ah. Oi!

— Você parece estar precisando de um abraço.

— Não seria nada mal.

Javaneh riu e me puxou para perto.

Não conseguia me lembrar de já tê-la abraçado antes. A sensação era quente e confortável, como um cobertor quando se acorda naqueles dias de fim de outono, pouco antes de ter que ligar o aquecedor, e você não consegue nem se imaginar saindo da cama porque sabe que o piso estará gelado.

— Como você está?

— Bem. Tentando me manter firme para a minha mãe.

Ela assentiu.

— Quando minha avó faleceu, meu pai também sofreu bastante.

— É péssimo.

— Pois é. Sinto saudades dela até hoje.

Funguei. Javaneh tirou alguns lenços de dentro da bolsa preta enorme.

Ela ainda estava no ensino médio, mas já possuía a bolsa volumosa de uma Mulher Iraniana de Verdade, do tipo que abria portais para dimensões alternativas.

— Obrigado.

— Sem problema.

Ela olhou por cima do meu ombro.

— Acho que tem alguém querendo falar com você.

— Ahn?

Me virei e encontrei Landon parado à porta. Ele estava todo formal, com um terno preto, camisa branca e gravata cinza.

Impecável.

— Oi.

— Oi — disse ele antes de me envolver num abraço. Me derreti todo.

Mas nós não nos beijamos. Acho que ele ainda estava tentando entender as regras, cercado por um monte de iranianos desconhecidos.

Talvez ele estivesse se sentindo assim

Talvez, eu também.

Quando nos afastamos, eu disse:

— Javaneh, esse é o meu namorado, Landon.

Javaneh sorriu e estendeu a mão.

— Javaneh Esfahani. Estudo no colégio do Darius.

Os ombros de Landon relaxaram ao cumprimentá-la.

— Prazer.

— O prazer é meu — disse ela.

Javaneh olhou em direção ao salão e arregalou os olhos por um segundo.

— Ai, não. Meus pais estão tentando ajudar.

Landon piscou.

— E isso é ruim?

— Meus pais são, tipo, atletas olímpicos de taarof.

— Ai, não — concordei.

Landon balançou a cabeça, olhando para nós dois. Apesar de todos os meus esforços para explicar o taarof — o conjunto complexo de Comportamentos Sociais que governa todas as relações sociais entre iranianos —, ele ainda não tinha entendido direito.

— Me desejem sorte.

Javaneh apertou meu braço e correu para impedir que os pais tomassem conta de todo o velório.

Landon segurou minhas mãos e me olhou de cima a baixo.

— Você tirou o esmalte das unhas — disse ele.

Vovó tinha me ajudado a remover. Unhas turquesa pareciam felizes demais para um velório.

Gays demais.

Eu nunca mais poderia contar ao Babou que eu era gay.

Odiava ter sido tão covarde.

— Não me parecia adequado para a ocasião.

— Mas você está bonito mesmo assim — disse ele, brincando com algumas mechas do meu cabelo que caíram sobre a testa. — Está bem? De verdade?

— Estou bem.

Landon encarou a costura dos ombros da minha camisa.

E eu senti uma coisa, como se estivesse chateado com ele por algum motivo.

O dr. Howell disse que era normal sentir coisas — coisas ruins — quando estivesse processando o luto.

Tentei não demonstrar.

— Pronto para começar?

Respirei fundo.

— Sim.

Profissão essencialmente persa

O programa do velório foi simples: assim que todos chegaram (cerca de uma hora depois do horário marcado, porque, enquanto grupo social, iranianos são pré-dispostos a se atrasarem), minha mãe rezou, primeiro em inglês, depois em persa, e por fim em um dari hesitante. Ela falou sobre a infância de Ardeshir Bahrami em Yazd: como ele nasceu numa comunidade zoroastra, fez faculdade, abriu uma loja, participou da revolução, criou três filhos e teve oito netos (com um bisneto a caminho). Como ele era gentil, carinhoso, generoso. Como era fera no Rook. Como amava o seu jardim.

— A única coisa que meu pai amava mais que o jardim era sua esposa, Fariba. E a única coisa que ele amava mais que Fariba, era a comida dela.

Àquela altura, todos já estavam bem melancólicos, alguns até chorando. Mas, quando minha mãe disse aquilo, o clima do ambiente mudou. Um sorrisinho aqui, outro ali, umas risadinhas desconfortáveis e até, por fim, risadas de verdade.

Na mesa ao nosso lado, o pai de Javaneh ria de estufar a barriga. Ele — como a maioria dos homens presentes — estava de terno.

Claramente eu tinha falhado mais uma vez em acertar o visual Casual persa para um evento.

Minha mãe secou as lágrimas e sorriu.

— Queria que minha mãe estivesse aqui para cozinhar para nós esta noite. Em vez disso, temos Casa do Kabob. Noosh-e json!

Vovó e Oma se levantaram para ajudar a servir. Eu me levantei também e peguei Laleh pela mão.

— Posso ajudar? — perguntou Landon.

— Claro.

Laleh ficou na parte dos pães — a favorita dela —, enquanto Landon servia arroz nos pratos das pessoas e eu separava o tah dig, que a Casa do Kabob preparou com fatias finas de batata no fundo da panela.

A fila andava devagar, e todo mundo se demorava em conversas, às vezes em persa, às vezes em inglês e às vezes nos dois idiomas ao mesmo tempo, discutindo, taarofando e colocando o papo em dia com amigos que não viam desde a última vez que nos reunimos no CCPP.

Landon me lançou um olhar confuso quando duas mulheres iranianas mais velhas, que eu reconhecia vagamente, mas não lembrava os nomes, pararam na nossa frente, discutindo em persa. As vozes aumentaram, estridentes e agudas por cima do barulho, até as duas finalmente caírem na gargalhada. Elas se viraram para mim.

— Darioush!

— Oi.

— Olha só. Você emagreceu.

— Hum.

Minhas orelhas queimaram.

— Quem é esse? Seu amigo do colégio?

— Meu namorado — respondi. — Landon.

A mulher da esquerda, com o cabelo castanho num coque elaborado, se virou para a amiga e perguntou alguma coisa em persa.

A amiga, que era mais alta, de cabelo longo e preto e brincos dourados de argolas ornamentadas, respondeu alguma coisa. Ela me encarou, depois encarou Landon e, por fim, disse outra coisa para a amiga.

— Vou querer só o tah dig, Darioush — disse ela.

Servi uma colherada com um pedaço de batata.

— Mais?

— Perfeito.

A amiga não parava de encarar Landon e eu.

— Não quero arroz, obrigada — disse ela. E depois: — Prazer em conhecer.

Ela foi embora.

— O que acabou de acontecer? — sussurrou Landon para mim. — Do que elas estavam falando?

Eu não consegui entender muito bem.

Tinha quase certeza de que eu não queria entender.

— Não sei.

O pai de Javaneh, um médico, estendeu o prato para Landon servir o arroz. Ele tinha um bigode que me lembrava Babou, apesar do dele ser preto e aparado, e não grisalho e cheio.

— Só um pouquinho — disse ele, quando Landon ofereceu uma colherada grande.

— Desculpa — disse Landon, começando a devolver metade do arroz.

O rosto do dr. Esfahani ficou em pânico.

— Por favor, pode pegar mais. Tem muito arroz — eu disse.

— Se você insiste.

Landon olhou para mim, desconcertado, e então serviu o arroz para o dr. Esfahani.

Como eu disse, Landon ainda não era um expert na arte do taarof, que consistia em recusar comida educadamente mesmo quando você quisesse, e forçar outras pessoas a pegarem a comida que elas disseram que não queriam.

— Darioush. Javaneh me disse que você está no time de futebol esse ano.

— Sim.

— E como vão os jogos?

— Muito bem. Seis vitórias, uma derrota.

Landon disse:

— Ele é o melhor zagueiro do time.

Corei e balancei a cabeça.

— Claro que é! Persas são excelentes no futebol. É genético.

Como médico — uma profissão essencialmente persa, se é que isso existe —, o pai de Javaneh estava sempre dizendo que coisas eram genéticas.

O dr. Esfahani aceitou um pedaço grande de tah dig sem argumentar — provavelmente ainda estava abalado por quase ter perdido seu arroz — e continuou pela fila em direção ao kabob.

Servi a mãe da Javaneh, que também era doutora — uma PhD que ensinava física na Universidade de Portland — e depois os dois irmãos da Javaneh, que ainda estavam no ensino fundamental.

Quando a primeira bandeja de tah dig terminou, a levei para os fundos junto de outras bandejas que já estavam vazias. Minha mãe também estava lá, enchendo as garrafas térmicas de chá no bico de água quente da cafeteira.

— Ah, Darius. Posso falar com você um instante?

— Sim, claro. Tá tudo bem?

Minha mãe assentiu. Ela havia passado pelo dia inteiro sem borrar o delineador.

Eu já tinha chorado quatro vezes.

— O que foi?

Minha mãe apertou os lábios por um segundo.

— Sabe, muitos dos nossos convidados são iranianos mais... tradicionais.

— Eu sei.

Levantei a mão, mostrando as unhas.

Minha mãe baixou os olhos.

— Sinto muito.

— Tudo bem.

Ela olhou para mim como se quisesse dizer algo mais, porém Oma colocou a cabeça para dentro da porta.

— Os kabobs estão quase acabando.

— Eu levo mais — eu disse, me virando de volta para a minha mãe.

— As pessoas disseram alguma coisa sobre Vovó e Oma?

— Não. Você sabe como os iranianos são. Eles só implicam uns com os outros.

— Tá.

Minha mãe segurou meu braço.

Olhou para mim por um momento.

— Não se esqueça de dar comida para Landon. Foi muito gentil da parte dele ter vindo.

Assim que a fila terminou, ajudei Landon a se servir. Era a primeira experiência legítima de chelo kabob dele, então o ensinei a aproveitar ao máximo: forrando o prato com pão, para absorver o molho, explicando as diferentes filosofias do arroz (com ou sem manteiga, misturado com tomate grelhado ou não), apresentando o sumac, que era um tempero.

— Acho que você serviu comida demais para mim — disse Landon ao segurar a pilha de arroz, carne e vegetais que eu espremi dentro do prato dele.

— Isso também é tradição persa.

Ele deu uma risada e sorriu.

— Obrigado por ter vindo. Mesmo.

— Não foi nada — disse ele, colocando o prato sobre a mesa e acariciando minhas mãos. — Fico feliz em estar aqui.

Fiz um prato para mim e nós dois nos sentamos ao lado de Laleh, que já estava devorando o arroz com uma colher maior que a boca.

Depois do jantar, enquanto todos bebiam chá e comiam zoolbia — basicamente um bolo de funil persa, cheio de calda —, eu, minha mãe e

Laleh contamos histórias sobre o Babou.

— A primeira vez que eu vi o Babou, ele estava no telhado da casa — eu disse. — Tentando regar as figueiras.

— Como ele amava aquelas figueiras! — gritou minha mãe. — Acho que amava mais que os próprios filhos!

Todo mundo riu, principalmente porque havia uma certa probabilidade daquilo ser verdade.

— Ele estava todo bem-vestido também, de calça social e sapatos elegantes.

Minha mãe assentiu e riu, mas os olhos dela estavam marejados. Eu não sabia ao certo se era de tanto rir ou se a ficha dela estava começando a cair.

Talvez os dois.

— Ele estava gritando para o Sohrab, pedindo ajuda. Sohrab é o vizinho dele. Meu melhor amigo. Enfim, Sohrab estava tentando desenrolar a mangueira e eu lá, observando tudo, e o Babou tipo “Já vou descer, não estou nem aí se você viajou meio mundo só pra me ver, preciso terminar de regar as figueiras”.

— Você nunca me contou essa parte! — gritou minha mãe.

Depois disso, Laleh contou para todo mundo — em meio a soluços e lágrimas — sobre como ela assistia a novelas iranianas com Babou, que conhecia todos os personagens e roteiros de vinte anos atrás.

O clima pesou depois daquilo, e eu coloquei mais chá na xícara de Landon.

— Obrigado — disse ele.

Eu apertei a mão dele sob a mesa, e ele me olhou meio esquisito.

— Ei, mãe — eu disse. — Você já contou para todo mundo a história do Babou e o aftabeh?

— Quem te contou isso?

— Zandayi Simin.

— Eu vou matar a Simin-khanum! — exclamou minha mãe.

Ela suspirou e depois começou a falar em persa.

Atrás de mim, Vovó perguntou:

— O que é um aftabeh?

— É tipo um regador. Usado como um chuveirinho de privada.

Oma riu e Vovó cobriu a boca, mas eu não consegui dizer mais nada porque todos começaram a gargalhar.

Mico Progressões

Finalmente, os últimos convidados foram embora. Landon ajudou minha mãe a dobrar as mesas e a empilhar as cadeiras enquanto Laleh recolhia os copos e pratos descartáveis para jogar no lixo. Na cozinha, ajudei Oma e Vovó a lidarem com a montanha de comida que sobrou.

— Você está bem? — perguntou Vovó.

— Acho que sim.

Segurei um saco plástico daqueles de um litro para Oma encher com os kabobs.

— Você está quieto demais — comentou Oma. — Tem alguma coisa te chateando?

— Eu não cheguei a contar para o Babou que eu sou gay.

Oma pegou a sacola da minha mão e fechou o zíper hermético. Ela olhou para Vovó e depois para mim.

— Você acha que... — comecei a dizer, mas Oma me interrompeu.

— Eu sabia que seus pais tinham amigos trans na faculdade, sabe? Mas ainda assim foi muito difícil me assumir para eles.

— Por quê? Eles não aceitaram de cara?

Oma balançou a cabeça.

— Não. E eles estavam muito atarefados com você. Acho que não conseguiram processar muito bem. Você ainda era um bebê.

Assenti.

— Lembro da sua mãe perguntando o que ela deveria fazer com todas as fotos. Do casamento, do seu nascimento. Mas depois ela se acostumou. Ela e Stephen se acostumaram. Acho que se ajustaram mais rápido que Melanie.

Vovó pigarreou e Oma balançou a cabeça, começando a guardar o arroz em outro saco plástico.

Eu nunca havia escutado minhas avós comentando sobre quando Oma se assumiu.

Queria que elas continuassem falando.

— O que você quer dizer com isso?

Vovó olhou para mim por um tempo. Encarou Oma, que abriu a geladeira para tirar duas sacolas de sabzi.

— Que as pessoas podem te surpreender — disse Oma, colocando o sabzi sobre a mesa e apoiando a mão no ombro da Vovó. — E às vezes você precisa dar um tempo e acreditar que as coisas vão dar certo.

Minha mãe apareceu na porta.

— Stephen acabou de ligar. O avião finalmente pousou.

— Pode deixar que a gente termina aqui. Vá buscá-lo — disse Vovó.

— Obrigada. Nos vemos em casa?

— Claro.

Minha mãe me beijou.

— Vou levar sua irmã. Ela está exausta.

— Tá bom. Te amo.

— Te amo.

Depois que terminamos de arrumar tudo, eu e Landon enchemos o portamalas do carro da Oma com as embalagens de comida.

— Quer ir lá pra casa? — perguntei.

— Hoje eu não posso.

— Ah.

— Você vai ficar bem?

— Sim.

Landon apertou minha mão.

— Acho que você precisa de um tempo com a sua família, de qualquer forma.

Oma ligou o rádio no noticiário, mas deixou o volume baixo. Era meio relaxante até, aquela voz grave e melancólica que eu mal conseguia entender, sussurrando no meu ouvido.

Landon olhou para mim e abriu um sorriso triste.

E depois apoiou a mão na minha perna, na parte de dentro da minha coxa.

Eu olhei para baixo: o jeito como os dedos dele repousavam no tecido cinza da minha calça. O mindinho deslizando pela costura, de um lado ao outro.

Minhas orelhas arderam.

Tive aquela sensação horrível de novo.

Queria pedir para Landon parar, mas não consegui.

Ele tinha sido tão paciente comigo ao longo do dia, e talvez eu devesse ser paciente com ele também.

Mas eu não queria ter uma ereção no carro da minha avó.

Então, apoiei minha mão sobre a dele. Tirei da minha perna e entrelacei nossos dedos.

Ele me olhou esquisito.

Como se estivesse irritado comigo, talvez.

Ou decepcionado.

E eu tive outra sensação horrível. Como se quisesse que ele me deixasse em paz.

Isso é normal.

Certo?

Mesmo terminando de arrumar o CCPP — e deixando Landon na casa dele —, nós chegamos em casa primeiro.

Liguei a chaleira, ajustei a temperatura para 165 graus para fazer Poço de Dragão, e tirei minha roupa Casual persa.

Ainda sentia um formigamento esquisito na parte da coxa onde Landon havia tocado, perigosamente perto do meu pênis.

A porta da garagem rugiu no andar de baixo. Balancei a cabeça e vesti uma cueca limpa e uma calça de corrida.

Precisei esperar um minuto antes de descer.

Minha mãe estava segurando a porta para o meu pai. Ela murmurou alguma coisa para ele, que riu e sussurrou algo no ouvido dela antes de me ver.

— Aí está ele — disse meu pai, me puxando para um Abraço Nível Doze.

Eu não conseguia me lembrar da última vez em que meu pai tinha me abraçado tão forte e por tanto tempo. Ele esfregou a barba na minha bochecha. Já tinha passado da fase que arranhava e estava na fase que formigava, não tão longa para ser supermacia, mas não irritava tanto a minha pele.

Eu nunca tinha visto meu pai com uma barba de verdade antes. Era mais escura que o cabelo louro-areia dele, quase como um castanho-claro, e era meio irregular nos cantos da boca.

Senti algo molhado nas minhas bochechas também, mas não disse nada a respeito.

Nem sei por quê.

— Que bom que você está em casa — eu disse, e o apertei o mais forte que consegui, até finalmente ficar satisfeito. Ele deu um tapinha nas minhas costas, apoiou a mão ao redor do meu pescoço e me puxou para dar um beijo na minha testa.

— Me desculpe pelo atraso.

— Tudo bem. Estou feliz por ter você de volta.

Deixei meus pais entrarem, e Laleh veio logo atrás, colocando meu pai a par de tudo que ele perdeu — incluindo, nas palavras dela, “a srta. Hawn fazendo Mico Progressões”.

Meu pai encarou minha mãe, e depois a mim.

— Microagressões — sussurrei, me espremendo pela porta para buscar a mala do meu pai.

Abri o porta-malas e lutei contra a mala gigante, que ficava toda hora agarrando na borracha da porta. Geralmente, meu pai arrumava a mala com perfeição, mas daquela vez estava toda inchada e desengonçada, como se ele tivesse embolado tudo e jogado ali dentro em vez de dobrar as roupas e empilhar em fileiras simétricas.

Apoiei a mala trambolhuda nas rodinhas e tirei a mala de mão, e depois peguei a bolsa transversal de couro da Kellner e Newton no banco do passageiro.

— Está com fome? — perguntou minha mãe. — Sobrou um pouco de kabob.

“Um pouco” era o maior eufemismo de todos.

Tínhamos sobras o bastante para alimentar todo o time de futebol masculino do Colégio Chapel Hill.

— Vem cá. Senta.

Minha mãe forçou meu pai a ocupar o lugar dele na mesa. Laleh subiu na cadeira ao lado e continuou contando as histórias da escola.

A chaleira apitou, então enchi o bule e subi com as malas.

Minha mãe me seguiu.

— Obrigada, meu amor — disse ela.

— Sem problemas.

— Pode deixar aqui. Vou separar a roupa suja.

— Tudo bem.

Deixei a mala no canto, ao lado do armário. Minha mãe abriu e começou a tirar as roupas.

Como era de se esperar, estavam todas emboladas, misturadas com os sapatos, que não estavam nas sacolas de tecido que ele geralmente usava.

Minha mãe soltou um suspiro tão baixinho que achei ter imaginado.

Pensei em como ela já havia passado por outros episódios depressivos de Stephen Kellner antes.

Pensei em como ela já havia passado pelos meus também.

Pensei em como ela havia acabado de perder o pai, acima de tudo.

— Hum — eu disse. — Quer chá?

— Sim, por favor.

— Tá bom.

Enquanto meu pai comia kabob, Vovó e Oma desceram as escadas. Elas também haviam trocado as roupas do Casual persa, vestindo calças de moletom confortáveis, embora Oma ainda estivesse de cabelo preso.

— Não precisa se levantar — disse Vovó, mas meu pai se levantou mesmo assim.

Ele deu um beijo na bochecha de cada uma delas.

— Você precisa fazer essa barba — disse Oma.

Meu pai deu de ombros e voltou a comer.

Todos ficaram em silêncio por um momento, o tipo de silêncio que dava para cortar com uma faca.

— Como estão as coisas na Califórnia? — perguntei.

— Atarefadas — respondeu meu pai.

— E quando você precisa voltar?

Ele suspirou.

— Segunda.

— Pelo menos está calor lá — disse Vovó.

Oma assentiu, mas não disse nada. Ela analisava meu pai com a boca contraída.

O silêncio voltou.

Esse é o problema dos silêncios. Às vezes eles insistem em voltar.

— Alguém quer chá?

— Claro — disse Oma, que olhou para Vovó e, depois, de volta para o meu pai. — Tem certeza de que está tudo bem, Stephen?

— Absoluta.

— Tá bom, então.

Vovó apoiou a mão no ombro do meu pai.

— Você parece cansado.

— Sêrio. Estou bem, mãe — disse ele, sorrindo, mas com os olhos tristes.

O que estava acontecendo?

Havia uma tensão pesada pairando sobre a cozinha, mas eu não conseguia entender o motivo, então fiz o de sempre e servi o chá.

— Que chá é esse?

— Poço de Dragão.

Entreguei o infusor com as folhas molhadas para que meu pai pudesse sentir o cheiro.

— Chá verde torrado. Da China.

Meu pai cheirou, enchendo o pulmão.

— Que cheiro bom.

— Pois é.

— Tem cafeína?

— Não.

— Hum. Melhor preparar algo mais forte então, pra gente aguentar ficar acordado vendo *Star Trek*.

— Sêrio?

Meu pai sorriu, de verdade dessa vez. Ele estava com olheiras fundas e escuras, o cabelo bagunçado, mas pela primeira vez desde que chegou em casa, parecia meu pai de novo.

— Sêrio.

O Visitante

Desde que eu conseguia me lembrar, meu pai sempre teve uma regra: um episódio por noite, mas para episódios divididos em duas partes, nós assistíamos aos dois de uma vez. (Episódios divididos em três partes ficavam com um por noite mesmo, por algum motivo inexplicável que meu pai se recusava a comentar.)

Mas quando terminamos “O caminho do guerreiro, Partes I & II” — no qual o Worf de *The Next Generation* se junta à tripulação de *Deep Space Nine* — meu pai não desligou a TV e não pausou o episódio que começou logo em seguida.

— Temos que compensar pelo tempo perdido.

A voz do meu pai saiu rouca e ele pigarreou enquanto chegava mais perto de mim, passando o braço em volta do meu ombro.

— Estava com saudade disso.

Pigarreei.

— Eu também.

Ficamos em silêncio por um segundo. Nada daquele silêncio pesado da cozinha, um bem mais confortável. Meu pai respirou, eu respirei, e me afundei no sofá embaixo do peso do braço dele.

— Ei, pai.

— Sim?

— Você está bem mesmo?

Meu pai pausou a TV (a prévia de “O visitante” tinha acabado de começar) e olhou para mim.

— Por que a pergunta?

— É só que... da última vez que você voltou para casa, você me disse que estava deprimido.

Ele contorceu a boca para o lado.

— E você parece...

— O quê?

Acabado foi a primeira palavra que me veio à mente.

Mas eu não podia dizer aquilo.

Não podia.

— Cansado — eu disse, e depois: — Triste.

E depois, porque eu não sabia a hora de calar a boca:

— Solitário.

Meu pai suspirou. Ele encarou a tela e passou o dedo indicador pelo lábio inferior, traçando as falhas da barba.

Queria que meu pai me dissesse alguma coisa. Que ele me respondesse.

Mas, em vez disso, ele passou o braço ao meu redor de novo, pegou o controle remoto e apertou o play.

“O visitante” é um dos melhores episódios de *Star Trek: Deep Space Nine*. É sobre o filho do Capitão Sisko, Jake, tentando levar o pai de volta para casa depois que ele ficou perdido no tempo.

Era bem conveniente assistir a um episódio daqueles, quando eu havia acabado de perder meu avô para sempre.

Quando estava com medo de perder meu pai para a depressão.

Na última vez em que o quadro dele ficou bem difícil, nós nos perdemos por quase sete anos.

Eu achava que não seria capaz de aguentar se ele se afastasse de mim de novo.

Ao meu lado, meu pai estava chorando. Não uma única lágrima, como ele geralmente chorava, mas um choro completo. Ele fungou e enxugou os olhos e depois soltou um barulho, tipo um grunhido ou um gemido, e me puxou para perto com tanta força que eu achei que ele fosse me esmagar.

Passei meus braços ao redor dele também, e ficamos ali abraçados por um bom tempo.

— Pai? — perguntei, depois que ele parecia calmo o bastante para falar.

— Desculpa — disse ele, enxugando os olhos com as costas da mão.
— Esse episódio me pegou de jeito.

— Tudo bem. De verdade.

Eu queria que meu pai soubesse que não tinha problema ele chorar na minha frente.

Quando o episódio terminou e os créditos finais subiram, eu entreguei a ele alguns lenços de papel e usei um para assoar o nariz.

Meu pai se reclinou e suspirou.

— Mais um? — perguntou ele.

— Hum.

Já passava da meia-noite.

— Por favor?

Havia alguma coisa na voz dele.

Algo que partiu meu coração.

— Claro.

Então, assistimos a mais um episódio (“Juramento de Hipócrates”, que era bem esquecível pra ser sincero), e recostei a cabeça contra o ombro do meu pai quando comecei a ficar sonolento. Ele apoiou a mão na minha cabeça e começou a fazer cafuné.

Eu não me lembrava do meu pai fazendo aquilo comigo antes.

Minha mãe fazia o tempo todo. Mas ele nunca.

Ele continuou esfregando o meu couro cabeludo, brincando com os três cachos bem no topo da minha cabeça.

— Ei — disse ele, pouco mais alto que um sussurro. — Você se sente pior estando comigo quando eu estou deprimido?

— Não — respondi. — Não mesmo.

Ele parou de mexer os dedos na minha cabeça.

— Tem certeza? Isso não piora a sua depressão?

— Tenho certeza. Por quê?

Ele voltou a mexer os dedos. Ficou em silêncio por um bom tempo.

Segurei um bocejo.

— Às vezes, quando estou com as suas avós... sei lá. Parece que tenho treze anos de novo, que estou deitado na cama com meus pensamentos depressivos. Sentindo a depressão delas também, como uma nuvem sobre a casa.

— Eu não sabia que Vovó e Oma também tinham depressão.

— Bem, elas não gostam de falar sobre isso. E nunca procuraram ajuda, então não existe um diagnóstico oficial. Eu sempre achei que, talvez, elas fossem bipolares.

— Ah.

Contive mais um bocejo.

— Elas dificultaram as coisas para que você buscasse ajuda?

Ele apoiou o queixo na minha cabeça.

— Às vezes. Elas queriam que eu lidasse com tudo sozinho.

— Sinto muito.

— Tudo bem.

Minhas pálpebras ficaram pesadas. Eu não conseguia parar de piscar, mas sabia que precisava me manter acordado.

— É por isso que a gente nunca visita as duas?

— Não. Talvez.

Meu pai suspirou. A respiração dele fez cócegas no meu cabelo.

— Sei lá.

— Ah.

— Com elas aqui, eu pensei que... bem, eu queria que você e sua irmã tivessem uma relação com elas melhor do que a que eu tive.

Para ser sincero, eu não achava que o plano do meu pai estava funcionando.

Mas eu não podia dizer isso para ele.

Bocejei.

Meu pai riu.

— Tá bom.

Ele beijou minha cabeça de novo.

— Melhor você ir para a cama.

— Eu tô acordado — disse, embora meus olhos estivessem fechados.

— Aham, estou vendo.

Deixei meu pai me abraçar. E me segurei nele também.

— Não se preocupe comigo — sussurrou ele. — Vou ficar bem.

— Promete?

— Prometo.

Radiação eletromagnética

— Darius, você pode levar o lixo pra fora? — perguntou Polli.

— Claro.

A maior parte do nosso lixo ia para a compostagem — nós entregávamos para um restaurante de produção própria no fim da rua e eles usavam no jardim —, mas eu precisava separar antes, porque às vezes as pessoas jogavam lixo de fora nas nossas lixeiras: embalagens de plástico, garrafas de vidro, latas de Red Bull.

Eu não entendia o motivo e o propósito do Red Bull, aliás.

Depois de separar tudo e jogar na composteira grande e vermelha, corri até o banheiro para lavar as mãos e ver se não tinha me sujado.

— Com licença? — disse uma pessoa de vinte e poucos anos, vestindo uma boina e alargadores enormes nas orelhas, assim que voltei para a loja.

— Olá. Posso ajudar?

— Estou procurando um presente para a minha parceira.

— Ah. Você sabe o que ela gosta de beber?

— Ela não gosta de cafeína.

Guiei a pessoa até a nossa seleção de ervas. Falei sobre os rooibos, chás frutados e chá azul, apresentando os aromas das latas de amostra uma por uma.

Do balcão, Kerry me chamou:

— Darius, precisamos de mais nitro!

Minha nuca começou a queimar.

— Hum. Com licença. Me dá um minutinho? Preciso...

— Claro — disse a Pessoa de Boina.

— Se precisar de mais alguma coisa é só falar.

— Valeu.

— Vamos fazer uma degustação daqui a pouco — disse o sr. Edwards quando voltei com os tanques de nitro. — Acabamos de receber uma nova leva de Darjeelings.

— Show.

Comecei a segui-lo, mas ouvi um grito, um som de estilhaço e líquido derramado. Uma mesa tinha acabado de derrubar uma jarra cheia de chá gelado de hibisco, o líquido roxo-escuro e pegajoso por conta do néctar, e difícil de tirar do chão se ficasse muito tempo ali.

Polli acenou para mim.

— Darius?

— Deixa comigo — eu disse, me virei para o sr. Edwards. — Já vou.

Limpei o chão com o esfregão e ajudei a desmontar algumas caixas para a reciclagem. Estava a caminho da sala de degustação quando Kerry disse.

— Darius, preciso de mais Uva. E aquele Vithanakande novo.

— Latas?

— Caixas.

— Tá bom.

— Só um segundo — disse ela para uma pessoa alta e barbuda com boné de caminhoneiro esperando ao lado do caixa.

Para ser sincero, aquela era a última pessoa do mundo que eu imaginaria estar procurando chás sofisticados do Sri Lanka.

— Obrigada — disse Kerry quando entreguei as caixas para ela.

— Sem problemas. Vou para a degustação, se estiver tudo bem.

— Divirta-se!

O sr. Edwards e Landon já haviam preparado quatro xícaras diferentes do Darjeeling, e mergulhavam as colheres na terceira quando bati à porta da sala.

— Bem na hora — disse o sr. Edwards. — Pegue uma colher.

Me sentei ao lado de Landon e afundei a colher no primeiro chá.

— Hummm — eu disse. — Que delícia.

— Primeira ou segunda leva? — perguntou o sr. Edwards.

— Hum.

Senti o aroma do chá, analisei o líquido, provei mais um pouco. Era leve e delicado.

— Primeira?

— Muito bem. O que mais?

— Floral?

— Hum.

Ele franziu os lábios por um segundo.

— Mais apimentado que floral, eu acho. Cardamomo.

— Ah.

Não tinha gosto nenhum de cardamomo, e eu bebia cardamomo o tempo todo.

Provei o número dois.

— Hum. Tropical?

— Sim, goiaba e maracujá. Seja mais específico depois de provar.

Aquela queimação no meu peito voltou: uma sensação esquisita, meio agitada, como se eu tivesse um propulsor alojado no meu esterno, rodando e soltando radiação eletromagnética em intervalos rápidos.

Só queria poder beber chá e aproveitar o momento.

Ao meu lado, Landon anotava tudo no caderno.

O sr. Edwards pigarreou.

— E o terceiro?

— Grãos? Tipo amêndoas?

— Melhor. E o número quatro?

Me senti na aula de Álgebra II. Só que sem Chip para me ajudar a estudar.

Funguei, experimentei e pensei.

— Frutado.

— Toranja — acrescentou Landon.

— Certo. Você precisa trabalhar melhor esse palato, Darius.

O propulsor girou mais rápido.

E eu tive aquela sensação ridícula de novo, mais forte do que nunca.

Como se eu não gostasse mais de trabalhar ali.

Como se, mais cedo ou mais tarde, chá fosse se tornar apenas mais uma prova para eu me dar mal.

— Muito bem. Vamos limpar tudo aqui. Bom trabalho, pessoal.

— Você pode ficar com a limpeza? — perguntou Landon. — Preciso arrumar o estoque.

Pigarreei.

— Claro.

Esvaziei as xícaras, coloquei tudo na lava-louças, limpei a mesa e disse a mim mesmo que estava tudo bem.

Tudo bem mesmo.

* * *

Eu planejei ir para casa depois do trabalho, mas Landon me chamou para ir até a casa dele.

Landon quase nunca me convidava. Por algum motivo, geralmente ficávamos na minha casa.

Então, quando recebi o convite, soube que precisava dizer sim.

Landon e o pai dele moravam em um apartamento no centro da cidade, a algumas paradas do bonde saindo da Cidade das Rosas. Era em um prédio comercial no estilo art déco remodelado, no oitavo andar. Landon digitou o código no portão da frente e me levou até o elevador. Pegou um recado pendurado no batente da porta e me deixou entrar.

Sempre que eu via a casa dele ficava meio impressionado. A sala de estar tinha umas janelas enormes com vista para o centro — dava até para ver a Cidade das Rosas, se você fosse alto o bastante, como eu — e tudo era branco, cromado e elegante.

Landon me levou até o sofá preto de canto.

— Quer alguma coisa?

— Estou de boa.

Ele se sentou e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Tá tudo bem? Você estava tão calado hoje.

— Sei lá. Eu só... — eu disse, enquanto remexia na batinha da minha camisa. — Sei lá.

Landon espremeu o abraço por trás de mim para segurar minha cintura.

— Fala comigo.

Eu não sabia como dizer para ele que estava cansado de nunca saber as respostas certas durante as degustações.

E que eu só queria beber chá e compartilhar com as pessoas.

E que eu não estava feliz na Cidade das Rosas.

Eu não sabia como dizer nada daquilo em voz alta.

Então, em vez disso, eu falei:

— Acho que só estou preocupado com meu pai.

— Ele ainda está deprimido?

— Sim. E, além do mais, ainda estou triste por causa do meu avô.

— Entendo...

— Babou amava chá. Agora, toda vez que eu preparo um bule, bebo uma xícara, é como se... a ficha caísse mais um pouco. Meu avô não está mais aqui.

— Sinto muito.

Peguei a mão livre dele e entrelacei nossos dedos.

— Tudo bem.

Landon beijou meu ombro.

Suspirei.

Ele sorriu para mim, e depois chegou mais perto para pressionar os lábios contra os meus, quentes, macios e demorados.

Foi um beijo gentil e bom. A mão dele subiu da minha cintura até a minha nuca, os dedos brincando com os fios de cabelo antes de mergulharem na minha cabeça, enroscando os cachos.

Senti um calafrio.

Landon se inclinou para trás. Os lábios dele estavam vermelhos e rachados. Ele passou a língua no canto rachado.

— Tudo bem até aqui? — perguntou ele.

— Sim — respondi.

Estava tudo bem porque quando estávamos nos beijando eu não precisava falar. Não precisava pensar.

Não sentia mais aquele propulsor ligado dentro de mim.

Landon se arrastou para mais perto até estar quase no meu colo e me beijou de novo. Ele passou a língua pelos meus dentes e eu abri um pouco a boca. Mas aí ele fez aquela coisa de chupar a minha língua para dentro da boca dele.

Perdi o ar. Foi a coisa mais esquisita que eu já havia sentido.

Esquisita e excelente.

Finalmente precisei interromper o beijo para recuperar o fôlego. As bochechas dele estavam coradas. Os olhos, brilhando.

— Alguém está animadinho — sussurrou ele, cutucando o volume estranho na frente da minha calça jeans.

— É só a dobra da calça — sussurrei de volta e Landon riu.

Quer dizer, eu estava duro, mas a ereção estava esmagada contra a minha coxa esquerda.

Landon passou o polegar pelos meus lábios. Beije a ponta, mas ele colocou o dedo dentro da minha boca e alisou a parte de dentro da

bochecha.

Era o tipo de coisa que só se vê em filme pornô.

(Sendo sincero, era o tipo de coisa que eu, de fato, já tinha visto em filmes pornô.)

— O que você tá fazendo?

— Nada.

— Acho que não gostei disso.

Landon ficou pálido.

— Desculpa.

— Tudo bem.

Beijei o ombro dele.

Ele apoiou a mão sobre a minha coxa (por sorte, a direita) e esfregou para cima e para baixo. Ao se aproximar para mais um beijo, ele fez a coisa de chupar a língua de novo.

Minha pele se arrepiou de novo.

Desta vez, foi Landon quem interrompeu o beijo.

Eu estava quase certo de que ele também estava excitado.

— Meu pai só chega em casa mais tarde — disse ele. — O que podemos fazer?

— Você pode tocar para mim. Eu nunca te ouvi tocando fagote.

Landon me encarou.

— Ou a gente pode continuar assim. Agarradinhos por um tempo.

Landon me beijou e apoiou a cabeça contra o meu peito de novo.

— Eu gosto de ficar agarradinho com você.

Tirei a mão dele da minha coxa e a levei até os meus lábios. Beijei as juntas dos dedos dele, uma por uma.

Landon ficou um pouco inquieto, o cabelo dele fazendo cócegas no meu queixo enquanto eu o envolvia nos braços e me deitava com ele no sofá.

Respirei fundo, fundo mesmo.

E então Landon sorriu e murmurou “é só a dobra da calça” num sussurro, e nós dois começamos a rir.

Segundas Infusões

Naquela noite, depois que eu e meu pai assistimos a “Indiscrição”, um episódio de *Deep Space Nine* que é meio nada a ver, tentei ligar para Sohrab. De novo. Mas o botão verde escrito LIGAR não parava de piscar e o *pii-pii-puuu* da música ecoava no meu quarto. E Sohrab não atendeu.

Eu não sabia o que fazer.

Era Sohrab quem sempre me ajudava a descobrir o que fazer.

Desliguei e tentei de novo. E uma terceira vez. Deixei tocar até a chamada cair.

Nada.

Mordi os lábios por um tempo, e depois tentei ligar para Mamou.

Eu odiava ser tão egoísta, ligando para a minha avó porque não conseguia falar com o meu melhor amigo.

Como eu faria para conversar com Mamou depois da partida de Babou?

Ela atendeu quase na mesma hora. Houve um segundo de espera até a conexão se estabelecer, a tela ficou toda preta e depois branca enquanto nos conectávamos.

— Oi, Darioush-jan.

— Oi, Mamou.

Quase chorei, eu amava tanto a voz da minha avó.

— Como você está?

Ela suspirou.

— Indo bem, maman. Sabe como é, complicado.

— Pois é.

— Estou com saudades. Queria que vocês viessem me ver de novo.

— Eu também.

E com isso, comecei a chorar. Só um pouquinho.

— Dayi Jamsheed está por aí? Ou Sohrab?

Eu odiava imaginar Mamou sozinha naquela casa.

E pensei que, talvez, Sohrab pudesse estar lá.

— Não. Só eu. Zandayi Simin vem mais tarde para fazer ab goosht.

Você já provou?

— Sim.

Ab goosht significa mais ou menos “carne de água”. Mas, na verdade, é um cozido feito de carne desfiada até soltar do osso, acompanhado com pão de casca grossa.

— Era o prato favorito do Babou, sabe?

Funguei.

— Como você vai, Darioush-jan? E o colégio? E o futebol? E o trabalho? E o seu pai? Sua mãe?

— Hum. Tudo bem. Tá todo mundo bem.

Eu não podia contar a ela sobre como minha mãe estava cansada. Ou como meu pai estava deprimido. Ou como eu estava começando a odiar o trabalho.

Precisava fingir que estava tudo bem comigo, porque eu sabia que com ela as coisas não estavam nada bem.

— Ei, Mamou.

— Que foi?

— Você não tem visto Sohrab ultimamente, tem?

Mamou olhou para o lado.

— É que... faz tempo que não consigo falar com ele.

E eu precisava dele.

Odiava me sentir tão egoísta.

Mas eu precisava do meu melhor amigo.

— Sabe, ele anda bem ocupado ultimamente. Com o colégio. E com a mãe dele.

— Ah.
— Eu aviso que você ligou. Tá bom?
— Tá. Tudo bem.
— Que bom falar com você, Darioush-jan.
A voz de Mamou estava diferente. Mais aguda.
Eu não sabia o que estava acontecendo.
O que Mamou não podia me dizer em voz alta?
— Te amo, Mamou.
— Também te amo, Darioush-jan. Tchau.

Queria que meu pai tivesse ficado por mais tempo.

Queria que ele pudesse me dizer o que fazer em relação à Cidade das Rosas. E a todo o resto.

Mas, em vez disso, tive um minuto para me despedir antes que ele precisasse pegar o carro e ir para o aeroporto na manhã de segunda-feira.

— Pai?
— Sim?
— Volta logo.
— Assim que eu puder.

Ele segurou meu rosto entre as mãos. As olheiras dele haviam escurecido de novo.

Eu faria qualquer coisa para apagá-las.
— Te amo.

— Você tá bem? — perguntou Chip enquanto saíamos do vestiário na tarde de segunda.

— Sim. Por quê?

— Você não para de puxar o cordão do casaco. E só faz isso quando está nervoso.

Soltei o cordão.

Eu não sabia que aquele era o tipo de coisa que as pessoas reparavam.

Eu não sabia que Chip era o tipo de garoto que repararia.

— Quer passar lá em casa, sei lá? Evie adora te ver.

— Não posso.

— Ah.

Chip passou a mão pelo cabelo.

— Preciso ir trabalhar.

— Ah, sim. Achei que você ainda estivesse chateado comigo.

— Ah, não. Eu só...

— Só o quê?

— Sei lá.

Chip se apoiou no bicicletário e olhou para mim.

Ele não disse nada.

E, por algum motivo, eu disse:

— Só não queria ter que trabalhar hoje.

— Como assim?

— Não sei.

— Você ainda gosta de lá?

— Sim — respondi no automático. — Talvez. Sei lá.

— Me parece que você sabe, sim.

Balancei a cabeça.

— Eu sempre sonhei em trabalhar lá.

— Sabe por que eu me inscrevi no time de futebol esse ano? — disse

Chip.

Estiquei a mão para pegar o cordão do casaco, mas me segurei.

— Porque eu odiava futebol americano. Eu jogava desde criança e a cada ano passava a gostar menos. Ano passado eu detestei todos os dias que tive que ir treinar. E Trent era o único amigo que eu tinha no time. A única coisa que me ajudou a enfrentar a temporada toda.

— Ah.

— Foi difícil largar tudo. O treinador Winfield está chateado comigo até hoje. Minha mãe ficou meio brava porque gastamos um dinheirão com equipamento, capacete e tal... Sorin também jogava, sabia?

Chip engoliu em seco. O pomo de Adão dele subindo e descendo.

Ele tinha um pomo de adão bem avantajado.

— O que estou tentando dizer é: se alguma coisa não te faz feliz, não acha que faz sentido abrir mão dela?

Senti um calor no peito de novo. O propulsor voltou.

Será que eu conseguiria abrir mão da Cidade das Rosas?

Assim, do nada?

Pigarreei.

— Sei lá. É que pelo menos eu tenho um emprego. Meus pais estão fazendo hora extra e continuam preocupados com dinheiro.

— Existem outros empregos.

— Mas eu não sou bom em mais nada.

Chip me olhou esquisito. Como se eu o tivesse magoado ao dizer aquilo.

Não sei por que me senti tão envergonhado.

— Desculpa. Hum. Tenho que ir. Não quero me atrasar.

— Ah. Sim. Ei, já comprou os ingressos para o baile? — perguntou ele.

— Peguei hoje.

— Legal — disse Chip, mas tinha alguma coisa na voz dele.

Eu não sabia o que era.

Ele destrancou a bicicleta dele.

Eu destranquei a minha.

— Até amanhã?

— Sim.

Ele colocou o capacete.

— Ei, Chip?

— Sim?

— Obrigado.

No ônibus que rugia a caminho do centro, fui comendo uma barrinha de cereal — uma de manteiga de amendoim que a treinadora Bentley recomendou — enquanto repassava na cabeça o que Chip tinha me dito.

Senti o propulsor dentro de mim girar em força total enquanto guardava minhas coisas no nicho ao chegar na Cidade das Rosas.

— Ei — disse Kerry. — Pode ficar no caixa?

— Claro.

Era um dia tranquilo — segundas geralmente eram —, mas ainda assim havia um fluxo constante de clientes. Cobrei copos de Earl Grey com nitro, latas de Darjeeling e um pacote fechado com cinquenta sachês de Genmaicha.

Na sala de degustação, o sr. Edwards e Landon preparavam Bai Mu Dan para eles provarem.

Me perguntei se, talvez, Chip estivesse certo a respeito de tudo.

Pensei que, talvez, sim.

O propulsor dentro de mim se acendeu.

E eu soube o que precisava fazer.

Por fim, o sr. Edwards saiu da sala de degustação e foi até o escritório.

— Pode me cobrir por uns minutinhos? — pedi para a Kerry. — Preciso conversar com o sr. Edwards.

— Claro.

Esfreguei a nuca e bati na porta do escritório.

— Darius! — disse ele. — Pode entrar.

— Obrigado.

— Tudo bem?

Minha garganta travou. Engoli em seco.

— Hum. Queria conversar sobre uma coisa.

— Pois não?

— Hum... Bem, é que eu tenho pensado em muita coisa ultimamente, e... Sinto muito mesmo. Mas acho que quero pedir demissão.

— Ah.

O sr. Edwards se reclinou na cadeira e olhou para mim.

— Aconteceu alguma coisa?

Balancei a cabeça.

— Não. É só que... Não sei se sou bom nisso.

— Ora, Darius, acho que nunca encontrei ninguém tão perfeito para a vaga.

— Eu não sou, sério — respondi, e segurei a vontade de chorar. — Sempre erro tudo nas degustações. E me sinto sobrecarregado com o estoque, o inventário e tudo mais. Eu só... amo chá. Mas acho que não quero vender chá.

Tentei continuar, mas minha garganta estava travada.

O sr. Edwards soltou uma risadinha.

Não era uma risadinha cruel.

Era como se ele estivesse se lembrando de alguma coisa.

— Sabia que eu toco guitarra?

Assenti. Landon já tinha me mostrado a coleção de guitarras do pai dele.

— Toco muito bem, até. Sempre torci para que Landon gostasse também, mas ele preferiu tocar fagote.

— Ah.

— Enfim. Eu tive uma banda por um tempo. Chamada Segundas Infusões.

Aquilo me fez soltar uma risadinha.

— Ei, pega leve! A banda era muito boa. Lançamos um disco. Fizemos shows. Ganhamos uma grana. Mas quer saber?

— O quê?

— Depois de um tempo, aquilo parou de me fazer feliz. Eu amava tocar guitarra, mas não amava ser parte de uma banda. — Ele se inclinou para a frente e deu um tapinha no meu joelho. — Tá tudo bem ter uma coisa que você ama e querer guardar só pra você.

— Sêrio? — guinchei.

— Sêrio. Tá tudo bem.

Daí eu senti uma coisa. Como se eu pudesse voltar a respirar.

— Obrigado.

— Sem problema. Mas vamos sentir sua falta.

— Vou continuar comprando meus chás aqui. Eu amo esse lugar.

O sr. Edwards sorriu.

Ele tinha o mesmo sorriso do filho.

— Fico muito feliz. Sempre quis que a minha loja fosse um lugar para pessoas que amam chá.

E então, o sorriso dele vacilou só um pouquinho.

— Você vai contar para o Landon ou quer que eu conte?

Mordi o lábio.

— Eu conto.

— Foi alguma coisa que eu fiz?

— Não.

— Alguma coisa que outra pessoa fez?

— Não. Juro — eu disse, pegando minha bolsa no nicho. — Sou eu. Eu é que não consigo mais.

— Por quê?

— É difícil de explicar.

Landon encarou os próprios pés. Segurei a mão dele e desenhei círculos com o polegar.

Por fim, ele perguntou:

— Você está bravo comigo?

— Claro que não.

— Tá bom.

Eu beijei o nariz dele. Ele riu.

— Ei.

— Que foi?

— Hoje eu comprei os ingressos pro baile — eu disse.

A expressão de Landon ficou toda derretida.

— Sério?

— Sim.

— O que você vai vestir? A gente vai combinandinho?

— Minha mãe vai sair comigo para comprarmos alguma coisa esse fim de semana.

— Qual é a sua cor favorita?

— Ah.

Não sei por que fiquei tão surpreso com Landon perguntando minha cor favorita.

— Azul.

— Fácil demais.

— Mais fácil que laranja, pelo menos — eu disse.

Era a cor favorita de Landon.

Ele sorriu.

— Aí, sim, iríamos chamar atenção. Mas eu tenho um terno cinza bonito que ainda cabe em mim.

Landon Edwards ficava perfeito de cinza.

Destacava os olhos lindos dele.

— Mas e... depois? — perguntou ele.

— Depois?

— É. A gente podia ir para algum lugar.

— Hum.

— Sei que é meio clichê, mas. Bem.

O sorriso dele foi morrendo aos poucos e um rubor foi subindo do pescoço até as bochechas.

— Às vezes alguns casais... você sabe. Ficam juntos. Depois do baile. O rosto dele estava quase brilhando.

— Ah — eu disse.

Meu estômago virou do avesso.

Eu não sabia o que dizer.

E tive um sentimento muito, muito ruim.

De que Landon só queria transar comigo.

Eu sabia que não era justo. Sabia que ele se importava comigo. Mas não consegui evitar.

Isso é normal.

Certo?

— Pensa um pouco nisso — disse Landon, beijando meu ombro. — Tá bom?

— Tá bom.

Sob a luz dourada

— Está nervoso por causa do baile? — perguntou minha mãe enquanto parava o carro no estacionamento.

— Ahn?

Ela desligou o carro e olhou para mim.

— As pessoas estão pegando no seu pé no colégio?

— Ah. Não.

Eu não podia contar para a minha mãe que estava preocupado com o fato de que Landon achava que faríamos coisas depois do baile.

Tipo, sexo.

Eu preferia nunca ter que falar sobre sexo gay com Shirin Kellner.

— Hum — disse ela, mas eu tirei o cinto de segurança e abri a porta antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

A Dragão & Fênix Importados + Butique (um nome que combinava mais com um chá oolong do que com uma loja de roupas sociais usadas) era um lugar enorme na esquina de uma rua comercial em Beaverton. Por dentro, a loja praticamente brilhava por causa da coleção eclética de lustres, e o cheiro de incenso atacava minha rinite.

— Já sabe o que está procurando?

— Na verdade, não.

Mostrei a ela a foto que Landon me enviou do terno dele: cinza com lapelas estreitas e sofisticadas.

— Que bonito — disse ela.

— Pois é.

— Certo. Vamos ver o que eles têm aqui.

Minha mãe perambulou pela loja, pegando todos os ternos que encontrava para dar uma olhada, enquanto eu fui direto até a seção de

roupas largas e grandes. Passei o dedo pelas fileiras de cabides. Em sua maioria, os ternos eram pretos, marrons, compridos demais ou pequenos demais.

E então, ao virar o corredor, eu o avistei.

O terno perfeito.

Azul-intenso, não tão pastel mas quase. Ele brilhava como se houvesse algo metálico no tecido.

Eu nunca tinha vestido nada parecido em toda a minha vida.

— Ah! — exclamou minha mãe. — O que você achou aí?

Levantei o terno para mostrar.

— Gostei desse.

— Gostou? — perguntou ela, e havia algo estranho na voz dela. — Tem certeza de que combina com o baile de boas-vindas?

— Sim.

Era brilhante e colorido, mas eu tinha certeza de que combinava.

Minha mãe pegou o punho para conferir o preço.

— Tem certeza de que quer gastar isso tudo?

— Sim.

O valor iria comer quase meu salário inteiro, mas ainda assim.

— Eu vou poder usar outras vezes — justifiquei.

Minha mãe levantou a manga em direção à luz e viu o tecido brilhar.

— Será mesmo?

— Por quê? — perguntei. — É gay demais?

Ela piscou para mim.

— Não — disse ela, piscando de novo e soltando a manga. — Não.

Me perguntei o que Shirin Kellner considerava “gay demais”.

Me perguntei por que eu havia pensado aquilo.

Era um pensamento horrível.

— Você vai ficar muito lindo — disse ela. — Vamos lá. Experimenta e a gente vê se precisa de algum ajuste.

— Ei! — disse Chip enquanto caminhávamos até as bicicletas depois do treino de quarta-feira. — O que você vai fazer agora?

— Vou pra casa.

— É?

— É. Landon está ocupado. Além do mais, pedi demissão.

— Sêrio?

— Sim. Você tinha razão. Preciso encontrar alguma coisa que me faça feliz. Espero que em breve.

— Ah. Legal — disse Chip, passando a mão pelo cabelo. — Quer passar lá em casa pra estudar? Minha mãe vai fazer empanadas.

— Ah. Obrigado. Mas não posso. Tenho que ficar com a Laleh.

Chip deixou a mão cair.

— Ah.

Me senti meio mal por decepcioná-lo, principalmente porque ele nem tinha mencionado Trent.

— Quer ir lá para casa, então? — perguntei.

Ele sorriu.

— Sim.

Pedalamos até a minha casa enquanto o sol forte de outono finalmente atravessava as nuvens pesadas. A rua molhada reluzia e Chip ria toda vez que atravessava uma poça.

Eu não sei por quê, mas aquilo me fez rir também.

Cyprian Cusumano ficava muito bonito sob a luz dourada.

E eu me esforcei para não reparar.

Laleh já estava com a chaleira no fogo quando chegamos em casa. Ela jogou um pouco de chá dentro do bule.

— Ei, Laleh — anunciei. — Lembra do Chip?

— Oi — disse ele.

Laleh olhou para ele e ficou corada.

— Oi — murmurou ela antes de se virar de volta para o balcão. — Quer me ajudar a esmagar o hel?

Chip me encarou.

— Cardamomo. Para colocar no chá.

— Ah, sim.

O rubor de Laleh estava se espalhando das bochechas até as orelhas. Mas ela espalhou o cardamomo em um pedaço de papel-toalha e o dobrou.

— É mais fácil se você usar a parte de baixo da chaleira.

— O que eu faço?

— Pode esmagar só até as sementes abrirem. Mas pode fazer o quanto você quiser.

Chip sorriu e Laleh retribuiu com um sorriso banguela.

— Ei! — eu disse, me ajoelhando para olhar para a boca de Laleh. — Seu dente finalmente caiu?

— Sim. No almoço.

Ela pressionou a língua contra a janelinha que havia surgido no espaço do canino.

Do outro lado de Laleh, Chip rolava o fundo da chaleira por cima do cardamomo.

— Tem que bater com força — explicou Laleh. — Me dá aqui.

Chip entregou a chaleira para ela, que bateu algumas vezes contra o balcão, *paft, paft, paft, paft, paft*! Estremeci com o som.

Eu geralmente abria as sementes uma por uma. Mas Laleh adorava esmagar.

Chip olhou para mim, surpreso.

Eu ri.

— Quer que eu sirva a água quente?

— Claro — disse Laleh.

Quando o chá ficou pronto, nos sentamos à mesa com a lição de casa espalhada à nossa frente.

— Qual é a lição de hoje? — perguntei para Laleh, que estava franzindo a testa para um desenho inacabado.

— Estamos construindo uma unidade espacial.

— Nossa, que legal.

Eu nunca fiz unidades espaciais nas aulas de uma classe normal.

Talvez até pudesse ser bom naquilo, já que assistia tanto a *Star Trek*.

— Eu amava isso — afirmou Chip, se apoiando sobre a mesa para olhar o trabalho dela. — É aquele que você tem que fazer suas próprias constelações?

Laleh assentiu.

Como esperado, a folha estava coberta de imagens de ligue-os-pontos, mostrando as figuras do projeto de Laleh.

— Está ficando muito bom — comentei.

— Preciso criar uma história para elas.

— E o que você pretende fazer?

— Tem que ser sobre a nossa família.

— Que tal falar da nossa viagem para o Irã?

— Não sei, não... — disse Laleh. — E se eles me zoarem?

— Pelo quê? — perguntou Chip.

— Por sermos iranianos — respondi, mas me virei para Laleh. — Aposto que a srta. Shah não vai deixar ninguém te zoar. Você não disse que tem outros alunos na sua turma que também têm famílias de outros países?

— Acho que sim.

— As pessoas realmente zoam ela? — perguntou Chip.

— Bem... as pessoas me zoavam também.

Eu não disse aquilo em voz alta. Que Chip e Trent me zoavam do jeito que Micah, Emily e outros protótipos de Minions Desalmados da Ortodoxia haviam zoadado Laleh.

Mas acho que Chip entendeu.

Ele ficou todo sério, balançando a cabeça.

E depois, se virando para Laleh, ele disse:

— Seu irmão tem razão. Você deveria falar sobre o Irã. Assim seus colegas de classe vão entender melhor quem você é — disse ele, engolindo em seco. — É assim que se faz amigos.

Laleh olhou para Chip, para mim, e depois de volta para o trabalho.

— Tá bom — disse ela para Chip, e então me pediu: — Me ajuda?

Cheguei mais perto.

— Claro.

— Você também — disse ela para Chip, ficando toda vermelha de novo.

Ele sorriu.

— Combinado.

Laleh apontou para uma constelação que formava um boneco de palitinhos, um que tinha algo quase parecido com um bigode.

— Esse aqui vai ser o Babou.

Mãe Persa Total

Na manhã de sábado tentei ligar para Sohrab de novo.

Ele continuava sem atender.

Pensei em ligar para Mamou, mas não podia ficar falando com ela toda vez que não conseguisse contato com Sohrab.

Não era legal.

Então, escrevi mais um e-mail para ele.

Quando voltei do Irã, nós trocávamos e-mails o tempo todo, até conseguirmos organizar um horário de ligação que fosse bom para ambos. E depois que isso foi resolvido, mandar e-mails soava muito impessoal.

Não dava para ver os olhos dele ficando apertadinhos quando ele sorria. Nem para ouvir a risada dele.

Embora aquela fosse uma representação pobre do Sohrab de verdade.

Eu sentia saudade de estar com ele no Irã.

Sentia saudade de ficar sentado no nosso telhado observando o sol beijar aquele reino cáqui.

Sentia saudade do jeito como ele passava o braço por cima do meu ombro, como se aquilo fosse o tipo de coisas que garotos pudessem fazer com outros garotos.

Mas o e-mail era minha única opção.

Então, perguntei como ele estava, disse que estava torcendo para que estivesse tudo bem e pedi para que ele me retornasse em breve. Contei sobre meus jogos de futebol (já estávamos com dez vitórias acumuladas) e sobre meu pedido de demissão. Escrevi sobre Laleh, meu pai e minha mãe. Contei sobre Landon e sobre o baile de boas-vindas.

Será que eles tinham bailes de boas-vindas no Irã?

Contei também que eu estava bem, em termos de depressão. E que esperava que ele estivesse bem também, porque ele era meu melhor amigo no mundo inteiro e eu queria que ele ficasse feliz e saudável.

Não contei a ele que estava com medo.

Com medo porque ele não me respondia nem me ligava. Com medo de que algo ruim tivesse acontecido.

Com medo de que ele estivesse bravo comigo. De que eu tivesse feito algo de errado.

Eu daria a minha vida por Sohrab.

Então, só escrevi *Ghorbanat beram. Com amor, Darius* e enviei.

Sohrab costumava dizer que meu lugar estava vazio.

Era um ditado popular do Irã.

Mas agora o lugar dele é que estava vazio.

E eu sentia uma saudade enorme.

— Mãe?

— Sim?

— Você tem falado com Mamou?

— Nos falamos ontem. Por quê?

— Faz um tempo que não tenho notícias do Sohrab. E quando eu perguntei para Mamou, ela ficou meio esquisita.

Minha mãe levantou os olhos das minhas mãos. Ela estava pintando minhas unhas com aquele azul perfeito de Yazd para o baile.

— Ela não mencionou nada — respondeu ela. — Mas aposto que ele está bem.

Eu não tinha tanta certeza.

Não conseguia esquecer aquela sensação. De que a Mamou sabia de alguma coisa e não estava me contando.

O silêncio entre nós ficou pesado e carregado. Pegajoso também.

Minha mãe soltou a minha mão esquerda e pegou a direita. Ela girou para o lado, começando pelo polegar.

E então, sem olhar para mim, ela disse:

— Landon sabe do Sohrab, não sabe?

— Ahn? — pisquei. — Sim.

Eu não entendi onde ela estava querendo chegar.

— Ele não sente ciúme?

— Do Sohrab?

Ela assentiu.

— Não. Acho que não. Por quê?

— Só perguntando mesmo — respondeu ela. — Pelo jeito como você ficava com o Sohrab. Quando estávamos no Irã. Eu ficava pensando.

Minha nuca arrepiou.

— Pensando... no quê?

— Pensando se havia algo entre vocês.

— Hum.

Ela me encarou, mas eu olhei para baixo.

E então, eu disse:

— Somos só amigos, mãe.

— Eu sei, mas lá no Irã...

— Éramos só amigos lá também.

Minha mãe suspirou.

Eu também.

— Acho que eu estava precisando muito de um amigo.

— Então vocês nunca...

— Não.

Ela olhou para as minhas unhas de novo.

— Talvez eu tenha gostado dele só um pouquinho — confessei.

Minha mãe assentiu.

— Você sabe que é diferente para os garotos no Irã. Não sabe?

— O quê?

— Lá é comum que os homens expressem afeto uns pelos outros.

Afeto de amigo. Não é do mesmo jeito como é aqui.

Eu não sei por que minha mãe sentiu que precisava me dizer aquilo.

— Por que você está perguntando isso tudo do nada?

— Só estava aqui pensando no que mais eu posso ter perdido.

— Como assim?

— Como eu não sabia isso sobre você. Que você é...

— Gay?

Ela assentiu.

— Você contou para o seu pai antes de contar pra mim.

— Hum.

— Às vezes parece que tudo a seu respeito é uma novidade.

Eu não sabia o que dizer.

Minha mãe terminou o mindinho direito e eu me recostei na cadeira.

— Prontinho. Espera secar antes de se vestir.

— Tá bom. Hum. Obrigado.

— Não tem de quê.

Ela se aproximou e tirou uma mecha de cabelo da minha testa.

Eu havia aparado o cabelo no dia anterior. Estava macio, arrumado e volumoso, e o degradê estava curtinho e bem bonito.

— Se divirta hoje à noite.

O sr. Edwards deixou Landon lá em casa mais ou menos uma hora antes do jantar.

Eu ainda estava me vestindo quando ele bateu à porta.

— Ei! — guinchei.

— Oi.

Ele estava incrível: o terno parecia ter sido feito sob medida, pelo jeito como caía sobre a cintura fina e as pernas bonitas dele.

Murchei a barriga assim que o avistei.

O cabelo dele estava partido para o lado, superformal, com exceção de uma única mecha caindo sobre a testa. O sorriso? Perfeito.

— Nossa! — disse ele, me olhando de cima a baixo com aquele sorriso suave. — Você está lindo.

Minhas orelhas queimaram.

— Não é nada... hum...

— Está perfeito — disse ele, e apontou para a minha gravata. — Não tá conseguindo?

— Geralmente é meu pai quem faz o nó pra mim — confessei.

Ele tirou a própria gravata, azul-marinho com listras laranja bem finas: era uma gravata de pressão.

— Não posso ajudar dessa vez.

— Eu dou um jeito.

Ele deu um passo à frente e apoiou a mão sobre o meu peito. Soltei a gravata e me inclinei para beijá-lo.

— Ei — eu disse.

A mão dele deslizou até a minha cintura.

— Você tá tão cheiroso.

— Obrigado.

Eu tinha passado um perfume do meu pai, um bem amadeirado (zimbros e sálvia) que ele costumava usar mais durante o outono.

— Você também.

Ele tinha cheiro de madressilva e frutas cítricas.

— Anda. Coloca essa gravata. Não queremos perder o jantar.

— Vou lembrar de não pedir cebola dessa vez.

— Que bom. Tenho planos pra gente.

Engoli em seco.

— Tá bom.

Minha mãe deu uma de Mãe Persa Total comigo e com Landon: levamos pelo menos uns vinte minutos tirando todas as fotos que ela queria. Ela nos fotografou sozinhos, para capturar as roupas de todos os ângulos possíveis e, depois, fez uma sessão completa de fotos de nós dois juntos, embora ela tenha pedido para que ficássemos parados lado a lado para as primeiras, até Landon perguntar se ela queria que déssemos as mãos.

— Ah — disse ela. — Claro.

Vovó e Oma estavam na cozinha, nos ignorando e jogando Banco Imobiliário com Laleh, mas acho que avistei Oma espiando a gente e assentindo.

Por fim, eu disse:

— Mãe, a gente vai se atrasar!

— Só mais uma — disse ela. — Uma divertida agora.

— Deixa comigo — disse Landon, me puxando para perto e me dando um beijo.

Bem na frente da minha mãe.

Ouvi o *clique* do celular da minha mãe. Então, ela disse com a voz meio esganiçada:

— Perfeito — disse ela, e secou uma lágrima. — Perfeito. Ótimo.

Dei um beijo na bochecha dela.

— Obrigado, mãe.

— Você está tão lindo — sussurrou ela para mim. — Divirta-se.

— Pode deixar. Te amo.

— Também te amo.

Como eu disse, eu nunca tinha ido a um baile de boas-vindas antes. Ou qualquer outro baile do Colégio Chapel Hill, pra ser sincero.

As arquibancadas tinham sido empurradas contra as paredes do ginásio principal, e umas faixas enormes estavam penduradas no teto com

imagens de palmeiras, praias e sóis e toda aquela vibe de “Diversão no Verão” que a comissão de baile inventou.

Segurei a mão de Landon e o levei para dentro. Cumprimentamos Gabe, Jaden e as namoradas deles: Samantha e Claire, duas alunas do último ano e atletas do time de futebol feminino.

— Tá bonitão, cara — disse Jaden.

Ele e Landon se cumprimentaram com um soquinho e, então, Jaden se virou para mim, estreitando os olhos enquanto pegava minha mão para examinar as unhas.

— Maneiro!

Minhas orelhas queimaram.

— Valeu. Você também está todo estiloso.

Ele estava usando um terno vinho, com camisa e tênis brancos.

O DJ estava tocando “Don’t Stop Believing”, do Journey, naqueles alto-falantes horríveis pendurados no teto, acabados depois de levarem tantas boladas de basquete.

Era difícil acreditar que eu não estava numa série de TV adolescente.

Porque garotos como eu não apareciam em séries de TV adolescentes.

Landon era muito melhor do que eu para o papel. Ele estava sorrindo e trocando ideia com Gabe e Samantha sobre alguma coisa, mas eu não conseguia escutar direito por causa da música.

O ginásio principal do Colégio Chapel Hill não tinha sido construído levando a acústica em consideração.

A música do Journey terminou e o DJ trocou para um K-Pop em que todo mundo estava viciado.

— Ei! — perguntou Landon, segurando minha mão. — Baile é pra dançar, né?

— Ah. Certo.

Ele me levou até a pista, onde a música estava ainda mais alta, e todos estavam amontoados, tão próximos quanto era permitido pela Regra de

Distância Mínima da Direção.

Encontrei Chip no meio da multidão, dançando com um grupo de pessoas. Ele estava muito bonito, num terno marrom e camisa branca, com uma gravata de estampa floral.

Eu me odiava por achar que ele estava bonito.

Não deveria pensar aquilo.

Avistei Javaneh Esfahani com um vestido vermelho lindo e um lenço dourado na cabeça, dançando com Mateo, vice-presidente da Aliança Queer-Hétero do colégio. Mateo havia pintado o cabelo de roxo e o penteado para trás em um megatopete, e o terno preto delu brilhava como se tivesse glitter espalhado.

— Ele é fofo — disse Landon, apontando com a cabeça na direção de Mateo.

— Elu.

— Ah, desculpa. Gostei do terno delu.

— Sim. Eu estava meio preocupado com o meu.

— Por quê?

Olhei para as mangas.

— Nunca usei nada parecido antes.

Landon riu e passou os braços em volta da minha cintura, numa altura Aprovada Pela Direção.

— Você está lindo.

Minhas bochechas queimaram.

— Obrigado.

Landon balançou de um lado ao outro, bem mais lento do que a batida da música. Mas eu sorri para ele, e ele sorriu de volta.

Foi um momento bom.

Muito bom.

Ainda assim, depois de umas cinco danças — umas rápidas, outras lentas —, aquele monte de gente ao meu redor e a batida constante do DJ

Perda De Audição Prematura me deixaram ansioso.

— Preciso dar um tempo — gritei para Landon.

Passamos por um Jonny Sem H rebolando (totalmente Desaprovado Pela Direção) até a mesa de bebidas. Peguei um copo d'água e passei outro para Landon. Ele bebeu direto, mas cheirei o meu antes.

— Achei que pudesse estar batizado.

Ele riu.

— Acho que isso só acontece nos filmes.

— Ah.

Levei o copo até os lábios e, bem na hora, alguém esbarrou em mim. Entornei tudo na frente da minha roupa.

— Merda.

Olhei ao redor, procurando guardanapos ou alguma coisa assim.

— Hum. Já volto.

Landon secou meu queixo com o polegar.

— Precisa de ajuda?

— Tá tudo bem. Me dá só um segundo.

Os vestiários estavam fechados, então precisei dar a volta até os banheiros do Corredor Sul. O Colégio Chapel Hill não tinha papel-toalha nos banheiros, só secadores a ar, então fui até a terceira cabine reservada para pegar papel higiênico.

Sequei a parte da frente do terno da melhor maneira que deu, e depois fui para a calça, que estava com uma mancha úmida grande bem em volta do zíper. Se eu estivesse de preto, não ficaria tão evidente, mas com o terno azul-claro, as manchas escuras ficavam bem perceptíveis.

Perceptíveis e muito suspeitas.

Esfreguei as manchas, mas o papel higiênico vagabundo do Colégio Chapel Hill não parava de esfarelar.

Qual era o motivo e o propósito de um papel higiênico vagabundo?

— Ei! Nada de bater punheta no colégio, D-Quatro.

Dei a volta e bati a canela na privada. Que ótimo.

Trent Bolger estava na pia lavando as mãos e olhando para mim através do espelho.

— Me deixa em paz, Trent.

Limpei os farelos de papel na calça e fui lavar as mãos na pia mais distante dele.

Eu nem tinha feito nada, mas precisava lavar as mãos sempre que entrava num banheiro. Era uma mania que eu tinha.

Trent colocou as mãos sob a secadora.

— Se divertindo com seu namorado?

Era uma pergunta inocente, mas nada em Trent Bolger era inocente.

— Sim.

A única secadora disponível estava ao lado do Trent e eu não queria que a água escorresse pela manga da minha camisa.

Ele me olhou de soslaio e, então, disse:

— Pintou as unhas?

— Sim.

Ele soltou uma risada meio grunhida, coisa alarmante levando em conta o tamanho das narinas dele.

— Não sei o que Chip vê em você.

— Do que você tá falando?

— Não se faz de bobo. Ele é tarado por você.

Engoli em seco.

— Chip é meu amigo. Sinto muito se você tá com ciúme ou qualquer coisa.

Trent revirou os olhos.

— Não viaja. Eu e Chip somos amigos desde sempre. E somos da mesma família agora. Depois que ele te superar, eu ainda estarei aqui.

Ele passou por mim, esbarrando no meu ombro antes de sair.

— Até mais, D-Queijão.

Puxa-prepúcio

Esperei no banheiro por alguns minutos, jogando no celular e repassando na cabeça o que Trent havia dito.

Trent Bolger praticava *bullying*, não importa o que qualquer pessoa dissesse. Não importa quantas vezes ele tivesse conseguido se safar das consequências só porque fazia parte do time de futebol americano do Colégio Chapel Hill.

E Cyprian Cusumano era meu amigo. Embora eu ainda não entendesse exatamente o motivo.

Mas do que Trent estava falando? Que Chip era *tarado* por mim? Ele estava com ciúme da nossa amizade, com ciúme porque Chip já não suportava mais ele e, por isso, Trent estava disposto a inventar qualquer coisa só para causar confusão.

Nunca que Chip gostaria de mim mais do que como amigo.

Desde que nós nos conhecemos pela primeira vez, Chip só namorou garotas. Se ele gostasse de garotos também, já teria me contado.

Mesmo se não gostasse de mim, ele teria me contado isso.

Certo?

Guardei o celular no bolso. Landon estava esperando e eu me recusava a deixar Trent Bolger estragar minha noite.

— Tudo bem? — perguntou Landon enquanto me levava de volta até a pista de dança.

— Sim.

— Seu rosto tá vermelho.

— Tá calor aqui dentro.

Landon me segurou pela cintura e me balançou no ritmo da música — DJ Barulheira estava tocando uma música lenta, que eu já tinha escutado

meu pai cantar para a minha mãe quando achou que ninguém estava ouvindo.

Esperei alguém da direção interromper, mas ninguém apareceu.

— Gosto de ficar assim — disse Landon.

Ele se aproximou de mim, juntando nossos corpos até estarmos quase nos tocando. Dava pra sentir o cheiro do perfume dele, misturado com um pouquinho de suor.

A música mudou para uma mais agitada, com um baixo forte e uma letra meio inapropriada. Landon chegou mais perto, e, embora eu não estivesse nem aí para a Regra de Distância Mínima da Direção, não sei se estava confortável com o jeito como ele se esfregava em mim no meio da pista de dança. Onde qualquer um poderia nos ver.

Landon fez aquele movimento de rebolar o quadril contra o meu, e eu arqueei a coluna, me afastando um pouquinho.

— Que foi? — perguntou ele.

— Não quero me meter em encrenca — gritei por cima da música.

Ele revirou os olhos.

— Estraga-prazeres.

Ao nosso redor, todos dançavam, sorriam e trocavam uns beijos aqui e ali.

Mas o treinador Winfield caminhava ao redor da pista, bufando para qualquer pessoa que se aproximasse demais do seu respectivo parceiro de dança.

Landon acompanhou meu olhar e meio que deu de ombros. Ele se afastou um pouco, mas continuou dançando. Fiz o possível para acompanhar, balançando o quadril no ritmo da música. Eu não era o melhor dançarino, mas também não era o pior. Anos de dança nas reuniões persas me deram ao menos uma noção de ritmo e uma desenvoltura decente com os pés.

Cyprian Cusumano, por outro lado, era um péssimo dançarino, mas não parecia se importar. Eu o avistei do outro lado do ginásio: ele estava pulando, rodopiando, sorrindo e gargalhando como se não se importasse em estar sendo observado. Ele me avistou e acenou, com um sorriso bobo no rosto. Balancei a cabeça.

— Que foi? — gritou Landon.

Ele olhou por cima dos ombros e viu Chip dançando.

— Nossa.

Ele pegou minha mão e me rodopiou. Sorri e rodopiei ele também.

Então, decidi arriscar: me aproximei e dei um beijo bem rápido nele, quase um selinho.

— Kellner! — gritou o treinador Winfield detrás de mim. — Atenção aí!

— Foi mal, treinador.

Ele me encarou de cima a baixo por um segundo — apesar de ser alguns centímetros mais baixo que eu — e depois desapareceu no meio daquele mar de corpos dançantes.

Landon começou a rir.

— Como ele fez aquilo?

— O treinador Winfield está sempre de olho em mim.

— Bom, melhor você se comportar, então.

— Vou tentar.

Quando o calor daquele monte de gente começou a me irritar, levei Landon para fora da pista para nos reidratarmos. A mesa de bebidas estava uma zona, então o levei até o corredor. Assim que as portas do ginásio se fecharam atrás da gente, a onda de barulho pareceu desaparecer, exceto pelo zumbido que reverberava nas solas dos meus sapatos.

Sequei o suor da testa com as costas da mão.

— Agora eu consigo pensar direito.

— E eu consigo respirar — disse Landon. — Acho que alguns dos seus colegas esqueceram do desodorante.

— Esse é um dos meus pesadelos recorrentes. Esquecer de passar desodorante.

— Sério?

— Sério — eu disse, e dei de ombros. — Eu só não quero nunca ser o cara fedido do grupo.

— Você está sempre cheiroso.

— Obrigado.

Entrelacei meus dedos nos dele e o levei pelo corredor em direção ao banheiro onde encontrei Trent mais cedo. O bebedouro estava sem fila.

Landon bebeu água e abriu espaço para mim.

Mais uma vez desejei que o Colégio Chapel Hill tivesse toalhas de papel, porque aquilo seria ótimo para secar minhas sobrelanceiras suadas.

As paredes do corredor eram cheias de fotos dos atletas do colégio. Mais perto do ginásio principal ficavam as do time de futebol americano, em cima dos banheiros, as do time de corrida. Landon apontou para as fotografias enfileiradas.

— Tem foto sua em algum lugar?

— No final do corredor das artes.

— Me mostra?

Voltei com Landon até o ginásio, passei direto e caminhei até o corredor das artes. As luzes fluorescentes estavam apagadas, exceto por algumas lâmpadas de emergência que sempre ficavam ligadas à noite. Nossos sapatos sociais soavam como cascos galopando sobre o piso.

Conforme avançamos, as fotos mudaram para as do time de luta greco-romana (onde havia uma foto de Chip vestindo um collant vermelho e preto num campeonato do ano anterior), passando pelas fotos do time de atletismo e, finalmente, chegando no time estudantil de futebol.

Vai, Chargers!

O negócio é o seguinte: não sou fotogênico. Acho que é genético.

Iranianos sempre franzem a testa nas fotos.

(Sendo meio-persa, eu só saía com cara de constipado mesmo, mas ainda assim.)

Eu estava de uniforme com o braço cruzado sobre o peito: A Pose Padrão De Atleta Estudantil. Tiramos aquela foto na primeira semana de aula, antes do meu corte de cabelo, então meu rosto estava emoldurado pela minha antiga auréola capilar.

— Seu cabelo era tão fofo.

— Sêrio? Acho que vou deixar crescer de novo.

Esfreguei a parte de trás da minha cabeça.

Landon chegou perto e colocou a mão sobre a minha.

— Não. Desse jeito é mais sexy.

Ele puxou minha cabeça para me beijar.

Eu o beijei de volta, mas não muito: ainda estávamos no colégio, e me parecia esquisito ficar de pegação nos corredores do Colégio Chapel Hill.

O som de passos ecoando me fez congelar, deixando os lábios flutuando na frente de Landon. Abri os olhos, observei em volta, mas não avistei ninguém.

Apoiei a testa contra a dele. Landon passou os dedos pela minha cintura, bem no ossinho do quadril.

— Lembra aquilo que nós conversamos?

— Hum.

— Meu pai não está em casa esta noite — disse ele, que se inclinou e me beijou de novo. — Temos a casa só pra gente.

— Ah.

Meu rosto ficou tão quente que me surpreendia como a testa dele ainda não tinha derretido.

— Hum.

Meu coração acelerou.

— Quer ir para lá?

Eu quase queria.

Quase.

Mas e se Landon não gostasse da minha aparência?

E se eu fosse grande demais?

E se eu fosse pequeno demais?

E se nós não nos encaixássemos como ele esperava?

E se eu acabasse não gostando?

E se eu ainda não estivesse pronto?

— Hum.

Talvez aquela fosse a única coisa que eu era capaz de dizer.

Landon me olhou bem nos olhos.

— O que me diz?

Engoli em seco.

— Tô nervoso.

— Vai ser divertido. Prometo — disse ele. — Quero muito que a gente faça isso. Você não quer?

— Sim. Talvez. Sei lá.

Ele franziu a testa.

— Como assim “sei lá”?

— É um passo muito grande. Pra mim.

— Bem. É um passo que uma hora ou outra você vai ter que dar. Certo?

Não sei por que aquilo me irritou, o jeito como ele disse. Como se eu fosse obrigado a querer transar.

Muita gente não queria.

Só pra esclarecer, eu queria. Queria mesmo.

E até achava que seria divertido fazer isso com Landon.

Mas toda vez que pensava naquilo, me parecia o fim do mundo. Não sei por quê, mas parecia.

Eu estava assustado.

Pensei que talvez eu me sentisse pronto para transar quando a vontade fosse maior do que o medo. Quando o centro gravitacional do meu desejo mudasse.

— Eu...

Landon suspirou. Ele abriu a boca mas, de repente, olhou para o lado.

Ouvimos passos de novo, bem na esquina. E vozes.

— Cara, você levou um fora bonito.

— Cala a boca.

Eram Chip e Trent.

— Foi doloroso de assistir. Como se tivessem arrancado um dente meu — disse Chip.

— Que seja.

— Não sei se posso mais ser visto em público com você.

— Que novidade.

— Ahn? — perguntou Chip.

— A gente só se vê no colégio, ou quando estamos tomando conta da Evie. É como se você tivesse vergonha de mim, sei lá.

— Você é meu melhor amigo.

Alguém chutou o chão. O barulho da sola derrapando ecoou pelo corredor.

Landon mordeu o lábio e olhou em direção ao corredor onde Chip e Trent estavam, fora do nosso campo de visão.

Estávamos encurralados.

— Então por que você não demonstra? — questionou Trent. — Você está sempre...

Mas, seja lá o que Chip estivesse sempre fazendo, nós não descobrimos, porque eles escolheram aquele momento para entrar em nosso corredor.

Trent nos encarou — braços entrelaçados, Landon me pressionando contra um armário — e Chip franziu a testa.

— Ah — disse Chip. — Oi.

— Oi — respondi.

Trent curvou os lábios. Os olhos fixos nos dedos de Landon na minha calça.

— Hum.

— Dando uma descansada? — perguntou Chip.

Landon assentiu.

— Tava ficando meio lotado lá dentro.

— Acho que vamos embora daqui a pouco — comentou Chip. — A festa está começando a ficar meio morta.

— Ah.

— Vamos voltar lá pra casa e jogar videogame, sei lá. Outros garotos do time também vão. Querem ir?

Olhei para Landon.

— Acho que vamos pra minha casa hoje — disse ele, sorrindo para mim. — Passar um tempo juntos.

Trent abriu um sorriso de escárnio.

— Vão brincar de puxa-prepúcio?

O tempo parou, como se estivéssemos prestes a sermos engolidos por um buraco negro.

E eu finalmente entendi por que Trent tinha começado a me chamar de D-Queijão logo depois que Chip me viu sem roupa no vestiário.

Meus olhos encontraram os de Chip por um milésimo de segundo. Estavam cheios de vergonha e pânico.

— Caramba, cara! — gritou ele.

E, embora minhas orelhas estivessem ardendo, e eu estivesse sentindo uma explosão estelar dentro do peito, ainda pensei naquilo. Em como Chip disse “caramba” em vez de usar um palavrão de verdade.

Trent apenas riu.

— Que foi?

Chip estava com uma expressão horrorizada. Como se talvez fosse ele quem quisesse chorar.

Landon olhou para mim, depois para Chip, depois para Trent e de volta para mim. Ele analisou minhas bochechas vermelhas e mordeu o lábio.

— Mandou muito mal — disse Chip, empurrando Trent pelo corredor.

— Foi só uma piada! — disse Trent. — Pega leve!

Chip arrastou Trent para longe, me lançando um pedido de desculpas com o olhar antes de sair.

Landon se afastou de mim e eu senti um calafrio com o armário gelado contra as minhas costas e a ausência do calor das mãos de Landon na minha cintura.

— Do que ele estava falando?

— Quê? — perguntei, mas minha voz falhou e pigarreei. — Hum. Quê?

— A coisa ficou muito esquisita do nada. Quando ele mencionou a gente fazendo sexo.

Ele olhou para baixo, na direção da minha virilha.

— Brincar de “puxa-prepúcio”?

— Trent é um cuzão — eu disse, e depois: — Os dois são.

— Achei que o Chip fosse seu amigo.

— Eu também achei.

Me afastei do armário e passei os braços em volta de mim mesmo.

Ainda estava com vontade de chorar.

— Então você não é... — disse Landon, e seus olhos desceram de novo.

— O quê?

— Você sabe.

Balancei a cabeça.

— Circuncidado?

— Sou intacto — rebati.

— Ah. Aham.

Eu odiava aquela palavra: *aham*.

Pisquei rápido porque queria chorar, mas não queria que Landon visse.

Eu era mais ou menos imune às humilhações de Trent. Já tinha me adaptado.

Mas o que fazer quando a humilhação vinha de Chip?

— Eu não ligo. Já fiz umas paradas com caras assim antes.

— Umas paradas?

— Só punheta e tal...

Eu não queria saber sobre Landon masturbando outros garotos.

— É isso que você quer que a gente faça? Umas paradas?

— Não. Isso é...

As bochechas de Landon estavam em chamas.

— Não coloque palavras na minha boca.

Minhas bochechas começaram a queimar também.

— Por que você está tão bravo comigo? — eu perguntei.

— Por que você não está sendo honesto comigo? Como Chip sabe que você não é circuncidado, afinal?

— Ele me viu naquele dia em que eu me machuquei.

Pisquei rápido de novo.

Aquilo era como uma joelhada no saco.

Pior, até.

Landon me encarou por um bom tempo.

E então, ele disse:

— Você sente alguma coisa pelo Chip?

— Quê?

— Você gosta dele?

— Ele é meu amigo — respondi. — Só isso.

Eu não sentia *nada* pelo Chip.

Não podia sentir.

— Você nunca tirou a camisa na minha frente, mas ele já viu seu pau?

— Isso é coisa do futebol — eu disse. — Foi sem querer. Mas a gente... você... eu preciso de mais tempo. Já disse que não estou pronto.

— Bem, e quanto ao que eu preciso? E as coisas que *eu* estou pronto pra fazer? Por que é tudo sempre sobre você?

— Não é — respondi. — Eu me importo com você. E com o que você quer.

— Eu te disse que sexo é importante para mim, mas você nunca quer conversar sobre isso. Você quer vir pro baile, ficar todo fofo comigo, quer que eu cozinhe pra você e pra sua família, mas quando chega a hora de fazer coisas que eu já disse que queria, coisas que são importantes para mim num relacionamento, você diz que “não está pronto”. Já estamos juntos há quatro meses e eu nunca te vi sem camisa. Você é um covarde. E egoísta.

— Desculpa. Não sei mais o que eu posso dizer. Desculpa. Não estou pronto.

— Mas pra balançar seu pau na frente do Chip você está, né?

— Foi no vestiário. O que você quer que eu faça?

— Eu sei lá! — disse Landon, fechando os olhos. — Quer saber? Tô indo nessa.

— Quê? — guinchei.

— Já ficou claro que você não quer ir comigo. Quer?

— Hum.

Eu queria dizer sim.

Queria dizer sim para tudo.

Mas não conseguia.

Enxuguei os olhos e disse:

— Landon...

Mas ele balançou a cabeça e disse:

— Que palhaçada.

E depois disse:

— Estou indo.

E, com isso, Landon foi embora.

Dose certa de melancolia

Eu queria ir atrás dele.

Queria segui-lo até a chuva, alcançá-lo e fazer com que Landon mudasse de ideia, me dizendo que estava errado, que sentia muito e que tudo ficaria bem.

Mas, em primeiro lugar, só estava chovendo. Não era uma chuva forte o bastante para reconciliações dramáticas.

Em segundo, eu era um covarde.

E em terceiro, não sabia o que eu poderia dizer para fazê-lo mudar de ideia.

Fiquei do lado de dentro enquanto ele esperava o carro vir buscá-lo. Depois que ele foi embora, saí em direção ao estacionamento vazio e observei os faróis do carro desaparecendo pela névoa, o que ao menos me pareceu a dose certa de melancolia.

Era o tipo de situação que pedia uma música intensa no piano, ou no violino, mas a única trilha sonora era o grave de “Despacito” ecoando pelas janelas do ginásio principal atrás de mim.

Me sentei na calçada, enxuguei os olhos e senti um buraco de ódio próprio se abrindo embaixo de mim.

O lance de ter depressão é que, tipo, você consegue reconhecer os ciclos que a sua mente cria mesmo quando não pode fazer nada para impedi-los.

A voz de Landon continuava ecoando na minha cabeça: *egoísta*.

E eu não parava de pensar nos olhos de Chip também. O jeito como ele mal conseguia olhar para mim.

Eu tinha confiado nele.

Eu sabia da história dele com Trent. Sabia que ele nunca, nunca mesmo, havia se imposto. Sabia que ele era muito mais um cúmplice do que uma testemunha, já que Trent trabalhava muito melhor quando tinha plateia.

E mesmo assim eu tinha confiado em Chip.

Era isso que eu merecia.

Funguei e peguei meu celular. As gotas deixaram pequenos reflexos de arco-íris na tela.

O que eu diria para a minha mãe?

Que eu e Landon tínhamos terminado ou tinha sido só uma briga?

Me abandonar no meio do baile tinha cara de término.

— Darius?

Olhei para trás, depois para o celular. Minha mãe tinha pedido para Oma ir me buscar.

Chip se sentou ao meu lado. Os joelhos esparramados para o lado acabaram esbarrando no meu.

— Bem, estou super sem graça — disse ele, soltando uma risadinha nervosa.

— O que você quer, Chip?

Ele franziu a testa e olhou para as mãos.

— Só queria te pedir desculpas pelo que Trent disse.

O que Trent disse.

Chip só se desculpava em nome do Trent.

Eu não disse nada.

— Você está bem?

— Sim.

— Cadê o Landon?

Balancei a cabeça.

— O que aconteceu?

— Você e Trent aconteceram — gritei, mas logo depois abaixei o tom de voz. — Ele já estava superfrustrado comigo, mas aí você e o Trent

aparecem fazendo piada comigo e foi só...

— Eu não fiz piada com você — disse Chip.

— Mas você contou pro Trent sobre aquele dia no vestiário.

Chip suspirou.

— Sim.

— Por que você fez isso? — perguntei com a voz embargada. —
Pensei que a gente fosse amigo.

— Porque eu gosto de você, tá bom? — disse Chip, e engoliu em seco. — Eu gosto de você e contei para ele porque não conseguia tirar você da cabeça. Nós estávamos sozinhos e você é tão lindo. Mas tão lindo. Você é lindo e engraçado e carinhoso e gentil. É a melhor pessoa que eu conheço. E eu não estava suportando a ideia de ter machucado você. Não conseguia ficar tão perto de você.

Chip colocou a mão no meu joelho e tentou apertar, mas eu peguei a mão dele e tirei de cima de mim.

— Não encosta em mim — eu disse.

— Mas...

Eu não conseguia acreditar no Chip.

Se ele gostava de mim, por que tinha me tratado tão mal? O propulsor dentro de mim desestabilizou e explodiu.

— Isso aqui não é tipo... uma série de TV, na qual você pode me atormentar por anos e depois me beijar e ficar tipo “Adivinha só? Eu era gay esse tempo todo!”. Não é assim que as coisas funcionam.

— Eu sou *queer*. Sempre gostei de garotos também — sussurrou Chip. — E nunca tentei te beijar. E não estava te atormentando.

— Todas as vezes em que Trent dizia ou fazia alguma coisa comigo você nunca fez nada. Cada piada racista. Cada apelido homofóbico. Você nunca fez nada.

— Trent não é homofóbico. Ele sabe que eu sou *queer*.

— Dá pra ter amigos *queer* e ainda assim ser homofóbico, Chip.

Ele fungou.

Não dava para saber se ele estava chorando ou se era só a chuva.

— Foi por isso que você disse que eu deveria pedir demissão?

— Quê?

— Você queria que eu pedisse demissão porque eu trabalhava com o Landon?

— Não! Eu nunca... você parecia supertriste. Eu só queria te ver feliz. Juro.

— Por que eu ainda perco tempo te escutando? Você é tão péssimo quanto Trent.

— Me desculpa. Eu não sabia. Vou fazer ele te deixar em paz. Juro.

Cyprian Cusumano não entendia.

Não era apenas sobre como Trent me tratava.

Era sobre como ele me tratava também.

Reconheci o brilho dos faróis do carro da Oma fazendo a curva no estacionamento. Ela estacionou e buzinou.

Suspirei e me levantei.

— Darius? — disse Chip. — Sinto muito. Eu não queria te magoar. Me desculpa.

Chip vivia pedindo desculpas, mas nunca tomava uma atitude. Ele nunca mudava.

Sequei o rosto e pigarreei.

— Tá bom.

Eu não sabia mais o que dizer.

Talvez não houvesse mais nada a ser dito.

Dia de saúde mental

Na segunda-feira de manhã, minha mãe bateu à porta do meu quarto.

Rolei na cama e grunhi.

Eu tinha desligado o alarme quando acordei para a corrida matinal e voltei a dormir, apesar de escutar o barulho de todo mundo da casa se levantando.

Bem. Antes eu tentei ligar para Sohrab.

De novo.

E ele não atendeu.

De novo.

E só depois voltei a dormir.

Minha mãe bateu à porta mais uma vez.

— Darius?

— Sim?

Ela abriu uma fresta na porta e olhou para mim.

— Você está bem?

Suspirei.

— Posso tirar um dia de saúde mental?

Eu não tirava um dia de saúde mental desde o nono ano, quando estava passando por uma mudança de medicamento e tendo ataques de ansiedade toda manhã antes de me vestir.

Meu pai era um grande entusiasta de dias de saúde mental.

Minha mãe entrou e se sentou na cama. Ela afastou meu cabelo dos olhos e apoiou a mão na minha testa, como se fosse capaz de diagnosticar meu estado mental da mesma forma que uma febre.

— Tem certeza de que não vai ser ainda mais difícil amanhã?

Essa era a questão do dia de saúde mental. Às vezes eram necessários, e te ajudavam a se recuperar. Mas outras vezes, quando você dizia que queria um dia de saúde mental, o que você realmente queria era evitar alguma coisa, e quanto mais adiava, pior ficava.

— Mais ou menos — admiti.

Eu não havia contado para a minha mãe tudo que tinha rolado no baile.

Só que eu tinha brigado com Landon.

E com Chip.

— Bem, se você precisa mesmo ficar em casa, tudo bem. Pensa mais um pouco. Eu volto aqui antes de sair pro trabalho.

— Obrigado, mãe.

Ela beijou minha testa.

— Te amo.

Acho que a conversa com a minha mãe funcionou, porque eu me arrastei pra fora da cama e me arrumei.

Passei o dia evitando Chip. Tínhamos um jogo naquela noite e eu precisava estudar (prova de alemão na sexta), mas sabia que não poderia ir até o Mindspace.

Havia uma biblioteca pública a alguns quarteirões do colégio. Encontrei uma mesa no canto, não muito longe da seção infantil, onde um monte de crianças pequenas curti uma contação de história.

Avistei um bebê fofo de macacão. Balancei os dedos na direção da criança. O esmalte do meu dedo indicador tinha descascado. Eu precisava aprender a cuidar melhor das minhas unhas.

A criança retribuiu balançando as mãos e depois saiu correndo.

Me lembrei de Evie e de como ela ficava tão confortável comigo.

Será que ela era assim com tio Trent também?

Então, pensei em Chip, e em como eu ficava confortável com ele.

Eu nunca deveria ter baixado a guarda.

Aquilo era o que mais me machucava.

Eu conhecia muito bem o tipo de cara que ele era, mas tinha escolhido imaginá-lo do jeito que eu gostaria que ele fosse.

Estava muito decepcionado comigo mesmo.

Como sempre, a treinadora Bentley nos chamou para a hora do círculo antes do jogo. Me encaixei entre Diego e Bruno, bem longe de Chip, que estava entre Gabe e Jaden, como de costume. Jaden me olhou esquisito, mas fingi não perceber.

Também fingi que não percebi como Chip tentava fazer contato visual comigo.

E definitivamente não percebi que o cabelo dele, sempre arrumado depois da aula, estava uma bagunça total. Ou o jeito como a boca dele estava caída nos cantos, no lugar do sorriso pré-jogo que ele sempre tinha.

Enquanto o círculo começava, eu não conseguia pensar em nada a dizer. Deu branco total.

— No baile de boas-vindas, Christian me deu chiclete porque eu estava com medo de estar com bafo. Obrigado, Christian. Heather agradece também — disse Bruno.

Todo mundo riu, mas eu senti um nó no estômago.

Minha vez.

— Hum. Deu branco. Desculpa. Hum...

Senti o peso dos olhares de todos sobre mim.

— Tive um fim de semana meio merda. Mas estou feliz pelo jogo de hoje, e pela chance de fazer alguma coisa. Então, obrigado todo mundo, por esta noite.

Alguns garotos assentiram, mas outros lançaram um olhar curioso para mim, virando para a pessoa do lado como se quisessem saber da fofoca.

Mas a treinadora Bentley disse:

— Fico feliz por estarmos aqui com você, Darius.

E o burburinho acabou.

Diego me agradeceu, dentre todas as pessoas, por ter emprestado um par de meias para ele na semana anterior, coisa que eu já tinha esquecido totalmente.

— Sem problemas.

E a roda continuou.

Quando chegou a vez de Chip, ele disse:

— Darius me disse uma coisa que eu não queria escutar. Mas sei que eu precisava. Então, obrigado.

Olhei para ele, mas Chip estava de olhos fechados, como se estivesse com medo do que poderia acontecer.

Então, baixei a cabeça e disse:

— Fico feliz em poder ajudar.

Meu coração bateu forte e minhas orelhas arderam.

Era como se o time inteiro estivesse nos observando.

Mas no segundo seguinte, chegou a vez de Jaden e o círculo continuou.

As estratégias minuciosas de meio-campo

Na tarde de quarta-feira, depois de mais um treino bem-sucedido no quesito arte de evitar Chip — graças a Jaden, que havia notado como as coisas estavam meio esquisitas e fez questão de puxar Chip para uma conversa sobre as estratégias minuciosas de meio-campo —, peguei o ônibus até a Cidade das Rosas com uma constelação inteira explodindo no meu peito.

Eu precisava tomar uma atitude.

Não conseguia falar com Sohrab, meu pai continuava deprimido e as coisas com Chip estavam estranhas.

Mas Landon continuava ali, e nós precisávamos conversar.

Além do mais, minha mãe precisava de um pouco de Earl Grey (normal, sem nitro) e meu chá de menta marroquina estava acabando porque Vovó e Oma bebiam o tempo todo.

Quando o ônibus parou, peguei minha bicicleta e a empurrei na direção da loja. Fazia um bom tempo que eu não usava a entrada de clientes.

Alexis estava no caixa e acenou quando eu entrei. Acenei de volta e fui até as prateleiras.

Era estranho tirar chás das prateleiras em vez de repor.

— Estoque baixo em casa? — perguntou Alexis quando eu levei tudo para o balcão.

— Sim. — Olhei na direção da sala de degustação. — Hum. O Landon está por aqui?

Alexis assentiu.

— Acho que eles estão quase acabando.

— Beleza.

Me encostei na parede e mordi o cordão do casaco.

— Provavelmente vamos comprar duas remessas. Talvez três — disse o sr. Edwards por cima dos ombros e, ao se virar, ele me viu. — Ah. Darius!

— Oi.

— Que bom te ver — disse ele.

— Bom te ver também.

Ele abriu um sorriso triste de lábios fechados.

— Ele está lá dentro.

— Obrigado.

Bati à porta.

— Oi.

Landon se virou e quase derrubou a gaiwan que estava segurando.

As bochechas dele coraram enquanto ele deixava tudo na pia.

— Oi.

Nós nos encaramos por um bom tempo.

Quando o silêncio ficou insuportável, entrei na sala e fechei a porta.

Landon curvou os ombros.

— Eu meio que estraguei tudo, né? — perguntou ele.

— Não sei. Acho que nós dois estragamos.

— Desculpa por ter te deixado sozinho no baile.

— Peça desculpas para a minha avó, que teve que sair de casa às dez da noite.

Landon fez uma careta.

— Desculpa se te pressionei demais. Não era a minha intenção. Só queria me aproximar de você. Fisicamente.

— Eu sei. Desculpa também. Eu não estava sendo honesto com você a respeito do que eu queria.

— E também nunca quis te magoar. É só que...

Landon suspirou.

— Eu te amo. Eu sei que devia ter dito antes. É só que às vezes parece que você não me ama também, sabe?

— Eu...

Eu amava Landon?

Não sabia ao certo o que aquilo significava.

Não era como eu me sentia em relação à minha família. Que eu sabia que, independentemente do que acontecesse, faria parte da minha vida para sempre, no meu sangue e no meu coração.

E não era como eu me sentia em relação a Sohrab também, que parecia ser o tipo de pessoa que eu poderia contar para qualquer coisa. Que me conhecia por dentro e por fora. Que aceitava todas as minhas imperfeições e, ainda assim, me inspirava a ser alguém melhor.

— Eu não sei — sussurrei.

Landon soltou um suspiro demorado e se jogou na cadeira.

Finalmente entendi a sensação de dar uma joelhada no saco de outro garoto.

— Me desculpa.

Landon balançou a cabeça e enxugou os olhos.

Os meus, curiosamente, estavam secos.

— Não quis te magoar. Eu nunca quis te magoar.

Landon fungou.

— Bem. Melhor eu terminar de arrumar aqui.

— Ah, sim. Desculpa.

Me retirei da sala de degustação e saí da loja. Destranquei a bicicleta e a empurrei até o ponto de ônibus.

Me perguntei por que eu não estava mais triste. Se era por causa da depressão. Ou dos remédios. Ou porque, lá no fundo, eu ainda estava chateado com o jeito que Landon me tratou.

Ninguém nunca tinha feito com que eu me sentisse tão mal como ele fez naquela noite. Nem mesmo Trent Bolger.

Mas ninguém nunca tinha feito com que eu me sentisse bonito também. Não antes de Landon. Ninguém nunca havia segurado a minha mão, me beijado ou sorrido daquele jeito que ele sorria sempre que me via. Ninguém nunca tinha feito sopa para a minha irmã doente, ou me abraçado até nossas respirações sincronizarem e minha mente relaxar totalmente, aproveitando a sensação de ter um corpo quente aninhado no meu, feliz e satisfeito.

Antes mesmo de chegar no fundo do ônibus, eu já estava chorando.

Levantando

É o seguinte: não era minha primeira vez chorando no ônibus.

Esse tipo de coisa acontece quando se vive com depressão. Alguns dias a gente simplesmente precisa chorar.

Chorar é bom. Libera os hormônios do estresse.

E tem mais: todo mundo te deixa em paz quando você está chorando no ônibus. A maioria dos seres humanos tem aversão aos hormônios do estresse dos outros, como se fossem uma doença contagiosa.

Acho que eu nunca tinha magoado alguém como magoei Landon.

E eu me odiava por ter feito aquilo.

Me odiava por não me arrepender.

Provavelmente havia algo de errado comigo.

Havia tanta coisa errada comigo.

Quando abri o portão da garagem, vi que o carro do meu pai estava na vaga.

Eu nunca fiquei tão feliz de ver aquele Audi em toda a minha vida.

Tirei os tênis sem desamarrar e corri pela porta.

— Pai?

Mas a cozinha estava vazia. Laleh estava na sala, aninhada no canto do sofá com um livro enorme no colo.

— Oi, Laleh. O carro do pai está na garagem.

— Ele tá lá em cima — sussurrou ela.

Me ajoelhei e sussurrei de volta:

— Por que estamos sussurrando?

Laleh não olhou para mim. Ela franziu os lábios, um pouco trêmulos.

— Não sei.

Não era típico de Laleh não dizer o que a estava chateando. Não para mim, pelo menos.

— Vou ver como ele está. Tá bom?

— Tá bom.

Subi as escadas saltando. O quarto dos meus pais estava fechado.

Bati.

— Oi?

Depois de um momento, minha mãe abriu uma fresta, pequena o bastante para que eu visse apenas o rosto dela.

— Darius?

— Oi. Papai tá aqui?

— Ele está no banho.

Assim que ela disse isso, ouvi o chuveiro ligando.

— Ah. Tá bom.

— Daqui a pouco ele desce.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tá tudo bem — disse ela, mas não sei se estava falando para mim ou para si mesma.

— Comprei o chá que você pediu. Quer que eu prepare?

Fazer chá parecia ser a única coisa que eu sabia fazer em tempos de crise.

— Claro.

Dez minutos depois, finalmente ouvi passos arrastados na escada.

Stephen Kellner nunca se arrastava.

Quase derrubei a cadeira ao sair correndo para a sala.

— Oi, filho — disse meu pai, me puxando para um abraço assim que me viu.

O envolvi com os braços e apoiei a cabeça no ombro dele.

Mas havia algo estranho. O ombro dele parecia mais ossudo. Como se ele tivesse perdido peso ou algo assim.

Desde que eu era capaz de me lembrar, Stephen Kellner sempre teve o mesmo peso e altura.

Eu meio que odiava isso, já que o meu peso parecia um pêndulo, sempre oscilando para o lado mais pesado.

A barba do meu pai tinha crescido ainda mais. Estava castanha de verdade, bem mais escura que o cabelo, um dourado fechado, agora que estava longo o bastante para que ele passasse as pontas por trás da orelha.

Sempre que eu abraçava meu pai, parecia que ele estava me levantando.

Mas desta vez era eu quem o estava levantando.

— Pai? — chamei, e minha voz saiu abafada contra a camisa dele.

Ele levantou a mão para acariciar minha nuca e me balançou para a frente e para trás.

— Estou feliz por você estar em casa.

— Eu também.

Analisei meu pai enquanto ele bebia chá. Analisei de verdade. As olheiras escuras. Os ombros curvados.

— Está piorando, né? — perguntei.

Ele suspirou e assentiu.

— É tão difícil. Ficar longe de você, da sua irmã, da sua mãe.

— Você não precisa continuar fazendo isso — eu disse. — Pode voltar pra casa.

— Não posso. Precisamos de dinheiro, filho.

— Eu estou mandando currículos. E tenho dinheiro guardado. Me deixa ajudar.

— Não. É nossa função, minha e da sua mãe, cuidar de você e da Laleh. E não o contrário.

— Mas...

— Vamos dar um jeito nisso.

— Mas não está dando certo, pai. Você está acabado e eu preciso de você.

Minha voz embargou.

— Por favor.

Meu pai olhou para a xícara de chá, passando a louça de uma mão para a outra.

— Eu também preciso de você. E da sua irmã e da sua mãe — disse ele, então soltou o ar entre os lábios trêmulos e pigarreou. — Vocês são meu mundo todinho.

— Então pode parar. Sério. Vamos ficar bem.

Meu pai fungou.

— Lembra o que você me disse lá no Irã? Que existem muitas formas de perder alguém para a depressão?

— Lembro.

— Bem, eu não quero te perder.

— E não vai. Prometo.

— Tá bom.

Ele bebericou o chá e respirou fundo.

— Que saudades disso aqui.

— Sim.

Ficamos sentados juntos. O silêncio entre nós dois não era exatamente desconfortável, mas não era confortável também.

— Landon terminou comigo — eu disse, e depois: — Ou eu terminei com ele.

— Ah, filho.

Ele se aproximou e apoiou a mão na minha nuca.

— Sinto muito.

— Pois é. Eu também.

— Quer conversar?

— Agora não — eu disse. — Podemos só ficar sentados desse jeito?

— Claro. Ou...

— Ou o quê?

— Podemos ver um pouco de *Star Trek*.

— Sim.

Humilhações penianas

Depois de *Star Trek*, nós jantamos e meu pai foi para a cama mais cedo.

Terminei a lição de casa e me preparei para dormir.

Estava me sentindo tão mal e triste que nem fiz o número três antes de deitar.

Estava quase caindo no sono quando meu computador apitou.

Apenas duas pessoas me ligavam com frequência.

Saltei da cama, vesti a cueca e uma camiseta e fui até a escrivaninha.

Como esperado, o avatar de Sohrab — uma foto de nós dois que eu também tinha num porta-retratos ao lado da cama — estava piscando.

Me joguei na cadeira e cliquei para atender a chamada.

Rolou aquele momento esquisito de conexão, e minha tela ficou branca por um instante. E então, lá estava ele, sorriso, olhos apertados e tudo mais.

— Oi, Darioush!

— Oi Sohrab — respondi.

Quase chorei.

Quase.

Eu estava tão feliz em vê-lo, achei que minhas bochechas iriam congelar no sorriso e eu teria que passar o resto da vida com o maxilar travado.

E, por mim, tudo bem.

— Eu não sabia onde você tinha se metido.

— Eu sei. Me desculpa. Não podia te contar antes de irmos embora.

— Embora? Pra onde?

Sohrab se inclinou para trás e só então me dei conta de que ele não estava no quarto de sempre. As paredes eram brancas e vazias.

— Onde você está? Tá tudo bem.

— Estamos em Hakkâri, Darioush. Na Turquia.

— Quê?

— Eu e Maman fomos embora. Vamos tentar pedir asilo.

— Asilo? — eu perguntei, e minha cabeça girava. — Vocês se tornaram refugiados?

— Sim. Muitos Bahá'ís fazem isso.

— Ai, meu deus — eu disse.

Meu melhor amigo era um refugiado.

— Eu estava tão preocupado com você. Achei que algo ruim tinha acontecido.

Aquilo contava como algo ruim?

O que aquilo significava para Sohrab? E para a mãe dele?

— Na nossa última conversa você disse que talvez tivesse depressão. E daí você sumiu. E ninguém me contou nada. E eu achei que...

Sohrab ficou sério.

— Eu jamais faria isso, Darioush.

— Às vezes as pessoas não conseguem mais aguentar.

Ele soltou um suspiro demorado.

— Estou bem, Darioush. Prometo. Sinto muito, mas nós precisávamos ficar quietos.

— Por quê?

— É perigoso. E complicado. Lembra da minha khaleh que conseguiu asilo?

— Aquela em Toronto?

— Isso mesmo.

— É pra lá que você vai? Para Toronto?

— Não sei. Talvez.

Senti uma pequena pontada de felicidade.

Sohrab? Em Toronto?

Comparado com o Irã, seríamos praticamente vizinhos.

— Não chore, Darioush.

— Eu estava com medo, me desculpa.

— Não, eu que te devo desculpas. Queria não ter tido que manter tudo em segredo. Mas eu e Maman estamos bem agora. Vai ficar tudo bem.

Assenti e funguei.

— Senti muita saudade — disse ele.

— Eu também.

— E fiquei sabendo... sobre Babou.

Assenti.

— Sinto muito, Darioush.

— Eu também. Sei o quanto você o amava.

De certa forma, Babou também era avô de Sohrab. Talvez até mais do que meu.

Queria poder estar lá com ele.

Queria poder abraçá-lo e chorar com ele e ouvir todas as histórias que eu nunca escutei sobre Babou. Coisas que ele tinha visto, tendo crescido ao lado de Ardeshir Bahrami.

Mas, pelo menos, eu podia vê-lo na tela.

E tínhamos muito assunto para colocar em dia.

Contei ao Sohrab sobre meu pedido de demissão da Cidade das Rosas.

Contei sobre o baile e sobre Landon.

Contei sobre Chip.

— Sinto muito, Darioush — disse ele depois que eu terminei. — Você vai ficar bem?

— Acho que sim.

Ele olhou para mim.

— Mas agora seja sincero.

— Sobre o quê?

— Você amava o Landon?

Recostei na cadeira. Era uma cadeira usada de escritório que o meu pai levou pra casa depois que eles trocaram as mesas do trabalho para aquelas suspensas. Estava quebrada de leve, e se eu reclinasse muito para trás, corria o risco de cair.

Segurei a beirada da mesa e ajustei a posição.

— Acho que não — respondi, por fim, e acrescentei: — Ele foi o primeiro garoto que gostou de mim.

Engoli o nó na garganta.

— E se ninguém nunca mais gostar de mim como ele gostou?

— Darioush.

— Sim?

— Você é um cara legal. E muitos garotos vão gostar de você. Eu sei disso.

Balancei a cabeça.

— E o Chip? Ele gosta de você.

— Aff.

Sohrab riu.

— Darioush.

— Que foi?

— Ele é seu amigo. Você vai ficar bravo com ele pra sempre?

— Sim. Talvez. Sei lá.

— Lembra da nossa primeira briga?

Assenti.

Foi quando Sohrab me provocou, quando me viu pelado no chuveiro depois de uma partida de futebol.

Ele disse que meu pênis parecia estar de turbante.

Será que a minha vida inteira seria um fluxo constante de humilhações penianas?

Talvez sim.

Talvez seja esse o preço de ter um pênis.

— Por que nós dois ainda somos amigos?

Dei de ombros.

— Porque você pediu desculpas.

— E você me perdoou.

— Sim.

— Amigos se perdoam. Chip pediu desculpas?

Ele tinha pedido, sim.

Muitas.

Eu só não sabia se era o bastante.

— Mas você não se limitou a pedir desculpas. Você nunca mais fez a mesma coisa.

— Chip continua fazendo a mesma coisa?

— Sim. Ele continua sendo amigo do Trent. Independentemente do que o Trent faz comigo.

— Hum. Se é assim, talvez ele nunca vá mudar. Mas quer saber?

— O quê?

— Eu nunca conheci ninguém com um coração tão grande quanto o seu, Darioush. Sei que você vai dar um jeito.

Meu rosto queimou.

— Obrigado.

As bochechas de Sohrab pareciam um pouco rosadas também. Ele pigarreou.

— E como vai o futebol?

Contei para ele sobre nossas vitórias, nossas derrotas, e como era estranho e maravilhoso ser parte de um time.

Contei a ele sobre Vovó e Oma.

Contei a ele sobre Laleh, e o projeto dela de transformar Mamou e Babou em constelações.

Contei a ele sobre a minha mãe, que não parava mais em casa. E sobre o meu pai, que finalmente estava de volta, passando por um momento difícil, mas que havia concordado em pedir ajuda.

E, pela primeira vez em um bom tempo, pareceu que as coisas ficariam bem.

O meridiano primário

Minha mãe bateu à porta quando eu e Sohrab estávamos nos despedindo. Ela estava de roupão e segurando uma caneca de café.

— Oi, Sohrab-jan — disse ela. — Chetori toh?

Sohrab conversou com ela em persa por um minuto e ela respondeu, mas depois disse:

— Muito bem, Sohrab-jan, khodahafes. Até mais.

— Khodahafes — respondeu ele. — Tchau, Darioush. Nos falamos em breve. Prometo. Ghorbanat beram.

— Ghorbanat beram. Sempre.

Desliguei a chamada e recostei na cadeira, encaixando os joelhos debaixo da escrivaninha para não cair pra trás.

Minha mãe se apoiou no batente da porta e olhou para mim.

— Você está sorrindo.

— Ele está bem — eu disse. — Eu tava muito preocupado.

— Eu sei, querido.

— Você sabia?

Ela balançou a cabeça.

— Mas já imaginava que eles iriam embora. Mahvash falava sobre isso às vezes.

— E o que acontece agora?

— Não sei. Se tudo der certo, eles vão morar num lugar novo. Toronto, talvez.

Ela sorriu.

— Talvez até aqui.

— Sério?

— Se tivermos sorte.

Me permiti imaginar: Sohrab, aqui. Aparecendo para o jantar. Passeando comigo e jogando futebol. Eu mostrando para ele todos os meus lugares favoritos em Portland. Nós dois bebendo muito chá.

Encontrando um lugar onde o mundo desaparece e nós podemos conversar, contar um para o outro todas as coisas que só um melhor amigo pode saber.

Minha mãe se aproximou de mim e passou a mão pelo meu cabelo.

— Darius?

— Sim?

— Eu não quis bisbilhotar, mas... escutei você falando com Sohrab sobre o Landon.

— Ah.

— Você está bem?

— Acho que sim. Quer dizer, vou ficar.

Ela olhou para mim por um bom tempo. Como se tentasse entender algo a meu respeito que ela nunca precisou entender antes. Ela se sentou na cama e deu um tapinha no espaço ao lado dela.

Puxei a camisa para baixo na tentativa de esconder minha cueca — laranja-brilhante — e me sentei ao lado dela.

— O que aconteceu?

— Nós conversamos. E... bem, nós dois queremos coisas diferentes.

— Seu pai disse que vocês estavam pensando sobre... sexo.

Meu peito contorceu.

— Ele estava. Mas eu não estava pronto.

As mãos da minha mãe voltaram para o meu cabelo.

— Você poderia ter falado comigo, sabe. Quando seu pai estava viajando. Se precisasse de conselhos, poderia ter pedido para mim.

— Eu sei.

— Foi alguma coisa que eu disse?

— Não.

— Porque você costumava conversar comigo sobre tudo.

— E ainda converso.

— Menos sobre isso.

Olhei para baixo. A mão da minha mãe, que estava enrolando meus cachos, parou.

— O que foi?

Fechei os olhos com força.

— Você sempre fazia uma cara estranha. Toda vez que ele me beijava.

— Não fazia, não.

Por isso que eu não disse nada antes.

Porque sabia que ela ficaria chateada.

— Fazia? Sério? — perguntou ela, cruzando as mãos sobre o colo. —
Me desculpa.

— Tudo bem.

— Não. Não está tudo bem — disse ela, e respirou fundo. — Eu não estou brava por você ser gay. Juro.

— Tudo bem.

— Sabe, desde o dia em que você nasceu, eu e seu pai sonhamos com um futuro feliz pra você. E, quanto mais você crescia e mudava, mais fomos precisando ajustar o sonho um pouquinho. Por muito tempo eu achei que soubesse qual caminho você seguiria. Mas agora...

Ela piscou para espantar as lágrimas.

— Tudo mudou desde o Irã.

Nem tudo.

Eu já era gay quando nós fomos pra lá, só não tinha entendido ainda, e também era gay quando voltamos.

Mas minha mãe disse:

— Depois que voltamos de viagem, você e seu pai se aproximaram muito, e fiquei feliz porque odiava ver vocês dois tão afastados — explicou

ela, levando a mão ao coração. — Mas me machuca saber que, enquanto ele estava te encontrando, eu estava te perdendo.

Eu nunca tinha pensado sobre aquilo. Sobre como minha mãe se sentiu quando, de repente, eu e meu pai nos tornamos um time.

E eu e ela deixamos de ser um.

Me senti péssimo.

— Desculpa.

— Não precisa. Estou sendo egoísta.

— Não está, não. Eu não quis fazer com que você se sentisse assim.

— Eu sinto muita saudade de você. De como nós éramos antes.

Minha mãe se esticou até a mesa de cabeceira onde eu deixava uma caixa de lenços de papel. Peguei um e passei para ela.

— Aqui.

Ela fungou e assoou o nariz.

Peguei um também e enxuguei meus olhos.

— Me desculpa — repeti.

— Não quero que você peça desculpas. Você está crescendo. Essas coisas acontecem.

Eu não queria que acontecessem.

Não queria que meu crescimento afastasse minha mãe de mim.

— Mas eu também não quero perder você.

— Isso nunca vai acontecer. Nunca. Eu prometo — disse ela, e suspirou. — Eu te amo, Darius. Cada parte de você. E nunca quis te fazer pensar o contrário.

— Eu sei — respondi.

Eu deveria saber desde o começo.

Senti muita vergonha por ter pensado aquilo.

— Eu só estava assustado.

— Assustado? Por quê?

Olhei para as minhas mãos e esfreguei os dedos indicadores sobre o esmalte turquesa nos polegares.

— Sei lá — eu disse.

Como se explica o medo de que alguém que você ama possa parar de te amar do nada?

Mas minha mãe disse:

— É por isso que você ainda não contou para Mamou?

Talvez minha mãe entendesse tudo, afinal.

Talvez.

— Eu não quero que ela se decepcione comigo.

Minha mãe segurou meu rosto entre a palma das mãos.

— Ah, Darius. Você nunca decepcionaria sua avó. Você é o garoto mais doce do mundo inteiro, sabia?

Balancei a cabeça.

— Não sou mesmo.

— É, sim.

— Sério, não sou.

— Por que está dizendo isso?

— Porque não sou doce. Sou egoísta.

Contei para ela sobre Trent, e sobre Chip.

Sobre Chip dizendo que gostava de mim.

E sobre Chip pedindo desculpas por tudo, e eu não o perdoando.

— Sohrab disse que amigos perdoam uns aos outros. Mas como eu posso fazer isso quando o melhor amigo do Chip tem a missão pessoal de acabar com a minha vida? Quer dizer, o próprio Chip costumava fazer o mesmo e agora ele diz que gosta de mim?

Balancei a cabeça.

— O que eu faço?

Minha mãe olhou para mim por um bom tempo.

— Você é tão novo...

Ela disse como se fosse uma surpresa. Como se fosse algo maravilhoso, ser novo e estar furioso com a pessoa mais próxima de um melhor amigo que eu tinha neste lado do meridiano primário.

— Quando se é novo, cheio de sentimentos, às vezes eles saem da gente do jeito errado.

— Então eu devo simplesmente perdoar o Chip?

— Não é isso que eu estou dizendo. É só que... é algo que se faz quando se é novo. E com sorte você vai crescer e superar. Chip ainda te provoca?

— Não.

— Ele te trata mal?

— Não. Ele é ótimo.

Pensei em todas as vezes em que Chip me ajudou a estudar. E me chamou para a casa dele. E confiou em mim para cuidar da Evie.

— Chip me trata bem. Ele é legal comigo. Mas ainda é amigo do Trent.

— Você não pode controlar as amizades das pessoas — disse minha mãe. — Principalmente se eles dois são da mesma família agora.

— Não é isso que eu quero. Seria algo ridículo de se fazer com outra pessoa. Mas eu só... só não sei como eu poderia confiar nele.

— Você já disse isso pra ele?

— Não — respondi. — Não sei como.

— Você merece ter pessoas na sua vida que te façam feliz, Darius. Aconteça o que acontecer. Não se esqueça disso. Tá bom?

— Vou tentar.

— Não vou dizer para você perdoar o Chip, mas ele me parecia ser um bom amigo. E eu odiaria te ver desistindo dessa amizade sem ter certeza absoluta.

— Então, o que eu faço?

— A decisão é somente sua.

Um novo futuro

De manhã, minha mãe convocou uma reunião familiar.

Em toda a história — começando nas origens teutônicas da Alemanha pré-unificação pelo lado paterno e no legado fundado em Yazd pelo materno —, a família Kellner-Bahrami nunca tinha sido convocada para uma reunião familiar antes.

Estávamos avançando em território desconhecido.

Minha mãe se levantou cedo e fez uma fritada enorme. Terminei minha corrida mais cedo para poder ajudá-la a cortar laranjas e maçãs. Preparei um bule grande de chá persa e minha mãe serviu uma travessa de biscoitos que ela comprara na venda anual de biscoito do grupo de escoteiras.

Enquanto comíamos, meu pai anunciou que faria mais uma viagem para Los Angeles, por apenas dois dias, para passar o projeto para outra pessoa. E que iria recusar o trabalho em Arkansas.

Contei para todos sobre Landon e eu.

— Mas eu gostava do Landon! — disse Laleh.

— Eu também — respondi. — Mas... bem, às vezes as coisas não dão certo.

— Quem vai ser seu namorado agora?

— Acho que ninguém. Vou terminar essa temporada de futebol e, com sorte, conseguir um emprego novo. Assim vou poder trabalhar por mais horas para ajudar em casa.

— Só por um tempo — explicou meu pai. — E depois você vai economizar para o futuro. Seja para a faculdade ou qualquer outra coisa. Tá bom?

— Tá bom.

Laleh contou para todo mundo sobre o projeto de constelações. Ela recebeu uma estrela dourada pelo trabalho — a avaliação mais alta da srta. Shah — e fez um novo amigo também.

— O avô do Avan é da Índia — explicou ela. — Isso é quase, tipo, vizinho do Irã. Ele vai visitar todo verão.

Eu estava feliz em ver Laleh fazendo amigos.

Eu amava o sorriso da minha irmã.

Vovó e Oma anunciaram que estavam voltando pra casa.

— Já ficamos tempo demais — disse Vovó.

E minha mãe disse:

— Nós adoramos receber vocês!

O que era o nível mais alto de taroof, se é que isso existe.

Então, senti uma energia estranha, uma vibração zumbindo sobre toda a casa da família Kellner.

Um novo futuro estava nascendo.

Ajudei Vovó a tirar as roupas dela e da Oma da máquina de lavar, dobrando calças, moletons, e juntando os pares de meia enquanto ela lidava com as peças “inomináveis”.

Sério.

— Deixa que eu guardo nossas inomináveis — disse ela.

Como se as pessoas realmente chamassem calcinhas e sutiãs daquele jeito.

Acho que a Vovó chamava de “bustiês”.

Abri um sorriso contido.

— Feliz que vamos embora? — perguntou Vovó.

— Não. Só pensei numa coisa engraçada.

Ela me analisou, a sobancelha arqueada.

— Acho que é melhor assim, sabe? Seu pai fica muito melhor quando não precisa nos ver o tempo todo.

— Por que você acha isso?

Vovó fez uma manobra esquisita, dobrando uma peça em um triângulo pequenininho.

— Ele nunca diz isso, mas acho que ficar perto da gente deixa ele deprimido.

— Não acho que isso seja verdade — respondi, embora eu tivesse certeza de que era, sim.

— Não precisa mentir, Darius — disse ela, fazendo uma careta. — Acho que foi difícil para ele, a transição da Oma. Ter que reorganizar a vida inteira.

— Acho que às vezes ele fica deprimido porque é assim que a doença funciona. Não precisa de motivo. A transição da Oma, principalmente. Ela não está mais feliz agora?

— Muito mais feliz.

— Então isso é bom pra ela e pra ele também.

— Hum.

Vovó colocou a última peça inominável dentro do cesto e começou a levantar.

— Deixa que eu carrego.

Ela me ignorou e levantou mesmo assim. Mas, depois, olhou para mim e colocou o cesto no chão de novo.

— Não foi fácil, sabia? Passar por tudo aquilo. Acho que foi mais difícil para mim do que para o seu pai.

— Por quê?

— Nós dois precisamos nos desapegar da imagem que tínhamos da Oma, e criar uma nova. Mas eu também tive que criar uma nova imagem para mim mesma. Eu tinha passado a vida toda achando que eu era uma mulher hétero. Mas eu ainda amava Oma. Então, o que aquilo me tornava? Lésbica? Bissexual? Queer?

— Ah.

— Mas, quer saber? Mesmo com as dificuldades, hoje somos mais próximas do que nunca. Quando se passa por uma coisa dessas, a gente sai muito mais forte — disse ela, levantando o cesto de novo. — Sinto muito por Landon. Términos são complicados.

Fiquei surpreso ao escutá-la dizendo aquilo. Como se, às vezes, eu me esquecesse do que tinha acontecido. Como se eu pudesse passar horas sem me lembrar do buraco no meu coração onde o sorriso de Landon costumava morar.

— Sim.

— Mas você vai ficar bem. Não vai?

— Talvez.

Vovó apoiou uma mão sobre o meu ombro.

— Vai, sim.

Ela sorriu para mim. Um sorriso de verdade.

— Estou feliz por termos ficado aqui, com você.

— Eu também.

— Avise a gente sobre a Parada, está bem? Quem sabe a gente não vai junto? Se o clima estiver bom.

— Sério?

— Veremos.

Aquele foi o talvez mais delicado de todos.

Só que para mim significou muito mais. Como se, talvez, Vovó tivesse deixado uma fresta aberta na porta entre nós dois.

Parecia até amor.

Ajudei a colocar as malas no Camry da Oma enquanto ela e Vovó se despediam.

Era esquisito, se despedir como se fosse um grande momento, quando elas moravam a apenas algumas horas de distâncias. Quando podíamos vê-las de novo no fim do ano.

Oma me surpreendeu ao me puxar para um abraço. Um abraço de verdade.

— Você cresceu tanto — disse ela.

— Cresci?

— Toma conta do seu pai pra gente. Tá bom?

— Tá bom — respondi. — Te amo, Oma.

— Também te amo, Darius.

Densidade de gráviton

Nossa primeira eliminatória era contra o Colégio Riker, que ficava a mais ou menos uma hora de Portland.

Apesar de saber que o nome do colégio não tinha nada a ver com o Comandante William T. Riker, torci para que a referência a *Star Trek* fosse um sinal de uma chance de vitória.

A tensão entre Chip e eu resultou em uma mudança gravitacional no time: não na forma como jogávamos, mas em termos de quem falava com quem, quem ficava onde no Círculo, quem corria ao lado de quem durante os aquecimentos.

Chip começara a correr sozinho, de cabeça baixa, e embora estivesse jogando com mais garra que nunca, ele nunca mais sorriu como antes.

Por minha culpa.

Eu tinha tirado o sorriso de Chip.

Me perguntava se eu estava machucando mais a ele ou a mim, mesmo enquanto não me esforçava para retomar nossa amizade. Mas, quanto mais tempo passava, mais difícil ficava tocar no assunto. Havia um campo de força entre nós dois, acumulando mais densidade de gráviton a cada dia.

Comecei a correr ao lado de James durante os aquecimentos. Descobri que, além de curtir teatro, ele também gostava de RPG e *Star Wars*.

Eu não era muito fã de *Star Wars*. Não desgostava, mas também não morria de amores. Não mesmo.

Ainda assim, era legal conversar com outro nerd. James era um cara legal, porém era o mais azarado do mundo em termos de namoro, e ele me contava tudo quando não estávamos debatendo sobre as consequências de viagens mais rápidas que a velocidade da luz, e qual tipo de transporte era mais veloz: hyperdrive ou dobra.

(Levando em conta que o limite teórico da dobra era velocidade infinita — algo que só aconteceu uma vez num episódio esquisito de *Voyager*, quando a Capitã Janeway e o Tenente Paris acabaram se transformando em salamandras estranhas depois de extrapolar o limite da dobra — eu não via como hyperdrive poderia possivelmente ser mais rápido.)

— Ei — disse James enquanto alongávamos as panturrilhas antes do jogo. — Posso te perguntar uma coisa meio pessoal?

— Pode. Acho.

— Você e seu namorado ficaram juntos por tipo, uns três meses, né?

— Quatro.

— Vocês chegaram a... hum...

James tinha a pele muito pálida, então, quando corava, ficava superóbvio.

Meu rosto também ficou vermelho em solidariedade.

— Cara.

— É só que, eu não sei... quando é a hora certa?

Dei de ombros.

— Perguntou pra pessoa errada. Nós nunca fizemos nada além de beijar.

— Sério?

— É.

Engoli o sapo que estava tentando pular pra fora do meu esôfago.

— Landon queria. Mas eu não estava pronto.

— Ah.

— Desculpa não poder ajudar.

— Não! — disse ele, sorrindo e relaxando os ombros. — Na real ajudou muito. Eu e a Katie ainda não chegamos lá também. Só beijo. E eu estava meio preocupado, sei lá.

— Por quê?

— Não sei. Parecia que, tipo, eu deveria querer.

Assenti.

— O importante é conversar sobre o assunto. Você precisa se comunicar.

James deu um tapinha no meu ombro.

— Valeu, cara. Por que a gente só foi virar amigo esse ano?

Nós nos conhecíamos desde o ensino fundamental.

— Não sei. Acho que eu não era muito bom em fazer amigos.

— A culpa foi minha também.

Ele olhou para o relógio, que ficava no pulso esquerdo embora ele fosse canhoto.

— Merda, tenho que fazer um CPJ.

Dei uma risada.

— Boa sorte.

— Nem vou precisar — disse ele, dando um tapinha na barriga.

CPJ era nosso código para Cocô Pré-Jogo. Acontecia com muitos caras. Não sei se era por causa das corridas durante o aquecimento, ou nervosismo, ou muita comida, sei lá. Eu nunca tinha passado por aquele fenômeno.

Abaixei para apertar os cadarços da chuteira e quase esbarrei em Chip ao me levantar.

— Opa. Desculpa.

— Tudo bem — disse ele. — James foi fazer um CPJ?

— Sim.

Chip riu.

Por um segundo, era como se nós fôssemos amigos de novo.

Eu sentia saudades daquele conforto.

Saudades de ser amigo do Chip.

— Bem... — Ele engoliu em seco.

— Pois é.

No fim das contas, ter um adversário com nome de um personagem de *Star Trek* não era muito bem o amuleto de boa sorte que eu esperava.

O ataque deles era devastador, mas conseguimos segurar a onda e impedir os gols. Já Gabe e James não tiveram muita sorte, e o jogo terminou em mais uma rodada de pênaltis.

Àquela altura, Christian e Diego estavam exaustos. Todos nós estávamos. E os Vombates de Riker (uma Escolha de Mascote Nível Dez, diga-se de passagem) também.

Eles venceram no cara ou coroa e bateram primeiro. Christian defendeu os quatro primeiros, mas, com a torcida animada do colégio adversário, eles marcaram um gol no quinto pênalti.

Nós não tínhamos marcado nada, e Chip era nossa última chance.

Ele não sorriu ao se aproximar da bola. O maxilar travado. A camisa encharcada de suor, destacando a curvatura que a coluna dele fazia entre os músculos das costas.

Ele respirou fundo e atacou: um chute traiçoeiro à esquerda do goleiro. Teria entrado, mas passou de raspão na trave.

Nosso time não fez um barulho sequer — ainda estávamos segurando o fôlego, mesmo depois do apito —, mas as arquibancadas do colégio Riker explodiram.

Nós perdemos.

Acho que estávamos cansados demais pra ficarmos tristes. Cumprimentamos os jogadores e parabenizamos o outro time. Caminhamos em direção às arquibancadas em silêncio, alguns garotos apoiando o braço no ombro de outros, alguns em posição de rendição.

Chip encarava os pés, meio que chutando o chão a cada passo. Os ombros dele estavam caídos.

Eu odiava vê-lo daquele jeito.

Não sei por que fiz aquilo — sério, não sei mesmo —, mas diminuí o passo e, quando ele chegou perto, passei o braço por cima do ombro dele.

Era o tipo de coisa que Sohrab fazia comigo quando eu estava triste. Ou quando eu estava feliz, tanto faz.

Sohrab fazia aquilo a qualquer momento. Como se fosse algo que garotos podiam fazer.

E pensei que se Chip gostasse mesmo de mim, talvez fosse estranho e injusto fazer aquilo com ele.

Tocá-lo daquele jeito.

Mas, naquele momento, eu realmente queria ser amigo dele.

— Ei — eu disse.

— Ei — murmurou ele.

— Jogo difícil.

— É.

Mas ele não disse mais nada e, depois de um instante, comecei a me sentir muito estranho.

Além do mais, nós dois estávamos muito suados, quentes, e aquilo me fez sentir muitas coisas que eu não estava pronto para sentir.

Então, soltei Chip e me virei para as arquibancadas, onde meus pais e Laleh esperavam por mim.

— Você mandou muito bem — disse meu pai.

— E perdemos mesmo assim.

— Não importa. Você deu seu melhor.

— Obrigado.

— Estrela dourada! — exclamou Laleh.

Me ajoelhei.

— Sério? Estrela dourada? Pra mim?

— Sim.

— Obrigado, Laleh.

Minha mãe apoiou a mão no meu ombro.

— Estamos muito orgulhosos de você.

— Que bom.

Passei a mão pelo cabelo e, sem querer, respinguei suor na minha família.

Laleh gritou.

— Foi mal! Desculpa. Melhor eu ir tomar uma ducha.

— Nos vemos em casa — disse minha mãe.

Apesar de todo o suor, ela baixou minha cabeça e beijou minha testa. Meu pai fez o mesmo. Ele segurou minha nuca e disse:

— Sério. Darius. Estamos muito orgulhosos.

— Obrigado, pai.

Nos encaramos e ele sorriu para mim.

Ele ainda não havia voltado ao normal, mas já estava melhorando. As olheiras haviam diminuindo, pequenas luas crescentes cinzentas em vez daqueles círculos azulados gigantes.

— Te amo — eu disse.

— Também te amo — respondeu ele.

No canto da arquibancada, Chip conversava com Trent, que balançava Evie no colo.

Eu sabia que ele era tio dela, mas ainda era algo bem perturbador de se ver.

Ao lado deles, uma mulher de cabelo ondulado preto puxou Chip para um abraço.

Seria a mãe ele?

De repente, a cor da pele de Evie fez sentido.

Eu sempre imaginei a mãe do Chip branca. Sempre pensei que Chip fosse branco também. Nunca me dei conta de que ele era birracial como eu.

Não sei por que descobrir aquilo me deixou tão feliz.

(Eu sabia, sim.)

Chip acenou para mim.

— Darius! Essa é a minha mãe. Sofia.

— Oi — eu disse. — Obrigado por todos os Gatorades.

A risada de Sofia era como uma cachoeira. Ela sorriu para mim.

O mesmo sorriso do filho.

— Obrigado por manter Cyprian longe de encrenca.

— Sem problemas.

Do colo de Trent, Evie acenou para mim. Acenei de volta, evitando o olhar de Trent.

— Tenho que juntar minhas coisas — eu disse. — Prazer em conhecer.

— Não suma, viu? Apareça lá em casa pra comer empanadas qualquer dia. Temos Gatorade de sobra.

— Obrigado.

Estava quase fora do campo quando ouvi alguém atrás de mim.

— Cadê seu namoradinho, D-Quatro?

Balancei a cabeça e continuei andando, mas Trent correu atrás de mim. Deve ter passado Evie para outra pessoa.

— Ei. Quem era o quê na relação de vocês dois?

— Quê? — eu disse, porque não tinha entendido a pergunta/ofensa.

Eu sabia que deveria ter mantido a boca fechada, mas saiu no automático e já era tarde demais.

— Quem era o gol e quem era a bola?

Balancei a cabeça e não respondi.

— Quem era o cabo e quem era a tomada?

Meu rosto queimava enquanto Trent me seguia, soltando uma sugestão ridícula atrás da outra.

Minha nuca se arrepiou, e o suor parecia gelado escorrendo pela pele. Trent falava mais alto e mais alto até que...

— Ei!

Parei e olhei para trás. Chip estava de braços estendidos, impedindo que Trent me seguisse.

— Caramba, cara!

Lá estava ela de novo: caramba. Como se fosse uma palavra que garotos usavam.

— Que foi?

— Por que você é sempre tão babaca com ele? O que o Darius fez pra você?

— Nada, ué. Tô só zoando.

— Não tá, não. Você tá sendo um idiota. E só piorou desde que eu te contei que gosto dele.

Chip me encarou por um segundo.

Eu estava paralisado.

Mas então ele se voltou para Trent e disse:

— Você deveria ser meu melhor amigo. Por que não age como se fosse?

Trent abriu a boca e depois fechou. Ele olhou para Chip, depois para mim, depois para Gabe e Jaden, que estavam nos esperando e observando a cena de braços cruzados.

O rosto dele ficou vermelho.

Eu nunca tinha notado como ele parecia um bebê nervoso com o rosto todo vermelho.

As narinas enormes dele inflaram.

— Que se dane.

Ele tentou passar pelo braço de Chip, mas Chip não cedeu, então ele se virou e voltou para as arquibancadas.

Chip abaixou o braço e soltou o ar. O corpo dele despressurizando bem na minha frente.

Jaden e Gabe murmuraram entre si, mas não consegui ouvir nada. Só fiquei encarando Chip, que balançava a cabeça até perceber que eu estava

olhando.

Ele tinha algo no olhar. Não sei como descrever.

Era como se estivesse completamente perdido.

Mas então, ele deu de ombros, olhou para baixo, e passou por mim em direção ao vestiário.

O que tinha acontecido ali?

Você todinho

O ônibus estava em silêncio no caminho de volta para o Colégio Chapel Hill, mas pelo menos a viagem era curta. Todo mundo estava no celular, ou observando o trânsito, ou recostado na janela de olhos fechados usando as mochilas como travesseiros.

Me sentei no fundo, observando Chip enquanto ele olhava pela janela. Algo havia acontecido.

Algo que eu tinha torcido para que acontecesse, mas pelo qual nunca esperei de verdade.

O que eu deveria fazer? O que eu deveria falar?

Eu e Chip nos veríamos de novo? A temporada de jogos havia acabado e, em pouco tempo, a luta greco-romana consumiria todo o tempo dele.

Os garotos do time iriam me abandonar agora?

Eu não queria voltar a ser o Darius solitário, cujo único amigo de verdade estava do outro lado do mundo.

Enxuguei os olhos.

A treinadora Bentley parou no meio do corredor.

— Tudo bem, Darius?

Funguei.

— Sim. Só vou sentir saudade disso tudo.

Ela sorriu.

— Eu também. Você jogou muito bem nessa temporada. E a próxima vai chegar tão rápido que você nem vai perceber.

— Obrigado, treinadora.

Esvaziei o armário, que continha basicamente meu uniforme reserva, desodorante extra e alguns trabalhos amassados que esqueci ali em vários momentos diferentes durante a temporada.

(Eu não entendia o motivo e o propósito de entregar trabalhos em papel.)

Os caras estavam trocando abraços de *brother*, daqueles em que você primeiro aperta a mão e depois puxa para abraçar com um braço só, esmagando as mãos entre os dois corpos, completando com um tapa nas costas. Para alguns, como Gabe, Jaden e Christian, aquela era a última temporada no Chapel Hill. Vi Gabe secar os olhos algumas vezes, e Jaden me deu um abraço normal em vez do abraço de brother.

— Foi maneiro demais, cara — disse ele. — Fico feliz em ser seu amigo.

— Eu também. Pena que acabou.

— Acabou? — perguntou Jaden, jogando a cabeça pro lado. — Não vou te largar mais. Brothers Birraciais pra vida toda.

— Isso nos torna primos ou meios-irmãos?

— Não me obriga a fazer as contas depois de um jogo — disse ele, rindo. — Mas, agora, falando sério. Vamos sair juntos. Vou te ensinar a jogar Mario Kart direito, em vez de ficar saindo da pista toda hora.

Eu quase ri.

Quase.

— Eu gosto da ideia.

Na saída, a treinadora Bentley nos fez formar uma fila, e nos cumprimentou, dando parabéns pela temporada muito bem jogada.

Ainda tínhamos uma festa pós-temporada nos aguardando, na qual estaríamos todos bem-vestidos, e a treinadora nos entregaria prêmios de Craque do Time e Melhor Evolução, e anunciaria o capitão do ano seguinte.

Diziam que a comida seria boa, porque a treinadora Bentley era amiga do chef de um daqueles restaurantes chiques do centro, que ficava dentro de

um hotel, mas que não pertencia ao hotel, o que deveria fazer alguma diferença no mundo dos restaurantes chiques do centro.

— Estou orgulhosa de você, Darius — disse ela ao me cumprimentar.

— Cabeça erguida.

Pisquei para espantar as lágrimas.

— Obrigado, treinadora.

O sol estava se pondo sobre o estacionamento de alunos, pintando as paredes beges do colégio de um cor-de-rosa flamejante. As nuvens passavam e o vento soprava com a promessa de chuva.

Cyprian Cusumano estava sentado na calçada, com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos no queixo.

Me joguei no chão ao lado dele, coloquei as mãos no bolso do casaco e encarei as nuvens. Acho que não conseguia olhar Chip nos olhos.

— Você não precisava ter feito aquilo.

Chip se inclinou para trás e se esparramou ao meu lado.

— Acho que precisava, sim — disse ele em uma voz baixa e suave. —

Esse é o tipo de cara que eu quero ser. E não fui assim por muito tempo.

Virei a cabeça para vê-lo mais de perto.

— Como assim?

— Sei lá.

Ele tamborilou as pernas com a ponta dos dedos.

— Conheço o Trent desde que me entendo por gente. Quando meus pais estavam se divorciando, era na casa dele que eu dormia para não ter que escutar as brigas. Depois que Evie nasceu, foi ele quem me ensinou a cuidar dela. Trocar fralda e tal. Você precisa ver como ele fica quando está com ela. Parece outra pessoa.

Chip firmou os punhos no chão.

— Ele foi o único cara que já me viu chorar. Que me fez entender que tudo bem chorar na frente de outra pessoa. Até você chegar.

Trent era o Sohrab de Chip.

— Mas e agora?

— Eu não sei. Não quero perder o Trent. Mas você tinha razão. Ele é meio babaca. E eu quero que ele seja melhor.

Chip soltou o ar.

— Quero ser melhor também.

— Acho que você já é.

Chip se virou e olhou para mim. Os olhos dele estavam turvos.

— Eu sinto muito, de verdade. Estraguei tudo.

— Nem tudo — eu disse, e depois: — Senti muita saudade de ser seu amigo.

— Eu também — disse Chip, e mordeu o lábio inferior.

Ele tinha lábios bem bonitos.

— Isso quer dizer que podemos tentar de novo?

— Sim.

— Mas e... aquilo que eu disse?

Meu coração acelerou.

— O quê?

— Sobre... você. Eu.

As orelhas de Chip ficaram cor-de-rosa.

— Ainda te acho tão lindo...

Foi minha vez de morder o lábio. Os olhos de Chip encararam minha boca.

Suspirei.

— Eu e Landon terminamos. Acho que você ficou sabendo.

— Sim. Sinto muito. Foi culpa minha.

— Não precisa. E não foi mesmo. Mas eu preciso de um tempo, tá?

— Sim, eu entendo.

Finalmente consegui olhar Chip nos olhos. Quentes e cheios de esperança.

— Mas eu também te acho lindo.

Chip abriu um sorriso na velocidade da luz.

— E inteligente. E corajoso.

— Não sou mesmo.

— Eu acho que é — eu disse, e balancei a cabeça. — Mas, antes, preciso que você seja meu amigo. Tá bom?

— Tá bom.

— Oi, Darioush-jan! — disse Mamou quando eu liguei. — Que saudade!

— Eu também.

— Como você está?

— Bem. Um pouco triste. Perdemos a última partida, nos pênaltis.

— Sinto muito. Mas sei que você deu seu melhor.

— Também pedi demissão do trabalho.

— Sua mãe me contou.

E, como se tivesse sido invocada, minha mãe apareceu na porta. Mas ficou por ali mesmo.

— Hum — eu disse, olhando para a minha mãe e depois para a tela.

— Conversei com Sohrab.

— Que bom! — disse Mamou, e seus ombros relaxaram. — Desculpa, eu não podia te contar, maman.

— Tudo bem. Eu entendo.

— Talvez ele possa ir para Portland algum dia.

— Isso seria incrível — eu disse, e pigarreei. — E você? Como está? Mamou suspirou.

— Sabe como é. Cada dia é diferente. Às vezes, fico triste. Às vezes, brava. Às vezes eu nem lembro.

— Eu também.

— Às vezes penso em alguma coisa e me viro pra contar pra ele. Mas ele não está aqui.

Havia coisas que eu também queria contar para Babou. Mas era tarde demais.

Porém, eu sabia que precisava contar para Mamou.

Senti um aperto no peito.

— Mamou? Posso te contar uma coisa?

— É claro, Darioush-jan.

— Eu... eu sou gay.

— Eh? Gay?

Minha mãe se aproximou e apoiou a mão na minha cabeça. Ela brincou com meu cabelo e disse algumas coisas em persa. Mordi os lábios e esperei pelas consequências.

— Ah! — exclamou Mamou. — Gay. Fico feliz que você tenha me contado, maman. Porque eu amo você todinho.

Meu peito relaxou.

Deu vontade de correr pelo quarto e começar a rir.

— Você tem um namorado, maman?

— Não — respondi. — Nós terminamos.

— Sinto muito. Você é o garoto mais doce do mundo. E tão bonito. Vai encontrar alguém.

Nós conversamos mais um pouco, mas, por fim, o papo foi terminando e começamos a nos despedir.

— Tudo bem, nos falamos depois, Darioush. Mande um beijo pro seu pai e pra Laleh.

— Pode deixar.

— Te amo, maman. Shirin-jan, khodahafes.

— Khodahafes, maman.

Minha mãe disse mais alguma coisa, mas eu não entendi.

Quando a imagem de Mamou apagou, minha mãe disse:

— Isso foi muito corajoso da sua parte. Estou muito orgulhosa.

— Obrigado, mãe.

* * *

Depois do jantar, nos amontoamos no sofá: eu e meu pai no meio, mamãe do lado direito dele, e Laleh à minha esquerda, de pernas cruzadas.

Parecia que uma eternidade havia se passado desde a última vez em que tínhamos sido uma família daquele jeito.

Enquanto a abertura de *Deep Space Nince* passava, minha mãe mastigava um pedaço de tokhmeh.

Laleh usou os dois minutos da música de abertura para abrir um livro e ler alguns parágrafos.

Meu pai apertou meu ombro e disse:

— Senti muita saudade disso.

— Eu também.

Analisei meu pai. Ele tinha se barbeado — finalmente — e cortado o cabelo também.

Estava mais triste do que nunca, porém estava firme, e estava em casa.

— Você tá bem? — perguntei.

— Melhorando — disse ele. — De verdade.

Ele me puxou pra perto e beijou minha cabeça.

— E você?

Respirei fundo e observei minha família no reflexo da televisão.

— Sim. Estou bem.

Nota do autor

Por que voltar para o Darius?

Eu não parava de me fazer esta pergunta. Mas a resposta acabou sendo bem simples: porque ele tinha mais a dizer.

Crescer é difícil. Falar honestamente com as pessoas — independentemente do quanto você se importe com elas — é difícil. Admitir um erro é difícil. Mas, no fim das contas, é nossa conexão com os outros, nossa habilidade de abrir o coração, que nos une enquanto família, parceiros, amigos e comunidade. E eu pensei que, talvez, Darius tivesse algo a me ensinar a respeito.

Seja o medo de se assumir, ou a frustração com as barreiras que um familiar coloca ao redor do passado; seja a expectativa pelo dia em que alguém irá mudar, ou a frustração por este alguém se recusar à mudança; seja em um momento de crise de saúde mental, ou diante de um simples desejo de pedir ajuda; ter essas conversas pode ser difícil, mas é assim que se cresce. Se você precisa de ajuda para encontrar as palavras e informações sobre questões ou assuntos difíceis que estão afetando você ou pessoas que você ama, existem ferramentas.

Centro de Valorização da Vida: www.cvv.org.br

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece atendimento psicológico e psiquiátrico gratuitos por meio dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Para mais informações, acesse o site da prefeitura da sua cidade ou busque se informar na UBS mais próxima à sua casa.

Agradecimentos

Escrever um livro pode parecer uma tarefa solitária, mas nunca é. Nenhuma ideia nasce no vácuo, e nenhum livro pode ser escrito sem uma rede de apoio.

Minha agente, Molly O'Neill, e todo o time da Root Literary — Holly, Taylor, Melanie e Alussa — sempre torceram por mim e pela minha carreira. Minha agente de cinema, Debbie Double-Hill, e as equipes da APA e da Universal têm sido incríveis, e a confiança deles me enche de gratidão.

Minha editora, Dana Chidiac, tem acreditado em mim e na história do Darius durante cada passo da jornada, e esse livro não seria o mesmo sem ela.

Minha relações públicas Kaitlin Kneafsey é uma super-heroína e ajudou a levar a história do Darius para o mundo de formas que eu jamais imaginei.

Todo o time da Dial Books para Jovens Leitores tem sido uma casa editorial fenomenal: publisher Lauri Hornik, diretor editorial Nancy Mercado, editor-geral Tabitha Dulla, copidesque Regina Castillo, designers Mina Chung e Cerise Steel. Samira Iravani que mais uma vez criou uma capa lindíssima com ilustrações de Adams Carvalho e direção de arte de Theresa Evangelista.

E no grupo Penguin para Jovens Leitores: Jen Loja, presidente e publisher, Jocelyn Schmidt, vice-presidente executiva e publisher associada, Shanta Newlin e Elyse Marshall, diretores do departamento de publicidade, e o restante do time: Sri Lockhart, Luana Salcedo, Emily Romero, Christina Colangelo, e o time de marketing. Agradeço também ao time de marketing para escolas e bibliotecas: Carmela Iaria, Vanessa Carson, Summer Ogata, Trevor Ingerson e Rachel Wease; A Moira Rose do meu David, Felicity

Vallence e toda a equipe de redes sociais, especialmente James Akinaka; o time de vendas, liderado por Debra Polansky; e a equipe de produção.

O time da Listening Library mais uma vez produziu um audiolivro incrível, e eu sou muito grato pelos talentos de Aaron Blank, Emily Parlman e Rebecca Waugh. Michael Levi Harris, obrigado por mais uma vez narrar esta história.

Aposto que minha família ficou um pouquinho nervosa (alarmada, talvez) ao saber que eu estava escrevendo mais livros sobre uma família como a nossa, mas, se ficaram, nunca demonstraram. Obrigado mãe, pai e Afsonah, e toda a minha família por todo o amor.

Meus amigos que me aguentaram com tanta gentileza. Sair com um autor pode ser perigoso (você nunca sabe se vai acabar indo parar nas páginas do livro), mas eles sempre ficaram de boa com isso.

Meus companheiros de escrita: onde eu estaria se não fosse por vocês? São muitas pessoas para citar, mas eu preciso agradecer a Lana Wood Jhonson, Nas Kurth, Ronni Davis, Lucie Witt, Mark Thurber e Julian Winters por sempre responderem aos meus e-mails aleatórios, mensagens e DMs. Obrigado à minha gêmea Natalie C. Parker e à minha gêmea emprestada Tessa Gratton, por me receberem na comunidade de escrita do Kansas apesar de eu morar no Missouri, e por todas as horas excelentes assistindo a *Star Trek*.

Obrigado a todos os blogueiros, booktubers, bookstagrammers, podcasters e tuiteiros que leram e compartilharam sobre Darius. Obrigado a todos os livreiros, bibliotecários e professores que abraçaram essa história.

E, o mais importante, obrigado a vocês, leitores. Da forma mais literal possível, este livro não existiria se não fosse por vocês.



AFSONEH KHORRAM

ADIB KHORRAM é autor, designer e um fanático por chás. Estudou Design Gráfico e Teatro na Universidade do Sul de Illinois, e cursou um ano de Cinema em Vancouver.

Por Darius, o Grande, não está nada bem, Adib ganhou o YALSA's William C. Morris Award de melhor autor estreante para adolescentes, o Asian/Pacific American Literature Association's Young Adult Award e o Boston Globe-Horn Book Award Honor.

Quando não está escrevendo, Adib gosta de praticar yoga e patinação artística, de tocar guitarra e de jogar videogame e jogos de tabuleiro.

Ele mora em Kansas City, Missouri.

ADIB KHORRAM

DARIUS, O GRANDE, NÃO ESTÁ NADA BEM



Darius, o Grande, não está nada bem

Khorram, Adib

9786555111866

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Darius Kellner fala klingon melhor do que farsi, e sabe mais sobre as condutas sociais dos hobbits do que as persas. Ele está prestes a fazer sua primeira viagem para o Irã, mas se sente desorientado — principalmente tendo que lidar com a depressão, um pai distante e uma vida social praticamente inexistente.

O problema é que Darius nunca se sentiu "persa" o suficiente. O Irã deveria ser tão parte dele quanto os Estados Unidos, mas é estranho chamar de lar um país em que você nunca viveu. Mas quando Darius conhece Sohrab, o menino da casa ao lado, tudo muda. Em pouco tempo eles já estão passando o dia juntos, jogando futebol, comendo faludeh e conversando por horas em um telhado secreto com vista para a cidade inteira.

Darius, o Grande, não está nada bem é o primeiro livro de Adib Khorram. A obra ganhou YALSA's William C. Morris Award de melhor autor estreante para adolescentes, o Asian/Pacific American Literature Association's Young Adult Award e o Boston Globe-Horn Book Award Honor.

[Compre agora e leia](#)

"SUBLIMEMENTE ESQUISITO, FLUIDAMENTE
ESTRUTURADO E DESCARADAMENTE ENGRAÇADO."
— NEW YORK TIMES

 Harper
Collins

ENTRE DENTES

*Primer best-seller de
New York Times*

KRISTEN ARNETT

Entre dentes

Arnett, Kristen

9786555113525

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

**CONSIDERADO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO
SEGUNDO WASHINGTON POST, VOGUE, MARIE CLAIRE E
READER'S DIGEST**

Sendo sincera, Sammie Lucas tem medo do filho. Trabalhando de casa, ela vive constantemente de olho em Samson, um garoto introspectivo, enigmático e incontrolável que resiste qualquer tentativa da mãe de estabelecer uma conexão. Incerta sobre seus sentimentos com relação à maternidade, Sammie faz de tudo para não cometer erros e fica cada vez mais ressentida com Monika, sua esposa, que passa o dia no trabalho e esbanja confiança. Mas, quando Samson se torna um adolescente difícil e seu comportamento hostil se transforma em agressividade, Sammie precisará analisar seu papel na criação desse caos familiar — e aceitar que a resposta talvez esteja fora do seu alcance.

Ao unir a perspicácia e o humor característicos com uma abordagem honesta das dinâmicas familiares queer, Arnett traz em *Entre dentes* um retrato intrigante do delicado tecido familiar — e das milhares de formas que ele pode se desfazer.

[Compre agora e leia](#)

THIAGO NIGRO

CRIADOR DO CANAL O PRIMO RICO

DO MIL AO
MILHÃO

SEM CORTAR O CAFEZINHO

GASTAR BEM | INVESTIR MELHOR | GANHAR MAIS

 Harper
Collins

Do mil ao milhão

Nigro, Thiago

9788595084421

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu primeiro livro, Thiago Nigro, criador da plataforma *O Primo Rico*, ensina aos leitores os três pilares para atingir a independência financeira: gastar bem, investir melhor e ganhar mais. Por meio de dados e de sua própria experiência como investidor e assessor, Nigro mostra que a riqueza é possível para todos – basta estar disposto a aprender e se dedicar.

[Compre agora e leia](#)

SEJA INDOMÁVEL

*Um guia prático
para deixar
de agradar e
começar a viver*



GLENNON DOYLE

Autora best-seller de *Indomável*

Seja indomável

Doyle, Glennon

9786555113587

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

DA AUTORA DE *INDOMÁVEL*, COM MAIS DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

Durante anos, Glennon Doyle negou a própria insatisfação. Presa às diretrizes culturais e crenças que a limitavam, ela vivia um casamento infeliz e era sufocada pela maternidade. Até que, enquanto discursava em uma conferência, viu sua vida mudar por completo. Foi quando decidiu parar de deixar as expectativas alheias tomarem conta da sua vida, parou de tentar ser boa para poder ser livre, parou de tentar agradar os outros — e começou a viver.

Neste guia interativo de perguntas e atividades reflexivas, Glennon vai te levar em uma jornada para descobrir como ter a vida mais bela e indomável que você possa imaginar.

[Compre agora e leia](#)

PROFISSÃO

INFLUENCER

Como fazer
sucesso dentro
e fora da internet

FátimaPissarra

CEO da agência MYND8

 Harper
Collins

Profissão influencer

Pissarra, Fátima

9786555113518

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Transforme sua produção de conteúdo na internet, descubra as melhores ferramentas para se tornar um influenciador digital de sucesso e aprenda como aumentar o seu engajamento e viralizar nas redes sociais!

"Tenho muito orgulho de ter a Fátima como sócia, como amiga, como irmã, e sei que tudo isso que ela já construiu é só o começo. O que essa mulher ainda vai causar e transformar no mercado é algo gigante. *Profissão influencer* é mais um passo que ela dá nessa direção, convidando quem estiver interessado a caminhar com ela na evolução e revolução do marketing e da publicidade digital." – Preta Gil

Fatima Pissarra é expert em marketing de influência. Com mais de 15 anos de experiência no mundo dos negócios e na indústria da música e do entretenimento, hoje é CEO da MUSIC2!/MYND8, grupo cujo objetivo é conectar pessoas, fãs e comunidades às marcas e que agencia grandes nomes do meio artístico – como Luísa Sonza, Pabllo Vittar, Cleo, Gkay, Gil do Vigor, Camilla de Lucas, Pequena Lo, Letticia Munniz, Pepita, João Luiz Pedrosa e muitos outros.

Neste livro, Fátima une a sua experiência profissional com a sua história de vida para entregar os segredos e o caminho certo para crescer na internet, tornando-se um influenciador digital relevante dentro e fora das redes. Além de compartilhar cases de sucesso e histórias inspiradoras, Fátima mostra como é importante aliar a teoria à prática para conseguir destaque no mundo atualmente. Não basta ter uma carreira, ter talento e não estar nas

redes sociais. Então, se você quer ter relevância e se destacar no marketing digital – independentemente do trabalho que realiza –, mas ainda não entendeu o poder das redes sociais, este livro será a ferramenta perfeita para mudar a sua vida de uma vez por todas.

[Compre agora e leia](#)